

UNIVERSIDADE DE LISBOA
INSTITUTO DE GEOGRAFIA E ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO



A Europa no Mundo: das Divisões às Visões.
Percepção dos estudantes Universitários Portugueses

Ana Rita Gonçalves Pedro

Mestrado em Gestão do Território e Urbanismo

2011

UNIVERSIDADE DE LISBOA
INSTITUTO DE GEOGRAFIA E ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO



A Europa no Mundo: das Divisões às Visões.
Percepção dos estudantes Universitários Portugueses

Dissertação para a obtenção do Grau de Mestre em Gestão do
Território e Urbanismo

Ana Rita Gonçalves Pedro

Mestrado em Gestão do Território e Urbanismo

Tese orientada pela Professora Doutora Eduarda Marques da Costa

2011

Esta dissertação integra-se no âmbito da investigação desenvolvida no projecto
EuroBroadMap - Visions of Europe in the World (FP7-SSH-2007-1), Coord. Geral- Universidade
Paris Diderot, CNRS - Paris. Participação CEG-UL

Índice

Índice de Figuras	iv
Índice de Quadros	vi
Resumo	ix
Agradecimentos	xi

Parte I – Enquadramento Teórico e Conceptual

Capítulo I – Introdução

1.1. O tema: a subjectividade da investigação	3
1.2. A construção do objecto de estudo: da temática ou formulação do problema às hipóteses de investigação	6
1.2.1. A Formulação da problemática	6
1.2.2. As questões de investigação	7
1.3. A Metodologia do trabalho	10
1.4. A Estrutura da dissertação: Modelo Conceptual	12

Capítulo II – Mapas mentais e Representações em Geografia

2.1. A Geografia Behaviorista e a sua importância no estudo de mapas mentais e nas representações	15
2.2. Os Mapas Mentais como expressão das representações criadas nos processos de percepção e cognição	19
2.2.1. Alguns conceitos e ideias-chave	19
i) Percepção	19
ii) Cognição	20
iii) Factores socioeconómicos	21
iv) Representações	22
v) Mapas Mentais	23
2.2.2. Os mapas mentais: Evolução, problemas e representações	25
i) Evolução do uso dos mapas mentais em Geografia	25
ii) Problemas dos mapas mentais em Geografia	31

2.3. As Representações em Geografia – exemplos de casos de estudo e sua aplicação no contexto do trabalho	33
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------	----

Capítulo III – Europa no mundo na Era da Globalização: das divisões às visões

3.1. Dos continentes para blocos políticos e económicos	37
3.2. O modelo centro-periferia	38
3.3. A abordagem de redes	41

Parte II – A Visão dos estudantes universitários portugueses da Europa no Mundo

Capítulo IV - Caso de estudo - Os estudantes das universidades de Lisboa, Coimbra e Évora

4.1. Composição do inquérito e explicação das variáveis introduzidas	45
4.1.1. Questões de âmbito geral	47
4.1.2. Análise do sentimento de pertença	48
4.1.3. Visão do mundo tida pelos estudantes universitários	49
4.1.4. O seu próprio Mapa – Mundo – delimitação de regiões Mundiais	50
4.1.5 A sua Visão da Europa - Delimitação da Europa	51
4.2. Enquadramento e justificação das áreas geográficas em estudo	52
4.2.1. A cidade de Lisboa	53
4.2.2. A cidade de Coimbra	54
4.2.3. A cidade de Évora	56
4.3. Caracterização da amostra	58

Capítulo V – A Visão da Europa no Mundo pelos estudantes universitários portugueses

5.1. A vivência do Mundo pelos estudantes	63
5.1.1. Origens e percursos geográficos da família	63
5.1.2. O contexto socioeconómico do agregado familiar	64
5.1.3. A religião como característica diferenciadora	68

5.1.4. A diversidade de línguas faladas como um indicador do potencial conhecimento sobre o mundo	69
5.1.5. As viagens realizadas como um indicador da mobilidade geográfica dos estudantes	71

Capítulo VI - Mapas mentais dos estudantes universitários portugueses

6.1. Elementos que contribuem para a configuração dos mapas mentais	79
6.1.1. O sentimento de pertença: do Local ao Global	79
6.1.2. Percepção dos países mundiais por estudantes: Opções de possíveis países para residir num futuro próximo	86
6.1.3. Percepção de cidades mundiais pelos estudantes: Opções de possíveis cidades para residir num futuro próximo	95
6.2. Divisões do mundo: A análise dos mapas mentais dos estudantes universitários	104
6.2.1. Composição dos mapas mentais dos estudantes em continentes	105
6.2.2. A percepção na delimitação das regiões mundiais: limites controversos e países divididos	116
i) Limites controversos	116
ii) Delimitações imprecisas que dividem/cortam países	118
6.3. Principais factores de delimitação das regiões Mundiais	119
i) Factores geofísicos de divisão	119
ii) Factores culturais	120
iii) Factores Económicos e Percepção de Desenvolvimento	122
iv) A herança de uma visão Eurocêntrica do Mundo	122
6.5. A Visão da Europa	123
6.5.1. Análise geral das delimitações dos estudantes	124
6.2.2. A percepção dos limites da Europa pelos estudantes	126
6.2.3. Integração dos países na Europa	128
6.6. A Europa “por palavras”: A representação da Europa através das palavras	140

Capítulo VII – Principais Conclusões	145
---------------------------------------------	------------

Bibliografia	151
---------------------	------------

Anexos	161
---------------	-----

Índice de Figuras

Figura 1: Modelo conceptual da problemática em estudo	12
Figura 2: A Formação das Imagens	25
Figura 3: Mapa Mundial do Século XVIII	37
Figura 4: Modelo Centro-periferia	38
Figura 5: Divisão Norte-Sul - Linha de Brandt	40
Figura 6: Principais Redes Mundiais	42
Figura 7: Questões A - Questões de âmbito geral, Questão B - A sua visão do mundo	163
Figura 8: Questão C - O seu próprio Mapa-Mundo	164
Figura 9: Questão D - A sua visão da Europa	165
Figura 10: Origem geográfica dos estudantes em Lisboa	58
Figura 11: Origem Geográfica dos estudantes de Coimbra	59
Figura 12: Origem dos estudantes de Évora	59
Figura 13: Frequência de idade dos inquiridos	61
Figura 14: Género por área académica	62
Figura 15: Nível de rendimento dos inquiridos	64
Figura 16: Nível de escolaridade do pai	67
Figura 17: Nível de escolaridade da mãe	67
Figura 18: Número de línguas faladas por área académica	70
Figura 19: Número de países visitados por área académica dos estudantes	71
Figura 20: Viagens realizadas pelos estudantes portugueses	75
Figura 21: Países onde os estudantes viveram por um período igual ou superior a 4 meses	78
Figura 22: Sentimento de pertença dos estudantes	79
Figura 23: Sentimento de pertença por cidade	81
Figura 24: Sentimento de pertença por género	82
Figura 25: Sentimento de pertença de acordo com a mobilidade espacial	83
Figura 26: Sentimento de pertença de acordo com o nível de rendimento	84
Figura 27: O Conhecimento e a assimetria na percepção de países onde os estudantes gostariam/não gostariam de viver	90

Figura 28: Os países em que gostariam/ não gostariam de viver num futuro próximo	94
Figura 29: O conhecimento e a assimetria na percepção de cidades onde os estudantes gostariam/não gostariam de viver	98
Figura 30: As cidades em que gostariam/ não gostariam de viver num futuro próximo	103
Figura 31: Exemplo de divisão do mundo em 6 regiões	106
Figura 32: Exemplo de divisão do mundo com agregação da Europa à América do norte	108
Figura 33: Exemplo de divisão do mundo com a delimitação do Médio Oriente bem definida	111
Figura 34: Exemplo de divisão do mundo com a separação da Rússia do restante continente Asiático	112
Figura 35: Exemplo de divisão do mundo com a separação do continente Africano	113
Figura 36: O Mundo de civilizações após 1990	121
Figura 37: Países incluídos na delimitação da Europa pelos estudantes portugueses	125
Figura 38: Limites da Europa para os estudantes portugueses	127
Figura 39: Extensão da Europa de acordo com os estudantes portugueses	130
Figura 40: Delimitação da Europa - desvios em relação à média	132
Figura 41: Europa desenhada pelos estudantes: perspectiva por cidade	135
Figura 42: Diferença na inclusão de países na Europa: perspectiva por cidade	136
Figura 43: Diferença na inclusão de países na Europa: perspectiva por áreas académicas	139

Índice de Quadros:

Quadro 1: Origem geográfica dos estudantes de Lisboa por área académica em análise	166
Quadro 2: Total da origem dos estudantes colocados em Lisboa	167
Quadro 3: Origem geográfica dos estudantes de Coimbra por área académica em análise	168
Quadro 4: Total da origem dos estudantes colocados em Coimbra	169
Quadro 5: Origem geográfica dos estudantes de Évora por área académica em análise	170
Quadro 6: Total da origem dos estudantes colocados em Evora	171
Quadro 7: Número de inquéritos realizados por cidade e área académica	172
Quadro 8: Frequências de género por área académica	172
Quadro 9: Frequências de género por cidade e por área académica	172
Quadro 10: Países de nascimento dos estudantes	173
Quadro 11: Diferença entre os estudantes nascidos e não nascidos em Portugal	173
Quadro 12: Percentagem de estudantes que nasceram no mesmo país do pai e da mãe	173
Quadro 13: Países de nascimento dos pais	174
Quadro 14: Nível de rendimento	174
Quadro 15: Nível de rendimento por cidade e área académica	175
Quadro 16: Relação entre área académica e nível de rendimento	175
Quadro 17: Nível de rendimento por cidade e género	176
Quadro 18: Relação do nível de rendimento com as viagens realizadas pelos estudantes	176
Quadro 19: Nível de escolaridade dos pais	176
Quadro 20: Nível de escolaridade do pai por cidade	177
Quadro 21: Nível de escolaridade da mãe por cidade	177
Quadro 22: Nível de escolaridade do pai por nível de rendimento e cidade	177
Quadro 23: Nível de escolaridade da mãe por nível de rendimento e cidade	178
Quadro 24: Percentagem de estudantes que considera pertencer a uma religião	178
Quadro 25: Religiões por área académica e cidade	179
Quadro 26: Religião por género e cidade	179
Quadro 27: Percentagem de línguas faladas por área académica	180

Quadro 28: Percentagem de línguas faladas por género	180
Quadro 29: Percentagem de línguas faladas por cidade e género	180
Quadro 30: Percentagem de línguas faladas por cidade e área académica	181
Quadro 31: Percentagem de países visitados pelos estudantes	181
Quadro 32: Percentagem de países visitados por área académica	181
Quadro 33: Percentagem de países visitados por cidade e área académica	182
Quadro 34: Percentagem de países visitados por género	182
Quadro 35: Relação do número de viagens com o número de línguas faladas pelos estudantes	183
Quadro 36: Número de países visitados por género e área académica	183
Quadro 37: Principais destinos de viagens realizadas pelos estudantes	184
Quadro 38: Principais países onde os estudantes viveram por mais de 4 meses	184
Quadro 39: Sentimento de pertença dos estudantes	184
Quadro 40: Significância das variáveis ao sentimento de pertença (CHI2)	185
Quadro 41: Sentimento de pertença por área académica	185
Quadro 42: Sentimento de pertença dos estudantes por cidade e área académica	186
Quadro 43: Sentimento de pertença por género e cidade	186
Quadro 44: Mobilidade espacial relacionada com o sentimento de pertença	187
Quadro 45: Mobilidade espacial relacionada com o sentimento de pertença, por cidade e área académica	187
Quadro 46: Relação da mobilidade espacial do pai com o sentimento de pertença	188
Quadro 47: Relação da mobilidade espacial da mãe com o sentimento de pertença	188
Quadro 48: Sentimento de pertença por nível de rendimento	188
Quadro 49: Significância das variáveis do sentimento de pertença por cidade (CHI2)	189
Quadro 50: Relação entre o sentimento de pertença e o rendimento em Lisboa	189
Quadro 51: O ranking dos 10 países onde os estudantes gostariam/não gostariam de viver num futuro próximo, por género, cidades e área académica	88
Quadro 52: O ranking das 10 Cidades onde os estudantes gostariam/não gostariam de viver num futuro próximo, por género, cidades e área académica	97
Quadro 53: Número de áreas desenhadas pelos estudantes	105
Quadro 54: Número de regiões desenhadas por cidade	114

Quadro 55: Número de regiões divididas por cidade	189
Quadro 56: Número de regiões divididas por género e área académica	190
Quadro 57: Número de regiões divididas por área académica	190
Quadro 58: Número de regiões divididas por número de viagens realizadas	190
Quadro 59: Ranking das 20 das palavras associadas à Europa	140
Quadro 60: Significância das palavras associadas à Europa por área académica	191
Quadro 61: Significância das palavras associadas à Europa por cidade	192
Quadro 62: Significância das palavras associadas à Europa por género	192
Quadro 63: Significância das palavras associadas à Europa por nível de rendimento	193
Quadro 64: Palavras mais referidas por cidade	194
Quadro 65: Palavras mais referidas por área académica	195
Quadro 66: Lista dos países	197
Quadro 67: Lista das cidades	199

Resumo

A presente dissertação de mestrado tem como principal objectivo apresentar as diferentes representações da Europa no Mundo traçadas pelos estudantes universitários portugueses. O trabalho desenvolve-se ao longo de 7 capítulos, divididos em duas partes. A primeira parte inclui os capítulos 1, 2 e 3, onde para além de se definir os objectivos e a metodologia do trabalho, se desenvolve o enquadramento teórico dos mapas mentais em geografia, bem como se faz uma pequena apresentação das divisões do mundo suportadas em critérios económicos e políticos. Na segunda parte analisa-se as representações da Europa no mundo por parte dos estudantes universitários portugueses.

Esta visão do espaço geográfico Europeu e do Mundo foi determinada através da realização de um questionário em três cidades portuguesas, Lisboa, Coimbra e Évora, incluindo alunos de áreas académicas distintas: Ciências Sociais, Ciências Políticas, Ciências Económicas, áreas da Saúde, das Engenharias e Artes. Os questionários realizados incluíram a elaboração de mapas mentais, evidenciando a importância do conhecimento sobre os aspectos económicos, sociais, culturais, religiosos e políticos dos países da Europa e do Mundo para formulação das imagens por parte dos estudantes.

O estatuto socioeconómico do estudante e da família, a vivência pessoal do indivíduo (traduzida nas viagens realizadas, no facto de já ter residido ou nascido noutro país, ter estudado fora do país) são elementos determinantes na configuração das diferentes visões da Europa e do Mundo. Por outro lado, a análise pretende também demonstrar que as diferentes percepções têm relação com o género e a língua/nacionalidade que por sua vez implica outra experiência de vida da parte dos inquiridos.

O trabalho termina com a apresentação das principais conclusões.

Conceitos chave: Percepção; Representações; Mapas Mentais; Visões do Mundo e da Europa.

Abstract

The main purpose of this master's degree dissertation is to present the various representations of Europe in the World as identified by Portuguese graduated students. The work is developed along 7 chapters divided in two parts. The first part includes the chapters 1, 2 and 3, where apart from defining the objectives and the methodology of the work, was developed the theoretical framing of mental maps in geography, as well as a small presentation of the divisions of the world based on economic and political criteria. In the second part, the representations of Europe in the world as defined by Portuguese graduate students are analysed.

This idea of the European and the World's geographical space was determined through the realization of a questionnaire in three Portuguese cities, Lisbon, Coimbra and Évora, which included students of different areas of study: Social Sciences, Political Sciences, Economical Sciences, areas of the Health, Engineering's and Arts. The questionnaires prepared included the preparation of mental maps, demonstrating the importance of knowledge on economic, social, cultural, religious and political aspects of countries in Europe and the World for the definition of the images by the students.

The socioeconomic status of the student and of the family, the personal experience of the individual (translated in the number of travels made, in the fact of already having resided or been born in another country, to have studied abroad) are determinative elements in the configuration of the different visions of Europe and of the World. On the other hand, the analysis intends to demonstrate also that the different perceptions are related to gender and language / nationality that imply a different life experience by the people questioned.

The work ends with the presentation of the principal conclusions.

Key concepts: Perception; Representations; Mental Maps; Visions of the World and of Europe.

Agradecimentos

Embora uma tese seja, pela sua finalidade académica, um trabalho individual, há contributos de natureza diversa que não podem e nem devem deixar de ser realçados.

Devo esta oportunidade a pessoas que me apoiaram e ajudaram a tornar este trabalho possível. Por essa razão, desejo expressar os meus sinceros agradecimentos:

À professora Eduarda Marques da Costa, minha orientadora, por me colocar o desafio de fazer a tese de mestrado. Pela competência científica e acompanhamento do trabalho, pela disponibilidade, generosidade e amizade reveladas ao longo destes últimos 2 anos de trabalho, assim como pelas críticas, correcções e sugestões relevantes feitas durante a orientação. Sem ela este trabalho não teria sido possível.

Ao professor Nuno Marques da Costa, pela competência científica e orientação dada, pela amabilidade de me receber, ouvir e esclarecer sobre a formulação de alguns testes estatísticos, contribuindo assim para a elaboração da tese.

À colega e amiga Ana Filipa Leitão, pelo incansável apoio moral, pelo acompanhamento nas viagens para realização dos inquéritos e pela incansável ajuda na aplicação destes. Acima de tudo, pela disponibilidade sempre manifestada e pela amizade de longa data.

À Doutora Clarisse Didelon da Universidade Paris Diderot-Paris, pela disponibilidade manifestada em me conceder todas as informações pedidas sobre o projecto e alguns mapas que ilustrassem os resultados obtidos, contribuindo deste modo, com informações de interesse numa fase difícil do trabalho.

Às colegas e amigas, Ana Louro, pela forma carinhosa como me ajudou na última etapa da elaboração da tese, pela disponibilidade manifestada, e por ajudar a encontrar soluções e esclarecimentos para as minhas hesitações e faltas de inspiração, e à Emily Lange pela disponibilidade manifestada, pela amizade, e pela correcção do abstract.

Aos meus pais, pelo inestimável apoio familiar que preencheu as diversas falhas que fui tendo por força das circunstâncias, pela paciência e compreensão reveladas ao longo destes anos, e em especial durante a elaboração desta dissertação e pela excitação

e orgulho com que sempre reagiram aos resultados académicos da filha ao longo dos anos.

Ao meu irmão, Ricardo, pelo apoio prestado, pela compreensão e claro por estar sempre a torcer por mim, o meu agradecimento. Sem ti esta trajectória não seria tão prazerosa.

Ao meu namorado, Patrick Sebastião, pela compreensão e ternura sempre manifestadas, apesar da falta de atenção e ausências, nestes últimos tempos. Acima de tudo, pelo precioso apoio e pela paciência reveladas ao longo destes anos.

À oportunidade em participar no projecto EuroBroadMap, cujo âmbito internacional, me levou a colaborar com diversas equipas de vários países, e desenvolver diferentes e novas metodologias de trabalho. O grau de exigência pretendido no projecto contribuiu muito para a minha aprendizagem e fez-me crescer enquanto geógrafa.

Parte I – Enquadramento Teórico e Conceptual

Capítulo I – Introdução

1.1. O tema: a subjectividade na investigação

A escolha de um tema de investigação decorre de um processo simultaneamente racional e subjectivo, resultado de circunstâncias muito particulares. Este objecto de estudo surgiu no contexto da participação no projecto EuroBroadMap, projecto aprovado no âmbito do 7º Programa Quadro, iniciado em Janeiro de 2009 e a desenvolver-se até Dezembro de 2011. O projecto tem como objectivo central compreender a posição da Europa no Mundo, ou seja, a análise da evolução da Europa e do seu posicionamento no quadro económico global. Neste contexto, o projecto apresenta dois grandes objectivos interligados: recolher as diferentes visões da Europa existentes no Mundo e analisar o lugar atribuído à Europa nessas visões, em países europeus e não-europeus, conjugando tanto dados objectivos como subjectivos. Este projecto é composto por doze equipas multidisciplinares correspondentes a 11 países (França, Bélgica, Portugal, Suécia, Malta, Roménia, Turquia, Brasil, Camarões, China e Índia), e pretende focar essencialmente as questões das divisões e dos limites percebidos dentro e fora da Europa, através de uma perspectiva comparativa segundo o espaço, o tempo e os diferentes grupos sociais. Este projecto reparte-se em seis grupos de trabalho (WP) distintos: 1. Gestão do Projecto, 2. Mapas Mentais dos estudantes universitários, 3. Migrantes e Fronteiras, 4. Políticas e Ideologia, 5. Fluxos e Redes e 6. Síntese. Pode-se sublinhar que cada grupo de trabalho (com excepção do primeiro e do último) aborda as visões da Europa no Mundo de forma diferente, seguindo metodologias de trabalho também elas distintas. A análise tem por base duas dimensões: por um lado, analisa-se a evolução da posição da Europa no Mundo em termos de fluxos comerciais, de investimento estrangeiro e de fluxos migratórios, o que configura uma abordagem de base mais quantitativa, por outro, procura-se complementar esta abordagem com uma abordagem mais qualitativa que constitua uma aproximação à análise da posição da Europa no Mundo, sendo que neste caso o trabalho é centrado na análise da percepção dos estudantes universitários. Neste contexto, foram realizados 40000 inquéritos a estudantes universitários de vários países do mundo (incluindo países africanos, Índia, China e Brasil), para os quais Portugal contribuiu

com 480 inquéritos realizados em estabelecimentos universitários em Lisboa, Coimbra e Évora. Estas cidades foram escolhidas pela sua dimensão, e importância da universidade no contexto nacional, considerando que elas representam diferentes níveis de polarização de estudantes, vindos de origens nacionais ou regionais.

Com base neste enquadramento, a presente dissertação insere-se então, na problemática da percepção e dos mapas mentais representativos da Europa, relativos ao segmento da população universitária.

O tema não podia ser mais geográfico, para mais que a Geografia demonstrou, desde sempre, uma grande preocupação em compreender a relação do homem com o meio em todas as suas componentes e fenómenos. Face a isto, a implementação das representações nas ciências, permite avançar numa nova apreensão do espaço e do social. Para Bailly et al (em 1995, citado por Claval, 2007, pp. 174) “uma representação consiste numa criação social ou individual de esquemas pertinentes da realidade”, enquanto segundo Johnston et al, (2000, pp. 703) “ [...] são um conjunto de práticas ou actividades, que por sua vez são instituídas e comunicadas, tais práticas de representação produzem e circulam significados entre membros de grupos sociais e estes significados podem ser definidos como cultura.” Para Jodelet as representações são entendidas como, “ [...] O produto de uma actividade de apropriação da realidade exterior e, simultaneamente, como processo de elaboração psicológica e social da realidade (...) são factores produtores de realidade, que determinam a forma como o indivíduo interpreta a situação e como lhe responde.” (1981, pp. 36-37, citada por Cabecinhas, 2004).

Este tipo de construção de uma realidade, em Geografia Humana, permite uma compreensão lógica dos agentes, das suas aspirações e valores, reflectidos num determinado espaço geográfico e temporal. Trata-se de uma visão subjectiva de um determinado indivíduo ou grupo, a qual está fortemente relacionada com o seu domínio social e do conhecimento. A sua percepção sobre a realidade em estudo vai depender do seu processo de vida, experiências e oportunidades (contextos sociais, económicos, políticos e culturais). A sua percepção do espaço é, deste modo, entendida como uma ideia individual ou colectiva de um determinado território, no qual a essa “ideia corresponde a uma imagem, um mapa mental.” (Gaspar, 1975, pp. 317). “Mapa Mental” é assim identificado como um desenho ou imagem da ideia que a mente individual tem de um determinado objecto, sendo este construído e alterado ao longo do tempo.

Para Gould e White “we can think of any shared viewpoint, and the mental map we construct to represent it, as a model, for a model is simply an abstraction, simplification, and compression of reality” (Gould and White, 1986, pp. 52).

A ideia que o indivíduo tem de um determinado objecto ou espaço, depende do processo de aprendizagem, conhecimento, observação, acesso à informação e experiências vividas. Tal como referem Gould and White (1986, pp. 27) “How men perceive their physical and social environment is a crucial question for the contemporary human geographer (...) the perception that people have of places, and the mental images that are formed filtered information flows”.

Tendo por base as reflexões anteriores, o presente trabalho de investigação insere-se então numa problemática bastante interessante de ser abordada, centrada no estudo da percepção, mais precisamente, irá focar-se na criação de representações sobre um território, onde a Geografia das Representações, do Comportamento e da Percepção estão inseridas. Pretende-se assim determinar, segundo a visão dos estudantes universitários em Portugal, a imagem do espaço Europeu e do espaço Mundial, e verificar de que forma as experiências de vida, as necessidades e o estatuto socioeconómico deste segmento da população determinam a visão/imagem de um território.

É neste contexto que se insere o trabalho que aqui se apresenta: analisar quais as visões que os estudantes universitários portugueses têm da Europa no mundo e do mundo em geral, com vista a produzir mapas mentais e a compreender o porquê das diferenças das visões encontradas.

A dissertação baseia-se num questionário elaborado em várias universidades em Lisboa, Coimbra e Évora e respectivamente em diferentes áreas académicas agregadas em cinco grupos Ciências Sociais, Ciências Políticas, Ciências económicas e áreas da Engenharia, da Saúde e Artes. Este questionário aplicado a universitários (finalistas do terceiro ano de licenciatura ou mestrado) serviu de meio de validação de perguntas previamente concebidas para serem testadas. Para a compreensão das visões encontradas foi importante a utilização de variáveis que se considerassem relevantes e influentes na explicação dessas mesmas visões sendo que, para isso foram utilizadas variáveis socioeconómicas, mas também variáveis que demonstrassem a experiência pessoal do indivíduo inquirido. Avaliou-se assim, desde o sentimento de pertença de cada aluno, até aos países e às cidades em que gostariam e não gostariam de viver.

Visto o trabalho se inserir sobre a visão (percepção) que os estudantes possuem, um dos instrumentos utilizados na verificação desta serão os mapas mentais. Neste contexto, foi ainda pedido aos estudantes que num mapa europeu incluído no questionário, delimitassem os limites do que para eles é a Europa e que palavras associam a esta entidade.

1.2. A construção do objecto de estudo: da temática ou formulação do problema às hipóteses de investigação

1.2.1. O tema: Formulação da problemática

Tal como já foi referido, este estudo integra-se numa investigação mais ampla, desenvolvida no âmbito do Projecto EuroBroadMap – Visions of Europe in the World, projecto que tem como principais objectivos demonstrar a existência de diferentes divisões do Mundo e analisar de que forma é que a Europa se posiciona no contexto mundial, segundo essas diferentes divisões e perspectivas. A ideia de fazer a dissertação de mestrado nesse contexto foi despoletada com a minha integração no projecto, integração essa que começou com a realização dos questionários do projecto em Portugal. No seguimento avançou-se para a realização da presente dissertação, cujos resultados, se integrarão no projecto e permitirão obter uma análise mais aprofundada da informação recolhida.

Primeiramente é importante saber o porquê da escolha dos estudantes universitários no âmbito do projecto FP7. A escolha de estudantes universitários como objecto de estudo relaciona-se com o facto de a população académica apresentar um grau de escolaridade que consubstancia uma ideia de melhor conhecimento do mundo e da Europa em particular, nomeadamente, as suas problemáticas e as suas potencialidades ou factores de atractividade, e com o facto de o projecto ter uma dimensão mundial (são realizados os mesmos inquéritos em vários países do mundo).

A população académica está provavelmente mais ciente da existência de diferenças porque vive numa era altamente interconectada em termos de fluxos e meios de informação (televisão, Internet) que lhes permite ter um melhor conhecimento do mundo, e ter uma opinião sobre ele.

A segunda grande razão para a escolha dos estudantes, tem um carácter mais político. No contexto de maior mobilidade na formação e no emprego que norteia a UE, os estudantes universitários constituem potenciais integradores desse processo de mobilidade e inserção no mercado de trabalho da UE. Tendo em conta as diferentes áreas científicas escolhidas (economia, política etc.) pretende-se procurar conhecer melhor a opinião/disponibilidade desses jovens relativamente a uma futura mobilidade. Isto porque, esta população está num estágio da sua vida de maior instabilidade e constitui frequentemente o tipo de imigrantes a que muitos países da União Europeia dariam as boas vindas. É assim importante conhecer melhor a percepção deste grupo sobre a Europa (quer por parte dos estudantes europeus, quer por parte dos não europeus, no caso dos inquéritos realizados fora da Europa).

1.2.2. As questões de investigação

Não basta um tema para prosseguir com a pesquisa, é necessária uma questão de partida, uma primeira abordagem de um problema para o qual se quer dar uma resposta. Esta tem de compreender certos requisitos, isto é, deve ser cientificamente válida, clara, exequível e pertinente (Quivy e Campenhoudt, 1995). Dados estes critérios, a questão de partida formulada foi: **De que forma o estatuto socioeconómico e o percurso familiar dos estudantes universitários condiciona a sua percepção da Europa no Mundo?**

Para a validação desta ideia, é necessário demonstrar se as diferentes visões têm por base estatuto socioeconómico associado, o que tem implícito de forma indirecta um melhor conhecimento da experiência pessoal do indivíduo (através de viagens à Europa e a outra parte no mundo, emigração temporária para acompanhamento de familiares, emigração de familiares, estudo em universidades fora do país, entre outras possíveis razões), questões que, por sua vez, serão apuradas com o questionário.

Pretende-se comprovar que as diferentes percepções do mundo têm uma relação com o género, a língua, a nacionalidade e a própria idade dos estudantes que por sua vez implicará outra experiência de vida da parte dos inquiridos.

Também os variados percursos académicos, traduzidos nas áreas científicas de estudo (ligação às áreas da saúde, ciências naturais, ciências políticas, ciências sociais como geografia, a área das letras, as ciências económicas, as áreas da engenharia e

artes) poderão ter relação com a percepção dos estudantes e determinar as diferentes visões do Mundo e a posição da Europa neste. Essa validação será feita através do cruzamento das várias variáveis introduzidas no questionário com as áreas académicas em análise, para assim, determinar, a extensão da influência deste factor.

A indicação das áreas geográficas do mundo consideradas “atractivas” e “não atractivas” para viver e, ainda, como destino de lazer, também são um objecto de estudo interessante de aprofundar. Analisar que "símbolos" ou "imagens" (tais como segurança, cultura, justiça social, emprego, riqueza, etc.) se associam aos vários países do mundo e em particular à Europa, são outros aspectos que a permitem posicionar no contexto mundial.

As divisões apresentadas no mapa-mundo, permitirão verificar que imagem é tida do mundo segundo esses mesmos estudantes portugueses, o que possibilitará encontrar padrões de divisões em comum, e perceber assim o porquê dessas divisões.

Com a delimitação dos limites da Europa num mapa alargado desta, possibilitou-se a avaliação da percepção dos estudantes relativamente às fronteiras da Europa e consequentemente, à ideia que estes possuem da integração de novos países na União Europeia. As diferentes percepções podem também acabar reflectindo-se futuramente em diferentes perspectivas de mobilidade, nomeadamente por motivos de trabalho ou estudo e deste modo, o questionário, permitirá dar conhecimento de quais vão ser os prováveis destinos de imigração.

Os questionários foram aplicados em três cidades portuguesas, nomeadamente nas Universidades em Lisboa onde foram realizados 240 inquéritos, na Universidade de Coimbra com 120 inquéritos e na Universidade de Évora com uma amostra de 120 inquéritos. O inquérito foi exactamente igual para todos os parceiros do projecto, e foi transcrito na língua de cada país em que foi aplicada a análise.

Um apontamento interessante será verificar se existem diferenças nas visões encontradas nessas três cidades. Estas diferenças poderão ser decorrentes das características diferenciadas e da posição geográfica das três áreas, em Lisboa por exemplo essas visões podem ser influenciadas pelo carácter metropolitano da área, em Coimbra e Évora podem ser influenciadas pelo carácter mais regional das cidades embora diferenciadas entre si. No entanto, à posteriori, quando confrontada a origem das entradas de estudantes nas respectivas universidades em estudo, é verificado que em Lisboa essas entradas têm um carácter mais regional, ou seja, são maioritariamente entradas dos distritos envolventes e no caso de Coimbra e Évora as entradas têm um

registo regional mais alargado, no caso de Évora, proveniente de distritos a Norte e Sul da mesma.

Relativamente ao número de variáveis envolvidas na análise nem todas poderão ter grande representatividade nas explicações das visões, no entanto, pretende-se verificar quais as que são mais explicativas do processo no caso português.

Com a exposição dos objectivos impostos à tese surgem as hipóteses de estudo a serem testadas. A primeira hipótese de estudo é que de facto o estatuto socioeconómico e o percurso familiar dos estudantes universitários portugueses condicionam as diferentes visões da Europa no Mundo.

Uma segunda hipótese é que os estudantes universitários portugueses têm uma visão eurocêntrica da Europa. Esta hipótese, parte do princípio, que a percepção dos inquiridos é influenciada pelo contexto em que a sua geração nasceu, como cidadãos europeus, pertencentes à União Europeia.

No entanto, não se pretende elaborar a análise para se ter a noção que todos os actores usam actualmente a “Europa” como um conceito relevante nas suas representações mentais do mundo, pretende-se deixar sim, a porta aberta para outras visões. Também se pretende que a delimitação da “Europa” seja distinta da “União Europeia” e que uma perspectiva histórica seja analisada no que respeita à visão do mundo tida pelos estudantes, a respeito dos países que se juntaram à União Europeia durante seus vários estágios da ampliação (e que foram assim directamente ligados ao problema de confusão da “UE” com a “Europa”). Isto pode resultar numa hesitação no imaginário dos estudantes em definir quais as fronteiras da Europa, sendo importante verificar o peso que o conceito de União Europeia tem nessa hesitação. Deste modo depreende-se que o alargamento para Leste veio fomentar mais essas incertezas de delimitação de fronteiras.

Formular respostas para as questões enunciadas não se afigura tarefa simples. Espera-se, no entanto, que certas ideias conclusivas subjacentes a esta dissertação possam contribuir para um melhor conhecimento e aprendizagem recorrendo a mapas mentais e para apontar caminhos possíveis para a utilização destas ferramentas.

1.3. A Metodologia do trabalho

Os fenómenos sociais mantêm ligações densas em muitos diferentes aspectos, dificultando a necessária redução a uma experiência científica controlada. Os métodos de operacionalização utilizados da presente dissertação não constituem uma novidade em geografia, mas identificam os instrumentos de observação fundamentais da investigação e a sua respectiva aplicação no campo de trabalho.

Para a realização da investigação foi utilizada uma metodologia teórica e prática, ou seja, inicialmente recorreu-se à aquisição de uma base documental e à análise da mesma. Para a elaboração dos instrumentos de observação é necessário referir a importância que teve a base teórica na contextualização da investigação.

Numa primeira parte, a análise centrou-se numa reflexão sobre a corrente epistemológica em que se insere, o behaviorismo, e como evoluiu a geografia da percepção e das representações. Numa segunda parte procurou-se identificar, compreender e explicar quais as variáveis que induzem e suportam as diferentes percepções. Foi posta em prática uma reflexão exaustiva sobre a base teórica do trabalho em causa procurando assim dar fundamento à problemática da tese para defender a sua pertinência e encontrar casos de estudo, que pudessem ajudar à concretização da mesma.

Seguidamente aplicou-se o método não documental, ou seja, foram assim utilizados métodos de operacionalização directos onde são incluídos os questionários necessários à complementaridade do trabalho e validação do mesmo. Os questionários foram realizados aos estudantes universitários de vários pontos do país (Lisboa, Coimbra e Évora) e de várias áreas académicas (ciências sociais, ciências políticas, áreas económicas, engenharias, áreas relacionadas com a saúde e as artes) (inquérito em anexo).

A dimensão da amostra nas diferentes cidades procurou ser proporcional à sua população académica sendo que se realizaram 40 inquéritos em Lisboa por área académica, 20 em Coimbra e 20 em Évora respectivamente. Foram então realizados 240 inquéritos em Lisboa, 120 em Coimbra e 120 em Évora que servirão como base a toda a fundamentação do trabalho.

A aplicação no terreno dos instrumentos de observação foi feita entre Novembro e Dezembro de 2009. A realização dos inquéritos foi uma experiência interessante de

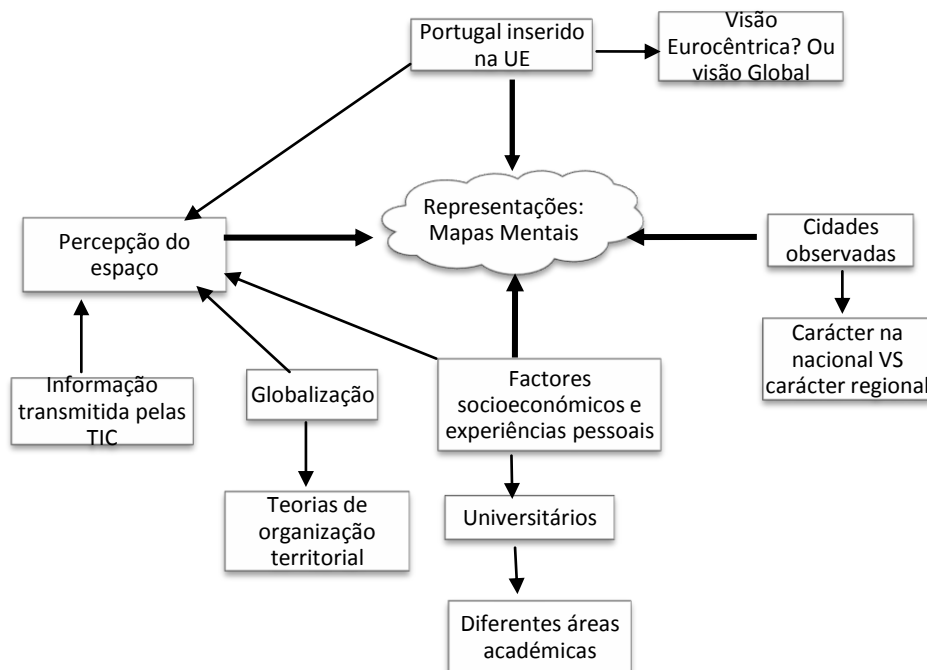
ser realizada mas que teve necessidade de triagem pelo número de inquéritos realizados que não puderam ser aproveitados por inoperância dos inquiridos. É importante referir que o inquérito elaborado é igual ao realizado noutros países (mais propriamente em 11 países: França, Bélgica, Portugal, Suécia, Malta, Roménia, Turquia, Brasil, Camarões, China, Índia), e que a versão utilizada em Novembro e Dezembro já era uma versão testada. O teste foi realizado em Janeiro na cidade de Lisboa (50 inquéritos) e discutido e reformulado no seminário do pacote de trabalho 2, realizado em Março em Rouen (França).

Seguido isso partiu-se deste ponto para a preparação e organização dos dados conseguidos nos questionários, descrevendo-os e relativizando-os para determinar quais as variáveis que mais influenciam as visões encontradas entre os estudantes universitários, e assim fazer o levantamento de algumas das principais conclusões. Esta discussão é igualmente transversal aos vários membros participantes na rede.

O tratamento destes inquéritos foi assim feito com recurso a base de dados resultante da informação dos inquéritos. Para análise da mesma foram feitos cruzamentos de variáveis através de tabelas dinâmicas com recurso a ferramentas como o Philcarto para mapear alguma dessa informação. O tratamento dos mapas inseridos no inquérito foi elaborado através de digitalização e edição vectorial destes com a ferramenta de geo-referenciação ArcGIS e com menor intervenção humana possível, para que a informação resultante fosse a mais fidedigna e facilmente analisável quando agregada por cidade e áreas académicas. Esta digitalização foi executada pela Universidade Paris Diderot.

Após o tratamento de toda a informação relativa aos inquéritos, irão então tecer-se as conclusões finais e analisar-se se as hipóteses construídas para a tese terão fundamento ou simplesmente não se aplicam ao caso português.

1.4. A Estrutura da dissertação: Modelo conceptual



Fonte: Elaboração própria.

Figura 1: Modelo conceptual da problemática em estudo.

O modelo conceptual presente (**Figura 1**) expõe a problemática do trabalho e elucida sobre os campos de análise necessários. Este é um modelo de análise que procura utilizar conceitos chave e variáveis utilizadas e estabelecer relações de causalidade entre estas.

Neste caso, no centro da análise estão os mapas mentais mapas que são o foco do trabalho, e que se deduz que são influenciados por várias variáveis e processos relacionados com o indivíduo inquirido. Variáveis como os factores socioeconómicos são complementados com outras como o género, nacionalidade do inquirido, nacionalidade dos pais do inquirido, línguas faladas actualmente e na sua infância, entre outras. Também as experiências pessoais de viagens, ou mesmo anteriores locais de residência no estrangeiro vão ser analisados, como variáveis importantes na explicação da imagem formada pelos estudantes, pois depreende-se que o conhecimento de outros países influencie as imagens que têm dos mesmos.

As variáveis relacionadas com as experiências pessoais vão deste modo estar igualmente dependentes do segmento de população inquirida, neste caso, o universo dos universitários, em cada uma das suas diferentes áreas académicas.

O mapeamento mental vai depender dos filtros culturais, sociais e individuais, e está ligado à dependência vivencial de acordo com a idade, o sexo, e o grau de escolaridade, além do aspecto económico. Sendo assim pode-se considerar que os indivíduos submetidos às mesmas experiências culturais, sociais, religiosas, de educação, entre outras, podem formar imagens mentais semelhantes do meio (Issmael e Menezes, 2004, citado por Correia, 2008, pp. 17).

Por outro lado, também as diferentes características das cidades onde foram realizados os inquéritos poderão influenciar as visões do mundo tidas pelos estudantes, nomeadamente, se considerarmos que existe uma relação entre a origem regional dos estudantes e a cidade onde vivem e estudam. Neste sentido as diferentes visões poderão estar decorrentes do carácter regional ou nacional de cada cidade, ou seja, os estudantes frequentadores de uma universidade em Lisboa poderão apresentar uma visão diferenciada dos estudantes de Évora ou Coimbra.

Uma das hipóteses colocadas na tese, reporta para a questão relativa à visão portuguesa do mundo estar ou não centrada na Europa, ou seja, se esta é eurocêntrica ou não, pois partindo do ponto em que Portugal está inserido na União Europeia pretender-se-á ver se essa relação influencia os mapas mentais dos inquiridos, sendo estes, como estudantes, indivíduos cientes dessa realidade.

Algo que com certeza, influencia os chamados mapas mentais é a percepção que as pessoas têm do espaço, percepção essa também relacionada com o processo de globalização, com as teorias de organização territorial (modelo centro-periferia), e sem dúvida com a crescente utilização das TIC que através dos *media* nos transmitem imagens que inconscientemente influenciam a imagem do que nos é desconhecido.

Capítulo II – Mapas mentais e Representações em Geografia

2.1. A Geografia Behaviorista e a sua importância no estudo de Mapas Mentais e nas Representações.

No final dos anos 60 e início dos anos 70 do século XX surgiu o interesse na pesquisa behaviorista, interesse esse que decorreu da desilusão pelas teorias locativas, pela natureza estereotipada e determinista de muitos modelos quantitativos que tinham sido desenvolvidos, ao compreenderem que ninguém se comportava espacialmente de forma tão racional como diziam os positivistas (Kitchin e Tate, 2000). Para estes autores o behaviorismo admite, explícita ou implicitamente, que a acção humana é mediada através do processamento cognitivo da informação (Kitchin e Tate, 2000, pp. 9). Esta corrente, na qual se insere a presente dissertação, procura delinear o comportamento espacial explicando as escolhas e as decisões espaciais através da mediação da capacidade que as pessoas têm de se lembrar, processar e avaliar a informação geográfica.

Foram inicialmente os psicólogos cognitivos com seus métodos objectivos e quantitativos que influenciaram a chamada Geografia Comportamental ou Behaviorista, interpretando a relação entre o homem e o ambiente como um cenário de estímulos e respostas. Uma ênfase sobre a psicologia do comportamento individual no espaço enfatizou o papel dos factores cognitivos e de tomada de decisão que intervêm nas relações entre um ambiente multidimensional e a acção humana. A cognição neste sentido é entendida como o activo processo mental de aprender sobre os lugares (Downs e Stea, 1977). A afinidade da geografia com a psicologia foi uma associação antecipada de David Lowenthal's (1961) e durante os anos 70 esta relação interdisciplinar desenvolveu-se através encontros anuais nos EUA e nos jornais *Environment and Behavior*. Nos anos 80, a geografia humana virou-se além do individual, para contextos de acção sociais e para ligações disciplinares com a sociologia, o que fez a relação com a psicologia declinar.

De entre os campos mais recentes da geografia, aquele que trata das representações espaciais é um dos mais originais, tendo como missão a integração das

representações espaciais dos indivíduos e das sociedades na análise e na compreensão das práticas espaciais (Bailly e Debarbieux, 1995, pp.157). Sob esta perspectiva, o que antes se chamava de Geografia da Percepção, passou a ser igualmente denominada de Geografia das Representações, isto porque ela atribui uma grande importância ao processo que permite invocar mentalmente os objectos espaciais, mesmo que esses não estejam directamente perceptíveis.

Segundo Golledge (1981, citado por Kitchin e Valentine (2004), pp. 138) esta geografia baseia-se na crença que os poderes explicativos e a compreensão dos geógrafos pode ser aumentada através da incorporação num quadro de tomadas de decisão de variáveis comportamentais, que juntamente com outras, procuram compreender e encontrar as razões para o evidente comportamento espacial. Simplificando esse raciocínio, é um conhecimento do “porquê” (Kitchin e Tate, 2000). Para Golledge e Stimson (1997) a tarefa de geografia behaviorista é sobretudo clarificar os processos de tomada de decisão de grupos de indivíduos e instituições num contexto espacial. Com base nisto, muitos geógrafos começaram a estabelecer uma ligação entre a percepção e conceitos geográficos como lugar e paisagem para indicar atitudes e valores das pessoas sobre o meio (Tuan, 1980). A corrente do pensamento, de aproximação humanista, investigou também a relevância da imaginação (Lowenthal, 1961), dos valores e crenças (Buttimer, 1969, 1974) e os significados ambientais (Tuan, 1971), na variedade de contextos literários analisando os variados significados associados ao lugar e espaço (citado por Jackson, 1981).

Desce cedo a pesquisa behaviorista na geografia humana relaciona-se com campos interdisciplinares e foi multiplicada em vários domínios tradicionais como mapas cognitivos/mentais (Kitchin, 1994, citado por Kitchin 1996), aprendizagem ambiental (Golledge et al. 1995), pesquisa de comportamento espacial (Clark, 1993), problemas de desenvolvimento na cognição espacial (Kirsac, 1991), e cartografia (Liben and Downs, 1989), assim como contribuiu para novos campos de pesquisa incluindo modos de localização, e orientação entre incapacitados (Golledge, 1993).

As pesquisas behavioristas não se prenderam apenas nos objectos de pesquisa observáveis, mas também aplicaram medidas numéricas aos componentes da construção mental na esperança de criar uma ciência espacial do comportamento (Livingstone, 1992, p.337). Deste modo, podem ser citadas inúmeras obras que referiam a classificação de mapas mentais e a análise estatística da tomada de decisões de indivíduos. Os mapas mentais sendo um dos principais conceitos da geografia

behaviorista, que se refere a representação psicológica dos lugares usando testes de papel e lápis, foi também um instrumento utilizado por vários autores.

Pocock (1976 citado por Seemann, 2003, pp. 5), por exemplo, realizou uma análise de mapas mentais de uma cidade inglesa, avaliando estatisticamente os resultados segundo a proveniência (residente, visitante, turista), idade, sexo e classe social, utilizando uma tipificação de mapas em categorias como linha, dendrítico, rede espinal, mosaico etc. Murray e Spencer (1979), por sua vez, aplicaram o mesmo esquema de Pocock para analisar os efeitos da mobilidade geográfica em relação à força da imagem mental e à habilidade gráfica.

Ao longo dos anos, a pesquisa na geografia behaviorista, avançou em torno de vários temas mais ou menos independentes. Na análise locativa da pesquisa do comportamento organizacional por teóricos como Simon (1957) e Cyert e March (1963) introduz-se uma maior ênfase na tomada de decisão para os estudos geográficos (citado por Johnston, 2000). Por exemplo Wolpert (1964) mostrou para uma amostra de agricultores suecos, que as melhores práticas de agricultura não eram alcançáveis. Este autor, testou se os agricultores de facto maximizavam as suas funções de serviço e tinham em sua posse um stock completo de conhecimento sobre oportunidades económicas disponíveis. Verificando que nenhuma dessas condições foi encontrada, ele concluiu que aos agricultores faltava conhecimento e capacidade de processar informação, tinham valores e inspirações que os detinham, assim como a força de hábito que os desviava de novas oportunidades.

Um estudo relacionado de localização industrial (Pred, 1967, citado por Selby, 1987, pp. 81) cravou ainda mais o âmago da análise espacial, mais uma vez, a conclusão era que a arte e ciência do saber fazer, fornecia a mais apropriada descrição da corporativa tomada de decisão e assim de subsequentes padrões geográficos.

Contudo a teoria da qual a geografia behaviorista partiu do paradigma da análise espacial foi contestada. Para alguns autores, a teoria locativa era poderosa suficiente para justificar tudo, mas um domínio residual de eventos espaciais foi presumidamente colonizado por uma teoria locativa cognitiva behaviorista (Harvey, 1969 citado por Selby, 1987).

As regras da tomada de decisões dos actores eram a maior preocupação de um segundo corpo de pesquisa que analisou a geografia dos riscos ambientais, ou seja, o porquê da escolha dos residentes e negócios por localizações que os posicionam em

termos de riscos ambientais como inundação de rios ou mares, avalanches e terremotos. A anterior aproximação da psicologia à pesquisa behaviorista passou para esta algumas medidas de personalidade como o teste de percepção temática empregue por Saarinen (1966, citado por Ando et al., 1984), no seu estudo de Great Plains com agricultores de trigo operando numa região de condições de seca. Este teste foi um dos vários testes de papel e lápis usados para aceder a atitudes, uma prática que foi uma importante característica metodológica da geografia behaviorista. O terceiro maior campo de pesquisa da percepção do meio, empregou um conjunto de escalas de atitudes incluindo linhas de repertório e o diferencial semântico para avaliar o significado dos lugares. O questionário estruturado era o instrumento de pesquisa fundamental.

Apesar da sua variação a geografia behaviorista tornou-se cada vez mais homogénea e menos metodológica. Devido às muitas contribuições, esta manteve uma considerável diversidade metodológica, aplicando técnicas que incluem métodos qualitativos como observação participante (Brook-field, 1969, citado por Johnston, 2000). Esta diversidade tornou-se numa mais directa metodologia analítica declarada na filosofia positivista, favorecida por análises espaciais e a psicologia (Couclelis and Golledge, 1983). Como Harvey previu (1969), a geografia behaviorista tornou-se irreversivelmente moldada pela revolução quantitativa, desenvolvendo uma preocupação com a medição, análise estatística e uma metodologia altamente formalizada.

Segundo Johnston (2000, pp. 44), uma outra crítica feita directamente contra a natureza intrusiva da metodologia behaviorista, foi que esta, ou operava num formato simplificado quase laboratório, ou interrompia os fluxos de acção espontânea no campo e controlava a natureza da resposta, no seu uso dos instrumentos formalizados de pesquisa. Esta intrusão sistematicamente retira os contextos que deram significado a eventos e acções. Talvez segundo alguns autores a mais séria separação de contexto é a maneira como os questionários, administrados a indivíduos, retiravam o contexto social nas quais as suas decisões eram tomadas e onde se originavam as acções. Assim como a geografia humana partilha algum cepticismo pós-positivista de métodos científicos altamente formais, as críticas da geografia behaviorista assumiram maior peso.

Bunting e Guelke (1979) argumentaram que a pesquisa behaviorista não progrediu como se antecipou, e que a sua contribuição foi pequena num sentido teórico e de aplicação para o conhecimento geográfico. Golledge (1990) por outro lado refutou estas ideias, argumentando que não interpretaram as principais direcções que a pesquisa

behaviorista tinha tomado e que não era compreendida a significância disciplinar e multidisciplinar dos desenvolvimentos teóricos e práticos no campo.

2.2. Os Mapas Mentais como expressão das Representações criadas nos processos de Percepção e Cognição

2.2.1. Alguns conceitos e ideias - chave:

Devido à complexidade de factores que influenciam a imagem dos lugares, creio ser indispensável a definição de alguns conceitos chave considerados importantes para a compreensão da percepção e que influenciam a realização dos mapas mentais.

Segundo Golledge e Stimson (1987, pp. 26) várias variáveis psicológicas intervêm entre o desenvolvimento e o comportamento humano. Dentro deste existe uma mistura de atitudes cognitivas e afectivas, valores, emoções ou outras respostas afectivas, e percepção e cognição. A influência do meio e os factores socioeconómicos são igualmente um conceito a explorar visto a percepção e a ideia que o homem tem do meio ser sobretudo influenciada pelo ambiente em que se desenvolve assim como pelas suas experiências. A junção desses conceitos vai originar as representações e irá fundamentar as escolhas das variáveis introduzidas no questionário e abordadas na dissertação.

i) Percepção

A maneira como as pessoas percebem e avaliam a superfície da Terra são muito variadas. De um modo geral, os seres humanos compartilham percepções comuns, um mundo comum. Pessoas com diferentes visões do mundo fazem avaliações diversas do meio envolvente, ou seja, cada conjunto de indivíduos possui limitações do conhecimento, inclusive a partir das suas vivências, ao observar os elementos do meio (Tuan, 1980, citado por Correia, 2008, pp.14).

Para Golledge e Stimson (1997, pp.189), a percepção pode ser considerada como a apreensão imediata da informação sobre o ambiente por um ou mais dos sentidos físicos (visão, audição, olfacto, tacto e paladar), que ocorre na presença dos objectos percebidos. Estes autores enfatizam que o mundo real é complexo e pode transmitir ao

mesmo tempo milhares de informações, mas apenas uma pequena porção é percebida. As informações apreendidas pelos sentidos serão responsáveis pela formação do conhecimento sobre o ambiente. As imagens percebidas não representam uma cópia idêntica dos objectos existentes no mundo real mas sim a ideia particular formulada por indivíduos. Alguns aspectos importantes sobre a percepção são ressaltados por Issmael e Menezes (2004), como por exemplo a existência dos critérios perceptivos: escala (o homem e a medida, o movimento e a perspectiva) e esquemas lógicos decorrentes da cultura, da educação e da idade.

ii) Cognição

Cognição é o processo de construção do conhecimento na mente, que se forma através da experiencia quotidiana, sendo complementar à percepção. É através da cognição que as sensações adquirem valores e significados, formando uma imagem no universo de conhecimento do indivíduo, envolvendo necessariamente reconhecimento, memória e pensamento e gerando expectativas sobre o ambiente, que se traduzem em atitudes e comportamentos (Reis e Lay, 2006, pp. 23). Para Golledge e Stimson (1997, pp. 190), cognição refere-se ao caminho da informação, depois de recebida, quando é codificada, armazenada e organizada no cérebro, encaixando-se com o conhecimento acumulado do indivíduo e com os seus valores.

Reis e Lay (2006, pp. 23) ressaltam que os processos de aprendizagem, memória e generalização são fundamentais no desenvolvimento da capacidade do indivíduo de adaptar as suas actividades num determinado ambiente ou de adaptar o ambiente às suas necessidades, formulando intervenções físicas. Segundo Golledge e Stimson (1997, pp.191), a diferença entre percepção e cognição é que a percepção está relacionada com o imediatismo e é dependente do estímulo, enquanto a cognição não necessita de comportamento imediato e nem precisa estar relacionada directamente com os acontecimentos do ambiente próximo.

A percepção refere-se a algo dentro do campo de visão, enquanto a cognição refere-se a um contexto espacial mais amplo, quando os espaços de interesse estão obstruídos visualmente ou quando são tão extensos que não podem ser percebidos ou aprendidos de uma única vez (Stea, 1969, citado por Gollege e Stimson, 1997, pp. 191). Os espaços de grandes dimensões têm que ser registados na memória e organizados cognitivamente para conter eventos e objectos que estão fora do campo sensorial

imediatamente da pessoa. A cognição abrange sensação, percepção, formação de julgamentos e valores, ou seja, decisões e escolhas. Sendo assim, embora os processos de percepção e cognição sejam parte do mesmo evento, a percepção ocorre antes que o processo de cognição se inicie. Diante disso, pode-se dizer que o produto final da percepção e da cognição é a representação mental do meio.

iii) Factores socioeconómicos

Um elemento que importa salientar, é o ambiente físico, ou seja, o habitat onde se desenvolve a vida afectiva, social e cultural das pessoas. Sabemos hoje, que o ambiente físico, condiciona as relações das pessoas, as suas percepções e acima de tudo, o seu pleno desenvolvimento (Bucher, Doneda e Assis, 1994; Ulriksen, 1999; Simões, 2000). Estudos realizados neste campo mostram que o impacto das condições de vida em que se desenvolvem as pessoas, tem influência sobre a ocorrência de comportamentos sociais (Prieto, 1987; Farrel, 1993; Ulriksen, 1999; Simões, 2000). Estes autores salientaram que os primeiros níveis de desenvolvimento e de socialização têm lugar no espaço familiar. Significa isto, que a percepção dos fenómenos e problemáticas sociais, deve-se realizar em função do sistema social em que se produzem, das suas características culturais, da sua organização política, e também do momento histórico em que acontecem.

A percepção não é um processo objectivo, mas sim, uma construção social, “nós somos ensinados a ver, de modo que o conhecido é mediado através de uma sucessão de filtros culturais (sociais, políticos e académicos) que retratam a realidade e condicionam ou pré-condicionam o que nós vemos. (...) Isso quer dizer que visão e conhecimento, percepção e concepção são determinados pelo sistema de valores e crenças no qual nascemos, passamos nossos anos de formação ou adquirimos subsequentemente” (Pocock, 1981, pp.386). Noutras palavras, desenvolvemos a nossa própria maneira de perceber, que ao mesmo tempo embaça a nossa visão noutros ambientes não familiares, levando-nos a possíveis percepções erradas. Ao aceitar a percepção como um acto subjectivo, as pesquisas devem ser enquadradas numa abordagem humanista e subjectiva. Neste contexto, o homem é visto como indivíduo interagindo constantemente com o ambiente e modificando-se tanto a si próprio como ao seu meio (Johnston, 1986, pp.221 citado por Seeman pp.4).

Este tipo de construção de uma realidade permite uma compreensão lógica dos agentes, das suas aspirações e valores, reflectidos num determinado espaço geográfico e temporal. Trata-se de uma visão subjectiva de um determinado indivíduo ou grupo, a qual está fortemente relacionada com o seu domínio social e do conhecimento. A sua percepção sobre a realidade em estudo vai depender do seu processo de vida, experiências e oportunidades (contextos sociais, económicos, políticos e culturais). A ideia que o indivíduo tem de um determinado objecto ou espaço, depende do processo de aprendizagem, conhecimento, observação, acesso à informação e experiências vividas. Tal como referem Gould e White (1986, pp. 27) “How men perceive their physical and social environment is a crucial question for the contemporary human geographer (...) the perception that people have of places, and the mental images that are formed filtered information flows”.

iv) Representações

Cada pessoa presa a uma rede de relações sociais, vivendo num dado espaço, desenvolve a sua própria representação do seu enquadramento de vida que lhe permite praticar e imaginar o seu país, região e Mundo. Este espaço mental é progressivamente formado e deformado pelos nossos sentidos à medida da aprendizagem da vida, que se vai alargar e se complexificar (Bailly, 1990, pp.265).

O estudo das representações permite avançar numa nova apreensão do espaço e do social. Segundo Bailly et al. (em 1995, citado por Claval, 2007, pp.174) “uma representação consiste numa criação social ou individual de esquemas pertinentes da realidade”, enquanto segundo Johnston et al., (2000, pp.703) “[...] são um conjunto de práticas ou actividades, que por sua vez são instituídas e comunicadas, tais práticas de representação produzem e circulam significados entre membros de grupos sociais e estes significados podem ser definidos como cultura.”. Para Jodelet (1981, pp.36-37 citada por Cabecinhas, 2004), as representações são entendidas como “[...] O produto de uma actividade de apropriação da realidade exterior e simultaneamente, como processo de elaboração psicológica e social da realidade (...) são factores produtores de realidade, que determinam a forma como o indivíduo interpreta a situação e como lhe responde.” O conceito “representação” é definido também por Kozel (2005, pp. 140-141) “como o processo pelo qual são produzidas formas concretas ou idealizadas,

dotadas de particularidades que se podem também referir a um objecto, fenómeno relevante ou da realidade”.

Contudo, este conceito trata-se de uma visão subjectiva de um determinado indivíduo ou grupo, no qual, esta está fortemente relacionada com o seu domínio social e conhecimento. A sua percepção sobre a realidade em estudo vai depender do seu decurso de vida, experiências e oportunidades (contextos sociais, económicos, políticos e culturais). Irão assim representar-se as interacções entre o indivíduo/grupo e a forma de este ver/entender o mundo.

Por exemplo, segundo Bailly (1990, pp. 265) a maneira como se representam as distâncias e o espaço é feita de acordo com regras simples, estudadas pela teoria da forma (Gestalt), e postas em evidência pelos trabalhos de Lynch (1960), Fremont (1976), e também pelas análises das representações do espaço urbano (Bailly, 1977). Esta concepção de espaço vivido de acordo com uma grelha de leitura fundada sobre as principais componentes espaciais mobilizadas pelo homem é então de dois tipos: umas têm uma ligação à estrutura do lugar (espaço concreto percebido pelo homem), outras têm significados culturais e sociais do lugar que modificam a imagem.

v) Os Mapas Mentais

Um mapa mental é uma maneira poderosa de expressar os pensamentos, os retratos e as associações que já existem no cérebro. O mapa do meio, dentro da mente de um indivíduo reflecte o conhecimento e os preconceitos desse indivíduo. Tal mapa reflecte as percepções do indivíduo, e as preferências para lugares diferentes, este é o resultado da maneira como um indivíduo adquire, classifica, armazena, recupera, e descodifica a informação sobre posições. Os mapas mentais são condicionados pela maneira como os indivíduos organizam o espaço disponível e por sua vez, reflectem a perspectiva do indivíduo (**Figura 2**). A percepção do espaço é assim entendida como uma ideia individual ou colectiva de um determinado território, a essa “ideia corresponde a uma imagem, um mapa mental.” (Gaspar, 1975, pp. 317). Um “Mapa Mental” é um desenho ou imagem da ideia que a mente individual tem de um determinado objecto, sendo este construído e alterado ao longo do tempo. Para Gould and White, (1986, pp. 52) “we can think of any shared viewpoint, and the mental map

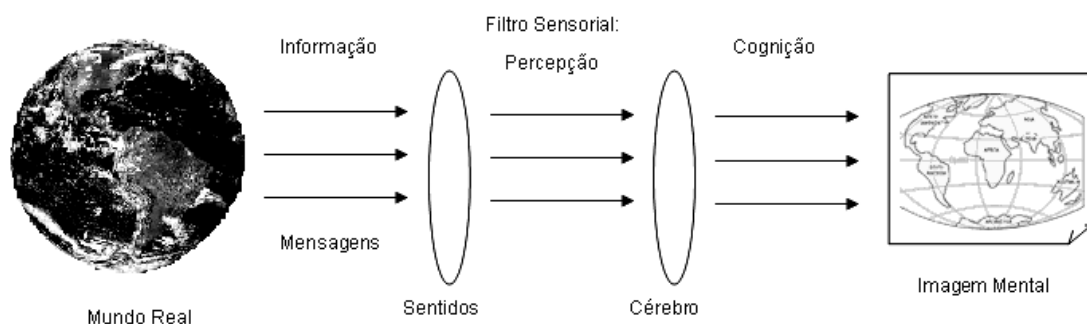
we construct to represent it, as a model, for a model is simply an abstraction, simplification, and compression of reality”.

À medida que se visualiza um determinado lugar, de forma directa ou através de filmes, livros, jornais, etc., constrói-se mentalmente uma imagem desse lugar. Na maior parte dos casos, o mapa mental é substancialmente diferente dos mapas reais: as distâncias e as direcções poderão estar distorcidas. Por exemplo, num estudo de Gould, na representação que os alunos fazem do percurso casa - escola e vice-versa, alguns elementos da paisagem são representados com muito pormenor enquanto outros, menos conhecidos, são apenas esboçados muito vagamente.

Os mapas mentais transportados pelas pessoas expressam a percepção individual que se tem de um lugar e, como tal, influenciam, frequentemente, vários aspectos da tomada de decisão individual. Muitas vezes, os percursos escolhidos não estão, directamente, relacionados com os itinerários mais curtos ou mais acessíveis, mas com as imagens mentais que idealizamos dos lugares (Gould and White, 1986).

Para Loch (2006 citado por Correia, 2008, pp.21), a imagem mental pode ser considerada como uma representação interna originada na memória. A essa representação mental, dá-se o nome de mapa mental. Segundo Souza (1995, pp. 1), mapa mental refere-se ao processo no qual a mente humana adquire, codifica, relembra e descodifica as informações advindas do ambiente espacial, ou seja, a representação interna que o individuo faz do ambiente que o cerca. Para Bastos (2002 citado por Correia, 2008, pp. 22), o mapa cognitivo é um termo muito amplo, englobando procedimentos diversos, que representam e descrevem graficamente cognições, informações e conhecimentos manipulados por indivíduos para dar sentido a eventos, fundamentar as suas acções e decisões, bem como lidar com problemas.

As tentativas de representação visual, geralmente apresentadas sob a forma de mapas de informação ou mapas mentais, são um dos mais importantes instrumentos no estudo do conhecimento. Para Carvalho (2001, pp. 45), se a representação tiver como objecto uma representação da maneira como um indivíduo entende, organiza ou estrutura algo ao seu redor, então os mapas de representação de conhecimento podem ser instrumentos bastantes úteis para resumir, comunicar e analisar o conhecimento de uma pessoa. Dessa forma, a utilidade dos mapas mentais pode ser bastante ampla, pois com a aplicação destes métodos é possível retirar informações que numa primeira abordagem, não estariam evidentes.



Fonte adaptada: Hayes (1980), In: Golledge e Stimson (1997, pp. 191)

Figura 2 – A Formação das Imagens

2.2.2. Os mapas mentais: Evolução, problemas e representações.

i) Evolução da utilização dos mapas mentais em Geografia

“ Les individus qui font part de l’expérience qu’ils ont du monde la racontent souvent à peu près tous de la même manière et dans les mêmes termes. C’est que la sensation pure n’est qu’un moment fugitif que l’analyste a de la peine à reconstituer: elle se transforme presque instantanément en perception, car elle se moule dans les cadres que l’individu reçoit de ceux qui l’entourent. Les gens expriment ce qu’ils voient à travers des mots qu’ils ont appris; ils l’évaluent par rapport à des valeurs qui leur viennent en partir de l’extérieur.” (Claval, 2007, pp. 172).

Uma das fundamentais necessidades humanas é conhecer o mundo envolvente. Consequentemente cada indivíduo processa uma única compreensão do mundo geográfico e as capacidades de mapeamento mental para organizar e interpretar este ou aquele conhecimento (Kitchin, 1994, citado por Kitchin, 1996, pp.57). O mapeamento mental preocupa-se com o estudo do conhecimento e com a capacidade como o indivíduo conscientemente e mais comum subconscientemente adquire, aprende, desenvolve pensamento e guarda dados relacionados com o seu ambiente geográfico de todos os dias (Downs and Stea, 1973, citado por Kitchin, 1996, pp. 57).

Este campo de estudo foi desenvolvido em sucessivas vagas que alcançam um primeiro pico durante os anos 70, depois um segundo no início dos anos 90. E como um dos seus objectivos é fundamentalmente analisar a organização espacial de um fenómeno, tem de se compreender como as pessoas percebem o espaço. Os

investigadores de mapas mentais, ao usar experiências conduzidas ajudaram a compreender um conhecimento dos mapas mentais individuais (Kitchin, 1994, citado por Kitchin, 1996, pp. 57). Por exemplo, tradicionalmente os geógrafos tentaram descobrir os componentes constituintes do conhecimento do mapa mental individual, o conjunto de informação e os factores que afectam como o meio, ou a representação do meio (mapa), é aprendida e lembrada.

A pesquisa sobre mapas mentais é assim já um campo clássico para geógrafos (Paulet J.P., 2002) e foram o assunto de uma literatura abundante, descrito muito bem por autores como o R. Spencer e M. Blades (1986). Os estudos inicialmente eram feitos maioritariamente em áreas urbanas e o interesse focado na maneira como as pessoas percebiam certos pontos de referência, itinerários, fronteiras e vizinhança.

Uma das primeiras pessoas a analisar estes temas foi Charles Trowbridge em 1913, quando denotou que algumas pessoas na cidade pareciam sempre ter um bom sentido de orientação, enquanto outros estavam sempre sujeitos a confusão quando saíam por exemplo do metro, teatros, etc. Estas pessoas eram, capazes de se orientar desde que permanecessem nas áreas familiares, outras viam as direcções em relação a sua própria posição no momento. Estas últimas pareciam muito mais seguras na sua orientação. Este estudo levou Trowbridge a recomendar treino direccional para as crianças nas escolas (citado por Gould e White, 1986).

Outro uso adiantado do termo “mapa cognitivo” é creditado a Edward Tolman (1948) nas experiências de aprendizagem em labirinto. De acordo com Tolman para compreender a aprendizagem é necessário falar aproximadamente de dois tipos de variáveis intermediárias, das intenções e das cognições. As intenções referem-se à persistência ou à ânsia de um organismo na realização de uma série das condutas até que alcance um objectivo; as cognições falam sobre a compreensão que o animal parece ter das relações que existem entre as coisas. Os mapas são representações de indícios visuais, tácteis e auditivos, definindo o ambiente e permitindo a localização do indivíduo no espaço, ou seja, os mapas servem como um conceito mediador que ajuda a explicar a diferença de desempenho entre os animais familiarizados, ou não, com o caminho nos labirintos. Dessa forma, pode-se dizer que a quase totalidade dos animais utiliza mapas cognitivos para se orientar.

Posteriormente, nos anos 60 os geógrafos começaram a ser seduzidos, por estudos de Kevin Lynch sobre a “Imagem dos Lugares” (Lynch, 1960). Esta obra levantou a questão da percepção ambiental. Neste estudo Lynch inquiriu um grupo de

peessoas sobre os seus sentimentos a respeito de pontos proeminentes de referência em Boston, Jersey City e Los Angeles, questionando-as a respeito das rotas e áreas que usavam. Assim este autor foi capaz de construir uma imagem geral da cidade que salientava certos elementos da paisagem de acordo com as respostas recebidas. Este trabalho representa a essência do conceito do mapa mental, concebido como uma construção abstracta, que fala e pensa nas estruturas da percepção que permitem que o indivíduo seja situado dentro do espaço. Por outras palavras, uma maneira do indivíduo adquirir, armazenar, descodificar e de usar a informação, para a compreensão da atmosfera em que vive. É uma representação simbólica que se levanta da experiência visual simplificada num esboço mental.

Estudos similares foram realizados por outros autores. À técnica de inquérito levada a cabo inicialmente por Lynch outros geógrafos acrescentaram outras, indo além dessas qualidades perceptivas fundamentais para adicionar valores, significado e significância dos elementos da cidade num sentido social e cultural (Appleyard, 1969 citado por Gould e White, 1986). O campo de estudo foi alargado começando a ser pedido que sobre um mapa mudo se localizassem os monumentos de uma cidade, as grandes cidades, as cadeias de montanhas ou as regiões mais conhecidas de um país. Estes métodos simples no princípio tiveram muito sucesso pois eram fáceis de pôr em prática pelos investigadores.

Brian Goodey, com a ajuda do jornal Birmingham Post, pediu aos leitores para cooperarem num estudo que investigava a percepção no centro da cidade (Goodey, 1971, citado por Gould e White, 1986). Foi pedido para os leitores enviarem mapas que expressassem a impressão do que havia na área, o que se pretendia era a informação que as pessoas tinham nas suas cabeças, e que era usada para se deslocarem no centro de Birmingham. Ao combinarem as respostas dadas, os planeadores foram capazes de construir uma imagem mental que pareceu enfatizar uma preferência para as coisas à escala humana (primazia dada a áreas que não eram esperadas e a lojas com interesse ao nível da cidade), e mostrou-se muito útil para os planeadores pensarem a futura aparência da cidade. Também os locais de medos das pessoas foram mapeados como ambientes de stress na cidade. Sendo que as cidades nem sempre são locais agradáveis para se viver, pelo stress causado ou mesmo pela perigosidade, este autor criou uma topografia mental do stress psíquico na vizinhança dos inquiridos, onde os lugares mais marcados eram lugares a serem evitados. Estes coincidiam com bairros perigosos, áreas

de edifícios abandonados, e locais conhecidos por venderem droga. Pelo contrário, os locais menos marcados eram áreas consideradas seguras.

Também o conceito de vizinhança é uma importante imagem mental, Terrence Lee (1963, citado por Gould e White, 1986) quis verificar como o conceito de planeamento numa unidade de vizinhança era realmente o apropriado à vivência humana na cidade. Este descobriu que (o que era) um espaço social e um espaço físico estavam tão ligados que a maior parte das pessoas não os distinguia. As pessoas definiam as vizinhanças como uma área cujo tamanho parecia independente da densidade de pessoas que viviam nele. Os indivíduos, não pensam nas suas vizinhanças em termos de números de pessoas, como fazem os planeadores frequentemente, mas apenas como um espaço confortável e familiar à volta delas. O espaço da vida diária, numa primeira etapa, é analisado mais frequentemente do que espaços maiores.

Segundo Boughali “La lecture des cartes et croquis dessinés par les personnes interrogées est fascinante. Les représentations sont généralement maladroites. Certains ne maîtrisent pas l’idée cartographique. La proportion en varie selon les lieux.” (Boughali (1974) citado por Claval, 2007, pp. 172).

Num país como Marrocos, nos anos 70, a população que frequentava a escola do tipo ocidental, desenhava melhor e mais facilmente que aquelas que só conheciam o ensino do Corão: a visão que tinham do mundo, a maneira de exprimir melhor ou pior, depende do meio onde receberam formação, e é tão social como individual. Claval (2007) defende que o conhecimento do que é próximo é sempre melhor que o remoto, existem menos possibilidades de ser pessoalmente familiar de um lugar mais distante. Para Gould e White, o que as pessoas sabem acerca dos horizontes distantes é também submetido a um efeito de desconto espacial (Gould e White, 1986).

Também os conteúdos destes mapas variam de acordo com a cultura que os povos têm. As práticas e as acções dos povos e das sociedades podem ser compreendidas somente quando se toma em conta uma parcial e subjectiva representação dos espaços incorporados com significado cultural. As cartas obtidas por Saarinen são desse ponto de vista fascinantes. Este pediu a alunos de turmas espanholas em Algeciras, perto do estreito Gibraltar, e a alunos de turmas marroquinas em Tânger a alguns quilómetros dali, do lado marroquino desse mesmo estreito, para desenhar sobre um mapa-mundo as cidades e os países que eles conheciam. Os espanhóis figuraram uma multidão de lugares na Europa, até ao Báltico ou à Rússia, mas deixaram em branco espaços do lado de lá do estreito de Gibraltar. Os jovens marroquinos indicaram

a maior parte dos países do mundo árabe, o Cairo, Beirute, e Meca mas ignoraram a Europa (Saarinen, 1988).

Os mapas mentais desenhados pelas populações geograficamente próximas mostram claramente que a percepção que têm do mundo é socialmente construída e reflecte a cultura na qual estão inseridos. Um exemplo disso, é uma sociedade árabe na qual se voltam para Meca 5 vezes por dia e uma sociedade que tem o sentimento de ser europeu, mesmo sabendo que os europeus divergem na sua história e língua.

Downs and Stea (1973, citado por Johnston, pp. 498) por outro lado referiram-se aos mapas mentais como estando particularmente associados com comportamentos de orientação e maneiras de encontrar caminhos.

Variadas terminologias para os mapas mentais são usadas, e incluem termos como cognição espacial, esquema espacial, espaço de acção, espaço de actividade e espaço de consciência (Golledge e Stimson, 1997). Todos estes conceitos implicam conhecimento da configuração e estrutura do espaço, alguns deles também incluem avaliação, mostrando uma preocupação com o significado de espaço (Ley, 1974, citado por Johnston, pp. 498).

Nos anos 70, Bailly verificou que a explicação das percepções, dos hábitos e do comportamento dos indivíduos tinha sido negligenciada, seguindo assim os trabalhos de precursores como K. Lynch (1960), A.A. Moules & E. Rohmer (1978) e P. Gould & R. White (1974). Antoine S. Bailly (1979) defendia para a geografia um modelo ascendente com sucessivas filtrações para explicar o processo de constituição da percepção. Para este autor é necessário haver inicialmente um mundo real vivido que é formado por tudo que nos cerca (meio ambiente, tecnologias, paisagens e contextos socioeconómicos). As informações recebidas são parcialmente processadas através dos filtros sensoriais (os da visão, da audição, da emoção e da sensação) em função de factores individuais (os da memória, os factores psicológicos, os culturais, os sociais, os económicos, os históricos, entre outros). Forma-se assim, uma imagem mental daquilo que se percebeu. Através dos códigos de comunicações, as imagens mentais são novamente filtradas e processadas para a constituição daquilo que expressa a realidade que cada um de nós é capaz de comunicar.

P. Gould e R. White (1986) por sua vez, contribuíram bastante para o papel das imagens “reais” na explicação do comportamento humano. No entanto, uma publicação anterior de Peter Gould (1966) já abordava estas questões. Neste trabalho, estabelece-se

pela primeira vez a teoria dos mapas mentais. Os indivíduos foram convidados a indicar os lugares que lhes eram familiares ou importantes dentro do mapa do seu país. Através da sobreposição dos mapas individuais, Gould defendeu que a actividade de deslocação podia ser examinada pelos mapas mentais das pessoas, ou preferências espaciais.

Autores como, Golledge, Briggs e Demki (1969) afirmaram que as leis psicofísicas da percepção produziam diferentes configurações de distância dos lugares quando reconstruídos na memória, bem como reproduzidas da realidade objectiva por cartografia convencional ou procedimentos geométricos. Estas distâncias dirigidas a áreas centrais congestionadas e de elevado stress na cidade eram interiorizadas como sendo maiores que as distâncias dirigidas à periferia menos stressante e com menor densidade, e essas configurações cognitivas das áreas urbanas eram incompletas para recém-chegados e mais completas para residentes antigos.

O status do imaginário mental foi discutido repetidamente. Alguns afirmaram que eram representações conceptuais (Pyslyshin Z., 1981) e que o questionário e a análise produziam mapas como um pensamento posterior, outros afirmaram que eram bidimensionais (Kosslyn S.M., 1980), e consequentemente esses podiam ser considerados como representações cartográficas. O que quer que os povos analisados têm na mente (Brunet R., 1987) o objectivo é exteriorizar esta representação no formulário cartográfico a fim re-conceptualizar a sua análise e sintetizar os resultados na forma de um mapa.

Inúmeras técnicas podem ser empregues para tentar captar informação relativa ao conhecimento do mapeamento mental. Por exemplo, os inquiridos podem ser indagados a desenhar um mapa sketch de uma área (Blades, 1990), localizar pontos num mapa (Kitchin, 1992), estimar distâncias (Day, 1976) ou direcções (Kirasic et al., 1984) para uma série de outras localizações, reconhecer fotografias aéreas (Matthews, 1984), encontrar o seu caminho ao longo da estrada (Passini e Proulx, 1988), verbalmente descrever uma rua ou uma área (Vanetti e Allen, 1988) ou construir um modelo que representa uma área (Hart, 1979).

A técnica do mapa sketch é somente uma de muitas maneiras de incidir nas representações internas do mundo das pessoas, muitas outras aproximações existem como descrito por Golledge (1975). Esta é uma técnica clássica e um útil instrumento para recuperar informação sobre o meio, se os mapas forem apropriadamente interpretados. Esta técnica parte do pressuposto que o sujeito compreende a noção

abstracta do modelo e a sua relação com o mundo real, que tem as capacidades motoras suficientes para as descrever exactamente num formato sketch e que uma métrica uniforme é aplicada na informação esboçada (Stimson e Golledge, 1987). Embora altamente controversa esta técnica tem a vantagem de poder ser usada por quase qualquer um (Canter, 1977; Blades, 1990).

O mapeamento mental é simples, eficaz e pode ser aplicado além culturas. O realismo do método é claramente reflectido no facto dos mapas sketch não só exteriorizarem a representação mental ou o conhecimento espacial de uma pessoa da disposição espacial do meio mas também correlacionando significativamente com as várias maneiras verbais de encontrar caminhos (Arginsky e al., 1997; Blades, 1990 citado por Boyowa A. Chokor, 2003, pp. 439).

Mesmo se alguns autores estivessem preocupados com a exactidão de representações mentais, afirmando a precisão dos mapas com técnicas modelo e estatísticas (Evan, Marrero & Butler, 1981), ou as avaliações da fiabilidade dos dados colectados através dos mapas sketch (Blades, 1990), é evidente que as descobertas não foram inteiramente consistentes (Boyowa A. Chokor, 2003). Apesar do número de projectos empreendidos no campo da cognição espacial, os resultados foram muito heterogéneos, provavelmente porque cada autor segue um trajecto específico, e usam métodos específicos na análise, o que conduz à produção dos resultados que são então pouco comparáveis (Cauvin C., 1999, pp. 2). Algum esforço foi feito para desenvolver uma metodologia para analisar os resultados numa maneira comparável, mas principalmente à escala urbana, por C. Cauvin (1999). Não obstante, numa análise ao nível mundial, o uso de mapa sketch permite incontestavelmente mais para análises qualitativas do que as quantitativas.

ii) Problemas da investigação com mapas cognitivos

Existem razões persuasivas para a investigação dos mapas mentais e para a necessidade de compreender como nos comportamos no espaço, assim como o que aí fazemos (Kitchin, 1994, citado por Kitchin 1996, pp. 57). Mas apesar de todas as vantagens da investigação sobre mapas mentais, estes foram alvo de críticas e de problemas de validação teórica, prática e conceptual, o que enfraqueceu a integridade

das conclusões que poderiam ser retiradas das pesquisas (Downs and Siegel, 1981; Allen 1985; Newcombe, 1985; Liben, 1988).

Os problemas de validação teórica dizem respeito à integridade da construção teórica e ideias que apoiam e fornecem as fundações da pesquisa empírica. Os problemas de validação práticos dizem respeito à inexistência de estratégias de pesquisa usadas na investigação empírica e da integridade das conclusões que podem ser resultantes do estudo. E os problemas de validação conceptual relacionam-se com o correcto relacionamento da teoria e da metodologia, assim sendo, a pesquisa torna-se filosoficamente soante e adopta uma apropriada metodologia de colecção de dados e análise (Downs, 1970). A pesquisa sobre mapas cognitivos precisava portanto, de ser fortalecida teoricamente (Kitchin, 1996). Autores como Allen (1985) notaram o problema, argumentando que não houve escassez de estudos empíricos, estes foram motivados por hipóteses muito limitadas para serem de geral aplicabilidade e muito gerais para serem hipóteses significativas. Este autor reportou estes problemas à falta de construções teóricas que fornecessem uma ligação conceptual entre teorias e hipóteses testáveis. Similarmente Lloyd (1982) notou que a pesquisa geográfica respeitante a mapas mentais foi dificultada pela falta de estruturas teóricas, sem as quais a pesquisa não pode ser baseada, e as descobertas empíricas resultantes podem ser julgadas.

Discute-se que actualmente as teorias “sofrem”, pois são muitas vezes muito específicas (forma da estrutura, estratégia de aprendizagem) para se poderem relacionar aos mapas mentais, ou muito vagas (esquema de interacção ambiente/comportamento) para dar origem a hipóteses testáveis.

Para ganhar aceitação como um assunto argumentável, a pesquisa de mapas mentais deve ter uma estrutura teórica para unir uma base multidisciplinar. Isto significa que os investigadores de mapas cognitivos necessitam de adoptar uma aproximação ao estudo integradora de vários campos académicos (Garling et al., 1991).

2.3. Representações em Geografia – exemplos de casos de estudo e sua aplicação no contexto do trabalho.

Os primeiros trabalhos em mapas mentais concerniram inicialmente espaços urbanos com pequenas dimensões como no estudo do K. Lynch “A Imagem da Cidade” na cidade de Boston, de Los Angeles e de Jersey (1960). Esta obra não serviu apenas para focar a atenção nas qualidades perceptivas e cognitivas dos ambientes urbanos mas forneceu também uma estrutura conceptual para a discussão de componentes estruturais da cidade. O princípio era simples, mandar desenhar um mapa do espaço que o indivíduo frequentava no quotidiano para ir para a escola, para o trabalho, ou às compras. Esta obra originou a técnica do mapa sketch e deu inspiração para o desenvolvimento do campo do mapeamento mental. O método do mapa sketch para obter mapas mentais produz resultados fascinantes e é excelente para a abertura e compreensão psicológica que estas técnicas tornam possível (Saarinen, 1973). Os mapas sketch foram usados por várias culturas desde o início desta técnica (DeJong, 1962; Gulick, 1963; Appleyard, 1969; Wood, 1971).

A análise do relacionamento entre povos e regiões à grande escala remanesceu pela maior parte impopular na corrente/matriz da pesquisa psicológica do meio/ambiental (Boyowa A. Chokor, 2003, pp. 427), mesmo se, lentamente, o campo estivesse a ser ampliado a espaços maiores.

Um exemplo disso foi a análise de Peter Gould que em estudos iniciais, indagou os estudantes de universidades nos vários estados americanos, a referir a ordem dos estados americanos em que gostariam de viver, depois da conclusão da sua graduação. Os resultados mostraram a existência de uma preferência na superfície nacional à qual foi sobreposta a superfície local destacando atractividade na região de residência. Os locais de análise expandiram-se mais tarde por Gould e os seus estudantes, ao Reino Unido, Suécia e África, e tomou em consideração o desenvolvimento dos mapas mentais por crianças de diferentes idades, assim como as relações em África entre a preferência da superfície nacional e a impressão espacial da modernização (Gould and White, 1986). A implicação deste programa de pesquisa foi que os mapas mentais não são apenas superfícies de preferência, mas também prevêm futuras escolhas residenciais e migração “We can make the plausible guess that broad patterns of migration are linked to the perception that people have of geographical space” (Gould e

White, 1986, pp. 135). Mais tarde uma pesquisa norte-americana provou que existem significantes relações entre os mapas mentais e o padrão de fluxos migratórios inter-estados (Lloyd, 1975).

Outro exemplo é o famoso estudo do T. Saarinen nos anos 70 e nos anos 80 em mapas do mundo. Primeiramente inquiriu os seus estudantes nos EUA e na Europa para traçar mapas do mundo (1976) e estabeleceram uma análise à escala Mundial tendo como base mapas mentais do mundo (1987).

O mapa-mundo, mesmo aqueles que não são produzidos por indivíduos reflectem percepções do mundo. Para Wright, 1966 (citado por Saarinen, 1987, pp.3) “Desde que os cartógrafos sejam humanos” (...) cada mapa é “uma reflexão em parte das realidades objectivas e dos elementos em parte subjectivos”. Por causa da quantidade de informação condensada nos mapas, estes fornecem um recurso rico para estudar o conhecimento e os valores geográficos do “mapmaker” e da sociedade dos “mapmaker” (Saarinen, 1987, pp.3). Ainda de acordo com Saarinen (1987), as imagens do mundo são derivadas da instrução bem como da experiência de mover-se através do meio. Consequentemente, os mapas globais usados na instrução formal são particularmente importantes.

A maioria da pesquisa empreendida sobre mapas mentais ao nível mundial foi realizada de modo a mostrar a diversidade de pontos da vista (Saarinen, 1987), e/ou para testar a literacia geográfica de algum segmentos da população mundial (Saarinen & MacCabe, 1995). Assim este estudo foi elaborado com pessoas que tinham concluído o ensino secundário e frequentavam o curso de geografia, esperando-se assim que essas pessoas produzissem mapas sketch detalhados do mundo devido ao seu conhecimento geográfico. As vantagens desses mapas sketch é que eram de pequenas e simples instruções, eram fáceis de administrar, e forneciam mapas comparáveis do mundo.

O papel das representações institucionais e colectivas do mundo, e de regiões do mundo tem também alguma relevância. Por exemplo, as visões da UE na Rússia e outras anteriores repúblicas soviéticas têm-se transformado recentemente num importante tópico de pesquisa. Alguns autores começaram a empreender interessantes investigações das correntes visões geopolíticas na Rússia. Kolossov (2003) desenvolveu então o conceito de “alta geopolítica”, revelando as características principais das imagens geográficas dos cidadãos russos. Algumas características das imagens tidas por estratos sociais diferentes na sociedade russa de países do norte da Europa tais como a Holanda e a Finlândia serão introduzidas no contexto do mais largo sistema de imagens

geográficas russas de países noutra lugar na Europa e também outros países no mundo como a Índia, a China, os EUA e Israel. O autor propõe algumas classificações destas imagens e mostra os seus relacionamentos com a mudança dos códigos geopolíticos do país, assim como, problemas concretos da política estrangeira e alta geopolítica. Os resultados chamam a atenção para as maneiras em que as imagens geográficas russas se adaptaram à era pós-soviética, sugerindo que a opinião pública russa pode estar mais disposta a suportar a cooperação com o ocidente do que muitos peritos poderiam pensar. Além disso, um livro recente foi publicado em França que apresenta os resultados de um estudo feito no Cantão (China) na representação da Europa e de povos europeus pelos chineses. Eles expressam os pensamentos e valores implícitos na China, dizendo efectivamente que pensam os chineses dos europeus (Zheng L-H, Desjeux D., Boisard A-S., 2003, citado por Yard, (2007).

Mesmo se alguns autores tentarem descobrir alguns dos factores que poderiam explicar diferenças na percepção, a falta geral da pesquisa neste campo, e especialmente a falta de ligação entre a representação nacional institucional do mundo e/ou da região do mundo e os mapas mentais da população sobre o mundo, permanece uma barreira para melhorar a nossa compreensão do assunto.

Capítulo III - As divisões do mundo numa Era de Globalização: das Divisões às Visões

O fenómeno da globalização constitui um momento de grande transformação do mundo actual, em que há a unificação do planeta e a ampliação do “sistema- mundo” para todos os lugares e para todos os indivíduos, embora com intensidade e graus diferentes. Enfrentamos sinais óbvios de uniformização e uma diversidade tão dinâmica, que já ninguém sabe como dividir o mundo. Regionalização económica, recomposição geopolítica e as resistências culturais não combinam e interferem umas com as outras dando origem ao desenho de uma imagem fragmentada. Como não sabemos mais como classificar simplesmente os lugares, ainda dividimos o mundo de um modo que consideramos como neutral: os continentes (Grataloup citado por Espon 3.4.1., 2005, pp. 121)).

3.1. Dos continentes aos blocos políticos e económicos

Desde o século XVIII, muitas divisões do mundo foram propostas pelas ciências sociais assim como pelas ciências naturais (a placa geológica) (**Figura 3**). A maioria das divisões iniciais do Mundo, foram baseadas em factos estruturais como o clima, a densidade de população, o PIB per capita, ao nível do desenvolvimento, etc. É somente na segunda metade do século XX, que o crescente interesse esteve colocado nas divisões do mundo baseadas em fluxos e em redes, precisamente no momento em que a economia mundial começou a beneficiar com a globalização crescente do comércio, da migração entre povos antes restritos a territórios estanques, etc.



Fonte:

<http://ancientworldmaps.blogspot.com/2009/09/world-map-18th-century.html>

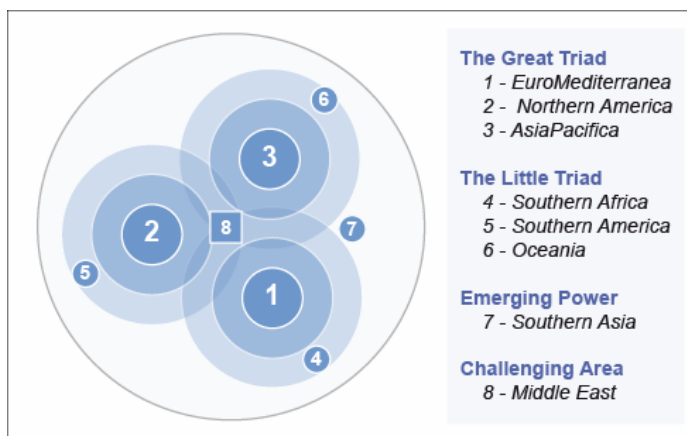
Figura 3: Mapa Mundial do século XVIII: Leonhard Euler (1753) em "Geographischer Atlas".

As divisões do mundo baseadas em fluxos puderam ser compreendidas como uma reacção às divisões simples do mundo que existiram antes da segunda guerra mundial (os 5 ou os 6 “continentes”) ou aquelas que foram produzidas imediatamente depois da guerra no contexto da guerra fria (“para o oeste/para o leste”) (uma divisão de natureza geopolítica) e da descolonização (“para o norte/para o sul”) que separa os países desenvolvidos dos subdesenvolvidos (divisão de natureza económica). Com o fim da Guerra Fria a configuração do mundo como um espaço político multipolar sem um poder dominante, conduziu à descaracterização da divisão do mundo entre o primeiro, segundo e terceiro mundo e relativizou as relações centro-periferia e as relações norte-sul.

Foi provavelmente o desenvolvimento do modelo centro-periferia (Amin, 1990; Wallerstein, 1990; Reynaud 1981) e as reacções que isto produziu através das ciências sociais que deram o impulso inicial à pesquisa sobre métodos inovadores da divisão do mundo baseados cada vez mais em fluxos globais.

3.2. O modelo centro-periferia

Desde o século XVI, a Europa, mais precisamente, os grandes poderes que lhe dão forma, redescobriram o mundo e impuseram a sua dominação comercial e política numa parte crescente do planeta (Wallerstein, 1990).



Fonte: EuroBroadMap – Annex 1 (2008) pp. 15

Figura 4: Modelo centro-periferia

"No final do século XV e princípios do XVI, nasceu o que poderíamos chamar uma economia-mundo europeia. Não era um império, mas não obstante era especiosa como um grande império e compartilhava com ele algumas características. Mas era algo diferente e novo. Era um tipo de sistema social que o mundo na realidade não tinha conhecido anteriormente, e que constitui o carácter distintivo do moderno sistema

mundial. É uma entidade económica mas não política, ao invés dos impérios, as cidades-Estado e as nações-Estado. De facto, precisamente compreende dentro dos seus limites (é difícil falar de fronteiras) impérios, cidades-Estado, e as emergentes "nações-Estado". É um sistema "mundial", não porque inclua a totalidade do mundo, mas porque é maior que qualquer unidade política juridicamente definida. E é uma "economia-mundo" devido ao vínculo básico entre as partes do sistema ser económico" (Wallerstein, 1990).

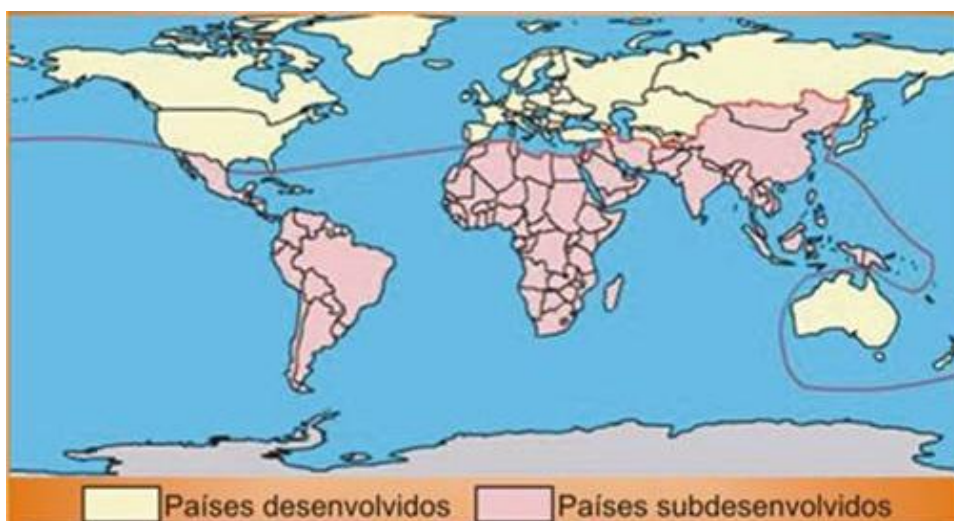
A economia mundial europeia progressivamente conquistou uma dimensão global (Braudel, 1979). Este processo chega ao seu pico no século XIX, enquanto, no século XX, foi a história da emergência, ou mesmo da predominância, de outros núcleos principais no mundo global: os Estados Unidos da América, o Japão, USSR/Rússia e China (Bairoch, 1997). Esta história marcou cada parte do espaço do mundo, produzindo estruturas específicas e dando-lhes papéis específicos na economia mundial (Vandermotten, 2008).

Mesmo no longo processo de ganhar autonomia política nem sempre foi permitido desafiar a integração específica de cada país, ou o grupo de países, na economia mundial, à excepção de alguns países que puderam por períodos longos conseguir políticas do desenvolvimento autónomo (Amin, 1993).

Nas palavras de Samir Amin, “a expansão mundial do capitalismo não pôs na ordem do dia a homogeneização do planeta. Pelo contrário, esta expansão criou uma polarização nova, submetendo, na periferia do sistema, as formas sociais anteriores ao capitalismo às exigências da reprodução do capital dominante nas formações centrais” (Amin, 1999, pp. 122).

A dualidade centro periferia sendo um modelo de organização territorial de certos sistemas político-económicos, também é conhecida como teoria da dependência, descreve então uma ordem económica mundial integrada por um centro industrial e hegemónico que estabelece transacções económicas desiguais com uma periferia agrícola e subordinada. Estas diferentes camadas históricas puseram estruturas específicas em diferentes partes do mundo, e produziram fluxos que reflectem as hierarquias entre núcleos e periferias.

As formas de divisão têm então diversificado, por exemplo, com a divisão norte-sul de Brandt (**Figura5**). A linha de Brandt foi proposta pelo chanceler alemão Willy Brandt nos anos 70, e é uma divisão sócio económica e política que divide países “desenvolvidos” ou “ricos” localizados no Norte e países “menos desenvolvidos”, “Pobres” localizados no Sul. Circunda o mundo a aproximadamente uma latitude de 30° N, passando entre a América do Norte e América Central, norte de África e Índia, mas mergulhando a sul para incluir Austrália e Nova Zelândia, sendo estas, o “norte rico”.



Fonte: <http://www.juliobattisti.com.br/tutoriais/arlindojunior/geografia007.asp>

Figura 5: Divisão Norte-Sul – Linha de Brandt

Os mecanismos da dominação, tornam-se então, cada vez mais variados e complexos, no contexto, do desenvolvimento do processo de ajuda condicional, do investimento directo estrangeiro (Mucchielli, Buckley, 1997, citado por Camp, 1999), ou nos fluxos financeiros, incluindo por acusações de polarização em torno das intervenções das grandes instituições financeiras mundiais como o Banco Mundial e o FMI (Stiglitz, 2002, citado por Perraton, 2004).

3.3. A abordagem de redes

Foi desenvolvido no início do século XX por Stewart, por Zipf e por Reilly, novos métodos derivados da teoria dos grafos em que era possível produzir grupos não contíguos de países, isto é, conjuntos dos países ligados directamente ou indirectamente por fluxos e por redes, mas não necessariamente vizinhos no espaço físico. Contrariamente aos que os geógrafos e os economistas acreditavam, os grupos eram fortemente influenciados pelo efeito da distância, e por relacionados modelos de interacção espacial (Sen e Smith, 1995, citado por LeSage, Llano, 2007).

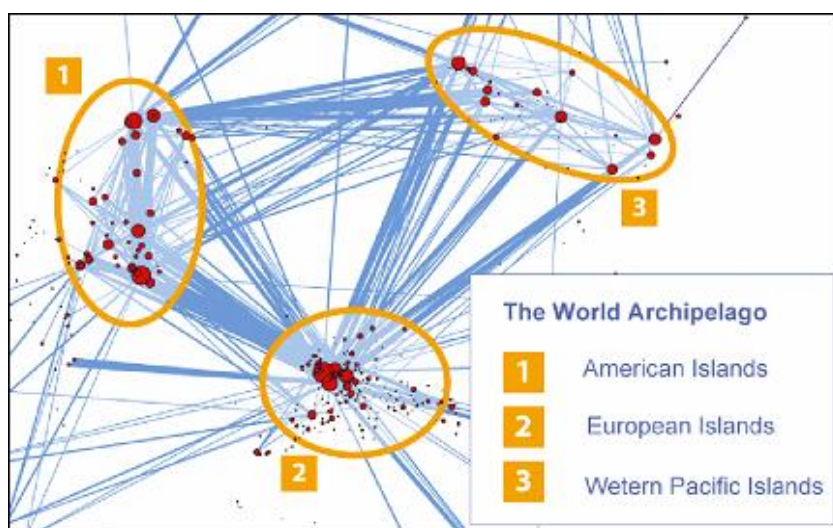
A revolução quantitativa e a elaboração de novas bases de dados à escala mundial nos anos 60 e nos anos 70, ofereceram assim dois trajectos muito diferentes para a elaboração das divisões do mundo baseadas nos fluxos, ligados a dois fundos teóricos muito diferentes. Desde a queda da cortina de ferro (1989) e o aumento nos fluxos comerciais e nas migrações ocorreram nos anos 90, as posições teóricas foram corrigidas e muitos conceitos foram emendados entre as várias disciplinas das ciências sociais, em alguns casos com inversões completas das posições iniciais.

Actualmente, para Castells, o padrão geográfico é dominado por redes, “espaço de fluxos” mais que “espaço de lugares” (Castells, 1996). Devido à relevância primária de fluxos importantes, o território proeminente é a cidade global (Sassen 1991, Taylor, 2000 e 2005). A ideia que o domínio de redes e fluxos passaram a ter no contexto económico da contemporaneidade, alimenta controvérsias a respeito da situação actual da forma da cidade, ou seja, a respeito do espaço concreto. Pode isto ser observado na obra de Castells (1999), este deu ênfase ao papel da livre circulação do capital e da maximização das redes de intercâmbio, dos fluxos de imagens, símbolos e sons, que tem implicação com a minimização dos efeitos de contiguidade física. A cidade global definida por Sassen (1991) correspondeu, a essa ideia, na medida em que se expressou num eixo Tóquio, Nova York e Londres onde segundo Sassen, “o sol nunca se põe”, fazendo salientar o primado dos fluxos financeiros e da velocidade da informação.

Naturalmente, autores como Cattán (2004) ou Veltz (1996) discutem que a rede é mais importante do que os seus nós: o que realmente importa não é o poder de cada cidade do mundo, mas o grau de inter-conectividade internacional que fornece. Veltz (1996) apresenta uma mudança na forma de estruturar o território, passando do

território-zona para o território-rede. Esta forma tem como base um espaço topológico, em que a importância dos lugares depende mais dos fluxos que estabelecem com outros lugares do que com a sua distância geográfica. A sua centralidade, não depende, assim, da sua localização absoluta, mas antes da intensidade e tipo de relações que se estabelecem com outros nós da rede.

Na globalização da economia, o território é geralmente formado por uma rede de lugares (Veltz, 1996) ou por uma rede de empresas (Castells, 1999; Veltz, 1996). O território voltado para o desenvolvimento é mais que uma rede, é a constituição de um espaço abstracto de cooperação entre diferentes actores. No entanto, esta configuração territorial em rede poderá dar origem à formação de espaços do tipo "arquipélago", onde as "ilhas" correspondem aos espaços integrados na rede mundial e os espaços submersos às situações de desconexão (Ferrão, 1992).



Fonte: EuroBroadMap – Annex 1 (2008) pp. 15

Figura 6: Principais Redes Mundiais

Também, a conexão multi-direccional de territórios globais é a característica principal desta visão de arquipélago. Para P.J. Taylor (2001) “a globalização representa um momento meta-geográfico, uma época que tem como garantida a maneira onde, colectivamente, nós organizamos o nosso conhecimento do mundo como as estruturas espaciais estão a ser corroídas. A Globalização desafia o mosaico meta-geográfico dos estados com uma nova suposta rede meta-geográfica de conexões”. Para J. Levy e M. Lussault (2003) as fronteiras e as distâncias são consideradas como realidades residuais num mundo novo baseado em lugares e em redes (EuroBroadMap, 2008, pp. 16).

Parte II – A Visão dos estudantes universitários Portugueses da Europa no Mundo

Capítulo IV- Caso de estudo - Os estudantes das Universidades de Lisboa, Coimbra e Évora

4.1. Composição do inquérito e explicação das variáveis introduzidas

Tal como já referido, considera-se como um dos objectivos da dissertação verificar qual a imagem que os estudantes universitários têm da Europa em particular e do Mundo em geral, assim como, propor uma divisão eficiente do Mundo em regiões e a delimitação da Europa tida no imaginário dos inquiridos. Para isso, elaborou-se um questionário com a pretensão de dar resposta a essas mesmas questões. Parte-se do princípio que este conhecimento do mundo será útil no futuro em matérias de política de vizinhança e por isso, é interessante e relevante determinar que delimitações fazem os estudantes universitários das regiões mundiais actualmente.

Sendo assim, outro dos objectivos da análise é também estabelecer se os diferentes mapas mentais do Mundo produzidos pelos indivíduos são determinados pelo seu conhecimento dos fenómenos geográficos, económicos, históricos, políticos, assim como, pelas suas experiências pessoais e o meio cultural em que cresceram.

Primeiramente é importante esclarecer o que se pretende dizer com “região”. Em termos geográficos "uma região" pode ser definida num sentido geral como “primeiro nível significativo de organização espacial abaixo do nível global de referência” (Espon 3.4.1 – Vol.1, 2007, pp.50). Esta definição tem o benefício de ser fácil de entender em caso de contextos nacionais onde a palavra "região" é largamente usada para a descrição de divisões territoriais infranacionais, que podem ser assentes em vários critérios, tal como, administrativos, eleitorais, funcionais (por exemplo regiões agrícolas ou económicas), naturais (bacias de água), etc. Essas divisões infranacionais são geralmente organizadas de um modo hierárquico com vários níveis de divisão territorial e, como tal, é importante ter em mente o sentido em que a palavra “regiões” será usada aqui, devendo ser limitada ao primeiro nível significativo de divisão territorial ou organização espacial abaixo do território de referência. As divisões mais pequenas serão então consideradas como sub-regiões, ou regiões de um nível diferente.

Segundo a definição prévia, a transposição do conceito de região ao nível mundial, significa que o delineamento de uma região mundial é uma tentativa de definir

o primeiro nível significativo da divisão do Mundo abaixo do nível global. Divisão do Mundo, como tal, então não é o mesmo do que divisão da Terra.

A Terra, como um sistema físico e biológico, pode ser relatado e dividido de muitos modos e segundo vários critérios (clima, vegetação, etc.) onde a influência da actividade humana é apenas um parâmetro entre muitos outros. A definição de regiões “terrestres” pode-se verificar bastante ampla quando consideradas as divisões “naturais” do planeta.

O Mundo, por outro lado, é um sistema social definido pela posição de 6.5 bilhões de seres humanos, que fazem uso do espaço, localizado à superfície da terra onde trabalham, criam as suas famílias e fazem o seu quotidiano. Contudo, esta noção da posição no Mundo não é o ponto determinante da actividade humana, pois os indivíduos migram, trocam mercadorias, ideias, lutam e desenvolvem conexões materiais e espirituais. A divisão do Mundo é assim uma tarefa diferente daquela de dividir a Terra e não pode ser baseada em apenas critérios "naturais" mas também em factores sociais.

Esta distinção entre Terra e Mundo não significa que factores como a divisão de continentes e oceanos não podem ser tomados em conta nas propostas de divisão Mundial. Esses factores devem ser sempre considerados na sua relação com a vida das pessoas e actividades humanas e não como factores externos independentes. Além disso, todos os critérios "sociais" ou "naturais" podem ser usados na tentativa de se dividir o Mundo.

Para Simmel (1908), “As divisões mundiais não são reveladas mas são em vez disso produzidas. Elas são formas sociais, no sentido, que significa que elas devem ser consideradas como os instrumentos sociais que incorporaram um dado contexto social para cumprir objectivos sociais.” (Simmel, 1908, citado em Espon 3.4.1 – Vol.1, 2007, pp.51).

As análises empreendidas neste caso de estudo são desenvolvidas em dois níveis, ao nível mundial e ao nível europeu. Ao nível mundial, uma das partes principais do estudo foi o desenho dos limites das regiões mundiais num mapa mundial estabelecido com projecção polar, para que não houvesse assim influência de uma visão centrada na Europa. Tomando o mundo como um todo, a finalidade é a produção de uma visão "dominante" da divisão mundial. O nível europeu como outro nível de análise, permitiu a verificação dos limites considerados como fronteiras europeias, pelos estudantes universitários inquiridos, num mapa alargado da Europa.

4.1.1. Questões de âmbito geral

Para responder aos objectivos da pesquisa é necessária uma coerente escolha de variáveis, que permita fazer cruzamentos necessários para o apuramento de toda a informação recolhida, assim como também para tirar o máximo partido dos mapas mentais reunidos.

A primeira parte do questionário está destinada a questões de âmbito geral, ou seja, questões que permitam conhecer o background do inquirido, nomeadamente o seu estatuto socioeconómico e experiências pessoais vividas (**Anexos: Figura 7, parte A**). Sendo assim, as variáveis utilizadas serão o género, a idade, a nacionalidade do inquirido e dos pais deste, o facto de já ter vivido ou não num país, sem ser Portugal, por mais de 4 meses, as línguas que fala, os países que visitou, o rendimento económico e grau de escolaridade do seu agregado, as suas crenças religiosas, etc. Considera-se, que muitos dos desenhos dos limites da Europa ou das regiões Mundiais podem vir a revelar realidades advindas da sua educação, e do contexto cultural e socioeconómico em que cresceram. Mais, são essas relações entre os limites das regiões e os atributos individuais (género, idade, nacionalidade, área académica) e ainda os critérios que os inquiridos usaram para essa delimitação (história, economia, etc.) que se pretendem determinar e comprovar que existem e estão interligados. Por exemplo, depreende-se que possa existir uma relação entre a frequência com que um país é incluído no conjunto de países da Europa e o número de indivíduos que declara tê-lo visitado (Questão A.9 do questionário). A hipótese pode ser que quando um grande número de indivíduos visita um país, este país é melhor conhecido. Este conhecimento pode modificar a percepção prévia no nível de proximidade deste país de países europeus, conduzindo a que mais facilmente o considerem como pertencendo à Europa ou o contrário.

A relação entre o desenho da Europa e a idade, a nacionalidade e o país de nascimento dos inquiridos, é similarmente algo que se pretende abordar, no sentido em que, pode ter uma relação com a posterior delimitação da Europa e do Mundo. Estas perguntas pretendem por exemplo aferir a relação com a nacionalidade do indivíduo, se de facto nasceram na União Europeia ou noutra parte do mundo e se esse factor condiciona a sua percepção.

4.1.2. Análise do sentimento de pertença

A análise do sentimento de pertença dos inquiridos (**Anexos: Figura 7, questão A.13 do questionário**) oferece uma boa componente teórica da análise da situação da Europa no Mundo e do Mundo em geral, mas este método tem de ser adaptado aos problemas específicos de uma análise que se concentra na dimensão territorial da acção política. Esta noção de “dimensão” não é de facto muito clara e, sendo assim, para clarificar, introduziu-se o conceito de “escala” que é mais fácil de formalizar.

Primeiramente, é analisada a dimensão geográfica, isto porque oferece uma distinção clara entre as noções de escala espacial e níveis territoriais. Para ilustrar este ponto, estabeleceu-se para as unidades territoriais cinco categorias diferentes que se associam a diferentes níveis da análise.

O nível “Global” é representado por uma unidade territorial única que é o Mundo no seu conjunto.

O nível “Supranacional” é representado aqui por exemplo, pela União Europeia ou pela NAFTA que são regiões mundiais baseadas em grupo de países associados por tratados.

O nível “Nacional” é representado pelo país, ou seja, Portugal que expõe características de autonomia política, existência de sistema estatístico independente, etc.

O nível “Infranacional” é representado por vários níveis de divisão administrativa do país segundo os critérios nacionais ou supranacionais. Por exemplo, Portugal funciona por divisões territoriais com autonomia parcial e representação política (regiões), mas também divisões técnicas relacionadas com a organização supranacional da União Europeia (definição de regiões NUT I).

O nível “Local” é representado pela cidade, que equivale ao mesmo tempo no caso de Lisboa a uma divisão regional (Grande Lisboa - NUT III) e uma entidade local definida como o nível mais pequeno de organização administrativa ou representação política.

Se discutirmos isto do ponto temático da visão, podemos considerar que a comparação das unidades territoriais do mesmo nível político não é necessariamente relevante. Em muitos casos a comparação seria mais relevante por uma combinação de unidades territoriais de diferentes níveis políticos porque as escalas de unidades territoriais são completamente diferentes.

De um ponto da vista geográfico, levanta-se a questão se faz realmente sentido comparar 3 cidades como Lisboa (com 83,84 km² de área de concelho), Coimbra (com 319,41 km² de área de concelho) e Évora (com 1307,04 km² de área de concelho). Já de um ponto de vista demográfico, não parecerá tão relevante comparar Lisboa (564 657 habitantes) a Coimbra (101 069 habitantes) ou Évora (41 159 habitantes) (Censos 2001). Ao nível económico, também se levantam questões quanto à pertinência de comparar Lisboa que possui o PIB per capita mais alto do país com as restantes cidades analisadas no questionário.

A resposta a tais dúvidas não é óbvia porque, segundo o objectivo da análise, podemos-nos concentrar em critérios temáticos quando seleccionámos as unidades territoriais, que são a base da presente análise. Uma harmonização temática das presentes unidades territoriais tem muitas vantagens na descrição de tendências espaciais e apoia a interpretação dos resultados.

4.1.3. Visão do mundo tida pelos estudantes universitários

Outra das questões presentes no questionário tem a ver com as opções do inquirido para onde gostava ou não de viver num futuro próximo (cidades e países), esta questão fornece-nos uma visão clara da imagem que o inquirido tem do mundo, em termos de locais atractivos/repulsivos para futura residência (**Anexos: Figura 7, Parte B**).

A pertinência desta questão deve-se ao aumento acentuado da mobilidade, que é cada vez mais, uma realidade a ser levada em conta neste segmento da população. Dentro da população inquirida é possível que possamos presenciar situações de indivíduos que não são portugueses e apenas estão cá como estudantes, assim como poderemos encontrar estudantes nacionais que façam as suas delimitações de acordo com as suas futuras perspectivas profissionais noutro país. Portanto isso é algo importante de determinar pois os destinos que são mais do agrado desta população serão os países e cidades onde talvez poderemos encontrar maiores vagas de emigração no futuro.

A mobilidade residencial desta parcela da população pode ser relacionada com dois factores diferenciados. Primeiro, a mobilidade residencial desta população pode dever-se à oportunidade de encontrar um emprego noutro país quando há falta de

oportunidades no seu próprio país, ou para estudar através de programas de intercâmbio escolar, como os programas Erasmus ou Sócrates. No entanto este último caso trata-se de mobilidade temporária e os jovens estão de volta aos seus países de origem na maior partes das vezes passados poucos anos. Um segundo factor é que essa crescente mobilidade pode dever-se também ao aumento do número de oportunidades de trabalho e de viagens graças a programas europeus de trocas ou programas de investigação colocados à disposição desta população para conhecer outros países. A causa da mobilidade residencial desta jovem população é provavelmente uma mistura dos factores propostos em cima. No entanto, também mobilidade pontual, para trabalho ou lazer é cada vez mais um factor importante a ter em consideração na dinâmica destes jovens.

4.1.4. O seu próprio Mapa – Mundo – Delimitação de regiões Mundiais

Muitas visões diferentes do Mundo coexistem simultaneamente na mente de diferentes pessoas. Cada tipo de observador, se não cada observador por si, tem um modo de entender o Mundo e a organização dele segundo critérios subjectivos. Como tal, o Mundo não tem as mesmas divisões ou regiões para cada indivíduo observador. É contudo possível produzir uma análise objectiva dessas representações colectivas e propor uma síntese de regiões mentais de acordo com tipos diferentes de actores inquiridos. Isto é o que se propõe fazer aqui (**Anexos: Figura 8, Parte C**).

Para a delimitação do padrão mundial foi adoptado um mapa com projecção Pólo Norte Azimutal Equidistante com o centro de 90°N e 0°E. Deste modo nenhum centro económico mundial é enaltecido e o mapa pode ser usado em qualquer direcção, ou seja, o mapa não foi orientado e os inquiridos puderam tratá-lo como quiseram e como se este, estivesse independente do resto da análise. O inconveniente deste método é que o Hemisfério do Sul está mal representado estando deste modo deformado, podendo provocar equívocos/ hesitações nas delimitações.

Foi pedido aos inquiridos para traçar segundo eles no mapa-mundo os limites de 2 a 15 regiões mundiais. Esta definição de limites é baseada nas duas delimitações mais significantes, mais o limite de quinze regiões porque foi o número máximo de regiões que foram permitidas desenhar no mapa de forma legível.

O objectivo principal desta análise é verificar se a representação individual das regiões mundiais, pode permitir identificar grupos fortes de países sempre juntos na

mesma região. Isto significaria que aqueles países são percebidos como ligado por fluxos, semelhança ou aceitabilidade.

Uma outra abordagem procurou identificar “áreas obscurecidas”, ou seja, áreas que são postas um dia com um grupo de países, outro dia com outro grupo. Deve-se então definir essas áreas como áreas de transição entre dois grupos relativamente homogêneos ou integrados de países.

A utilização de um mapa sem uma lista dos países, por sua vez também levanta alguns problemas. Isto implicitamente depreende que os indivíduos saibam denominar os países num mapa e por isso onde eles são localizados. Não é certo que os inquiridos saibam a posição e o nome de todos os países no mapa Mundial e no mapa da Europa. Contudo deliberadamente, os parceiros do projecto, optaram por este procedimento porque é muito mais exacto na inclusão de um país numa região. Um país pode pertencer a uma região no conjunto, mas também pode ser partido em dois ou mais as partes e afectar a muitas regiões. Isto dá indicações preciosas das regiões em transição, divididas entre duas regiões mundiais.

4.1.5. A sua Visão da Europa - Delimitação da Europa.

Acerca da questão do questionário referente ao desenho dos limites da Europa, uma informação clara foi fornecida aos inquiridos, a delimitação poderia ser à vontade do inquirido, quer seja ela a "União Europeia" presente, como a Europa geográfica, histórica, política, um desejo da construção da União Europeia ou mais uma utopia do que deve ser a Europa no futuro distante.

Para a delimitação europeia foi usado o padrão pan-europeu sendo o mapa projectado em Lambert Azimutal com áreas iguais, com o centro de 50°N e 18°E. Foi utilizada uma definição relativamente grande da vizinhança no mapa europeu, tanto na direcção Leste como do Sul, porque na análise não se pretende definir os limites da parte mais integrada da vizinhança europeia, deixando isso ao critério dos inquiridos (**Anexo: Figura 9, Parte D**).

Ainda integrada na questão da visão da Europa, mais propriamente na questão da escolha das cinco palavras que os estudantes associam à Europa nenhum critério exacto foi proposto nesta pergunta aberta e por isso, muitos critérios deverão ser citados.

Os critérios usados poderão ser culturais, critérios políticos ou históricos, usados para reunir países com um passado comum, e critérios económicos usados para definir países com o mesmo perfil económico ou por existência de uma relação económica entre países.

4.2. Enquadramento e justificação das áreas geográficas em estudo

A escolha das cidades em que se iriam realizar os questionários foi um passo bastante importante da composição da análise quer para a coerência desta, quer pela fundamentação e consistência da amostra, e posterior pertinência dos seus resultados.

Foram então escolhidas três cidades portuguesas relacionadas com o segmento da população que vai ser inquirida, ou seja, face a este critério teriam de ser cidades com tradição universitária. As cidades seleccionadas foram Lisboa, Coimbra e Évora todas capitais de distrito e todas com característica intrínsecas enquanto cidades históricas e de grande relevo no país, mas também todas de grande importância em termos de estabelecimentos de ensino superior, os quais com grande história e dos mais antigos do país.

Lisboa, como não podia deixar de ser, integrou a amostra isto porque foi de facto onde foi implantada a primeira universidade do país, no entanto, foi durante pouco tempo pois esta posteriormente realizou-se em Coimbra. Contudo, actualmente possui um enorme número de instituições de ensino superior que a tornam o maior pólo português a esse nível.

Coimbra possui de facto, a universidade mais antiga do país e actualmente ainda possui um elevado grau de prestígio e relevo no que diz respeito a estabelecimentos de ensino superior. Finalmente a escolha de Évora deveu-se ao facto de esta ter a universidade mais importante localizada na região do país e embora por vezes seja uma cidade esquecida o facto é que possui uma universidade plena de história sendo a segunda universidade mais antiga do país, seguida de Coimbra.

4.2.1. A cidade de Lisboa

A cidade de Lisboa como capital portuguesa e a maior cidade do país foi considerada imprescindível de ser analisada. Esta é considerada a capital do distrito de Lisboa e da Área Metropolitana de Lisboa e ainda o principal centro da sub-região estatística da Grande Lisboa.

Lisboa no último recenseamento possuía uma população de 564 657 habitantes o que correspondia a 21% da população total da Área Metropolitana (Censos 2001), e encontra-se no primeiro lugar do ranking de cidades portuguesas (Soares, 2004). Esta região apresenta um PIB per capita superior à média da União Europeia, o que faz desta área a mais rica do país. O concelho subdivide-se em 53 freguesias e faz fronteira a norte com os municípios de Odivelas e Loures, a oeste com Oeiras, a noroeste com a Amadora e a sudeste com o estuário do Tejo. Por este estuário, Lisboa une-se aos concelhos da Margem Sul: Almada, Seixal, Barreiro, Moita, Montijo e Alcochete.

O concelho de Lisboa tem 83,84 km² de área, e apresenta uma densidade demográfica de 6 734,94 habitantes por km² (Censos 2001), ou 67 habitantes por hectare, valor que, em termos médios, não pode ser considerado muito elevado, atendendo ao facto de se tratar do núcleo urbano central de uma metrópole capital, com mais de 2,5 milhões de habitantes, plena de história e de contemporaneidade. Todavia, estes valores não entram em linha de conta com a ocupação diária da cidade, resultante sobretudo dos movimentos pendulares dos municípios da Área Metropolitana de Lisboa. “ Da análise da matriz de origem/destino dos movimentos pendulares, construída a partir dos Censos 2001, vê-se que nas deslocções inter-concelhias, Lisboa é o principal destino para a maioria da população residente na AML, já que confluem para este concelho pelo menos cerca de 325 mil pessoas por motivos de trabalho ou estudo, isto é, 1,44 vezes o valor da população empregada ou estudante residente em Lisboa.” (Diagnóstico Sócio-urbanístico da Cidade de Lisboa: Uma perspectiva censitária, 2001, pp.27).

Em Lisboa em 1290 foi fundada a primeira universidade portuguesa, por D. Dinis, sob autorização do Papa Nicolau IV, no entanto, esta foi transferida em 1308 para Coimbra. A Universidade de Lisboa foi fundada e extinta (ou transferida para Coimbra) por diversas vezes, em 1328 volta para Lisboa, sendo novamente transferida para Coimbra em 1354. Em 1357 regressa a Lisboa e finalmente, em 1537, regressa

definitivamente a Coimbra, onde fica como instituição única de ensino superior em Portugal (Pedrosa, 2008).

Actualmente Lisboa dispõe de três universidades públicas, a Universidade de Lisboa, a mais antiga instituição de ensino da cidade fundada em 1911, também chamada Universidade Clássica de Lisboa, a Universidade Técnica de Lisboa e a Universidade Nova de Lisboa, fundada em 1957, assim como diversas universidades privadas, que oferecem cursos superiores em todas as áreas académicas. As maiores instituições privadas de ensino superior incluem a Universidade Católica Portuguesa, a Universidade Lusíada, a Universidade Lusófona e a Universidade Autónoma de Lisboa, entre outras. Existe também o ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa e o Instituto Politécnico de Lisboa. Destaca-se ainda a existência, junto ao hospital Sta. Maria, da Escola Superior de Enfermagem de Lisboa, a maior escola de enfermagem do país. No entanto os inquéritos realizados concentraram-se apenas nas Faculdades da Universidade de Lisboa e no ISCTE.

4.2.2. A cidade de Coimbra

A cidade de Coimbra onde também foram realizados os inquéritos, é a capital do Distrito de Coimbra e a maior cidade da região Centro de Portugal, com cerca de 101 069 habitantes (Censos 2001) estando no 7º lugar de um ranking de cidades portuguesas (Soares, 2004). Esta cidade é centro de referência com a sua capitalidade inerente na região das Beiras, centro de Portugal com mais de dois milhões de habitantes. A cidade de Coimbra é sede de um concelho com 319,41 km² de área e cerca de 148 443 habitantes em 2001 (Censos 2001), subdividido em 31 freguesias, das quais 24 são predominantemente urbanas, 5 são mediantemente urbanas e 2 são predominantemente rurais.

O concelho de Coimbra insere-se na NUT II Centro e NUT III Baixo Mondego, e para além do concelho de Coimbra, fazem parte da NUT III Baixo Mondego, os concelhos de Cantanhede, Condeixa-a-Nova, Figueira da Foz, Mira, Montemor-o-Velho, Penacova e Soure.

Este concelho tem uma densidade populacional de 468 habitantes por km² (Censos 2001). No entanto a população está concentrada sobretudo na freguesia de Coimbra (Sé Nova), cuja densidade é de 5 162,72 hab/km². Nas restantes freguesias a densidade varia entre 78,54 e 5 069,2 habitantes por km².

Desconhece-se qual a origem exacta da cidade de Coimbra, sabe-se que é uma das cidades mais antigas do país, tendo sido capital do Reino e que em 1064 foi reconquistada definitivamente aos mouros sendo já considerada cidade antes dessa data.

É considerada uma das mais importantes cidades portuguesas, devido às suas infra-estruturas, organizações e empresas para além da sua importância histórica e favorecida posição geográfica no centro do país. Coimbra é também referência nas áreas do ensino apresentando como principal ex-líbris a sua Universidade, a mais antiga de Portugal e dos países de língua portuguesa, e uma das mais antigas da Europa.

Coimbra é chamada de "Cidade do Conhecimento e dos estudantes", principalmente por ter uma das mais antigas e prestigiadas universidades da Europa, é a herdeira do Estudo Geral solicitado ao Papa por D. Dinis em 1288 e que viria a obter confirmação pontifícia em 1290, tendo-se estabelecido inicialmente em Lisboa. Após uma itinerância atribulada entre Lisboa e Coimbra durante os séculos XIII e XIV, a universidade viria a estabelecer-se estavelmente em Coimbra em 1537 tendo o Rei D. João III cedido o próprio paço real para as instalações. Estas instalações foram adquiridas pela Universidade no reinado de Filipe I, sendo desde então conhecidas por Paço das Escolas (<http://www.cm-coimbra.pt>).

Esta Universidade tem aproximadamente 18.228 alunos (2006), contando com alguns dos mais selectivos e exigentes programas académicos do país, um elevado número de unidades de investigação acreditadas e tendo cerca de 10% de alunos (1624 alunos estrangeiros) de 70 nacionalidades diferentes, sendo assim a mais internacional das universidades portuguesas (Plano Estratégico de Coimbra, 2006, pp. 3).

Para além da Universidade de Coimbra com as suas oito faculdades, existem muitas outras escolas e institutos de ensino superior públicos (como o Instituto Politécnico de Coimbra e a Escola Superior de Enfermagem de Coimbra) e privados (Escola Universitária Vasco da Gama, Instituto Superior Miguel Torga, Instituto Superior Bissaya Barreto (ISBB), Escola Universitária das Artes de Coimbra).

Para seguir estudos superiores, Coimbra foi durante séculos, escolhida por um largo número de jovens de todos as regiões de Portugal por ser a única universidade portuguesa. Ainda hoje, apesar da existência de uma vasta rede de ensino superior em Portugal, a cidade goza de algum desse estatuto herdado do passado, a que não é alheia a diversificada oferta nos vários campos de educação, mas também a reconhecida qualidade e prestígio da maioria dos cursos da histórica e emblemática Universidade de

Coimbra, assim bem como o seu famoso ambiente estudantil e a vasta tradição académica que lhe está associada.

4.2.3 A cidade de Évora

Évora como capital de distrito, situada na região Alentejo e sub-região do Alentejo Central tem uma população de cerca de 41 159 habitantes (Censos 2001) e encontra-se em 22º lugar de um ranking de cidades portuguesas (Soares, 2004).

É sede de um dos maiores concelhos de Portugal e dos mais populosos do Alentejo, com 1 309 km² de área que corresponde a 5% da área total do Alentejo Central, subdividido em 19 freguesias das quais sete são urbanas e doze rurais. Deste concelho faz parte o conjunto de freguesias urbanas constituído por Santo Antão, São Mamede, Bacelo, Horta das Figueiras, Malagueira, Sé e São Pedro, e Senhora da Saúde.

A população residente destas freguesias é de 44.806 habitantes (Censos 2001), ou seja, mais 5,7% do que em 1991, altura em que se registavam 42.399. Segundo os dados do último recenseamento (2001), o total do concelho tem cerca de 56.519 habitantes, sendo que 44.806 (79,3%) se encontram a residir na zona urbana e 11.713 (20,7%) na zona rural, traduzindo-se numa densidade populacional de 43,2 habitantes por km². O município é limitado a norte pelo município de Arraiolos, a nordeste por Estremoz, a leste pelo Redondo, a sueste por Reguengos de Monsaraz, a sul por Portel, a sudoeste por Viana do Alentejo e a oeste por Montemor-o-Novo.

A predominância agrícola e o fraco desenvolvimento industrial caracterizam o Alentejo. Porém, face às funções que desempenha na região, Évora como principal pólo urbano em termos populacionais e funcionais, é uma cidade de serviços, cuja dinâmica social e económica tem vindo a acompanhar o crescimento das outras cidades médias, contrariando a tendência regional para o envelhecimento populacional e a desertificação. A capacidade de atracção de novos residentes, nomeadamente uma população estudantil, foi o principal factor que veio contrariar esse processo de envelhecimento/ quebra de natalidade.

Presentemente, o concelho de Évora mantém uma posição de importância no sector primário na economia concelhia e um importante peso do sector terciário, afirmando-se o papel desta cidade como pólo regional de comércio e serviços (principalmente sociais e de apoio à actividade económica). No sector dos serviços, destaca-se a importância das actividades ligadas à Administração Pública,

nomeadamente nos serviços ligados às empresas e para a saúde, decorrentes da condição de capital de Distrito. Face isto, a cidade assume claramente uma vocação patrimonial, cultural, universitária e de serviços.

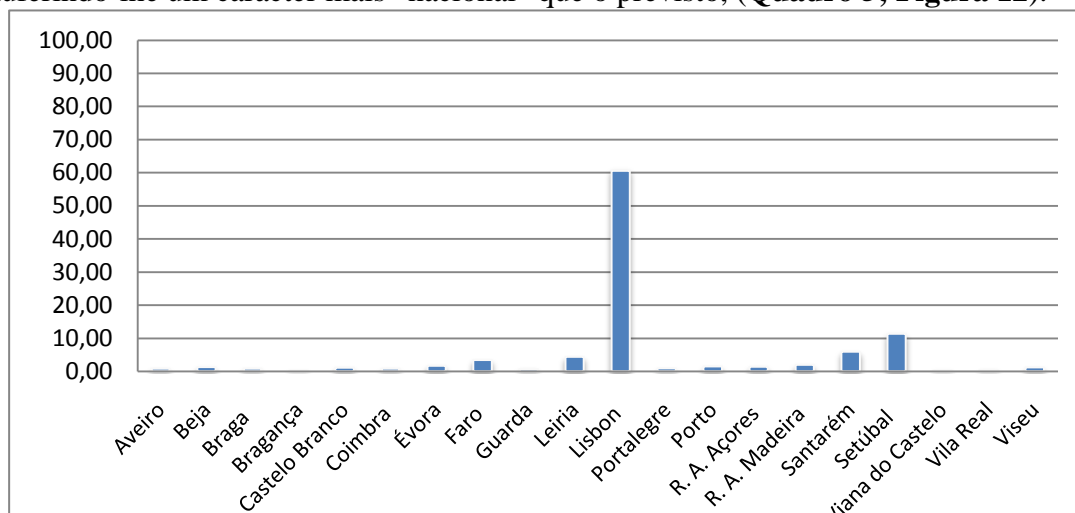
A Universidade de Évora foi a segunda universidade a ser fundada em Portugal, pois após a fundação da Universidade de Coimbra (1537) fez-se sentir a necessidade de uma outra universidade que servisse o sul do país. Évora como uma metrópole eclesiástica e residência temporária da Corte surgiu desde logo como a cidade mais indicada. Ainda que a ideia original da criação da segunda universidade, tenha pertencido a D. João III, coube ao Cardeal D. Henrique a sua concretização. Interessado nas questões de ensino, começou por fundar o Colégio do Espírito Santo, confiando-o à então recentemente fundada Companhia de Jesus. Posteriormente a transformação do Colégio em Universidade plena foi expressa em 1559 e foi então criada a nova Universidade, com direito a leccionar todas as matérias, excepto a Medicina e o Direito.

O prestígio da Universidade de Évora durante os dois séculos da sua primeira fase de existência baseou-se muito no prestígio e no valor científico dos seus docentes. Apesar das tentativas de modernização e abertura ao novo espírito científico, que caracterizam a Universidade setecentista, verificou-se que a exemplo da Universidade de Coimbra, o seu esforço não se traduziu numa abertura dos espíritos às necessidades dos novos tempos revelando-se o sistema de ensino como um todo, desajustado e antiquado. Quando a conjuntura política e cultural do século XVIII se começou a revelar hostil aos jesuítas, a Universidade de Évora transformou-se num alvo da política reformadora e centralista do Marquês do Pombal. Em 1759, duzentos anos após a fundação, a Universidade foi encerrada em consequência do decreto de expulsão e banimento dos jesuítas. Voltou a ser reaberta em 1973, por decreto do então Ministro da Educação, José Veiga Simão. No mesmo local onde a antiga Universidade fora fechada, foi criado o Instituto Universitário de Évora que viria a ser extinto em 1979, para dar lugar à nova Universidade de Évora (<http://www.uevora.pt>).

4.3. Caracterização da amostra

A análise foi feita em Lisboa, Coimbra e Évora, três cidades escolhidas pelo seu tamanho diferenciado, pelas suas posições demográficas, geográficas e pelas características regionais das áreas. Lisboa, a capital, é claramente a maior cidade do país onde os estudantes têm uma grande representação, situação que pode influenciar na sua percepção do mundo. Coimbra e Évora são cidades de média dimensão da rede urbana portuguesa e considerou-se que teriam um carácter regional, e por isso os seus estudantes poderiam ter visões diferentes.

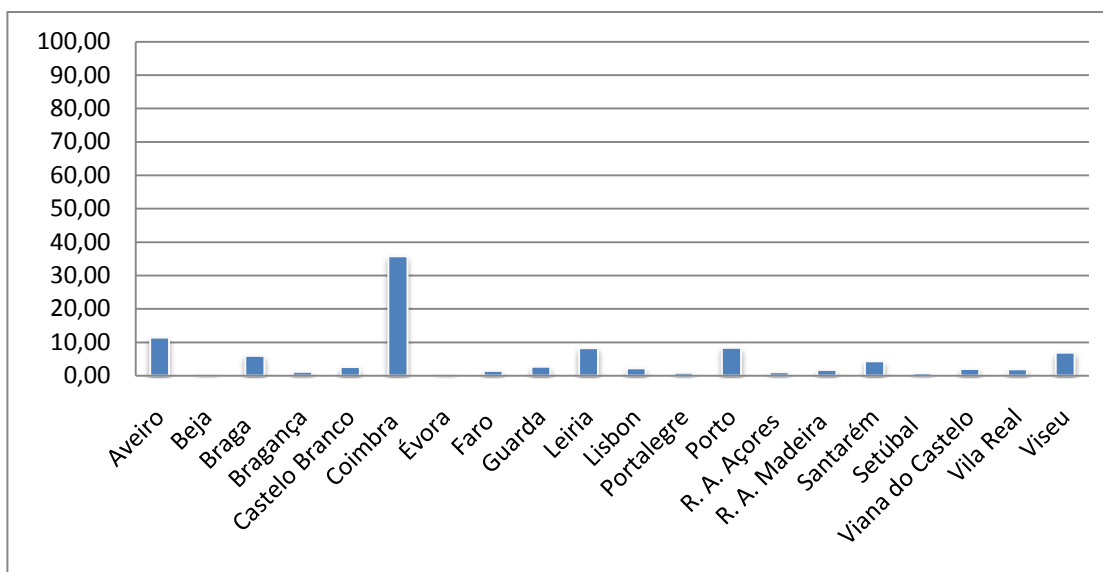
No entanto, os dados da Direcção Geral de Ensino Superior (dados de 2009) demonstram que a origem dos estudantes universitários que entram naquelas três cidades tem uma repartição um pouco diferente da esperada inicialmente. Lisboa, perante os dados da origem dos estudantes universitários que entraram em 2009, evidencia claramente um carácter mais regional, (**Quadro 1¹**; **Figura 10**) já em Coimbra e Évora é revelada uma situação um pouco diferente. Nestas duas cidades, ao analisarem-se os gráficos da origem geográfica dos estudantes universitários, verifica-se que estes são oriundos de muitos mais distritos do que no caso de Lisboa, sendo que, em Coimbra verifica-se uma grande atracção dos distritos circundantes da região centro do país (**Quadro 3**; **Figura 11**). Em Évora encontram-se alunos provenientes de origens geográficas também mais diversas, abrangendo todos os distritos da região sul do país, e auferindo-lhe um carácter mais “nacional” que o previsto, (**Quadro 5**; **Figura 12**).



Fonte: Mobilidade entre distritos 2008-09. Ministério da Ciência, Tecnologias e Ensino superior. Direcção Geral do Ensino Superior.

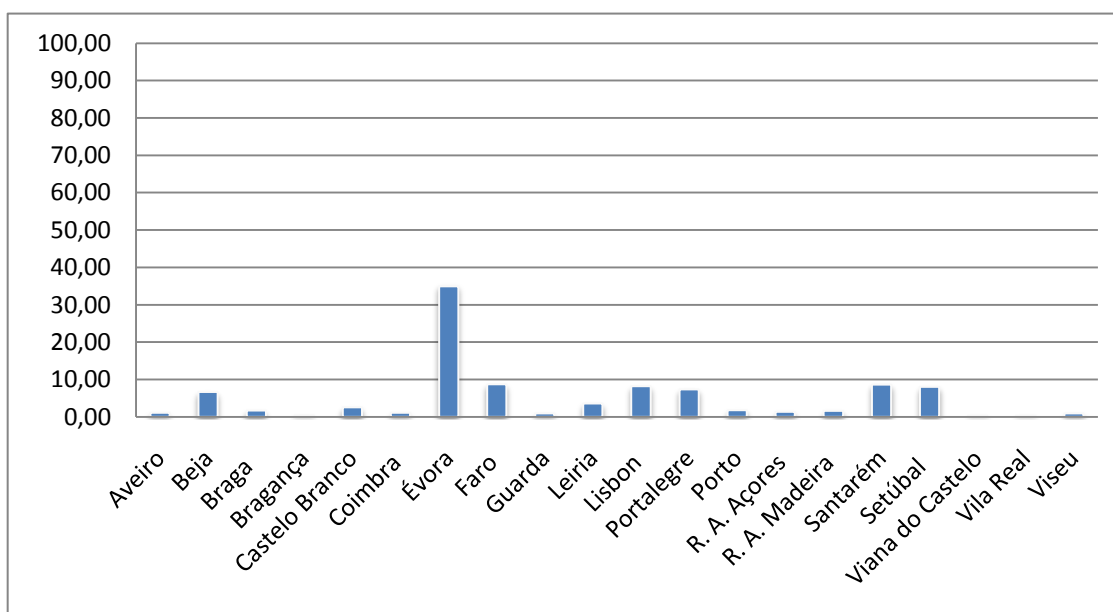
Figura 10: Origem geográfica dos estudantes em Lisboa

¹ Todos os quadros referidos ao longo da dissertação estarão em anexo, salvo as excepções referidas no corpo do texto



Fonte: Mobilidade entre distritos 2008-09. Ministério da Ciência, Tecnologias e Ensino superior. Direcção Geral do Ensino Superior.

Figura 11: Origem Geográfica dos estudantes de Coimbra



Fonte: Mobilidade entre distritos 2008-09. Ministério da Ciência, Tecnologias e Ensino superior. Direcção Geral do Ensino Superior.

Figura 12: Origem dos estudantes de Évora

Nas Universidades de Lisboa, os estudantes são oriundos principalmente dos municípios e regiões vizinhas, o que é justificado pela importância da metrópole (1/4 da população do país, é uma grande representatividade). Contudo as áreas de Medicina e de Direito são uma excepção a este contexto, isto porque têm estudantes que são originários de vários lugares do país, por serem cursos que não existem em todas as

universidades. No caso dos estudantes de medicina, este evento ainda se associa à média de entrada no curso ser muito elevada o que de facto aumenta a escolha. Neste contexto, como Universidades prestigiadas, Lisboa e Coimbra, nestes cursos apresentam a média de acesso mais alta, nomeadamente em domínios como Medicina, Arquitectura, Direito e Economia.

Évora, por outro lado, por ser uma área menos povoada na sua imediação, normalmente recebe estudantes de regiões diferentes do país, normalmente com a média de entrada mais baixa. Além disso, Évora não possui Faculdade de Medicina (apenas detém Faculdade de Enfermagem) ou de Direito, ou seja, não atrai essa componente da população estudantil.

A amostra conta com os seguintes números: 120 estudantes inquiridos em Évora, 120 estudantes em Coimbra e 240 em Lisboa (**Quadro7**).

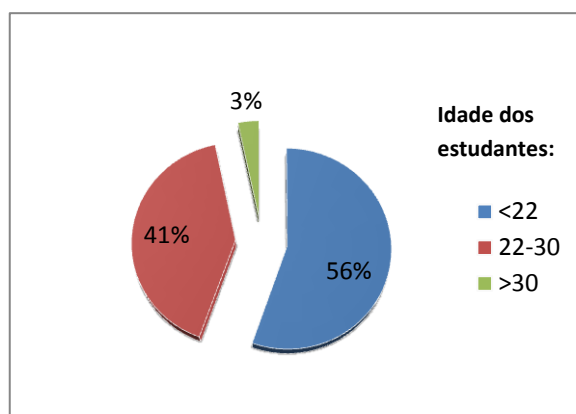
	<i>Artes</i>	<i>Economia</i>	<i>Engenharia</i>	<i>Saúde</i>	<i>C. Políticas</i>	<i>C. Sociais</i>	<i>Total</i>
Coimbra	20	20	20	20	20	20	120
Évora	20	20	20	20	20	20	120
Lisboa	40	40	40	40	40	40	240
Total	80	80	80	80	80	80	480

Fonte inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 7: N.º de inquéritos realizados por cidade e área académica

Lisboa, como capital, tem um dos maiores pólos de concentração de estabelecimentos de ensino superior e possui algumas das melhores universidades do país, sendo assim, é uma área bastante apreciada pelos estudantes para frequência universitária. Coimbra, por outro lado, está localizada no centro do país e é claramente uma cidade universitária, desde o século XIII. O contexto de Coimbra e a boa qualidade do ensino atraem estudantes de todo o país e é neste contexto que Coimbra possui uma capacidade alargada de atracção de estudantes que queiram ingressar no ensino superior. Enquanto Évora, localizada ao sul de Lisboa, corresponde a uma capital regional especializada em serviços públicos para servir uma população com uma baixa densidade populacional e uma região menos desenvolvida economicamente, mas com grande proximidade a Lisboa, constituindo-se como uma alternativa.

Cerca de 56 % dos estudantes tem menos de 22 anos, sendo a maior parte destes mulheres e 41 % dos estudantes têm entre 22 e 30, a maior parte destes homens (**Figura 13**). A maioria dos estudantes inquiridos encontrava-se a frequentar o terceiro ano de frequência universitária.

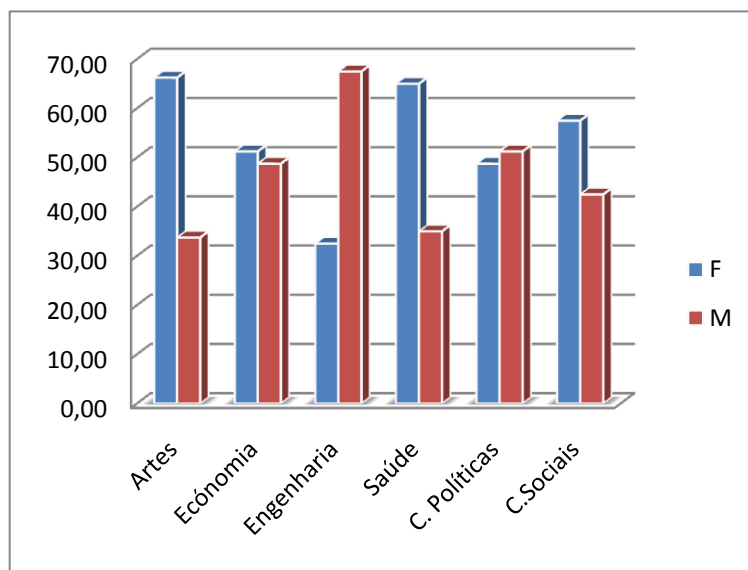


Fonte inquérito 2009. Tratamento próprio.

Figura 13: Frequência de idade dos inquiridos

A análise dos questionários demonstra que a repartição total de homens e mulheres na amostra é equilibrada, embora as mulheres estejam um pouco sobre representadas (53,5 % da amostra) (**Quadro 8**). No entanto também se pode denotar que nos casos de Coimbra e Évora essa diferença entre homens e mulheres é superior (55% de mulheres na amostra) a Lisboa onde a amostra está muito perto do equilíbrio (51,7% para as mulheres e 48,3% para os homens) (**Quadro 9**).

Contudo, quando analisamos as áreas académicas, a divisão por género é um pouco diferente, pois verificou-se que algumas áreas académicas são mais atractivas para homens do que para mulheres, e o contrário também se verifica (**Figura 14**). A amostra evidencia uma grande sobrerrepresentação de mulheres nas áreas de Artes e Saúde, e embora menor que as áreas anteriormente referidas uma sobrerrepresentação nas áreas das Ciências Sociais. Os homens estão sobretudo sobrerrepresentados nas áreas da Engenharia. Nas áreas de Ciências Políticas e Economia a amostra é bastante bem equilibrada entre ambos os sexos.



Fonte inquérito 2009. Tratamento próprio.

Figura 14: Género por área académica

Quando analisadas as áreas académicas por cidades denota-se algumas variações que não são detectadas na amostra ao nível nacional (**Quadro 9**). Em Coimbra a Engenharia é a área com maior número de homens (65%), sendo as restantes áreas dominadas por mulheres. A única situação em que de facto, a amostra se encontra equilibrada, é em Ciências Sociais, em que se encontrou igual número de homens e mulheres. Évora por conseguinte evidencia um padrão bastante diferente, as Ciências Políticas e as áreas de Economia são dominadas pelos homens, enquanto as áreas da Saúde, Engenharias e Ciências Sociais são mais ocupadas por mulheres. Neste caso destaca-se a sobrerepresentação das áreas da Saúde que são ocupadas por 75 % das mulheres, facto explicado pela inexistência de curso de medicina, apenas enfermagem, curso ocupado maioritariamente pelo sexo feminino. A única área de facto tem uma representação equilibrada de homens e mulheres é Artes.

Em Lisboa, Engenharia é maioritariamente ocupada por homens (85% da amostra masculina em Lisboa), enquanto Artes, Saúde e Ciências Sociais são ocupadas na sua maioria por mulheres. Artes é um dos casos em que população feminina ocupa um lugar de nítido destaque com 78% da amostra. Nas áreas da Economia e Ciências Políticas a amostra é equilibrada, tendo sido verificado igual número de homens e mulheres.

Capítulo V – A Visão da Europa no Mundo pelos estudantes universitários Portugueses

5.1. A vivência do Mundo pelos estudantes

A análise dos resultados do contexto socioeconómico e espacial da família dos estudantes é bastante importante para explicar a visão dos estudantes do mundo mas também é bastante interessante estudar o contexto por si próprio.

5.1.1. Origens e percursos geográficos da família

O resultado de questionários mostra, como seria de esperar, que a grande maioria de estudantes nasceu em Portugal. De facto, apenas 7,3% dos estudantes analisados não nasceram em Portugal (**Quadro 11**). Daqueles que não nasceram em Portugal, 9 vieram do Brasil, 5 de Cabo Verde, 5 da Suíça e 4 de França, facto que demonstra uma relação forte com rotas de migração e relações históricas e culturais (**Quadro 10**). Nos casos do Brasil e Cabo Verde correspondem a fluxos de imigrantes, no caso da França e da Suíça, alguns estão relacionados com famílias que trabalhavam nesses países e retornaram a Portugal, pelo que os seus descendentes decidiram ficar e estudar em Portugal.

Apesar deste valor médio que evidencia a realidade portuguesa, existe uma pequena diferença em Coimbra, que de facto a define como a cidade mais internacional das três, onde o número de estudantes não nascidos em Portugal é mais alto (8,3 %) que em Lisboa e Évora (7,5 % e 6,7 % respectivamente). Este caso pode ser ligado à atracção pelas áreas académicas leccionadas e à representação de emigrantes retornados à região Centro (**Quadro 11**). Évora neste contexto, embora seja a cidade com alunos provenientes de mais locais do país, é também a cidade com menos estudantes nascidos num país estrangeiro.

Uma análise mais detalhada mostra que 90,8 % dos estudantes inquiridos nasceram no mesmo país de que o seu pai e de que a sua mãe (**Quadro12**).

Os pais nascidos fora de Portugal vieram de 14 países diferentes de todo o mundo. Os lugares de nascimento dos pais são principalmente Angola (15), Cabo Verde (9), Moçambique (7) e Brasil (5). As mães nascem em 16 países diferentes, principalmente em Angola (15), no Brasil (10), em Cabo Verde (7) e em Moçambique (5) (**Quadro 13**). Estes resultados são bastante coerentes, primeiro com os lugares da origem das colónias portuguesas ou países com relações de migração com Portugal.

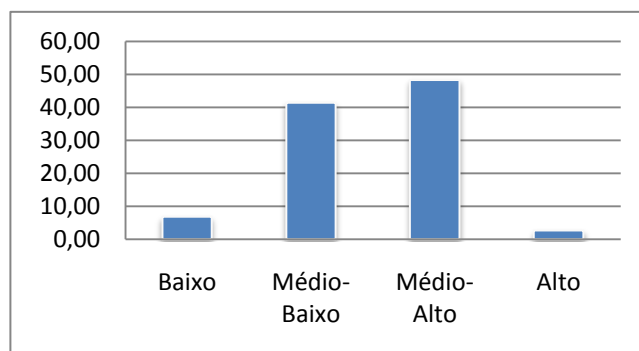
Os filhos destas pessoas têm normalmente a dupla nacionalidade (português e uma outra, dependendo da sua origem). No entanto, é interessante verificar que embora o maior número de estudantes estrangeiros esteja em Coimbra, a cidade com maior número de pais com nacionalidade estrangeira é Lisboa. O que nos mostra um maior contexto internacional dos estudantes da capital, demonstrado por uma geração de filhos de imigrantes que já nasceram em Portugal (**Quadro 11**).

5.1.2. O contexto socioeconómico do agregado familiar

No que respeita ao estatuto socioeconómico considerou-se que esta era uma variável fundamental. Sabendo de antemão a dificuldade em obter quantitativos exactos do rendimento das famílias, optou-se por questioná-las de forma qualitativa, considerando 4 classes económicas: Baixa, Média-baixa, Média-Alta e Alta.

Considerando este quadro de perguntas/respostas, a grande maioria de estudantes portugueses inquiridos posiciona-se nas duas classes médias relativas ao nível de rendimento - classe média baixa e classe média alta (**Figura 15**) mas também nas mesmas classes relativamente ao nível de educação dos seus pais.

No que diz respeito ao rendimento, a maior parte dos estudantes (48,3 %) declaram pertencer à classe média alta. Só 6,9 % declaram para pertencer à classe baixa, e menos ainda declaram pertencer à classe alta de rendimento (**Quadro 14**).



Fonte inquérito 2009. Tratamento próprio.

Figura 15: Nível de rendimento dos inquiridos

Estes valores demonstram de certa maneira uma realidade “nacional” no que respeita ao nível socioeconómico dos estudantes que frequentam o ensino superior. No entanto, quando analisamos por cidades evidenciam-se realidades um pouco diferentes. Se analisarmos o contexto socioeconómico das cidades de Coimbra e Évora, o nível de rendimento dominante ou mais representativo é geralmente médio baixo e em Lisboa médio alto.

Relativamente a Lisboa a população releva-se mais concentrada na classe média alta com 59,2% dos alunos. Também é esta cidade que apresenta menor número de alunos que respondeu pertencer à classe baixa (2,5%).

Quando vista esta realidade económica por área académica mais uma vez verifica-se que a amostra dos alunos de todas as áreas se posiciona na classe média alta à excepção dos alunos de Engenharia que se encontram igualmente distribuídos entre a classe média baixa e a classe média alta. Outro facto a destacar é que os alunos de Saúde em Lisboa são os que possuem maior nível de rendimento, isto porque além da sua maioria pertencer à classe média alta, ainda 12,50% destes estudantes pertencem à classe alta.

Em Coimbra a situação altera-se um pouco, sendo que nesta cidade a maioria dos seus estudantes pertence à classe média baixa (46,7%), 9,2% dos seus alunos pertence à classe baixa e 4,2% à classe alta, este número é destacado porque é a cidade que possui maior número de estudantes pertencentes à classe alta.

Quando relacionado o rendimento dos estudantes de Coimbra por área académica verifica-se que a maioria dos alunos se posicionam na classe média baixa, com a excepção das áreas da Saúde e das Ciências Políticas que se encontram mais representadas nas classes médias altas e altas (65% e 55%). Os alunos de Engenharias estão mais uma vez distribuídos igualmente pelas classes médias altas e classes médias baixas.

Évora, similarmente a Coimbra, tem uma maioria de estudantes que se classificam como pertencentes à classe média baixa (50% dos estudantes de Évora), no entanto esta cidade destaca-se num aspecto, no facto de ter também o maior número de estudantes pertencentes à classe baixa (13,3%), o que lhe dá o estatuto da cidade com alunos com mais baixos rendimentos. Nesta cidade por área académica a maior parte dos alunos coloca-se na classe média baixa e baixa com valores superiores a 50%, a

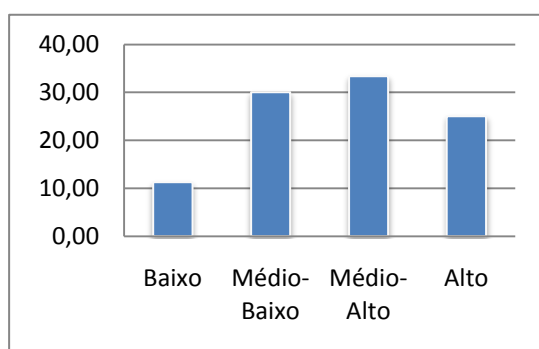
única área académica que é excepção a esse padrão é Economia onde 60% dos estudantes pertence à classe média alta (**Quadro 15**).

No geral, relacionando a variação do nível socioeconómico por área académica, verificamos que por áreas de estudo, o maior número de respostas médias altas e altas estão na área da Saúde (57,5%), excepto em Évora (talvez porque não existe o curso de Medicina, mas sim o curso de Enfermagem), nas áreas das Ciências Sociais (53,8%) e Economia (53,8%) (**Quadro 16**).

Se analisado por género o rendimento assume outra leitura. Em Lisboa são as mulheres que se encontram dentro das classes de rendimento mais altas (70,2% de mulheres pertence as classes média alta e alta), o que explica, como já foi verificado também, que sejam elas que viajam mais. Similarmente, em Coimbra são também as mulheres que ocupam maior percentagem dentro das classes de rendimento escolhidas (baixa e média baixa), dentro da classe média baixa, elas ocupam 48,5% da amostra, os homens por outro lado encontram-se igualmente dispersos entre a classe média baixa e média alta (44,4%). Por outro lado, também é de referir que mais mulheres que homens pertencem a classe baixa (10,6% das mulheres em Coimbra pertence a classe baixa).

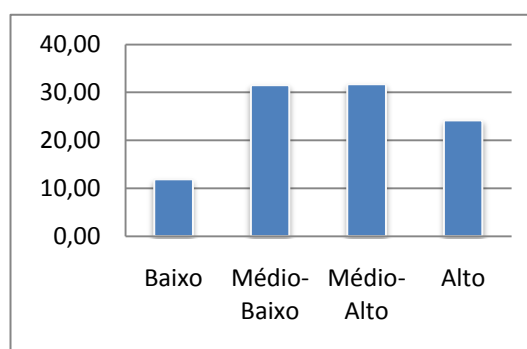
Em Évora a maior parte das mulheres encontra-se concentrada na classe média baixa (56,7%), os homens por outro lado encontram-se distribuídos com a mesma percentagem entre a classe média baixa e classe média alta (41,5%) (**Quadro 17**).

O nível do rendimento no caso português é uma variável determinante para todas as variáveis, porque também está associado à escolha da área científica dos estudantes. Os estudantes que estão em medicina nas Universidades de Lisboa e Coimbra, consideradas como duas das universidades mais prestigiadas do país, têm uma origem socioeconómica média alta. Significa que são estes alunos que possuem melhor aproveitamento escolar, bem como um melhor conhecimento do mundo, causado pelo maior número de viagens, maior conhecimento de línguas para além da língua materna, e o melhor acesso a tecnologias de informação e comunicação.



Fonte inquérito 2009. Tratamento próprio.

Figura 16: Nível de escolaridade do pai



Fonte inquérito 2009. Tratamento próprio.

Figura 17: Nível de escolaridade da mãe

Os padrões são bastante semelhantes para o nível da escolaridade dos pais (**Figura 16 e 17, Quadro 19**), exceptuando que o nível de escolaridade alto dos pais é escolhido muito mais frequente que o nível de rendimento alto. Verifica-se assim, que embora muitos dos pais dos estudantes inquiridos possuam um nível de escolaridade elevado, isso não se reflecte necessariamente num nível de rendimento alto. Igualmente à variável socioeconómica, também a distribuição do nível de escolaridade está maioritariamente concentrada entre o nível de educação médio baixo e médio alto (63,3%).

No caso do nível de escolaridade do pai e por cidade, evidenciamos que Lisboa é a cidade que tem mais pais com estudos superiores (28,3%) seguindo-se Coimbra (22,5%) e depois Évora (20,8%) (**Quadro 20**). O nível de escolaridade da mãe evidencia os mesmos padrões (63,1% pertencem às classes intermédias) mas destaca-se um aspecto interessante, 30,4% têm em Lisboa níveis de escolaridade mais alta que os seus companheiros, mas em contrapartida em Coimbra e Évora têm valores bastante mais baixos que os seus companheiros (19,2% e 16,8% contra 22,5% e 20,8% dos pais) (**Quadro 21**). Quer isso dizer que nas cidades médias ainda se denotam diferenças entre níveis educacionais dos pais, os homens têm mais frequentemente uma formação superior às mulheres, ao passo que em Lisboa essa realidade já não se concretiza.

O nível de escolaridade dos pais quando associado ao rendimento por cidade demonstra que existe uma associação entre o nível académico dos pais e o seu estatuto socioeconómico (**Quadro 22 e 23**). De facto quanto maior é o grau de escolaridade dos pais, maior é o nível de rendimento da família, e isto é uma constante nas três cidades analisadas.

A variável do rendimento estabelece uma importância bastante relevante na análise de todas as variáveis, isto é, o estatuto socioeconómico por sua vez também vai influenciar a mobilidade das famílias ao nível das viagens que fazem e do conhecimento que possuem do mundo. Quando relacionadas estas duas variáveis (o rendimento e o número de viagens realizadas) é revelado, como não podia deixar de ser, que as classes média alta e alta são as que na sua maioria afirmam já ter visitado quatro ou cinco países. Por outro lado os estudantes que provêm de famílias de classe baixa e média baixa, na sua maioria, apenas visitaram um país ou até nenhum (**Quadro 18**).

5.1.3. A religião como característica diferenciadora

Esta variável mostrou primeiramente uma menor permeabilidade dos jovens face à religião, pois cerca de 23,5% dos estudantes declaram pertencer a uma determinada religião ou possuir uma determinada crença. Entre eles, 18,3% dos estudantes afirmam ser Cristãos (88 estudantes), 4 Budistas e 2 Espíritas (**Quadro 24**).

Os estudantes portugueses afirmam que não estão ligados a uma determinada religião ou crença (76,5% dos estudantes afirmam não possuir nenhuma religião) mas entre aqueles que têm uma religião a maioria são Cristãos não praticantes, o que contraria as gerações anteriores que em geral são muito religiosas. Os jovens são hoje menos ligados a práticas religiosas, não tendo contudo nada contra elas.

Dentro das três cidades onde foram realizados os inquéritos podemos chegar à conclusão que a cidade “mais religiosa”, ou seja, a cidade onde maior número de estudantes afirmou pertencer a uma religião é Coimbra, com 27,5%, sendo que dentro desses, 24,2% afirmam ser cristãos e 1,7% são budistas. No entanto, quanto à diversidade de religiões é Lisboa, que ganha protagonismo. Por outro, lado Évora é a cidade menos religiosa, com apenas 20,8% dos estudantes a afirmar pertencer a uma religião (**Quadro 25**). Por outro lado também podemos destacar que no geral as mulheres são mais religiosas que os homens, à excepção das inquiridas em Évora, onde na verdade os homens são mais religiosos que as mulheres (82,1% das mulheres afirma não possuir nenhuma religião contra 75,5% dos homens) (**Quadro 26**).

5.1.4. A diversidade de línguas faladas como um indicador do potencial conhecimento sobre o mundo

O número médio de línguas faladas pelos estudantes portugueses é de 2,68. Entre eles, 4,4 % dos estudantes afirma apenas falar uma língua (21 estudantes), mas a maioria dos estudantes declara falar (ou ter falado) duas línguas. Aproximadamente 32,5% dos estudantes falam 3 línguas e 18,8% dos estudantes falam quatro línguas ou mais (**Quadro 27**).

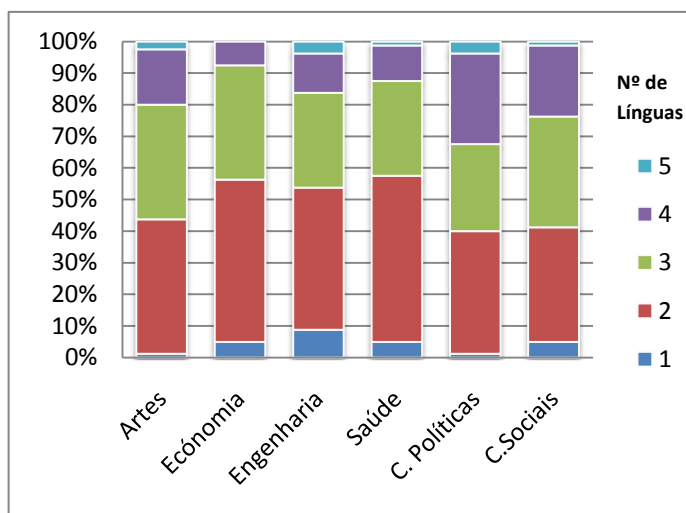
Regra geral, os estudantes portugueses declaram falar duas ou três línguas o que é bastante coerente com o programa de ensino do secundário ensinado nas escolas. Os estudantes portugueses, para além do português que é a sua língua materna, falam principalmente inglês e espanhol e em casos raros italiano e francês. Outras línguas são bastante raras e são principalmente dependentes da origem dos estudantes estrangeiros por exemplo o Romeno, o Russo e o Japonês.

Observando o número de línguas faladas pelo género, encontramos diferenças entre homens e mulheres no que diz respeito a estudantes que falam mais de 3 línguas, 47,9% dos estudantes femininos falam mais de 3 línguas (47,9% das mulheres falam 2 línguas), enquanto 55,9% dos estudantes masculinos falam três ou mais línguas (**Quadro 28**).

Todavia, se analisarmos o número de línguas faladas cruzadas com o género e cidade, a imagem realça alguns contornos interessantes (**Quadro 29**). Em Évora e Coimbra a maioria das mulheres fala entre uma e duas línguas (55,2% e 57,6% respectivamente) os homens em contrapartida são quem falam mais línguas (58,5% e 53,7% falam mais de 3 línguas). No entanto um aspecto que pode ser destacado é o facto de em Lisboa se encontrar a melhor performance em termos de mais de 3 línguas faladas (53,3% dos estudantes Lisboetas falam três línguas ou mais), em ambos os sexos (52,4% das estudantes femininas e 54,3% dos homens falam três línguas ou mais), nas cidades de tamanho médio os valores não são tão elevados.

A divisão é contudo bastante diferente se considerada a repartição das línguas faladas segundo áreas académicas (**Figura 18**).

Mais de 50 % dos estudantes das áreas de Saúde, Economia e de Engenharia falam uma ou duas línguas. As áreas em que na sua maioria os estudantes falam 3 ou mais línguas são Artes, Ciências Políticas e Ciências Sociais todas com mais de 50% de representação (**Quadro 27**).



Fonte inquérito 2009. Tratamento próprio.

Figura 18: Número de línguas faladas por área académica

Relacionando a cidade com as áreas de estudo em análise verifica-se uma distribuição mais detalhada dos resultados. Em Coimbra, 47,5% dos estudantes inquiridos falam 3 línguas ou mais. 65% dos estudantes de Artes entrevistados falam mais de 3 línguas assim como, 50% dos estudantes de Engenharia, Ciências Políticas e Ciências Sociais. As áreas de Economia e Saúde, por outro lado, são onde os alunos afirmam falar na maioria uma ou duas línguas (55% dos alunos em Economia e 75% em Saúde). Em Évora, por outro lado, 50,8% dos estudantes falam três línguas. As áreas de Artes, Ciências Políticas e Ciências Sociais são as áreas em que existe maior número de pessoas a falar mais de 3 línguas (55%, 65 e 60% respectivamente). Em contrapartida a maioria dos estudantes das áreas de Economia, Engenharia e Saúde falam apenas uma ou duas línguas. Em Lisboa as imagens mantêm-se consistentes com as outras cidades, sendo as áreas de Ciências Políticas, Ciências Sociais e Artes também das que falam mais línguas, mas adicionando a estas a área da Saúde, que em Lisboa aparece também como uma área multilingue talvez associado ao estatuto socioeconómico elevado e grande número de viagens realizadas por estes estudantes. Por outro lado, Economia e Engenharia permanecem em Lisboa como as áreas académicas menos versáteis em termos de línguas faladas (**Quadro 30**).

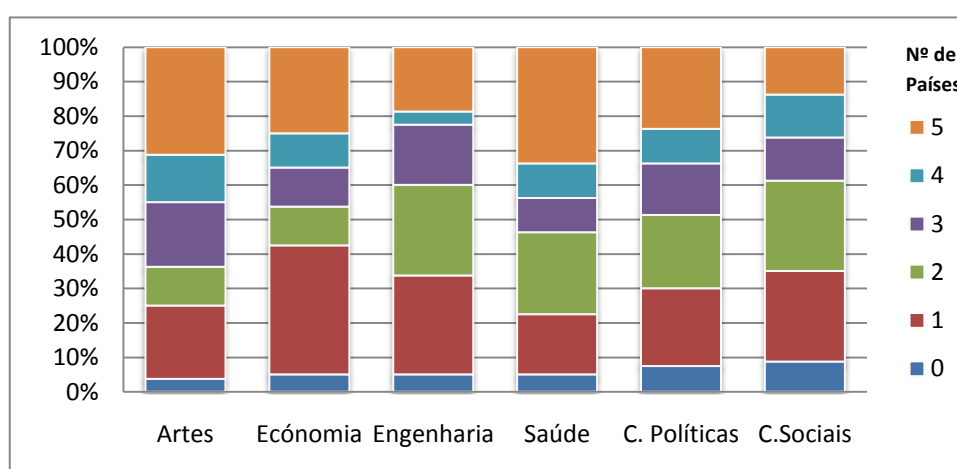
Nesta análise podemos deduzir que as áreas mais multilingues comuns às três cidades são Artes, as Ciências Políticas e as Ciências Sociais, o que parece bastante coerente quando desdobramos essas áreas por cursos agrupados nestas e verificamos

que são as áreas mais amplas e menos técnicas ao nível de conhecimentos, com um conhecimento do mundo muito mais abrangente que áreas mais técnicas como a Economia, a Engenharia e a Saúde.

5.1.5. As viagens realizadas como um indicador da mobilidade geográfica dos estudantes

Os estudantes portugueses citaram uma média de 2,7 países visitados, 48,5% declaram ter visitado três ou mais países. Aqueles que não declaram nenhum país em absoluto são 5,83% dos estudantes (28 estudantes) (**Quadro 31**).

As áreas onde os estudantes são mais móveis (tendo visitado mais de três países) são em Artes 63,8%, seguidos por Saúde 53,8% e Ciências Políticas 48,8%. A Engenharia e as Ciências Sociais são as áreas com menos viagens (40% e 38,8% respectivamente). 33,8% dos estudantes de Saúde declaram já ter visitado cinco países e 31,25% dos estudantes de Artes declaram o mesmo (**Quadro 32, Figura 19**).



Fonte inquérito 2009. Tratamento próprio.

Figura 19: Número de países visitados por área académica dos estudantes

Esta imagem é bastante consistente com as áreas académicas que possuem maior número de línguas faladas. Depreende-se assim que as línguas faladas têm uma relação com as viagens que os estudantes realizaram (**Quadro 35**). O maior número de línguas faladas por área académica é semelhante nas áreas científicas que visitaram um maior número de países. Dessa maneira Artes e Ciências Políticas demonstram essa relação, a

única excepção será o caso da área da Saúde, no entanto, deduz-se que essa explicação se relacione também com o estatuto socioeconómico dos estudantes de Saúde.

O número de viagens quando associada à cidade e área académica vem reforçar esta ideia, no entanto, verifica-se uma outra perspectiva (**Quadro 33**).

Mais uma vez, Lisboa é a cidade que contém mais estudantes que visitaram mais do que três países (58,7%). Já Coimbra e Évora têm pequenas percentagens no que respeita às viagens para três ou mais destinos (41,7% e 35%). Em Lisboa todas as áreas académicas, à excepção das áreas da Engenharia, têm representatividade acima dos 50% entre as três e as cinco viagens realizadas, no entanto, a área académica com maior destaque no número de viagens realizadas é a área das Artes com 77,5%, e as áreas de Economia e Ciências Políticas com 60%. Esta cidade possui o menor número de estudantes que responderam nunca ter visitado outro país (4,2%) quando comparados com as respostas de Évora e Coimbra.

Coimbra por outro lado reflecte uma realidade bem diferente da capital, 65% dos estudantes de áreas de Saúde já realizaram entre três ou mais viagens, no entanto, os estudantes das remanescentes áreas académicas na sua maioria realizaram entre uma a duas viagens e 8,3% do total de estudantes inquiridos nesta cidade nunca visitou outros países.

Em Évora a situação altera-se um pouco na medida em que são as áreas das Artes que evidenciam um maior número de estudantes que já realizaram entre três a cinco viagens (65% dos estudantes de Artes inquiridos). Nas restantes áreas académicas a maioria dos estudantes alega ter visitado entre um a dois países e 6,7% respondeu nunca ter visitado nenhum país estrangeiro.

Quando analisada esta variável de acordo com o género outras imagens surgem. Em Lisboa são de facto as mulheres que respondem mais frequentemente que já realizaram 3 ou mais viagens (66,1% das mulheres inquiridas em Lisboa), mas também são estas que quando comparadas com os homens, respondem mais frequentemente que nunca realizaram nenhuma viagem (4,8%).

No caso de Coimbra verifica-se que são os homens que realizam maior número de viagens (48,1%) e que uma grande percentagem das mulheres inquiridas de facto nunca realizou nenhuma viagem (12,1%). Similarmente a Coimbra, também em Évora são os homens que realizam mais viagens, sendo que 49,1% já realizou três ou mais

viagens, no entanto ao contrário das cidades anteriores também são eles que respondem mais vezes que nunca realizaram nenhuma viagem (7,6%) (**Quadro 34**). Se analisado o género por área científica verifica-se que no geral a maioria (mais de 50%) das mulheres em Artes, Saúde e Ciências Políticas já efectuaram três viagens ou mais, sendo estes resultados bastantes consistentes com o estatuto socioeconómico dos alunos dessas áreas e pelo facto que essas áreas são na sua maioria “ocupadas” por mulheres. Já os homens que realizaram na sua maioria (mais de 50%) três ou mais viagens, pertencem também a Artes ou Economia. As áreas da Saúde e das Ciências Sociais possuem 50% dos alunos que realizaram três ou mais viagens (**Quadro 36**).

A vivência dos estudantes pode ser observada no primeiro mapa das viagens realizadas pelos estudantes portugueses. Este representa a percentagem de estudantes que visitaram países diferentes e quais os principais destinos referidos por estes (**Figura 20**). A percentagem de países visitados foi feita sobre o total de respostas dadas pelos estudantes relativas a cada país sobre o total de estudantes inquiridos (480 universitários) (**Quadro 37**).

<i>Países mais visitados</i>	<i>Nº de respostas</i>	<i>Número total</i>	<i>Significância (%)</i>
Espanha	399	480	83,13
França	226	480	47,08
Grã-Bretanha	97	480	20,21
Itália	77	480	16,04
Alemanha	44	480	9,17
Suíça	43	480	8,96
Bélgica	39	480	8,13
Holanda	39	480	8,13
Republica Checa	33	480	6,88
Áustria	26	480	5,42
Brasil	22	480	4,58
EUA	22	480	4,58
Outros	257	480	53,54

Fonte inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 37: Principais destinos de viagens realizadas pelos estudantes

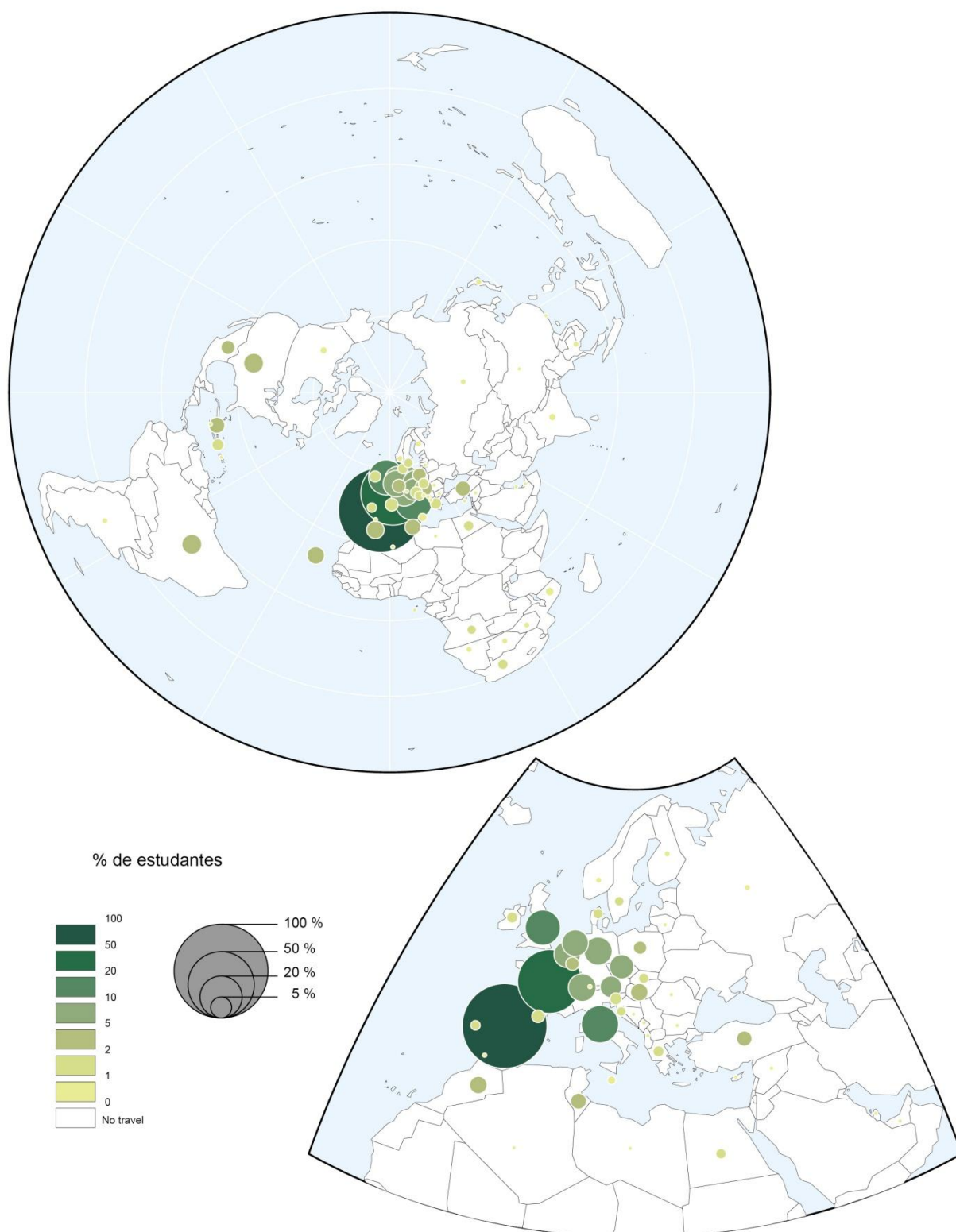
Com base na análise das respostas, verificou-se que no seu conjunto, os estudantes portugueses já visitaram a maior parte dos países na Europa, com especial

ênfase para países da vizinhança como a Espanha, com 83% dos estudantes inquiridos (399 estudantes) a já ter visitado o país e a França, com 47% dos estudantes (226 estudantes), ou outros países populares no contexto nacional, como é o caso do Reino Unido (20,4%, 98 estudantes) e a Itália (com 16%, 77 estudantes). A Alemanha e a Suíça seguem-se com também alguma significância em termos de número de estudantes que os visitaram (9,2% dos estudantes já visitou a Alemanha, em termos absolutos 44 estudantes, e 9% dos alunos já visitou a Suíça, ou seja, 43 estudantes inquiridos).

Os países que são mais distantes têm as percentagens mais baixas (exemplo dos EUA (4,6%), do Brasil (4,6%), de Cuba (2,9%) e do México (2,3%) mas não deixam de surgir como recentes destinos de férias. O caso do Brasil também pode ser referente às ligações que os estudantes têm com o país, quer pela sua nacionalidade quer pela nacionalidade dos pais.

Se analisarmos os países visitados por cidade verificamos que o padrão de países se mantém nas três cidades em análise, mas que Évora mais uma vez evidencia as características da sua população, ou seja, verifica-se menor número de viagens no geral e essa imagem ainda é mais demarcada no que diz respeito a destinos longínquos, os quais quando comparados com as demais cidades são significativamente mais baixos.

Figura 20: Viagens realizadas pelos estudantes portugueses



Fonte : EuroBroadMap WP2 survey



© EuroBroadMap WP2 - C. Didelon - Ana Pedro, CEG

Um segundo mapa corresponde aos países onde os estudantes viveram, mais precisamente aponta os países onde alguns estudantes viveram durante mais de quatro meses (**Figura 21**).

Quando analisamos os números gerais das respostas dadas pelos inquiridos verifica-se que 86% (413 inquiridos) dos estudantes inquiridos nunca viveram fora do país por um período de mais de 4 meses, 13,3% dos estudantes (64 inquiridos) afirma já ter vivido num país por um período superior a quatro meses e 0,6% dos inquiridos (3 inquiridos) afirmam já ter vivido em dois países por mais de quatro meses (**Quadro 38**). A divisão é concentrada na maior parte em países europeus como a Espanha (2,3% dos estudantes já viveram neste país, em número absoluto, 11 estudantes), a França (2,1%, 10 estudantes), a Suíça (2,1%, 10 estudantes), a Itália (1,5%, 7 estudantes), a Grã-Bretanha (1,3%, 6 estudantes) e a Alemanha (0,6%, 3 estudantes), e em países não europeus como o Brasil, 1,7% dos estudantes já lá viveram (8 estudantes) e Angola com 1,4% dos estudantes (5 estudantes). A importância de peso de alguns destes países justifica-se pelo facto de determinado país poder estar associado a questões de migração pela nacionalidade do estudante ou a origem dos pais.

Os EUA (0,4 %, 2 estudantes), Moçambique (0,4 %, 2 estudantes), Cabo Verde (0,4%, 2 estudantes), China (0,4%, 2 estudantes) e Canadá (0,2%, 1 estudante) também aparecem nos países onde os estudantes viveram pelas mesmas razões, mas com menos significância. Em África e na China o padrão do mapa associa-se em grande parte às migrações em direcção a Portugal.

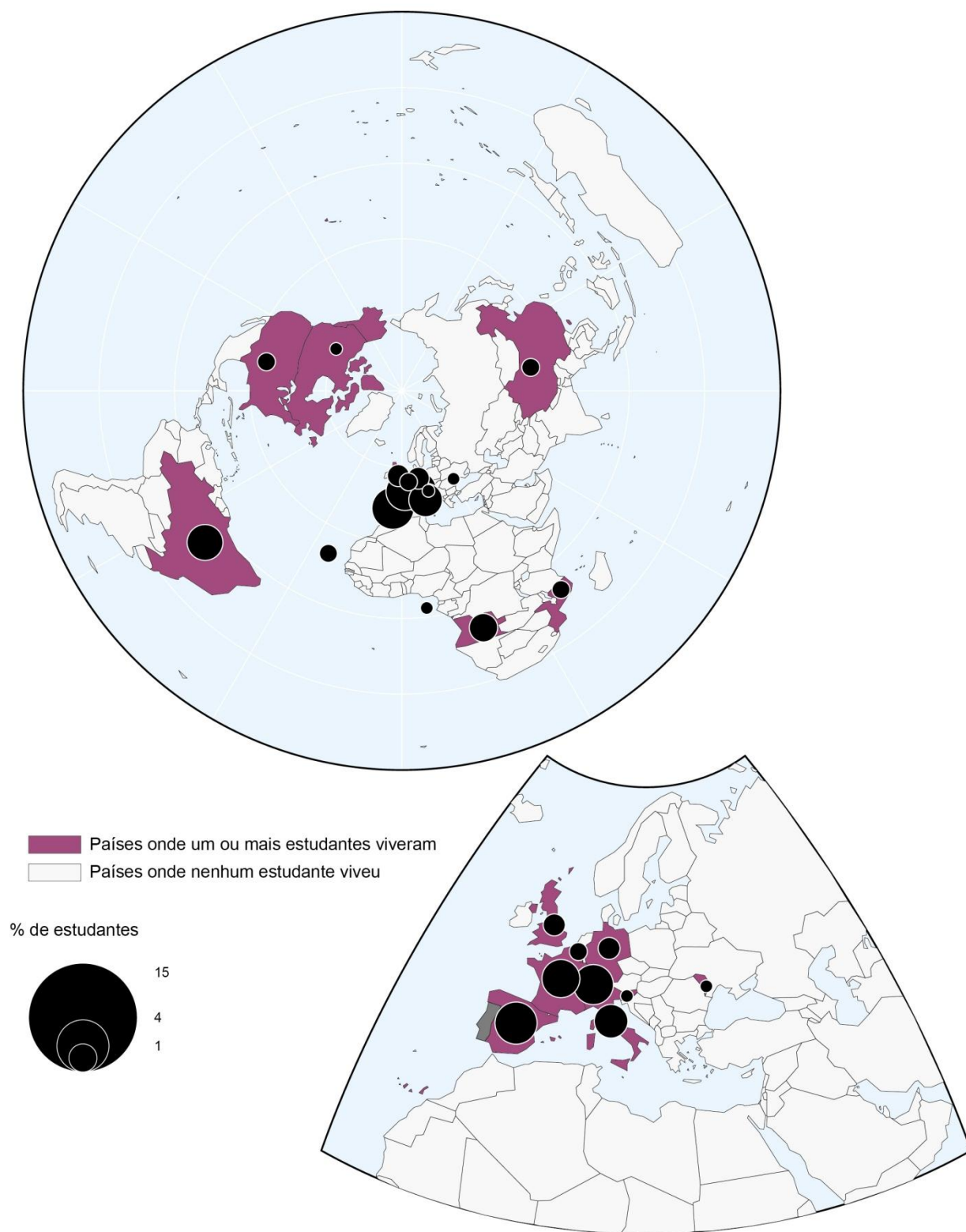
Relativamente à residência em países europeus, esta pode também dever-se, como já foi referido, a questões de retorno de imigrantes, a questões de imigração, ou à atractividade que estes países detêm por razões culturais e programas Erasmus desenvolvidos entre países europeus.

<i>Países onde viveram por mais de 4 meses</i>	<i>Nº de respostas</i>	<i>Número total</i>	<i>Significância (%)</i>
Espanha	11	480	2,29
Suíça	10	480	2,08
França	10	480	2,08
Brasil	8	480	1,67
Itália	7	480	1,46
Angola	5	480	1,04
Alemanha	3	480	0,63
Grã-Bretanha	6	480	1,25
Bélgica	2	480	0,42
China	2	480	0,42
Cabo Verde	2	480	0,42
Moçambique	2	480	0,42
EUA	2	480	0,42
Outros	4	480	0,83

Fonte inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 38: Principais países onde os estudantes viveram por mais de 4 meses

Figura 21: Países onde os estudantes viveram por um período igual ou superior a 4 meses



Fonte : EuroBroadMap Survey - 2009-2010



© Clarisse Didelon - UMR IDEES - CIRTAI - Université du Havre - Âna Pedro - CEG

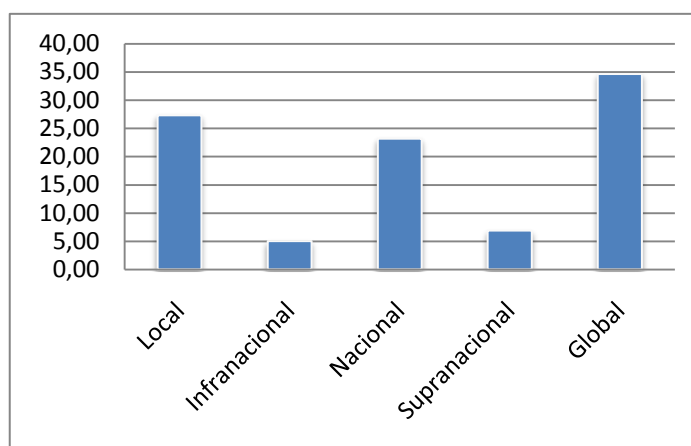
Capítulo VI - Mapas mentais dos estudantes universitários portugueses

6.1. Elementos que contribuem para a configuração dos mapas mentais

6.1.1. O sentimento de pertença: do Local ao Global

A análise do sentimento de pertença permitiu dar ideia do posicionamento dos estudantes inquiridos relativamente ao seu país e à sua relação com a Europa e o Mundo. Para analisar este aspecto foram consideradas algumas questões. A primeira questiona sobre o sentimento de pertença considerando as seguintes possibilidades: Local, Infranacional, Nacional, Supranacional e Global. No fundo, procura-se analisar em que medida os inquiridos se sentem cidadãos do mundo ou, antes pelo contrário, registam posições nacionalistas ou regionalistas.

Dentro da amostra observada, a maioria dos estudantes portugueses declara em primeiro lugar que o seu nível de pertença é o nível Global (34,6%). A segunda escolha remete para uma identificação com o nível Local (27,3 %), logo seguido pelo nível nacional (23,1 %) (**Quadro 39, Figura 22**). O nível Infranacional e o nível supranacional não são muito seleccionados pelos estudantes que responderam a esta pergunta.



Fonte inquérito 2009. Tratamento próprio.

Figura 22: Sentimento de pertença dos estudantes

No contexto desta questão com recurso ao software XLStat, foi realizado o teste do CHI² para assim testar a relação entre o sentimento de pertença e as variáveis que descrevem a experiência do mundo tida pelos estudantes, apresentadas na parte prévia (**Quadro 40**).

Este cruzamento demonstrou as variáveis que mais contribuem para o posicionamento do inquirido no espaço no contexto português. A nacionalidade demonstrou-se fundamental na caracterização do sentimento de pertença dos inquiridos, isto porque, a percepção do mundo para os estudantes que viveram a realidade de dois locais não é a mesma de alguém que sempre viveu no mesmo sítio e não tem relações de pertença com outros países.

As cidades onde foram realizados os inquéritos também demonstraram ser uma variável importante no sentimento de pertença dos estudantes, algo que seria de esperar pela diferenciação interna das cidades em estudo. O género, por sua vez, é também uma variável que se mostrou relacionar com o sentimento de pertença, e é interessante verificar isso. O posicionamento das mulheres no contexto nacional antes do 25 de Abril era bem diferente do que é hoje, pois estas actualmente estão presentes em grande número nas mesmas áreas académicas que os homens e é interessante verificar como este facto influenciou a definição do seu sentimento de pertença.

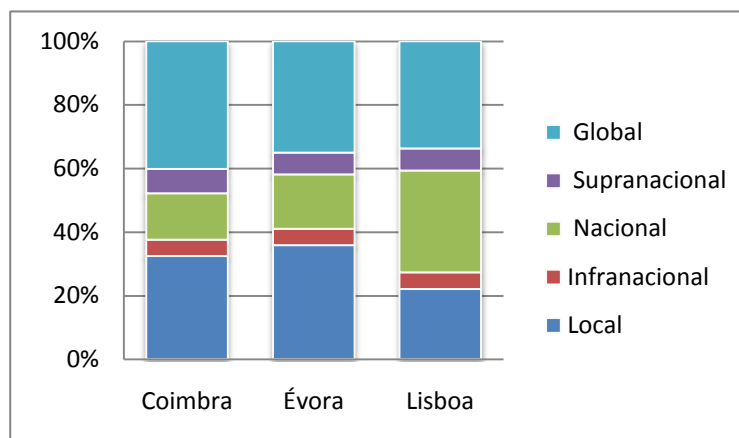
O rendimento, foi outra variável considerada importante na diferenciação do sentimento de pertença dos estudantes, pela sua influencia na possibilidade de abertura ao exterior, nomeadamente através de viagens realizadas.

Tabela CHI2		Significância
Diferença entre o país de análise e o país de nascimento	0,062	S
Diferença entre o país de análise e o país de nascimento da mãe	0,903	NS
Diferença entre o país de análise e o país de nascimento do pai	0,175	NS
Cidade	0,009	S
Nº de países onde viveu	0,065	NS
Área académica	0,199	NS
Género	0,015	S
Nº de Línguas faladas	0,149	NS
Nº de países visitados	0,200	NS
Rendimento	0,040	S
Educação do pai	0,694	NS
Educação da mãe	0,617	NS
Religião	0,659	NS
Diferença entre o país de análise e a nacionalidade	0,190	NS

Fonte inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 40: Significância das variáveis ao sentimento de pertença (CHI2)

Umas das variáveis mais significantes para a criação do sentimento de pertença dos estudantes portugueses são as cidades onde os questionários foram realizados. Significando assim que em Lisboa, Coimbra e Évora, existe uma percepção diferente no que diz respeito ao sentimento de pertença (**Figura 23**).



Fonte inquérito 2009. Tratamento próprio.

Figura 23: Sentimento de pertença por cidade

O lugar da análise é significativa para explicar as escolhas no que diz respeito ao sentimento de pertença, e os resultados são diferentes nas três cidades analisadas.

Embora em Lisboa o sentimento de pertença mais relevante seja o global, com 32,5% das respostas, é verificável que de facto, existem diferenças entre Lisboa, a capital, onde a percentagem de alunos que regista um sentimento de pertença à escala nacional (segundo principal sentimento de pertença) apresenta valores mais elevados (30,8%), que nas outras duas cidades de tamanho médio, onde a sensação de pertença global e local é mais relevante.

Em Évora os estudantes que declaram pertencer a um nível local de pertença estão significativamente representados (35 % dos estudantes de Évora), este facto está relacionado com o tipo de cidade que Évora é, uma cidade do interior, com uma população composta por muitos estudantes que criam um sentimento de pertença associado à área.

Coimbra por outro lado destaca-se pela primazia de um sentimento de pertença na sua maioria global (39,2 %), seguindo-se do sentimento de pertença local (31,7%).

Em Coimbra e Évora, como já foi referido acima, os estudantes são também mais globais que em Lisboa (39,2 % e 34,2 respectivamente, contra 32,5% dos estudantes em Lisboa) (**Quadro 42**).

A escala de pertença por área académica revela que as Ciências Sociais são o domínio com maior sentimento de pertença local e as Artes são as mais globais (**Quadro 41**), o que é compreensível, visto ser esta a área com estudantes mais viajados e multilingues.

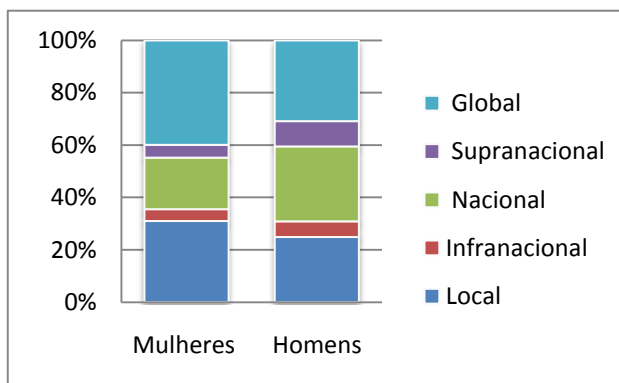
No entanto, se analisarmos a área académica por cidade esta imagem é reforçada.

Em Coimbra, são Artes a área mais global com 55% das respostas, a mais nacional é Saúde com 30% das respostas e os “mais locais” são os estudantes de Ciências Sociais (com 40% das respostas). Em Évora a situação altera-se um pouco e os estudantes mais globais são os de Economia e Engenharia (ambos com 40%).

Relativamente ao sentimento de pertença nacional, tal como em Coimbra, a área de Saúde é a que tem mais destaque (30%) e o nível local de pertença segue o mesmo padrão com a área das Ciências Sociais com maior destaque. Em Lisboa a área das Artes é a área mais global e as Ciências Sociais e as Engenharias as mais locais (30% de representatividade para ambas) (**Quadro 42**).

O sentimento de pertença de acordo com o género revela um padrão bastante interessante.

Na amostra geral, as mulheres apresentam sempre um forte sentimento de pertença à escala local mas também à escala global. Os homens por sua vez, são mais distribuídos pelas escalas de pertença e destacam-se por serem mais ligados ao nível de pertença nacional e supranacional que as mulheres (**Figura 24**).



Fonte inquérito 2009. Tratamento próprio.

Figura 24: Sentimento de pertença por género

Este evento pode estar relacionado com o facto de as mulheres serem mais ligadas à família e aos locais onde a família reside. No caso dos homens, estes são em geral, mais ligados à nação e a sua cultura e interesses, esta mentalidade em grande

parte pode ser fomentada nos homens pela ideia de prestação de serviço militar e cumprimento de dever cívico.

Outra variável que influencia o sentimento de pertença é a mobilidade espacial (isto é, o país da residência dos estudantes é diferente do seu país de nascimento).

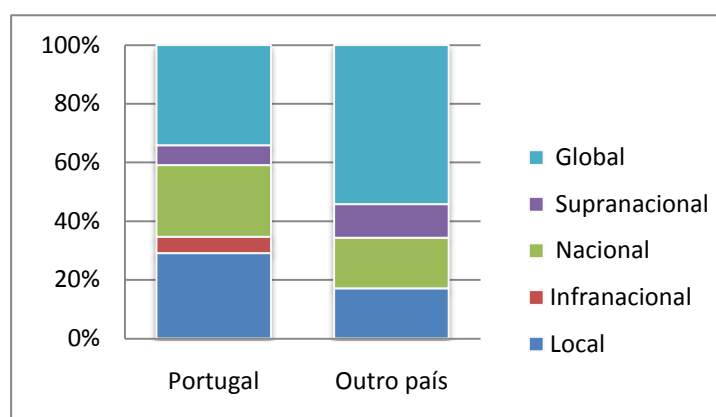
A análise desta variável demonstra que os estudantes que não nascem em Portugal são sobrerrepresentados entre os estudantes que declaram ter o sentimento global como primeiro nível de pertença.

Nesta situação o que é muito reduzido é a representação dos estudantes que declaram

pertencer ao nível nacional, como se a mobilidade espacial tivesse encoberto este nível de pertença que de outra maneira seria mais citado pelos estudantes (**Quadro 44, Figura 25**).

No que diz respeito às diferenças entre o lugar de nascimento dos estudantes e dos seus pais e a sua relação com o sentimento de pertença, as figuras e os efeitos parecem ser os mesmos. Quando a mãe ou o pai não nascem em Portugal, os estudantes estão significativamente sobrerrepresentados entre aqueles que declaram ter um sentimento de pertença de nível global ou supranacional (**Quadro 46 e 47**).

O rendimento, segundo a tabela do CHI2 gera importantes diferenças no sentimento de pertença dos estudantes, no entanto, produz também diferenças relevantes quando analisado juntamente com o sentimento de pertença por cidade. Quando relacionando o sentimento de pertença com o nível de rendimento destacam-se aspectos bastante interessantes. Os estudantes com o nível de rendimento alto, têm um sentimento de pertença mais nacional e global, em contrapartida ignoram por completo a pertença local. Nas classes de baixo rendimento, o nível de pertença local tem a maioria (48,48% dos alunos escolheram o sentimento de pertença local) e na classe

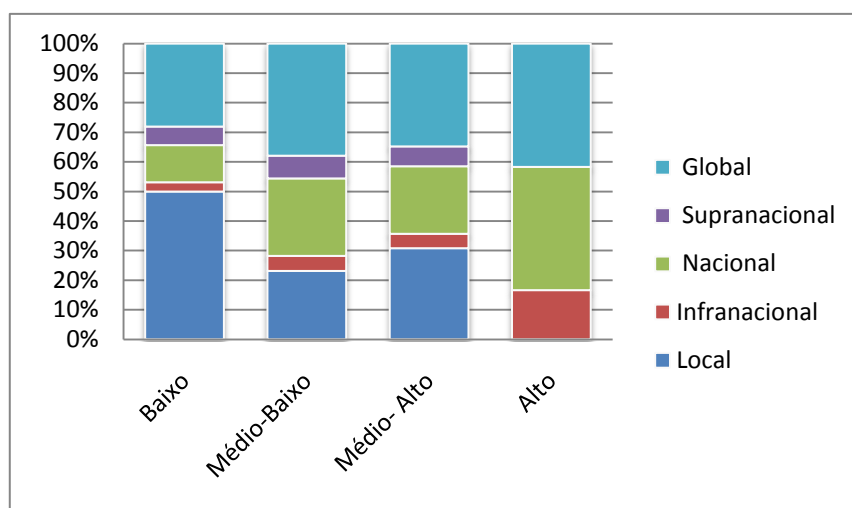


Fonte inquérito 2009. Tratamento próprio.

Figura 25: Sentimento de pertença de acordo com a mobilidade espacial

média alta e média baixa a maioria dos alunos tem um sentimento de pertença associado ao nível global.

Como se verificou anteriormente, o nível de rendimento médio alto e alto está relacionado com algumas variáveis, o que aponta relações entre o rendimento, as áreas académicas e o sentimento de pertença (**Figura 26, Quadro 48**).



Fonte inquérito 2009. Tratamento próprio.

Figura 26: Sentimento de pertença de acordo com o nível de rendimento

Recorrendo novamente à utilização do CHI2 verificou-se a relação entre o sentimento de pertença e outras variáveis nas três cidades em estudo, com base nisso, uma imagem mais precisa da amostra aparece (**Quadro 49**).

Em Lisboa a variável da mobilidade espacial do inquirido (diferença entre o país de nascimento e o lugar da residência) e o nível de rendimento da família são variáveis bastante significantes para explicar a escala de pertença citada pelo estudante. Quando um estudante em Lisboa, declara ter nascido no mesmo país em que reside, a primeira escala de sentimento de pertença seleccionada é a Nacional seguindo-se pelo nível Global e em terceiro lugar pelo nível Local. Quando o país de nascimento é diferente do país de residência os estudantes tendem a escolher mais a escala de pertença de nível Global e em terceiro lugar pelo nível Local. Quando o país de nascimento é diferente do país de residência os estudantes tendem a escolher mais a escala de pertença de nível Global (**Quadro 45**). A variável rendimento tem uma relação muito significativa com o sentimento de pertença em Lisboa, os estudantes de nível de rendimento alto são maioritariamente “Nacionais”, e só depois “Globais” enquanto os estudantes com o nível de rendimento médio alto são em primeiro lugar “Globais”. No nível médio baixo a imagem é bastante diferente, a escala “Nacional” é mais assumida, seguida pelo nível

“Global”, os alunos de baixo nível de rendimento têm na sua maioria um sentimento de pertença Local (**Quadro 50**).

Em Évora e Coimbra as variáveis mais significantes para explicar a escala de pertença são a área académica e o género. Nas duas cidades, os estudantes de Ciências Sociais são mais "Locais" que os estudantes de outras áreas académicas. Os estudantes de Saúde em ambas as cidades são os mais “Nacionais”. Os estudantes de Artes em Coimbra são os mais " Globais" e em Évora são os estudantes de Economia e Engenharia (**Quadro 42**). Relacionando a variável com o género, podemos verificar que as mulheres em ambas as cidades respondem mais frequentemente " Global " e “Local” no que respeita à escala de pertença do que os homens, sendo a resposta dos homens mais frequentemente o nível "Nacional" (**Quadro 43**).

	Área académica	Género	País de nascimento do pai diferente	País de nascimento da mãe diferente	Nacionalidade	País de nascimento e residência diferente	Número de línguas faladas	Países onde os estudantes viveram	Número de países visitados	Rendimento familiar	Nível educacional do pai	Nível educacional da mãe	Religião ou não
Lisboa	X	X	15,79	X	X	2,07	X	5,69	X	2,14	X	X	X
Évora e Coimbra	2,68	1,83	X	X	X	X	X	X	X	19,27	X	X	X

4,83	Relação muita significância
9,19	Relação com média significância
12,81	Relação com baixa significância
X	Não há relação significativa

Fonte inquérito 2009. Tratamento Clarisse Didelon. Eurobroadmap.

Quadro 49: Significância das variáveis ao sentimento de pertença por cidade (CHI2)

6.1.2. Percepção dos países mundiais por estudantes: Opções de possíveis países para residir num futuro próximo

O interesse desta questão passa pelo facto de podermos analisar a percepção que os estudantes têm dos países do mundo, e conhecer as preferências no que respeita a uma eventual mudança de residência, associada ou não a uma mobilidade forçada motivada pela procura de emprego. Ou seja, se pudessem escolher, as opções de saída recairiam sobre um conjunto de países, e identificámos simultaneamente os destinos menos desejados.

De entre cinco países onde gostariam de viver e cinco países onde não gostariam de viver, o número médio de respostas dadas por estudantes é de 4,84 países onde gostariam de viver num futuro próximo e de 4,87 países onde eles não gostariam de viver. Também podemos notar que um certo número de respostas não esteve relacionado a estados mas a entidades infranacionais como "Inglaterra" (110) e a "Escócia" (10) (**Quadro 51**).

Na amostra não há nenhum estudante que se tenha recusado a responder, não mencionando nenhum país em absoluto (positivamente ou negativamente).

Os 10 países mais citados onde os estudantes declararam que gostariam de viver num futuro próximo são primeiramente a Grã-Bretanha (com 319 respostas) que agrega Inglaterra e a Escócia, a Itália (263 respostas) e a Espanha (244 respostas), seguidos pelos EUA (232 respostas), e a França (213 respostas). Com menos significância, é também mencionada a Alemanha (99 respostas), a Holanda (98 respostas), o Brasil (89 respostas), a Suíça (71 respostas) e a Austrália (70 respostas).

Vendo a variação pelo género, pode-se notar que a Grã-Bretanha é mencionada no primeiro lugar pelos homens e mulheres, seguidos geralmente pelos EUA pelos homens e a Itália pelas mulheres.

Noutras análises, segundo a variação pelo lugar de análise e área académica, alguns resultados específicos podem ser apontados. Por exemplo, analisando o quadro 51, podemos aferir que os estudantes por áreas académicas, mencionam os mesmos países do ranking total (embora com posições diferentes), com a excepção do Japão em 9º lugar nas áreas das Artes e Ciências Políticas e a Suécia, citada em 8º lugar, pelos homens e 10º lugar pelos estudantes de Évora.

Os 10 países mais citados onde os estudantes declararam que não gostariam de viver num futuro próximo são primeiramente a China (176 respostas), o Iraque (171 respostas) e o Brasil (143 respostas), seguidos pela Rússia (128 respostas), o Afeganistão (110 respostas), o Irão (106 respostas), Angola (82 respostas) e a África do Sul (71 respostas). Com menos significância, mencionam também o Japão (64 respostas), a França (59 respostas), a Índia (56 respostas), o México (55 respostas) e os EUA (52 respostas). A comparação das sub-amostras não revela variações muito importantes, pelo menos para os primeiros lugares do ranking (a China, o Iraque, o Brasil, a Rússia e o Afeganistão).

Mas existem variações também importantes nos países que são citados tanto positivamente como negativamente por um grande número de estudantes, nomeadamente os EUA, a França e o Brasil. Por exemplo, a França é mencionada em 9º lugar por homens, de entre os países onde não gostariam de viver e não mencionada por mulheres, em 10º lugar por estudantes de Ciências Políticas e de Economia, e em 5º lugar por estudantes de Engenharia.

Gostariam		Género		Cidades			Área académica					
	Total	Homens	Mulheres	Coimbra	Évora	Lisboa	Artes	Economia	Engenharia	Saúde	C. Políticas	C. Sociais
Estudantes	480	223	257	120	120	240	80	80	80	80	80	80
Respostas	2323	1079	1244	586	583	1154	380	394	390	391	385	383
Significância*	4,84	4,84	4,84	4,88	4,86	4,81	4,75	4,93	4,88	4,89	4,81	4,79
Top 10												
1	GBR	GBR	GBR	GBR	ITA	GBR	GBR	GBR	GBR	GBR	GBR	GBR
2	ITA	USA	ITA	ITA	GBR	USA	ITA	USA	ITA	ITA	ITA	ITA
3	ESP	ESP	ESP	ESP	ESP	ESP	FRA	ESP	ESP	USA	USA	ESP
4	USA	ITA	FRA	USA	FRA	ITA	ESP	ITA	USA	ESP	ESP	FRA
5	FRA	FRA	USA	FRA	USA	FRA	USA	FRA	FRA	FRA	FRA	USA
6	DEU	DEU	NLD	NLD	BRA	DEU	DEU	CHE	NLD	NLD	DEU	BRA
7	NLD	NLD	BRA	DEU	NLD	AUS	NLD	DEU	SWE	BRA	BRA	DEU
8	BRA	SWE	DEU	CHE	CHE	NLD	BRA	NLD	BRA	DEU	NLD	AUS
9	CHE	BRA	CHE	BRA	DEU	BRA	JPN	BRA	AUS	SWE	JPN	NLD
10	AUS	CHE	AUS	AUS	SWE	SWE	CHE	AUS	DEU	AUS	CHE	CHE
Não Gostariam		Género		Cidades			Área académica					
	Total	Homens	Mulheres	Coimbra	Évora	Lisboa	Artes	Economia	Engenharia	Saúde	C. Políticas	C. Sociais
Estudante	480	223	257	120	120	240	80	80	80	80	80	80
Respostas	2339	1088	1251	582	589	1168	390	388	388	389	389	395
Significância*	4,87	4,88	4,87	4,85	4,91	4,87	4,88	4,85	4,85	4,86	4,86	4,94
Top 10												
1	CHN	IRQ	CHN	CHN	CHN	IRQ	RUS	CHN	IRQ	CHN	CHN	IRQ
2	IRQ	CHN	IRQ	IRQ	IRQ	CHN	IRQ	IRQ	BRA	IRQ	IRQ	CHN
3	BRA	BRA	BRA	RUS	BRA	BRA	CHN	BRA	CHN	RUS	BRA	BRA
4	RUS	RUS	RUS	BRA	AFG	IRN	AFG	AFG	RUS	IRN	RUS	AFG
5	AFG	AFG	IRN	AGO	RUS	RUS	AGO	AGO	FRA	BRA	IRN	RUS
6	IRN	IRN	AFG	FRA	JPN	AFG	BRA	IRN	IRN	AFG	AFG	IRN
7	AGO	AGO	AGO	AFG	IRN	AGO	IRN	RUS	AFG	AGO	AGO	ZAF
8	ZAF	ZAF	JPN	IRN	USA	ZAF	JPN	JPN	ZAF	ZAF	ZAF	USA
9	JPN	FRA	ZAF	ZAF	MEX	IND	USA	IND	IND	ESP	MEX	JPN
10	FRA	MEX	IND	DEU	DEU	MEX	BIH	FRA	DEU	MOZ	FRA	AGO

AFG	Afeganistão	ESP	Espanha	MEX	México
AGO	Angola	FRA	França	MOZ	Moçambique
AUS	Austrália	GBR	Grã-Bretanha	NLD	Holanda
BIH	Bósnia	IND	Índia	RUS	Rússia
BRA	Brasil	IRN	Irão	USA	EUA
CHE	Suíça	IRQ	Iraque	ZAF	África do sul
CHN	China	ITA	Itália		
DEU	Alemanha	JPN	Japão		

*Significância: Número total de respostas dadas/ Número total de estudantes

* Lista integral de países descodificados em anexo (**Quadro 66**).

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 51: O Ranking dos 10 países onde os estudantes gostariam/não gostariam de viver num futuro próximo, por género, cidades e área académica

No seguimento da perspectiva anterior, ou seja a análise dos países escolhidos como locais onde gostariam ou não de viver, encontra-se a análise do conhecimento que detêm dos países e da forma como construíram esse conhecimento. O conhecimento dos países pode ser formulado através da vivência (viagens realizadas ou residência) ou por uma imagem construída a partir dos *media*. Neste sentido foi elaborada uma análise suportada na relação entre o conhecimento que possuem e a formação de uma imagem/preferência positiva ou negativa desse mesmo país. A formulação desta metodologia foi realizada da seguinte forma:

Obeve-se o conhecimento de um país (frequência de vezes em que um país é citado) utilizando o conjunto das respostas dadas pelos estudantes de países onde gostavam e não gostavam de viver, a dividir pelo número total de estudantes.

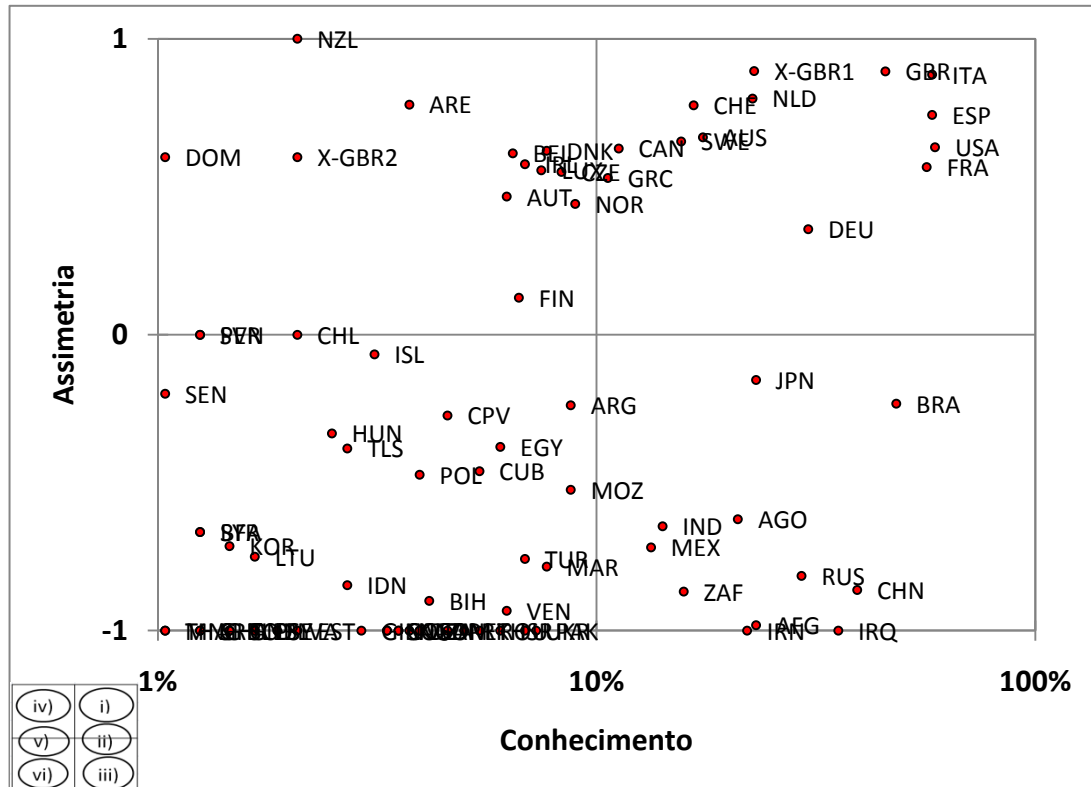
Conhecimento (de um país) = (respostas “Gosta” + respostas “não gosta”) / (número de estudantes)

Obeve-se a assimetria de um país (imagem positiva ou negativa) utilizando o conjunto de respostas de países em que gostava de viver, menos o número de países em que não gostava a dividir pelo número total de respostas conjuntas.

Assimetria (gosta/não gosta) = (respostas “Gosta” - respostas “não gosta”) / (respostas “gosta” + respostas “não gosta”)

Após a aplicação da metodologia construiu-se um gráfico (**Figura 27**) que deu origem às seguintes classes:

- i) Alto Conhecimento e Assimetria Positiva
- ii) Alto Conhecimento e Simetria Média
- iii) Alto conhecimento e Assimetria Negativa
- iv) Conhecimento Médio e Assimetria Positiva
- v) Conhecimento Médio e Assimetria Média
- vi) Conhecimento Médio e Assimetria Negativa



Fonte inquérito 2009. Tratamento Clarisse Didelon. Eurobroadmap.

Figura 27: O Conhecimento e a assimetria na percepção de países onde os estudantes gostariam/não gostariam de viver.

- i) *Alto Conhecimento e Assimetria Positiva:* destacam-se os EUA, a Grã-Bretanha (que agrega a Inglaterra e a Escócia), a Itália, a Espanha, a França. Esses cinco países são mencionados por um grande número de estudantes e com uma assimetria claramente positiva (mais estudantes gostariam de viver nesses países do que não gostariam de viver). A proximidade, a tradição e o reconhecimento da importância destes países ao nível global, traduzem as escolhas dos estudantes.
- ii) *Alto Conhecimento e Simetria média:* a Alemanha, o Brasil e o Japão são países muito específicos porque são mencionados por um grande número de estudantes, por alguns como países onde “gostariam de viver” e por outros como países onde “não gostariam de viver”. Ou seja retratam posições muito contrastadas, que podem ser principalmente explicadas por razões culturais. Por exemplo, muitos estudantes conhecem a Alemanha, mas têm visões opostas: uma ideia da Alemanha como um país muito organizado em oposição a uma ideia de uma

cultura e povo muito frio. O caso do Brasil é explicado pela sua atractividade como país de férias por causa das praias, do calor e das telenovelas que são transmitidas na televisão, mas as vagas de imigração para Portugal deram outra imagem da sua população e daí o contraste de opiniões por parte dos estudantes.

- iii) *Alto conhecimento e Assimetria Negativa:* a Rússia, a China, a Índia, Angola, a África do Sul, o México, o Iraque, o Afeganistão e o Irão. Estes nove países muitas vezes são mencionados por estudantes portugueses, mas pela maior parte como países onde não gostariam de viver, mesmo se algumas excepções possam aparecer no caso da China, Angola, Índia e Rússia, com menor perspectiva negativa. Esses países são muitas vezes mencionados por estudantes como países onde não gostariam de viver por causa de situações diversas percebidas como perigosas ou pouco confortáveis (instabilidade, situações de guerra, animosidade histórica). Os problemas socioeconómicos e os efeitos de guerra que são associados a estes países explicam essas posições. É de evidenciar o caso de Angola, onde a imagem de corrupção e disparidades sociais é mais importante do que a boa imagem ligada a relações culturais com Portugal.
- iv) *Conhecimento Médio e Assimetria Positiva:* República Checa, Emirados Árabes Unidos, o Canadá, a Noruega, a Suécia, a Irlanda, a Áustria, o Luxemburgo, a Dinamarca, a Grécia, a Suíça, a Holanda e a Austrália. Esses países são principalmente mencionados como países onde os estudantes portugueses gostariam de viver, mas menos frequentemente do que outros países apontados (como o Reino Unido e os EUA, ou a França e a Espanha). De facto, o nível de conhecimento de grande parte dos países europeus (nomeadamente os do Norte da Europa) é mais baixo do que o conhecimento do Reino Unido, da França, de Espanha e de Itália. A imagem da maior parte desses países é boa por várias razões, em alguns casos é a atractividade turística (República Checa) noutros casos são um dos destinos da imigração portuguesa (Emirados Árabes Unidos, o Canadá, Austrália, a Suíça, a Holanda).
- v) *Conhecimento Médio e Assimetria Média:* Este grupo refere-se a países como a Finlândia, Cabo Verde, a Argentina, o Egipto, Cuba, a Polónia e Moçambique.

Estes países são relativamente bem conhecidos pelos estudantes, mas com apreciação muito oposta quanto a lugares onde viver. A maior parte destes países são vistos como estando numa fase de transição e imprecisa situação económica e política.

- vi) *Conhecimento Médio e Assimetria Negativa:* a Argélia, o Paquistão, a Arábia Saudita, a Turquia, Marrocos, a Bósnia e Herzegovina, a Roménia, a Ucrânia, Israel, o Paquistão, a Coreia do Norte), o Sudão, a Colômbia, Palestina, a Venezuela, a Somália, etc. A imagem deste largo grupo de países está claramente relacionada com a informação global fornecida por meios de comunicação relacionada com a guerra, a crise, as catástrofes naturais, etc., e por isso a sua imagem é muito negativa.

Com base nesta análise da assimetria e do conhecimento, foi elaborado um mapa que combina o conhecimento e assimetria revelando um padrão espacial relativamente simples de lugares onde os estudantes portugueses gostariam ou não de viver (**Figura 28**). Daqui decorre a seguinte leitura:

Áreas com uma percepção positiva

A Europa Ocidental aparece visivelmente como o centro geográfico de lugares onde os estudantes portugueses gostariam de viver num futuro próximo. Naturalmente, o grau da assimetria nem sempre é totalmente positivo e muitos países desta área são descritos por uma minoria de estudantes como lugares onde eles não gostariam de viver. É especialmente claro que os países europeus como a Suíça, a Bélgica, o Luxemburgo, a Holanda, a Dinamarca, o Reino Unido, a França, a Espanha, a Itália e a Grécia são mais apreciados do que os países nórdicos (a Noruega, a Finlândia), a Alemanha e a Áustria.

A América do Norte aparece também como o destino potencial de estudantes portugueses. Num caso de possibilidade ou aspiração a mudança, os EUA são o destino mais conhecido, mas a sua avaliação é igual ao Canadá e melhor do que a do México.

A Oceânia é mencionada positivamente por uma minoria de estudantes, em particular a Austrália que é “um novo país” considerado como aberto à migração e com grandes oportunidades.

Áreas com uma percepção negativa

A Rússia, os Balcãs e o Médio Oriente são muitas vezes mencionados, mas principalmente de um modo negativo, especialmente no caso da Rússia, da Roménia, da Turquia, de Israel, do Iraque, do Irão e do Afeganistão. Excepções positivas aparecem só no caso dos Emirados Árabes Unidos.

O Sul Asiático e a Ásia Oriental são geralmente mencionados pela maior parte dos estudantes de um modo negativo, em particular o Paquistão, a China, a Coreia do Norte e em menor medida a Índia. O caso do Japão é mais específico, pois este é um país mencionado por muitos estudantes mas com uma proporção igual de estudantes que gostariam e não gostariam de lá viver.

A América do Sul é menos mencionada, mas dentro desta pode-se destacar a Colômbia e a Venezuela. A África é em geral citada com repostas negativas, as áreas mais expressivas negativamente são a África do Sul, o Sudão, a Etiópia, a Somália e a Nigéria. Na Europa de Leste, frequentemente os países são citados negativamente, destacando-se dentro destes a Ucrânia.

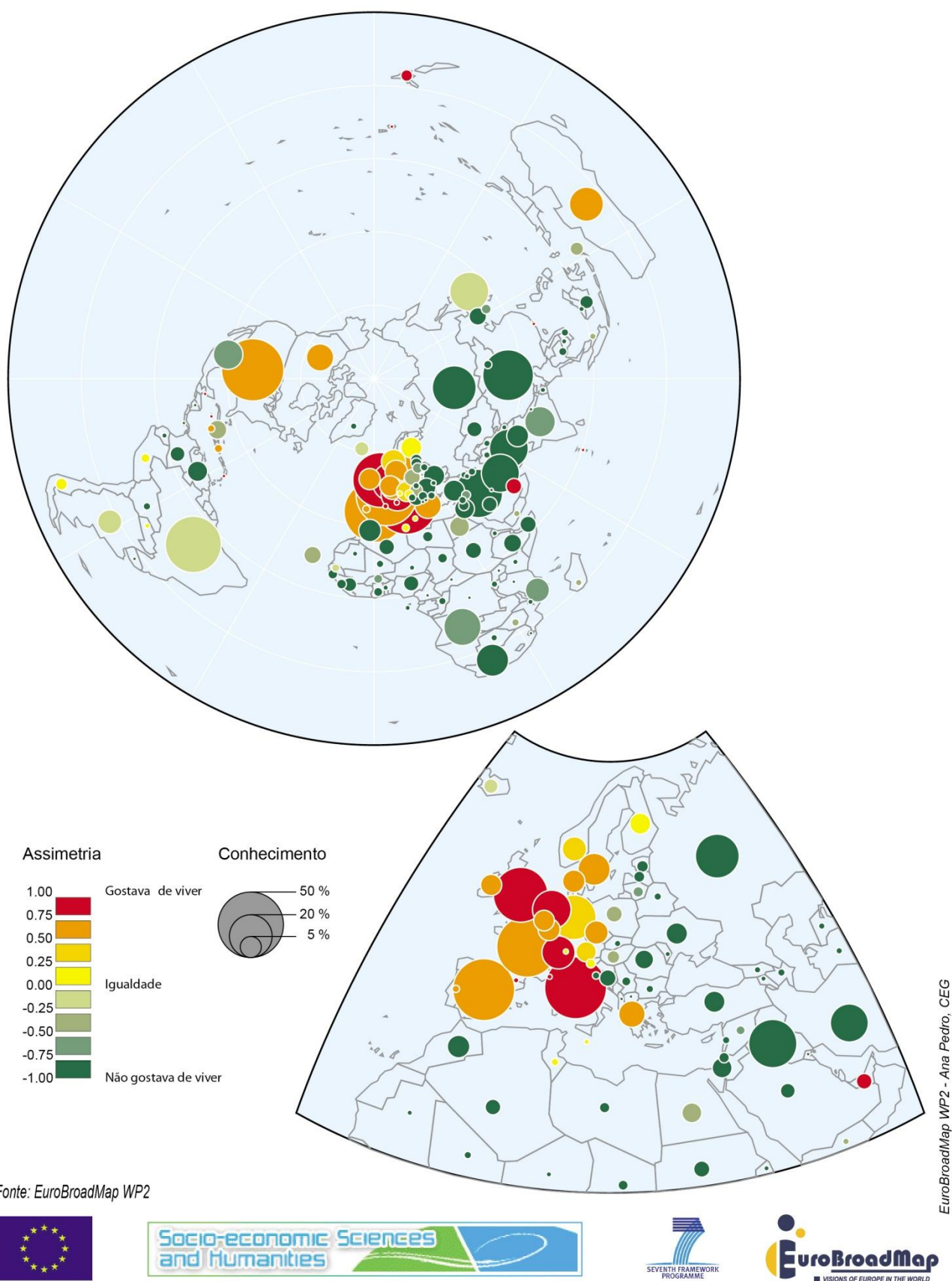
Áreas raramente mencionadas

Os países do sul do Mediterrâneo não são muito mencionados. A assimetria da visão pode ser também negativa (a Argélia, a Líbia, Marrocos), equilibrada (o Egipto) ou positiva (a Tunísia), mas esta área não é um foco de percepção comparando com outros lugares.

O Sudeste Asiático e a Indonésia são também lugares menos mencionados por estudantes e geralmente de um modo negativo.

A Ásia Central e América Central são por fim os lugares menos mencionados por estudantes portugueses, provavelmente porque são países de pequena dimensão (o Belize, as Honduras) ou países de pequena dimensão concentrados com nomes semelhantes (Tajiquistão, Uzbequistão, Cazaquistão).

Figura 28: Os países em que gostariam /não gostariam de viver num futuro próximo



6.1.3. Percepção das cidades mundiais por estudantes: Opções de possíveis cidades para residir num futuro próximo

À semelhança da questão anterior, também aqui vamos procurar relacionar a perspectiva sobre as cidades onde gostariam de viver e onde não gostariam de viver.

O número médio de respostas dadas por estudantes portugueses é de 4,88 cidades onde gostariam de viver num futuro próximo e de 4,72 respostas para as cidades onde não gostariam de viver. Comparando com os países, o número de respostas é mais ou menos o mesmo, mas um pouco mais baixo, especialmente no que diz respeito a cidades onde os estudantes não gostariam de viver. Uma explicação possível desta diferença pode estar relacionada com o facto de alguns estudantes tentaram propor equivalentes respostas por cidades e países, mas não souberam o nome das capitais e cidades dos países que tinham mencionado (**Quadro 52**). Os estudantes que não tentaram responder à pergunta do mesmo modo, eventualmente declararam que “não gostariam de viver nos EUA” mas “gostaria de viver em Nova York ou Las Vegas”. Os estudantes nas áreas da Saúde e Economia deram mais respostas do que os outros, mas com uma pequena diferença comparativamente com as restantes áreas.

As 10 principais cidades onde os estudantes portugueses declararam que gostariam de viver num futuro próximo são primeiramente Londres (301 respostas) e Paris (214 respostas), seguidas por Barcelona (213 respostas), Nova York (198 respostas), Roma (138 respostas) e Madrid (137 respostas). Em menor número, mencionam também Amesterdão (82 respostas), Milão (75 respostas), Berlim (67 respostas), Rio de Janeiro (48 respostas), Sidney (39 respostas), Tóquio e Veneza (36 respostas).

Vendo a variação segundo género, por cidade analisada e pelas áreas de estudo, não se encontram alterações importantes na ordem, por exemplo, Londres, Paris e Barcelona estão frequentemente nas três primeiras posições. A única excepção é Tóquio que aparece na 10ª posição nos homens mas não surge entre as mulheres; Tóquio está na 10ª posição para estudantes no campo das Artes e em 9º em Engenharia, mas não está presente nas 10 cidades mais cotadas onde os estudantes gostariam de viver.

As referidas escolhas prendem-se com uma imagem muito positiva que os estudantes têm, associando-as à cultura, riqueza, desenvolvimento e novas oportunidades.

As 10 principais cidades onde os estudantes portugueses declararam que não gostariam de viver num futuro próximo são primeiramente Bagdade (170 respostas) e o Rio de Janeiro (160), seguido por Moscovo (116), Pequim (114), São Paulo (100), Luanda (91) e Madrid (80). Num grau menos importante, é mencionado também Tóquio (72), Paris (70), Cabul (63), Cidade do México (59), Nova York (56) e Teerão (49). Podemos reconhecer que a lista de cidades onde os estudantes não gostariam de viver é muito compatível com a lista equivalente de países e reflecte sistematicamente uma imagem de violência, desconforto associado ao clima ou ao quotidiano (caso de Pequim) ou a vestígios da guerra (Luanda).

Mais uma vez, algumas cidades são frequentemente citadas tanto positivamente como negativamente: Nova York, Tóquio, Madrid, Paris e o Rio de Janeiro. Acerca das variações por género, por lugar de análise e por área académica, denota-se como habitualmente uma grande estabilidade das cidades dos primeiros lugares (Bagdade, o Rio de Janeiro, Moscovo e Pequim) mas mais variações para as outras cidades. Como um exemplo disso temos Tóquio que aparece no 6º lugar onde as mulheres não gostariam de viver, mas não surge entre os homens; Tóquio é a 4ª cidade onde os estudantes de Artes não gostavam de viver, 8ª cidade para estudantes de Economia e 5ª para os estudantes de Ciências Sociais, mas não é mencionado no top 10 para os estudantes nos campos da Saúde, Engenharia e Ciências Políticas.

A Europa no Mundo: das Divisões às Visões. Percepção dos estudantes universitários portugueses

Gostariam	Total	Género		Cidades			Área académica					
		Homens	Mulheres	Coimbra	Évora	Lisboa	Artes	Economia	Engenharia	Saúde	C. Políticas	C. Sociais
Estudantes	480	223	257	120	120	240	80	80	80	80	80	80
Respostas	2340	1085	1255	590	586	1164	385	390	393	393	392	387
Significância*	4,88	4,87	4,88	4,92	4,88	4,85	4,81	4,88	4,91	4,91	4,90	4,84
Top 10												
1	LON	LON	LON	LON	LON	LON	LON	LON	LON	LON	LON	LON
2	PAR	BCN	PAR	NYC	PAR	PAR	PAR	BCN	BCN	PAR	PAR	PAR
3	BCN	NYC	NYC	BCN	BCN	BCN	BCN	PAR	NYC	NYC	NYC	BCN
4	NYC	PAR	BCN	PAR	MAD	NYC	NYC	NYC	PAR	BCN	BCN	NYC
5	ROM	MAD	ROM	MAD	NYC	ROM	ROM	MAD	MAD	ROM	ROM	MAD
6	MAD	ROM	MAD	ROM	ROM	MAD	MAD	ROM	MIL	MAD	MAD	ROM
7	AMS	AMS	AMS	MIL	MIL	AMS	AMS	AMS	ROM	AMS	AMS	MIL
8	MIL	MIL	MIL	AMS	AMS	BER1	BER1	BER1	AMS	BER1	MIL	BER1
9	BER1	BER1	BER1	BER1	RIO	TYO	MIL	MIL	TYO	RIO	BER1	RIO
10	RIO	TYO	VCE	RIO	VCE	MIL	TYO	VCE	SYD	PRG	RIO	ATH
NÃO Gostariam												
Gostariam	Total	Género		Cidades			Área académica					
		Homens	Mulheres	Coimbra	Évora	Lisboa	Artes	Economia	Engenharia	Saúde	C. Políticas	C. Sociais
Estudantes	480	223	257	120	120	240	80	80	80	80	80	80
Respostas	2265	1068	1197	568	565	1132	369	377	378	386	372	383
Significância*	4,72	4,79	4,66	4,73	4,71	4,72	4,61	4,71	4,73	4,83	4,65	4,79
Top 10												
1	BGW	BGW	RIO	BGW	BGW	RIO	BGW	BGW	RIO	RIO	BGW	BGW
2	RIO	RIO	BGW	RIO	RIO	BGW	RIO	RIO	BGW	BGW	RIO	RIO
3	MOW	MOW	BJS	MOW	BJS	SAO	MOW	LAD	MOW	MOW	MOW	BJS
4	BJS	BJS	MOW	BJS	MOW	BJS	TYO	SAO	PAR	BJS	LAD	SAO
5	SAO	LAD	SAO	PAR	TYO	LAD	SAO	BJS	BJS	LAD	BJS	TYO
6	LAD	SAO	TYO	LAD	NYC	MOW	BJS	MOW	SAO	SAO	MAD	MEX
7	MAD	MAD	LAD	MAD	SAO	MAD	MAD	MPM	MAD	MAD	KBL	NYC
8	TYO	PAR	MAD	SAO	KBL	MEX	KBL	TYO	LAD	THR	SAO	MAD
9	PAR	KBL	PAR	BER1	PAR	TYO	LAD	KBL	BER1	BER1	PAR	LAD
10	KBL	NYC	MEX	KBL	THR	KBL	MEX	MAD	THR	KBL	THR	MOW

AMS	Amesterdão	LON	Londres	RIO	Rio de Janeiro
ATH	Atenas	MAD	Madrid	ROM	Roma
BCN	Barcelona	MEX	Cidade do México	SAO	São Paulo
BER1	Berlim	MIL	Milão	SYD	Sidney
BGW	Bagdad	MOW	Moscovo	THR	Teerão
BJS	Pequim	NYC	Nova Iorque	TYO	Tóquio
KBL	Cabul	PAR	Paris	VCE	Veneza
LAD	Luanda	PRG	Praga		

*Significância: Número total de respostas dadas/ Número total de estudantes

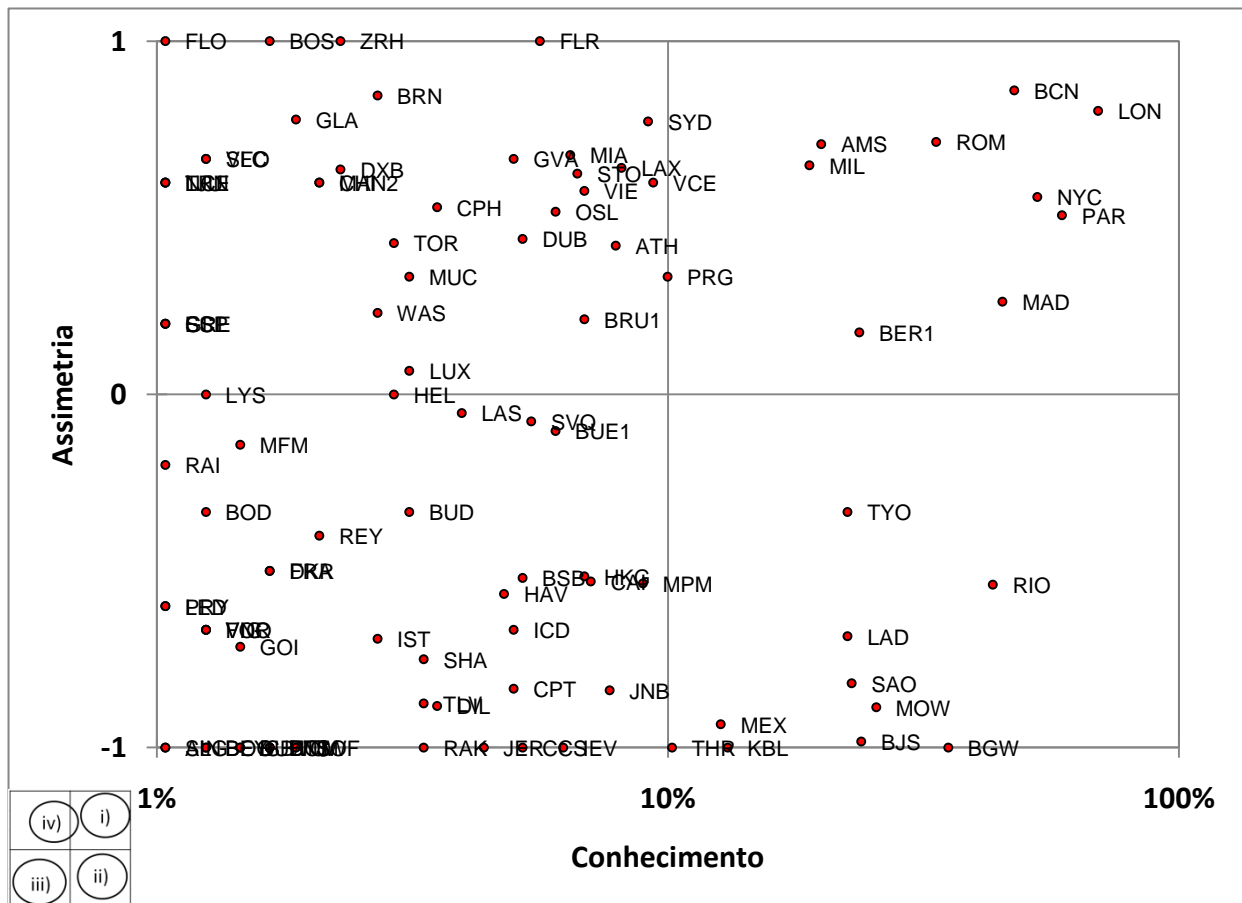
* Lista integral de cidades descodificadas em anexo (**Quadro 67**).

Fonte inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 52: O Ranking das 10 Cidades onde os estudantes gostariam/não gostariam de viver num futuro próximo, por género, cidades e área académica.

Considerando as cidades em termos de Conhecimento e Assimetria é proporcionada uma melhor avaliação da sua verdadeira importância na visão do mundo pelos estudantes (**Figura 29**) Ou seja, tal como no caso anterior, procura-se analisar o conhecimento de uma cidade (frequência de vezes que é citada) e a assimetria de uma cidade (imagem positiva ou negativa de uma cidade). Face a isto, encontramos os seguintes grupos:

- i) Alto Conhecimento e Assimetria Positiva
- ii) Conhecimento e Simetria Média
- iii) Conhecimento Médio e Assimetria Negativa
- iv) Conhecimento Médio e Assimetria Positiva



- i. *Alto Conhecimento e Assimetria Positiva:* Nova York (NYC), Londres (LON), Barcelona (BCN), Roma (ROM), Paris (PAR) e Madrid (MAD) são claramente centrais na visão do mundo tida pelos estudantes, e que por sua vez corresponde à visão dos países. Com base nos 480 estudantes que mencionaram pelo menos uma cidade, mais de 50% têm uma opinião em, eventualmente, querer viver nestas 6 cidades. A proporção das respostas positivas é importante em todos os casos, mas mais alta para Londres que obtém uma assimetria positiva de +0,80 (301 "Gosta" e 33 "Não gosta") contra +0.51 para Paris (214 "Gosta" e 70 "Não Gosta"). Nenhuma das outras cidades apresenta tal grau de conhecimento e os seguintes são citados por menos de 30 % dos estudantes.
- ii. *Conhecimento e Simetria Média:* Berlim (BER1), o Rio de Janeiro (Rio) e Tóquio (TYO) aparecem como um segundo nível quanto ao conhecimento (mencionado respectivamente em 14 %, 10 % e 7,5 % dos estudantes). Estas cidades são também mencionadas de um modo mais equilibrado com uma assimetria ligeiramente positiva para Berlim (+0.18) e ligeiramente negativa para Tóquio (-0,33) e o Rio de Janeiro (-0.54).
- iii. *Conhecimento Médio e Assimetria Negativa:* Pequim (BJS), Bagdade (BGW), Moscovo (MOW), Luanda (LAD) e São Paulo (SAO) são as cidades mais negativamente percebidas do mundo segundo os estudantes. Tal como no caso anterior, a sua representação é compatível com os valores de conhecimento e assimetria dos países dos quais eles são as cidades capitais (a China, o Iraque, a Rússia, Angola e o Brasil). Estas cidades estão muito presentes nas respostas dos estudantes e não são definitivamente desejadas como espaços para viver, principalmente pelo facto, de serem reflectidas pelos de meios de comunicação, como sendo países com problemas, pelas condições naturais que possuem, pelas condições sociais, económicas e políticas ou pela imagem que o país detém no contexto internacional (casos de Cabul e Teerão).
- iv. *Conhecimento Médio e Assimetria Positiva:* Este grupo é um dos mais interessantes pois introduziu algumas especificidades entre a visão do mundo baseada em cidades e países. O melhor exemplo é fornecido por Milão (MIL) e

Veneza (VCE) que são ambas relativamente bem conhecidas (15,6 % e 7,5 % dos estudantes) mas com uma vantagem clara para Milão em termos da assimetria (+0.65) comparando com Veneza (+0.6). Outras cidades são Amesterdão (AMS), Praga (PRG), Atenas (ATH), Los Angeles (LAX), e Sidney (SYD). O grupo inclui uma combinação complexa de cidades: capitais de alguns países médios ou pequenos (Atenas, Amesterdão e Praga), cidades regionais importantes (Los Angeles, Milão, Sidney) ou destinos turísticos (Veneza).

Finalmente é interessante denotar que os poucos estudantes estrangeiros que vivem em Portugal têm uma opinião positiva das cidades portuguesas. Em caso de Lisboa, registámos 2 estudantes que declararam que gostariam de cá viver contra 1 que declarou que não gostaria (assimetria = +0.33).

Mais uma vez, com base nesta análise da assimetria e do conhecimento, foi elaborado um mapa que combina o conhecimento e assimetria das cidades mundiais que revela um padrão espacial relativamente simples de lugares onde os estudantes portugueses gostariam ou não de viver. O padrão geral de lugares onde os estudantes gostariam ou não gostariam de viver é relativamente semelhante para cidades e países quanto à assimetria. No entanto, podemos separar algumas diferenças no padrão espacial das cidades que são conhecidas dentro dos diferentes países do mundo (**Figura 30**). Daqui decorre a seguinte leitura:

Estados assimilados a uma única cidade

Esta situação aparece tipicamente em países com a avaliação negativa como o Afeganistão (Cabul), o Iraque (Bagdade), o Irão (Teerão), a Argélia (Alger), a Coreia do Norte (Pyongyang), a Venezuela (Caracas), etc.

Também pode ser observado em países com uma avaliação mais equilibrada como a Mauritânia (Nouakchott) e a Islândia (Reiquiavique). Este facto é menos frequente para países com a avaliação positiva, excepto se eles forem de pequeno tamanho como Áustria (Viena).

Estados assimilados a várias cidades com conhecimento diferente mas assimetria equivalente

Os países que são mais regularmente citados podem beneficiar de um grau mais alto de conhecimento quanto ao número de cidades indicadas. É especialmente óbvio no caso da Espanha e da Itália, onde os estudantes não só referem a capital política e económica, mas também outras cidades importantes que podem ter visitado ou onde podem ir para estudo ou de férias.

A França ou o Reino Unido fornecem também exemplos de cidades dominantes (Paris e Londres), mas com cidades alternativas de segundo grau de interesse (Manchester, Lyon e Bordéus) situação que pode estar relacionada com fluxos de migração (cidades francesas), interesse para estudo ou razões culturais (cidades britânicas).

Estados assimilados a várias cidades com assimetria variável

Os maiores países emergentes são também às vezes assimilados a várias cidades com a avaliação variável das cidades no seu interior.

No caso do Brasil, o efeito do Rio de Janeiro é dominante mas Florianópolis também é citada por uma minoria de estudantes e de um modo mais positivo (5 estudantes "Gostavam" de lá viver e 0 "Não Gostavam") do que o Rio de Janeiro (48 estudantes "Gostavam" de lá viver e 160 "Não Gostavam"). No Brasil, a capital política Brasília é menos mencionada (25 citações) do que as metrópoles de São Paulo (110 citações) e o Rio de Janeiro (208 citações).

A avaliação destas cidades por estudantes portugueses é na maior parte negativa para Brasília e São Paulo (assimetria de -0.54 e -0.82), mas mais equilibrada para o Rio de Janeiro (-0.52) que é conhecido como um destino cultural e turístico na costa, ao contrário de Brasília e São Paulo, que estão ligados "a lugares de trabalho" num contexto geográfico interior.

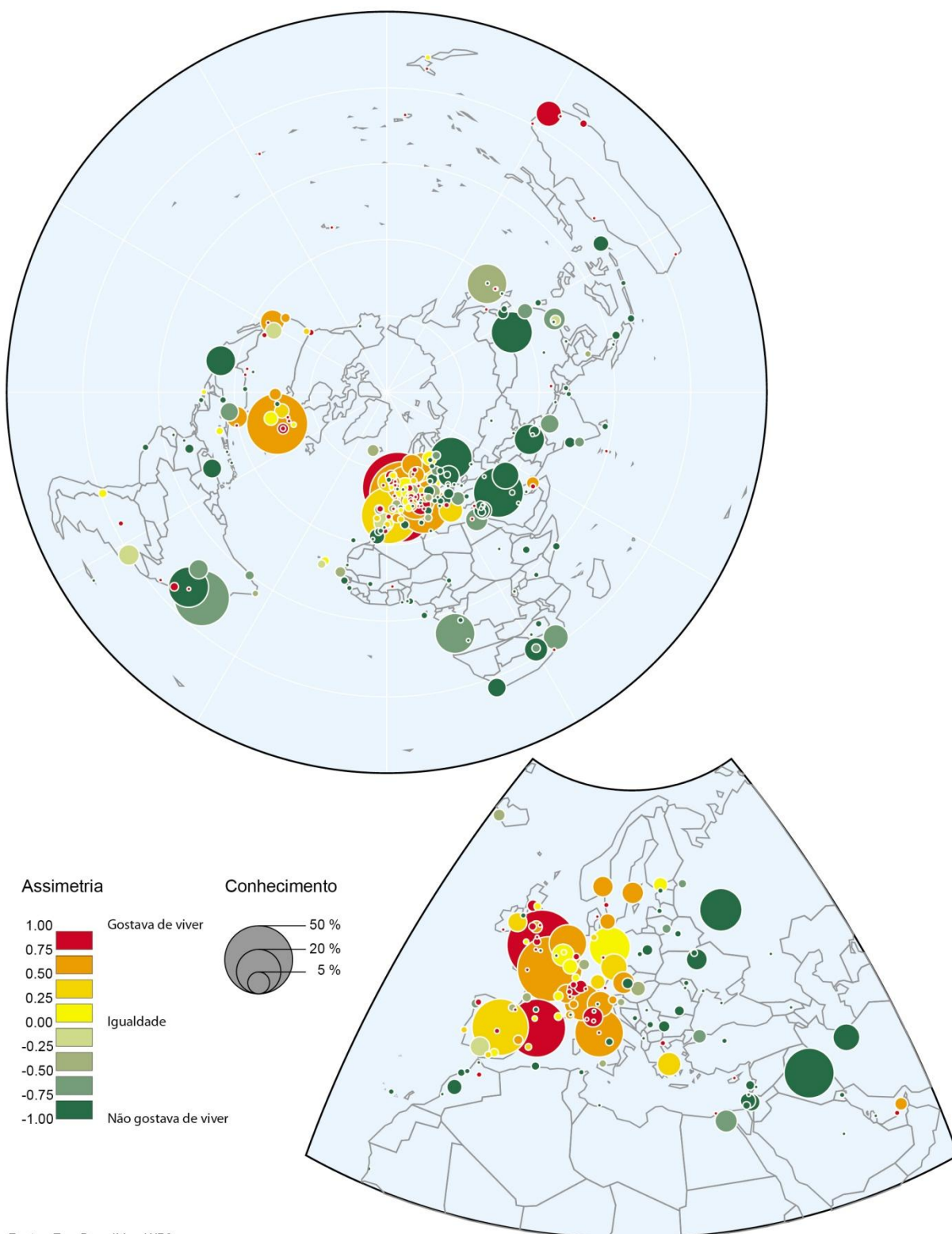
Grupos transnacionais de cidades

É possível considerar o caso específico de grupos de cidades localizadas na fronteira de dois países, mas definindo um “hot spot” de conhecimento. O exemplo mais típico está na América e na região dos Grandes Lagos na fronteira entre os EUA e o Canadá: Toronto, Washington, Chicago e Boston são todas citadas por mais de 10 estudantes e completam o principal pólo da atracção de Nova York. Este grupo é ligado a rotas de migração dos portugueses para a América Norte. Na Costa Ocidental do Pacífico, podemos considerar que Los Angeles e São Francisco são também um grupo de atractividade, eventualmente alargado a Seattle e Vancouver.

Áreas ignoradas

É finalmente importante mencionar que as cidades reforçam as áreas que são raramente mencionadas e que foram descritas anteriormente, especialmente na África (excepto a África do Sul, Angola e Moçambique), na Ásia Central e na América do Sul (com a excepção do Brasil).

Figura 30: As cidades em que gostariam/ não gostariam de viver num futuro próximo



Fonte : EuroBroadMap WP2



EuroBroadMap WP2 - Ana Pedro, CEG

6.2. Divisões do mundo: A análise dos mapas mentais dos estudantes universitários

O objectivo principal desta análise foi analisar as representações individuais das regiões mundiais pelos estudantes universitários portugueses, identificando deste modo, grupos de países sempre juntos na mesma região. Isto significa que esses países são percebidos como ligados por fluxos, semelhança ou aceitabilidade. Também se pretende verificar as razões que podem influenciar aqueles países a serem percebidos como um grupo que justifique a sua regionalização.

Um outro objectivo é identificar áreas de transição entre dois grupos de países relativamente homogéneos ou integrados, que são postos umas vezes comuns a um grupo de países outras vezes comuns a outro grupo.

Foi pedido aos estudantes universitários para traçarem os limites de 2 a 15 regiões mundiais que para eles consistissem nas suas visões/divisões do mundo, os resultados são interessantes uma vez que encontramos respostas que vão de uma divisão do mundo em dois a uma divisão em várias unidades territoriais.

Quando pedido para dividir o Mundo em pelo menos duas partes, foram encontrados alguns estudantes que se recusaram a dividir o mundo, enquanto outros desenharam uma pequena zona e o resto do mundo considerado como uma segunda zona. Este ponto de vista é muito interessante, contudo, não foi considerado na análise.

Outro problema da análise foi a proposta de divisão do Mundo de um ponto de vista bastante original mas cujas divisões cobriam uma parte demasiado pequena do Mundo. Por exemplo alguns questionários mostram um Mundo delimitado em partes como: 1: "o meu " local de férias, 2: "a minha" casa, 3: o resto do mundo. A inclusão de tais respostas não serão introduzidos na análise, mas serão consideradas na interpretação de resultados.

A síntese dos limites propostos pelos estudantes mostra claramente que os corpos continentais são privilegiados no desenho das zonas. Os limites mais fortes são localizados entre continentes e os mares ou oceanos. É o caso dos limites que cruzam os oceanos Atlântico, Índico e Pacífico Norte e Sul. Mas é também o caso do limite do

Mar Mediterrâneo entre a Europa e a África, e do Mar Vermelho entre a África e a Península Arábica.

Os limites terrestres são sempre mais finos do que marítimos porque é mais razoável, de um ponto de vista político, desenhar uma linha de divisão numa superfície aquática neutra do que em terras e população. As exceções são os limites desenhados entre a Federação Russa e a China, e entre a América Norte e o México ou a América do Sul e o México por outro lado.

6.2.1. Composição dos mapas mentais dos estudantes em continentes

Usando o método que produz uma síntese das regiões mundiais e após a codificação dos questionários foi possível denotar que a maioria dos inquiridos aponta 4 a 8 regiões, sendo o número de regiões mais indicado, 6 regiões (com 91 estudantes) seguido de 5 regiões (com 83 estudantes). Sendo assim, a síntese da divisão do Mundo do ponto de vista dos estudantes é feita na sua maioria em cinco ou seis regiões (**Quadro 53**).

<i>Número de regiões</i>	<i>Total %</i>
De 1 a 3	8,54
De 4 a 8	72,29
De 9 a 15	19,38
Total	100,00

Fonte inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 53: Número de áreas desenhadas pelos estudantes.

O SEU PRÓPRIO MAPA-MUNDO

C.1) No seguinte mapa, descreva as suas próprias divisões do mundo (15 no máximo), atribuindo uma numeração a cada área delimitada.

C.2) Que nome atribuiria a cada área desenhada e numerada no seu mapa?

1	Africa
2	Europea.
3	Asia
4	Australia
5	América do Norte
6	América do Sul
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	

Investigator only			
Country	City	Field	Number
PT	EV	13	043

Figura 31: Exemplo de divisão do mundo em 6 regiões
Fonte: Inquérito 2009: Évora – Engenharías - 043.

As primeiras a ser identificadas são zonas que têm uma forma coerente do ponto de vista continental. As primeiras regiões a serem claramente identificadas pelos estudantes são a Europa (que na sua generalidade inclui o Leste Europeu) e a América do Norte. A separação destas duas regiões tendo em conta o ponto de vista eurocêntrico dos inquiridos, não é surpresa.

Todavia aquelas duas regiões são por vezes agregadas e consideradas como uma só região (**Figura 32**). Esta união pode ter dois significados, primeiro, a ideia de que estas duas entidades têm alguma similaridade económica, ou pelo contrário, ao colocar a América do Norte no mesmo grupo da Europa, lembrar que apesar de tudo a América do Norte tem origem europeia. Embora a América do Norte tenha sido originalmente povoada por emigrantes europeus, esta desenvolveu a sua própria cultura e as confrontações entre o Novo e o Velho Mundo não são raras. Esta regionalização reporta-nos, numa primeira instância, para a forte tendência para a valorização do ponto da vista eurocêntrico do Mundo, que é uma questão chave nos mapas mentais dos estudantes.

Esta região Ocidental assemelha-se ao conceito de civilização de Huntington (1996) excepto pelo facto que a Austrália nunca se encontra incluída neste grupo e a Europa ser menor do que a de Huntington, pois este inclui a Turquia e os estudantes portugueses raramente o fazem (**Figura 36, pp. 121**). Similarmente aos critérios civilizacionais usados para unir aquelas áreas, também aquela zona é delimitada segundo critérios relacionados com o nível de desenvolvimento. Muitas vezes denominavam esta área de “norte” ou região “desenvolvida”.

O SEU PRÓPRIO MAPA-MUNDO

C.1) No seguinte mapa, desenha as suas próprias divisões do mundo (15 no máximo), atribuindo uma numeração a cada área delimitada.

C.2) Que nome atribuiria a cada área desenhada e numerada no seu mapa?

1	Países desenvolvidos
2	Países em super desenvolvimento
3	Países em crise
4	Países em fase de guerra
5	Países
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	

Country

City

Investigator only

Field

Number

Figura 32: Exemplo de divisão do mundo com agregação da Europa à América do Norte
Fonte: Inquérito 2009: Coimbra – Engenharías - 048.

A África também é percebida com uma existência continental evidente. Esta regionalização segue muito precisamente a forma de placa tectónica com Madagáscar e as Ilhas Maurícias quase sempre incluídas nesta região.

Outra entidade também claramente revelada é a América do Sul. Esta região inclui em alguns questionários o México e as Ilhas das Caraíbas (não pertencem à placa Sul-americana), mas outras vezes estes são colocados juntamente à região constituída pela América do Norte. O México e um pouco das Caraíbas pertencem à unidade territorial Norte-americana e as ilhas das Caraíbas à América Central, formando uma unidade territorial específica, e como tal é colocada algumas vezes pelos estudantes como uma região à parte denominada por América Central. A região da América Central não parece ter muita coerência do ponto de vista interno, pois tanto pode ser agregada à América do Norte como à América do Sul. A América do Sul é definida como uma região sobre a justificação continental, mas na maior parte das vezes, a origem da sua separação é cultural ou relacionada com o desenvolvimento.

Na maioria das vezes, a Ásia é para os estudantes, constituída por uma região contígua muito grande de países, composta principalmente por países Asiáticos mais a Federação Russa. A Oceânia formada por ilhas (Melanésia e Polinésia) e pela Austrália está também numa região própria, considerada como algo à parte. Do ponto de vista continental, a Oceânia é percebida como o quinto continente e a sua história liga-o com a civilização Ocidental, isto porque a Austrália foi povoada pela Grã-Bretanha, que por sua vez faz parte da UE.

Estas seis partes do Mundo podem ser consideradas como “realidades fortes” na imagem mental do mundo dos estudantes. Aqueles espaços são as entidades básicas que são identificadas primeiramente pela maioria dos estudantes universitários. Estas 6 divisões parecem sublinhar o uso da base continental para desenhar as regiões, mas outro critério que pode ser identificado e associado à opção dos jovens é o económico ou o cultural nomeadamente na divisão da América do Norte e da Europa.

O mundo em mais de 6 regiões

À medida que os estudantes vão delimitando mais áreas surgem outras regiões mais específicas. Uma das primeiras a ser identificada é o Médio Oriente, entre a Síria e o Paquistão, esta divisão é provavelmente construída pela utilização de critérios religiosos, visto toda esta unidade territorial ser muçulmana (**Figura 33**). Esta área é geralmente percebida pelos estudantes como uma zona de conflitos de um ponto de vista geopolítico e alguns dos países constituintes, percebidos como centros de actividades terroristas e extremistas (o Paquistão, o Irão, o Afeganistão, a Síria), sendo que o seu conhecimento decorre essencialmente da imagem vinculada pelos *media*.

A Rússia aparece, sozinha, isolada dos antigos países soviéticos do Leste Europeu, demonstrando que a população estudantil assume mais facilmente que os países do Leste Europeu pertencem à Europa do que à Rússia (**Figura 34**). Isto sublinha o problema da posição da Rússia no Mundo, é demasiado grande para ser parte da Europa, que é um mosaico de pequenos países, e demasiado diferente da China ou outros países asiáticos para ser colocada na Ásia. Mas outra razão, é o facto de a actual Rússia ser associada a imagens do espaço comunista e da Guerra Fria, tão cheia de condicionamentos e regras, que durante décadas teve uma identidade própria associada a uma identidade geográfica. Os espaços então formados com esta regionalização são espaços de tamanho médio e são partes de duas das principais zonas mundiais, a Europa e a Ásia. Também é possível encontrar em alguns questionários a África dividida em duas, a África subsariana e o Norte de África (**Figura 35**), porém na maioria das vezes o continente africano permanece inalterado, como uma região única. Essa permanência como região única, pode significar que para os estudantes universitários e principalmente de ponto de vista europeu, esta região têm uma forte coerência cultural ou económica, ou então por outro lado, estes países não são considerados pelos estudantes com interesse suficiente ou conhecimento para ser o sujeito da diferenciação no mapa mental. Isto sublinha o facto de África ser conhecida pelos portugueses como uma entidade onde uma percepção continental é dominante na definição de países africanos. Ainda assim, alguns estudantes desenhavam duas regiões africanas talvez por estarem conscientes das muito numerosas diferenças entre países africanos e populações.

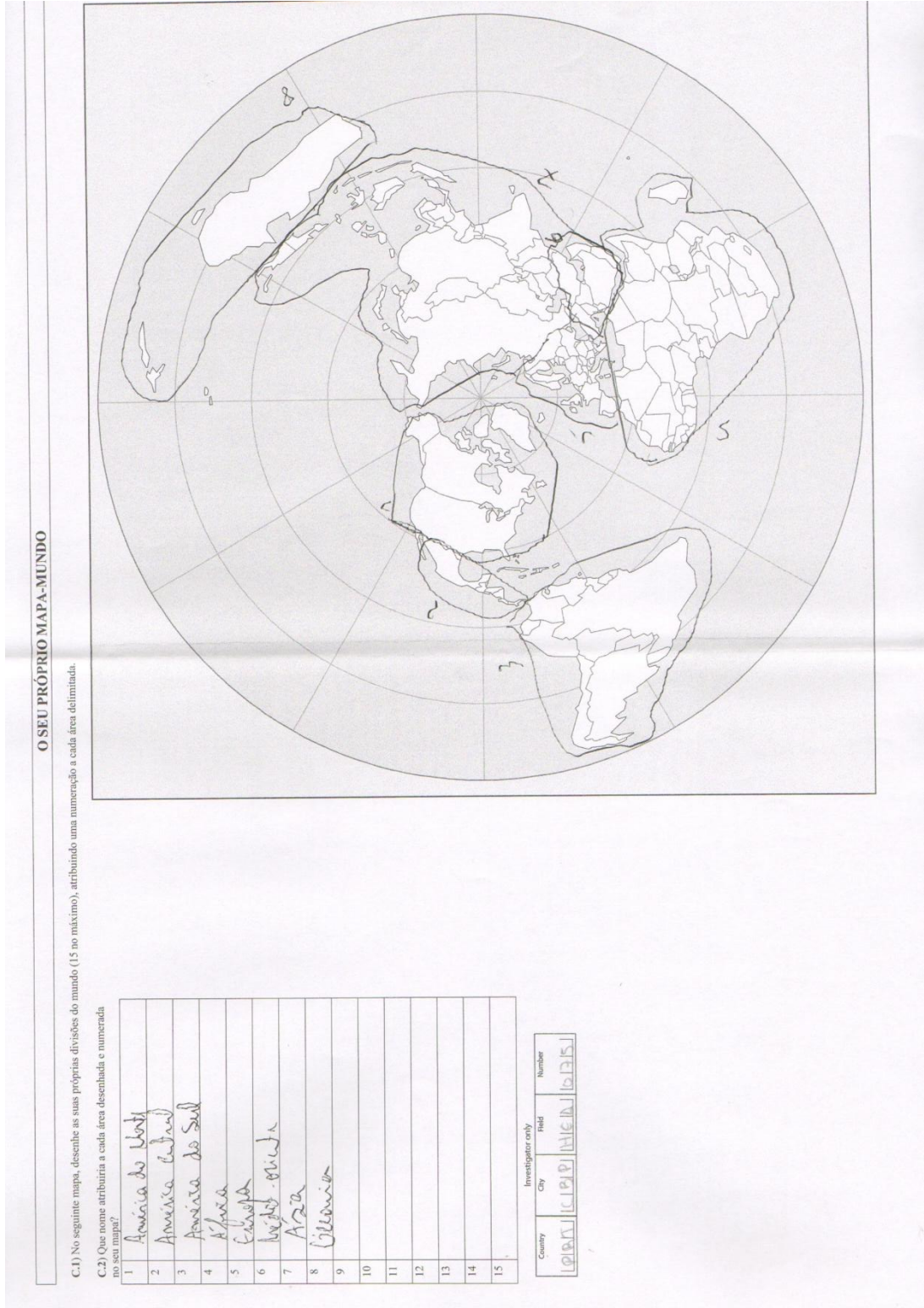


Figura 33: Exemplo de divisão do mundo com a delimitação do Médio Oriente bem definida
Fonte: Inquérito 2009: Coimbra – Saúde – 075.

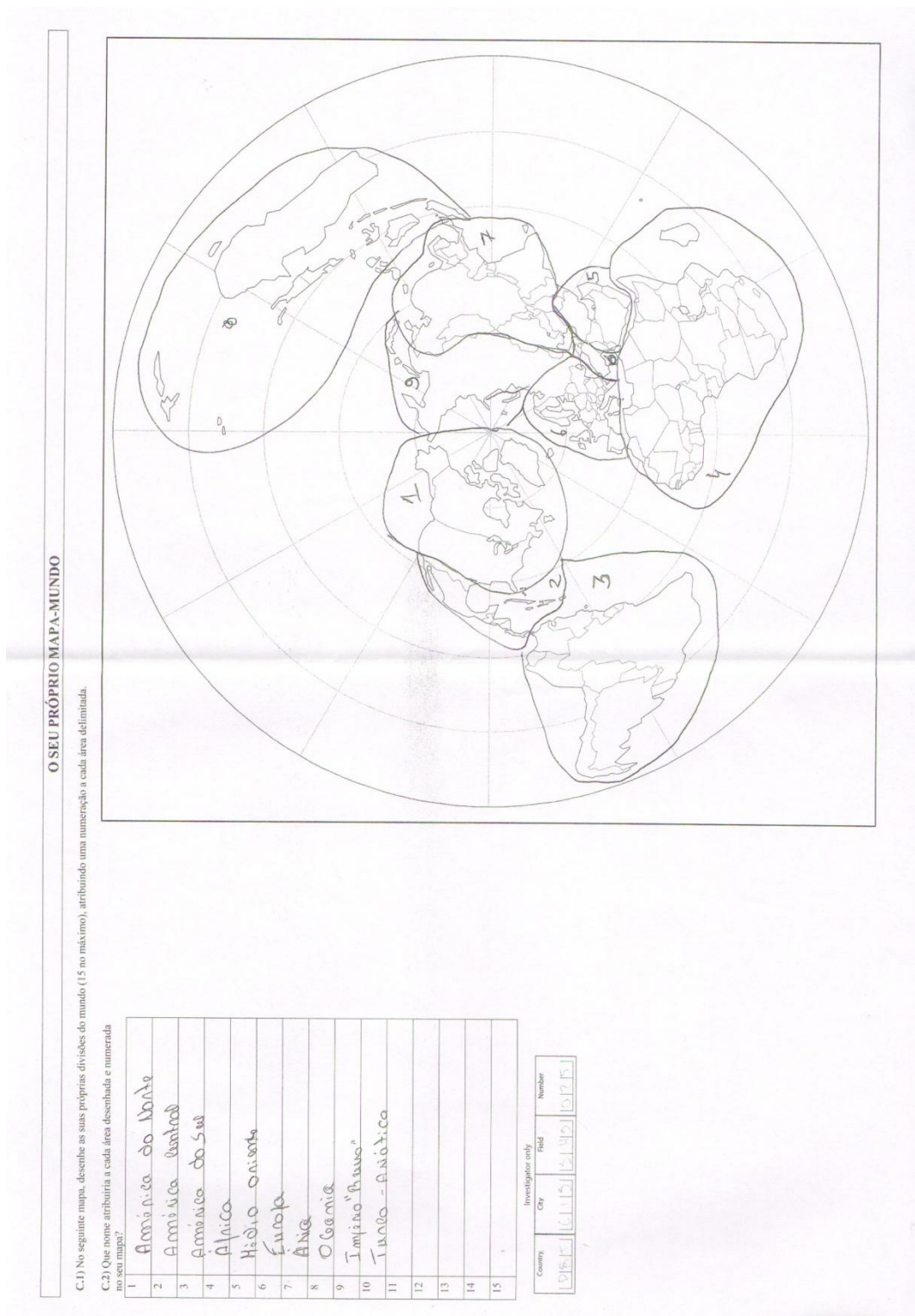


Figura 34: Exemplo de divisão do mundo com a separação da Rússia do restante continente Asiático
Fonte: Inquérito 2009: Lisboa – Ciências Sociais - 025.

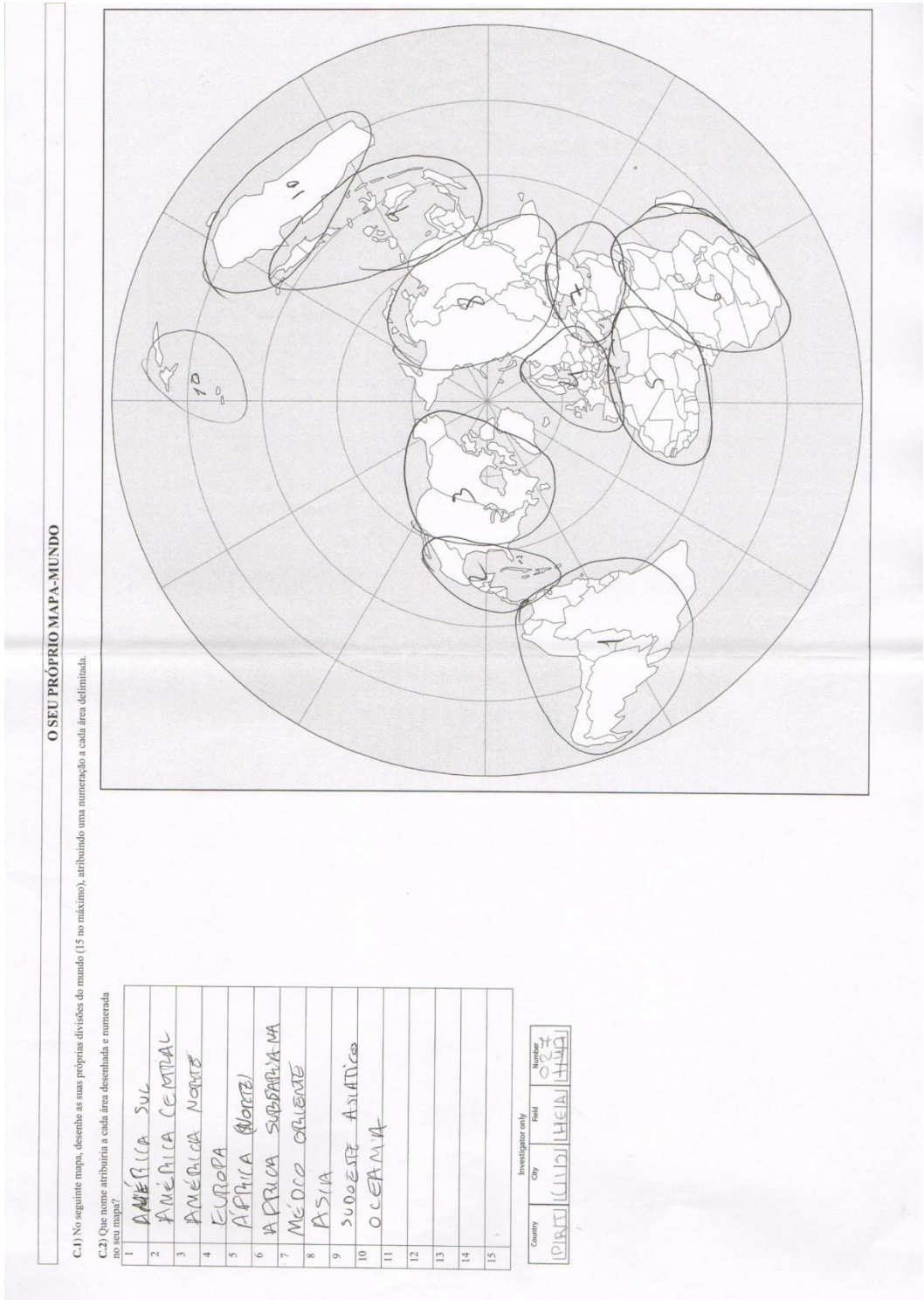


Figura 35: Exemplo de divisão do mundo com a divisão do continente Africano
Fonte: Inquérito 2009: Lisboa - Saúde - 027.

Quando analisamos o número de regiões por cidade, verificamos que existem algumas diferenças na composição das regiões.

Cidade	Número de regiões			
	De 1 to 3	De 4 to 8	De 9 to 15	Total
Coimbra	10,83	74,17	15,00	100,00
Évora	5,83	78,33	15,83	100,00
Lisboa	8,33	68,33	23,33	100,00
Total	8,33	72,29	19,38	100,00

No geral, Coimbra é a cidade em que se regista menor número de divisões do mundo, pois

Fonte inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 54: Número de regiões desenhadas por cidade.

cerca de 10,8% dos estudantes, delimitam apenas entre 1 a 3 regiões. Évora, por sua vez, é a cidade que mais vezes define entre 4 a 8 regiões (78,3% dos estudantes), e em Lisboa, verifica-se o maior número de divisões, sendo que, 23,3% dos estudantes inquiridos delimita entre 9 a 15 áreas (**quadro 54**). Por outro lado, se analisarmos o número de regiões por universidade e respectiva cidade a que pertencem, verifica-se que as mesmas conclusões são reforçadas. (**quadro 55**)

Quando analisado o número de regiões por género, verificamos parâmetros bastante interessantes. Nomeadamente as mulheres, mais propriamente 78% destas, referem entre 4 a 8 divisões, já os homens, embora na sua maioria também façam o mesmo número divisões, estas têm menor significância (66%). É interessante verificar que os homens têm menor número de regiões divididas, nomeadamente 10,3% dos homens, delimitou de 1 a 3 regiões, mas são também eles que delimitam mais regiões que as mulheres (23,8% dos homens, contra 15,6% das mulheres, delimitam de 9 a 15 regiões) (**Quadro 56**).

Por área académica também se verificam situações bastante curiosas, tal como foi demonstrado anteriormente. O número preponderante em todas as áreas académicas situa-se entre as 4 e as 8 regiões, no entanto, se analisarmos as áreas que possuem maior número de divisões chegamos à conclusão que Artes, Economia, e Ciências Sociais são as que fazem maior número de delimitações (28,8 %, 21,3 %, e 20% respectivamente). Artes é consistente com o maior número de viagens realizadas e conhecimento do mundo, assim como espírito crítico, ao passo que nas Ciências Sociais deve-se ao tipo de curso leccionado que apresenta conhecimentos mais abrangentes e relacionados com a sociedade e o território (caso do curso de geografia).

Economia e Ciências Políticas são também as áreas que possuem menor número de divisões (11,3% e 12,5% respectivamente), sendo a área da Saúde a que possui

menor número de delimitações feitas (apenas 3,8% dos estudantes fazem de 1 a 3 delimitações).

No geral revela-se que Artes, Saúde, e Ciências Sociais são as áreas académicas que possuem maior número de divisões do mundo, de 4 a 15 regiões (96,5%, 96,3% e 93,8% respectivamente). Contudo, no caso das Ciências Sociais, isso é maioritariamente explicado pelo tipo de formação detida pelos estudantes e o seu conhecimento do mundo pela via académica (**Quadro 57**).

Quando cruzamos o género por área académica, aferimos que as mulheres em Ciências Políticas são as que efectuam menos divisões do mundo, cerca de 10,3% das mulheres delimita entre 1 a 3 regiões. Em Artes e Ciências Sociais é onde verificamos maior número de mulheres a efectuar de 9 a 15 regiões (nomeadamente 22,6% e 19,6% respectivamente). Relativamente aos estudantes masculinos, estes em Ciências Políticas e economia também são os que efectuam menos divisões do mundo, entre 1 a 3 regiões (14,6% e 15,4% respectivamente). Quando aferida a demarcação de 9 a 15 regiões é claro que em Artes, Economia e Ciências Sociais são as áreas que detêm o maior número de delimitações (40,8%, 30,8%, 20,6%) (**Quadro 56**).

Também com o número de viagens realizadas se estabelece uma relação, nomeadamente verifica-se que os estudantes que nunca visitaram nenhum país tendem a delimitar menos regiões, 21,4% destes referiram de 1 a 3 regiões e os mesmos são os que delimitam menos vezes de 9 a 15 regiões. Os estudantes que declaram já ter realizado 5 viagens possuem um maior número de divisões do mundo (9 a 15 regiões). Assim, também podemos estabelecer uma relação entre o número de divisões do mundo efectuadas pelos estudantes e o número de viagens realizadas, que por sua vez também se vai relacionar com as áreas académicas que possuem ou não maior número de viagens realizadas. (**Quadro 58**)

Os vários desenhos dos limites terrestres elaborados pelos estudantes deram uma média de 6,62 delimitações regionais, o que corresponde de algum modo à divisão dos continentes aprendida na escola. Isto traduz as divisões clássicas, não baseadas em critérios contestáveis, mas nos assim chamados “verdadeiros factos” ensinados em geografia.

A suposta divisão continental neutra do Mundo que os inquiridos propõem é uma das representações verificadas, no entanto, a interpretação de outros fenómenos

que são claramente postos em destaque em alguns questionários é também importante de se analisar (por exemplo: a agregação da Europa e da América do Norte, ou de África à América do Sul (associadas a pobreza e desigualdades). Existem assim, vários critérios importantes de destringir que são muitas vezes usados no desenho das regiões mundiais.

6.2.2. A percepção na delimitação das regiões mundiais: limites controversos e delimitações imprecisas.

Há que notar que nos mapas mentais dos estudantes universitários, áreas muito grandes (como a África e a América do Sul) coexistem com espaços muito pequenos formados por só um país (a Groenlândia), um par de países (a Turquia e a Geórgia, o Azerbaijão e a Arménia) e grupos de países (a Europa, a América Central e a Ásia Central). Isto sublinha a existência de regiões bem definidas como já foram descritas acima e a existência de áreas de transição, nas quais o conhecimento é mais hesitante ou então são lugares de confrontação entre influências.

i) Limites controversos

Numa etapa seguinte são identificadas as zonas que podem ser consideradas como áreas de transição entre dois “espaços fortemente identificados”. Estes espaços podem ser de tamanho médio e muitas vezes compostos por poucos e pequenos países. Os desenhos mostram em alguns casos a hesitação em colocar um determinado país agregado a uma região específica, isto é, em alguns questionários um país é colocado numa região e em outros noutra. Esta hesitação pode resultar de uma confrontação entre a influência política e a cultural. A verificação dos mapas delimitados pelos estudantes permite denotar que quando um país ou um pequeno grupo de países são rodeados por um limite, aqueles lugares são zonas de conflitos ou, pelo menos, zonas de tensão política.

O primeiro espaço a aparecer nesta situação é a Ásia Central, um espaço dividido entre influências russas, turcas, iranianas, chinesas e indianas. Em alguns questionários, quando os respondentes se referem à Ásia Central, a Rússia por vezes é

separada dos países da Ásia Oriental, outras vezes é colocada em conjunto, como um todo denominado de Ásia, seguindo a justificação da divisão por continentes.

A Europa e a América do Norte são muito menos vezes colocadas na mesma região, mas essa regionalização conjunta tem claramente como justificação os níveis de desenvolvimento e razões económicas e culturais. Mas esse caso também se aplica a novas potências económicas como a Índia e a China, no entanto a sua agregação é mais difícil de justificar desse ponto de vista sendo mais fácil de compreender devido à sua “proximidade” geográfica que pode ser a origem dessa agregação.

Outros países que são isolados entre duas (ou mais) influências políticas e económicas são a Turquia, a Groenlândia e três pequenos países caucasianos.

A Turquia é isolada entre dois grandes limites, entre o seu pedido de adesão para ser parte da União Europeia, as suas conexões históricas com a Europa e as suas origens culturais que estão na Ásia Central. A Turquia é claramente uma zona de divergência e transição entre a Europa, o Médio Oriente e o resto da Ásia e isto é demonstrado pela abstenção de alguns estudantes em inseri-la numa região. Ainda assim, para a maioria dos estudantes, este país não pertence à Europa nas suas delineações do mundo. No entanto, alguns estudantes também a dividem em duas partes, uma parte pertencendo à Europa (Istambul) outra integrada na região muçulmana. A Turquia serve assim, como uma divisão de zonas juntamente com outros países da região do Médio Oriente.

A Groenlândia é dividida entre a sua proximidade à América do Norte, e principalmente ao Canadá e a sua pertença institucional à Dinamarca. No entanto, as delimitações nesse sentido mostram que quase sempre esta entidade surge agregada à América do Norte ou então não está incluída em nenhuma limitação talvez por alguma incerteza da parte destes estudantes quanto à sua efectiva posição.

A Geórgia, a Arménia e o Azerbaijão estão divididos entre a influência russa, turca e persa, ou seja, à sua antiga pertença à União Soviética e a sua pertença cultural à região muçulmana asiática. Os mapas compendiados das regiões mostram, por isso, que estes países são umas vezes incluídos na Ásia e outras vezes na periferia da Europa (exemplo **Figura 33 e 34**).

Finalmente a divisão entre a América do Norte, América Central e América do Sul. No desenho, a América Central surge algumas vezes como fazendo parte da América do Norte, outras como fazendo parte da América do Sul, mas também aparece

como uma região por si só ou simplesmente não delimitada graças à hesitação por parte dos estudantes. Na delimitação desta área existe muita hesitação da parte dos estudantes, podendo essa dúvida dever-se ao nível de desenvolvimento das áreas em causa, às características culturais, tais como a língua, ou ainda dever-se às características geográficas da área. Isto porque a maioria dos países da península da América Central são muito pequenos e os outros são ilhas, que os tornam claramente distinguíveis de grandes países continentais apresentados na América do Sul, como o Brasil, e na América do Norte.

ii) Delimitações imprecisas que dividem /cortam países

Esta análise permitiu ressaltar os países divididos na delimitação dos estudantes, sendo isto de facto, admitido como importante para destacar as áreas de transição (áreas que não estão definidas e consolidadas como pertencentes a um território) e as áreas onde existe hesitação na definição dos limites de uma região. Quase todos os países são susceptíveis para serem compartilhados, excepto talvez países muito pequenos ou aqueles que pertencem ao grupo principal de uma região como países da Europa Central ou países da América Central (mas a sua dimensão não é muito grande também).

Um dos primeiros factores que explicam a imprecisão é obviamente o tamanho do país (a Rússia e a China por exemplo). Quando um país tem uma grande dimensão é mais susceptível ser cortado na parte pertencente a áreas culturais diferentes ou sobre influências culturais diferentes.

O segundo factor pode ser atribuído à forma do país. É o caso da Indonésia, a Malásia e as Filipinas e Caraíbas. Quando um país é formado por mais de uma entidade é então mais provável que seja cortado em partes diferentes e ainda mais quando o país é um arquipélago. A Indonésia, é o maior arquipélago do mundo (17000 ilhas) e um dos países mais divididos dos questionários.

Um terceiro factor pode ser a posição geográfica entre duas zonas distintas de um ponto de vista cultural ou económico. É mais precisamente o caso da Turquia, onde houve hesitação dos estudantes em atribuí-la a um espaço ou a outro. Todavia também as disparidades de desenvolvimento entre espaços podem levar ao corte de um país. Além dos países já mencionados, os principais países vulneráveis nesta situação são os países da Ásia Central, do Cazaquistão ao Paquistão, e o Iraque.

6. 3. Principais factores de delimitação das regiões Mundiais

A citação de Wittgenstein “The limits of my language mean the limits of my world” (L. Wittgenstein, 2001, pp. 68, citado por Kamper, 2010, pp. 10) salienta a importância das palavras, como reflexo do conhecimento adquirido ao longo da vida.

A atribuição do nome às regiões demarcadas pelos estudantes pretende determinar que tipos de critérios foram usados na explicação da extensão espacial das regiões desenhadas. Nenhum critério exacto foi imposto na escolha das palavras, tendo sido esta, uma pergunta aberta e por isso, muitos critérios foram citados pelos estudantes.

O critério mais frequentemente usado é o geográfico. Este critério é tipicamente usado pelos estudantes que querem mostrar que o Mundo pode ser dividido em regiões, apontando factores objectivos (culturais, geofísicos, económicos). Contudo, o critério físico, apontado como objectivo, é efectivamente subjectivo, pois surge associado a uma índole política. Por outro lado, os critérios culturais são definidos muitas vezes pela religião, mas não unicamente (língua).

O critério histórico foi usado para reunir países com um passado comum, mesmo se esse passado seja feito de confrontações e guerra, assim como de trocas pacíficas. Isto explica a ambiguidade de posição da Turquia e da Rússia.

Todavia, a criação de grupos de critérios pode levantar algumas dificuldades, principalmente acerca da interpretação dos critérios listados no questionário. A tradução de um critério pode levantar problemas de interpretação, por exemplo, pode fazer o critério "económico", muito citado pelos estudantes portugueses, significar que se reúnem os países porque eles têm o mesmo perfil económico (homogeneidade) ou porque existe uma relação económica forte entre eles ou uma relação económica que pode ter algum interesse (complementaridade).

i) Factores geofísicos de divisão

Citando em particular, e mais detalhadamente, os factores geofísicos é possível encontrar características geofísicas de um grupo de países que possa contribuir para identificá-los como um conjunto. Parecem ser em alguns questionários, os casos das

Caraíbas e da região da Melanésia (a maioria das vezes associada à Austrália mas também associada ao Japão por uma pequena parte dos respondentes), que são regiões definidas pelo facto de que os países que as constituem serem ilhas.

A agregação entre o Cazaquistão e o Japão também se observa, neste caso as características geográficas comuns que podem justificar a sua inclusão na mesma região, podem simplesmente ser a ligação que os estudantes fazem do Japão ao núcleo asiático e, por isso, estes serem considerados dentro da mesma região.

Outros factores que podem explicar a forma de algumas regiões e a posição de alguns limites, são a localização de obstáculos naturais como desertos e montanhas, que são a áreas de baixa densidade populacional. De facto, o deserto do Sahara aparece muitas vezes como um limite, quando os estudantes identificam uma região Norte Africana. Os Himalaias também, quando a Índia e a China são colocadas em duas regiões diferentes.

Porém é difícil saber se aqueles obstáculos naturais parecem significantes no desenho da região porque as pessoas os identificaram como tal, ou se aparecem porque tiveram um grande papel na diferenciação cultural da população localizada em cada lado do obstáculo e neste caso é a diferença cultural que é usada como um critério para compor as zonas.

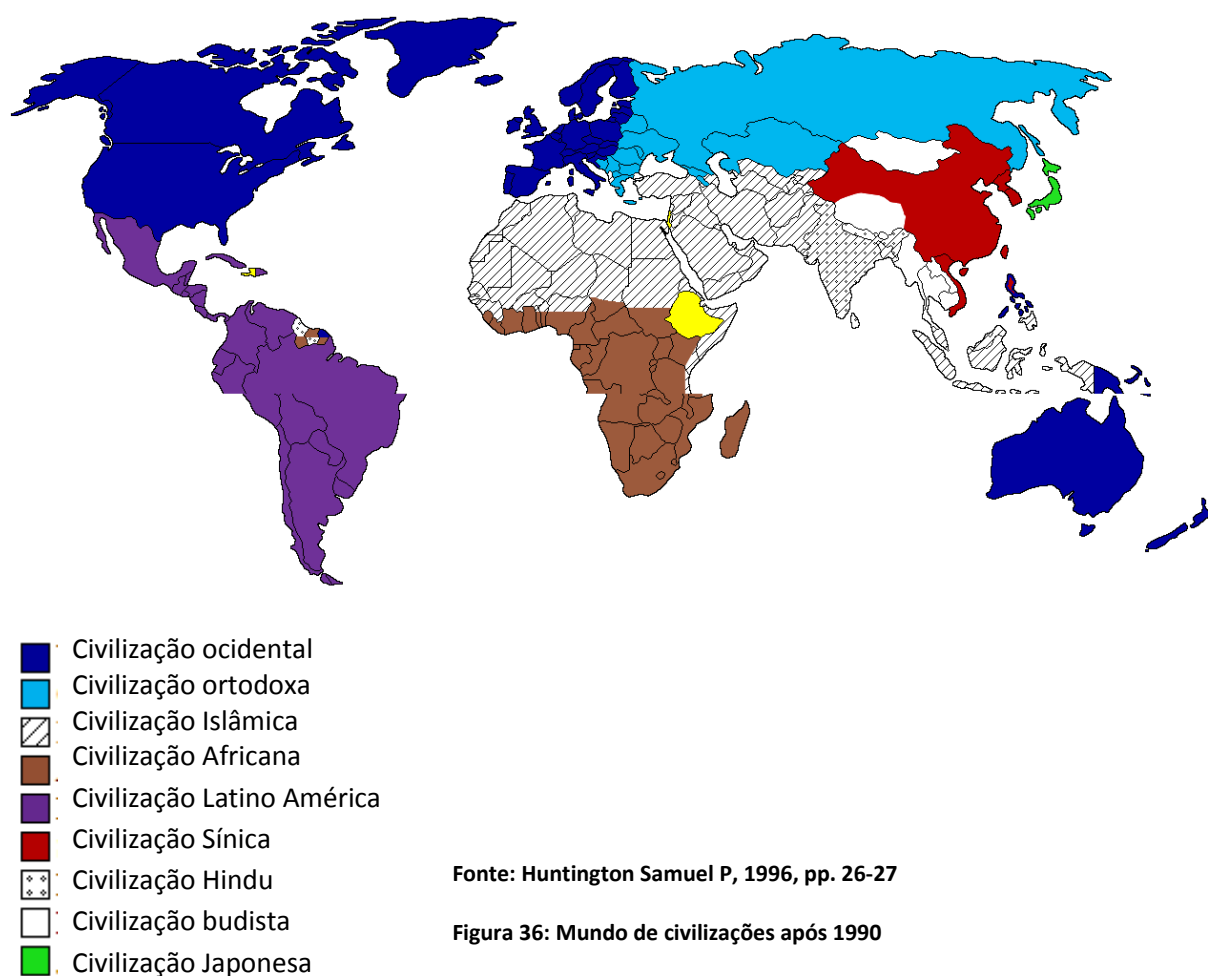
ii) Factores culturais

“A minha hipótese é que a fonte fundamental de conflitos neste mundo novo não será principalmente ideológica ou económica. As grandes divisões entre a humanidade e a fonte dominante de conflitos serão culturais. Os Estados-nação continuarão a ser os atores mais poderosos no cenário mundial, mas os principais conflitos da política global ocorrerão entre países e grupos de diferentes civilizações. O choque de civilizações dominará a política global. As falhas geológicas entre civilizações serão as frentes de combate do futuro.” (Samuel P. Huntington, 1993)

Entre outros critérios, um dos principais que parece ser usado no desenho das regiões mundiais são os relacionados com factores culturais. A economia, e mais provavelmente as chamadas diferenças "culturais", estão certamente na origem da divisão entre países. Por exemplo, é o caso divisão dos países Norte Africanos e da

África Subsaariana feita por alguns estudantes nos questionários. O resto da África não é quase dividido, excepto o Sudão que é às vezes colocado em conjunto com países subsaarianos, às vezes com os países Norte Africanos devido talvez à religião predominante do país ser o Islão.

De facto, as regiões propostas pelos estudantes universitários incluem algumas vezes uma região Norte Africana/Oriente Médio que é principalmente baseada em critérios civilizacionais, expressos na definição de Huntington de civilização, tal como referido anteriormente, isto é, principalmente a religião (**Figura 36**).



No entanto também os conflitos que estas áreas enfrentam são uma justificação para tais divisões, conflitos esses que acabam, na maioria das vezes por ter origem religiosa. Contudo, a religião não é o único critério usado, os critérios linguísticos e os étnicos são implicitamente usados e podem ser um parâmetro essencial a ser considerado na delimitação dos países Norte Africanos e do Médio Oriente.

Outro exemplo é o do Japão, talvez a sua particularidade em termos de desenvolvimento comparando com o resto da região, sugeriria pô-lo sozinho numa região, mas a sua proximidade relativa com a China em termos culturais, do ponto de vista europeu, leva a coloca-lo na mesma região da China.

iii) Factores económicos e Percepção de Desenvolvimento

Divisões surpreendentes do Mundo propostas pelos estudantes também se verificaram muitas vezes, misturando critérios geográficos e de desenvolvimento. Em alguns casos, os países industrializados e desenvolvidos são reunidos num grupo sem qualquer atenção prestada à sua posição geográfica. Os Países em Desenvolvimento ou as economias emergentes são agrupadas segundo a sua posição geográfica e as divisões parecem ser feitas segundo critérios físicos (oceano Pacífico) ou culturais (estados árabes). É interessante observar que os países desenvolvidos normalmente não são distinguidos segundo critérios culturais. Por conseguinte, a zona desenvolvida é dividida em “países desenvolvidos”, enquanto os países em desenvolvimento são classificados segundo a sua posição geográfica (América do Sul, África, etc.) ou mesmo agrupados em regiões pelo seu nível de desenvolvimento.

iv) A herança de uma visão Eurocêntrica do Mundo

Depois da análise dos limites elaborados pelos estudantes no mapa-mundo, é evidente que todos os questionados adoptam no geral uma visão eurocêntrica do mundo. Este ponto de vista é claro considerando que de facto, a Europa é a região mais constante nas delimitações das regiões mundiais.

Os estudantes portugueses distinguem a Europa do resto do mundo no primeiro passo da análise, usando os factores geográfico e económico como justificação, mas

também utilizando classificações entre “um velho Mundo” (limitado à Europa) e “um novo Mundo” (América).

Na divisão, são apresentadas muitas vezes delimitações baseadas em níveis de desenvolvimento, como se a divisão fosse baseada em critérios económicos. Contudo, denota-se que a maioria dos nomes atribuídos às zonas são geográficos e os pontos cardeais são usados para os denominar (por exemplo a Europa Oriental e Ocidental, do Sul, do Norte). Um exemplo disso, é a distinção em alguns questionários de países da Europa Ocidental e países periféricos europeus (países do Leste Europeu, por exemplo).

Outro ponto que tem de ser notado é a extensão da Europa no ponto de vista dos estudantes. Para os estudantes, esta permanece, salvo poucas excepções, sempre a mesma, limitada pela fronteira com a Federação Russa. No entanto, em alguns casos, mas sem maior significância, inclui parte da Rússia, a Ásia Central, o Cáucaso e também a Turquia (frequentemente dividida no que diz respeito à sua inclusão). Para além disso, a outra região, algumas vezes dividida, mas sem significância, é o Médio Oriente.

Dois aspectos podem ser enaltecidos desta análise: primeiro, parece que os limites desenhados pelos estudantes são baseados numa mistura de conhecimento adquirida na educação escolar, com a informação fornecida pelos meios de comunicação social. Em segundo lugar, temos mais uma impressão global sobre o nível de desenvolvimento de um país, do que conhecimento efectivo dos diferentes índices que são usados para avaliar este desenvolvimento. Isto pode destacar a capacidade dos inquiridos de perceber a situação média de um país, apesar de os detalhes não serem conhecidos.

6.5. A Visão da Europa

Acerca da delimitação da Europa, uma descrição clara foi fornecida aos estudantes, podia ser qualquer "União Europeia" presente, assim como uma Europa geográfica, histórica, um desejo de construção política de União Europeia ou uma utopia do que deve ser a Europa no futuro mais ou menos distante.

O tratamento da informação respeitante aos mapas mentais da Europa (feita através de digitalização e edição vectorial com o software ArcGIS) expôs conclusões bastante importantes e interessantes de serem analisadas.

6.5.1. Análise geral das delimitações dos estudantes

Uma primeira imagem fornece uma ideia de quais os países que mais frequentemente foram introduzidos na chamada “Europa”, os que quase sempre ficaram de fora e os que umas vezes foram colocados dentro da Europa e outras vezes não (**Figura 37**).

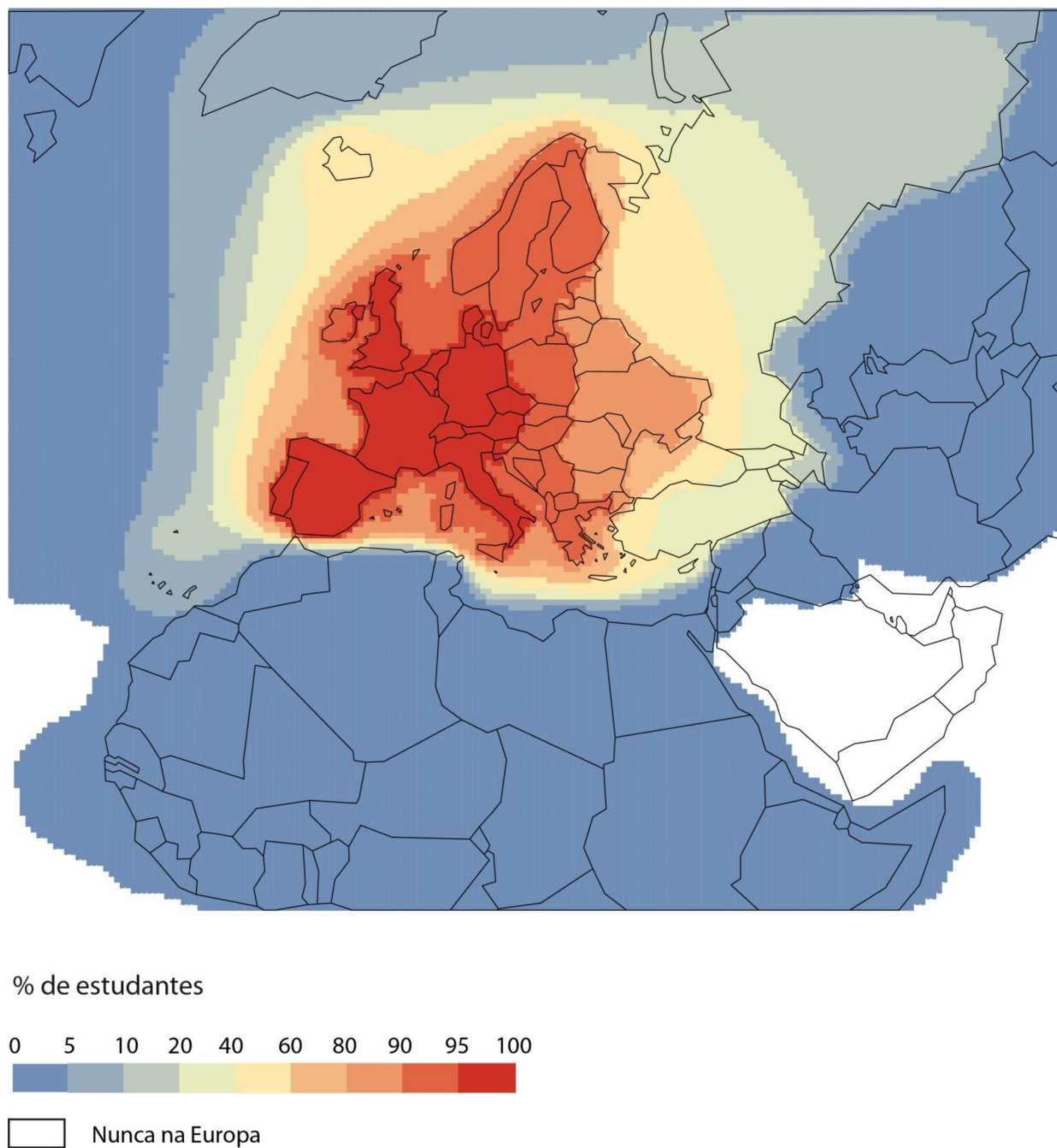
Os países sempre incluídos são principalmente membros da União Europeia. Os países colocados na Europa sem ser divididos são 15 que é menos que o número de países de facto constituintes da União Europeia (27). Estes países de facto representam o que pode ser chamado o núcleo da Europa para os universitários portugueses. Esta imagem dá uma ideia do que foi a constituição da Europa com 15 Estados Membros e pode demonstrar que os estudantes estão ligados a um conceito de União Europeia restrito aos países que a constituíam nos primeiros anos subsequentes à adesão de Portugal à UE.

No entanto, algumas excepções de países comunitários não integrados na Europa foram encontradas. Verificou-se o caso dos países nórdicos (a Suécia e a Finlândia), a Grécia, República da Irlanda, que foram "esquecidos" por alguns inquiridos. Todavia a Suíça permanece sempre presente por se encontrar tão integrada no núcleo europeu.

Os países que normalmente não são incluídos na Europa pelos estudantes (cor azul) estão localizados a Sul do Sahara, área de deserto e países a sul e leste da Península Arábica. Excepto a Arábia Saudita, onde a região norte é por uma pequena minoria dos estudantes incluída no desenho da Europa. Parece assim que aqueles países são claramente excluídos dos mapas mentais da Europa dos portugueses, facto esse talvez explicado pela diferença cultural entre estes países e países europeus.

Outros países (em cor verde claro/amarelo) pertencem algumas vezes à Europa outras vezes não ou podem ser simplesmente divididos em partes, uma pertencendo à Europa, outra não. Os países do Leste e do Sul podem ser considerados como a área de transição, onde a probabilidade para fazerem parte da Europa varia. De facto, as suas situações são bastante diferentes de um país para outro. Alguns deles como a Irlanda e a Grécia pertencem a União Europeia e são quase sempre colocados na Europa. Outros, como a Noruega ou os países balcânicos são muitas vezes colocados na Europa. Para outros países a situação é bastante diferente: a inclusão na Europa ocorreu numa minoria dos questionários (Turquia, Islândia, Gronelândia, Rússia).

Figura 37: Países incluídos na delimitação da Europa pelos estudantes portugueses



Fonte: Eurobroadmap- WP2- Clarisse Didelon, Ana Pedro, CEG

6.5.2. A percepção dos limites da Europa pelos estudantes

A sobreposição dos mapas com as delimitações feitas pelos estudantes evidencia a intensidade das delimitações em comum criando uma imagem clara das fronteiras da Europa para os universitários inquiridos (**Figura 38**). A divisão mais forte do mundo para os universitários portugueses é desenhada pelo Mar Mediterrâneo entre a Europa e os países Norte Africanos (delimitação por mais de 60% dos estudantes).

Isto significa que de facto os universitários consideram que os países europeus são muito diferentes dos países do Norte de África, quer economicamente, quer culturalmente e, por isso, não podem ser colocados na Europa. O Mar Mediterrâneo deve ser considerado como a fronteira mais evidente do Mundo e, consequentemente, a fronteira da Europa.

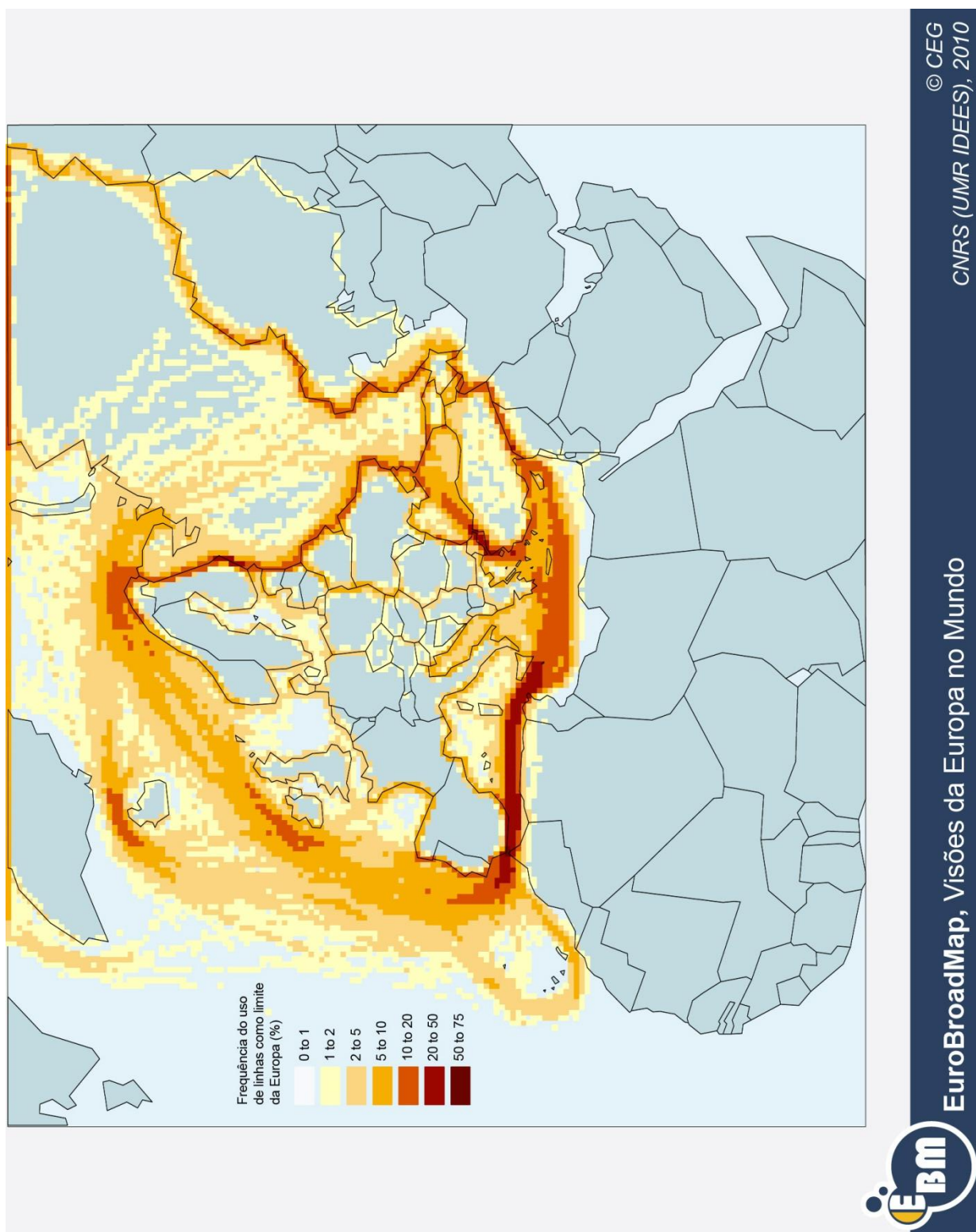
A fronteira terrestre ocidental da Federação Russa é também uma forte fronteira (20% a 50% dos estudantes). Esta pode revelar que a fronteira do Leste Europeu, é o limite periférico da Europa e, por isso, países como a Bielorrússia, a Moldávia e a Ucrânia deveriam estar incluídos na Europa.

O limite é menos forte entre os países balcânicos como Itália e Grécia, e o Norte de África (10% a 20% dos estudantes), em contrapartida o limite é bastante forte ao redor da Turquia (20% a 50%) e igualmente forte na fronteira entre a Turquia e o Iraque e a Síria. O facto de a Turquia estar rodeada por duas demonstrações de limites fortes quer dizer que existe hesitação por parte dos universitários em decidir se a Turquia pertence à Europa ou não. Por um lado, não a consideram geograficamente como parte da Europa e, por outro lado, sentem-se divididos pela sua candidatura à UE.

Embora com intensidade muito inferior, também é possível denotar alguma extensão da Europa por alguns universitários para a Rússia (5% a 10%), normalmente essas delimitações parecem ter relação com a inclusão da Turquia, as delimitações que têm como fronteira a Rússia normalmente parecem excluir a Turquia. Todavia, devido à dimensão da Rússia este é um passo que poucos estudantes ousam dar.

A força do limite em volta da Europa e das conexões entre os países europeus, claramente mostram que este mapa foi desenhado por população europeia demonstrando a visão eurocêntrica.

Figura 38: Limites da Europa para os estudantes portugueses



6.5.3. Integração dos países da Europa

A análise da extensão da Europa de acordo com os estudantes (**Figura 39**), permite verificar que o núcleo de países sempre presentes no mapa da Europa (100% da amostra) é bastante reduzido (11 países). A maioria aponta para os países que compõem a União Europeia dos 15 (exceptuando países da Europa do Norte como a Suécia e a Finlândia, e a Grécia).

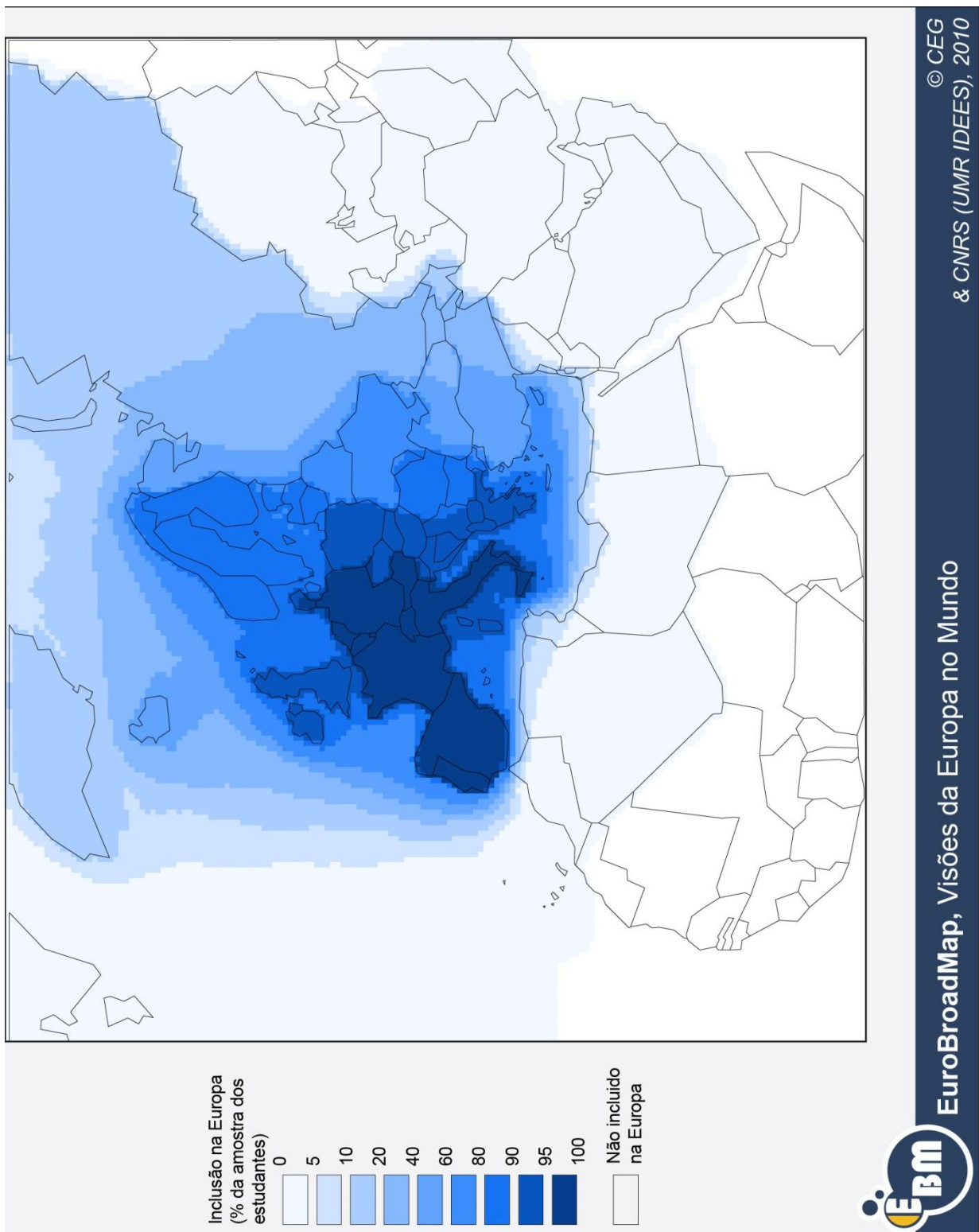
Este mapa destaca também a situação de países que foram colocados algumas vezes na Europa outras vezes não. A gradação do Oeste ao Leste é muito clara mostrando que quando se desenha o limite da Europa num mapa, a proximidade com o núcleo da Europa inclui-os naturalmente. O exemplo mais impressionante é a Croácia, Albânia e os países da antiga Jugoslávia. É muito pouco frequentes estes países estarem excluídos da Europa pelos universitários porque estão localizados entre o núcleo da Europa, e três estados membros, a Grécia, a Bulgária e a Roménia. Sendo assim, talvez o inquirido não perca tempo a questionar-se se a Sérvia ou a Bósnia pertencerem à Europa. Se essa pergunta fosse colocada antes da elaboração dos limites, é provável que aqueles países não tivessem sido tão frequentemente incluídos na Europa ou teriam sido mais diferenciados (o caso da Moldávia). O caso da Ucrânia e da Bielorrússia também é intrigante, estes dois países surgem muitas vezes bem recortados, não fazendo parte da Europa, no entanto se verificarmos os países a norte e a sul destes, observa-se que estão mais vezes integrados na Europa.

Tal como foi verificado na divisão do mundo em regiões, anteriormente mencionada, também nesta definição dos limites europeus a situação da Turquia e da Rússia são bastante específicas. Estes países muitas vezes são divididos em duas partes, uma pertencendo à Europa, outra não, o que nos leva a crer que ambos podem ser considerados como um primeiro sinal de um limite da Europa.

A inclusão de toda a Rússia na Europa é um passo que poucos universitários desafiam tomar, talvez porque o país é demasiado grande e porque uma grande parte dele é localizado no que comumente se designa como sendo a Ásia. Cerca de 10% de questionários colocaram-no totalmente na Europa. Evidencia-se também uma gradação interessante na delimitação para Norte da Europa, no que diz respeito à inclusão da Islândia e, em menor grau, da Gronelândia. No entanto, estas delimitações não têm significância em termos do número de estudantes que as citaram (cerca de 10%).

O Mar Mediterrâneo actua como uma forte fronteira entre o núcleo da Europa e os países de Norte de África. Não há nenhuma gradação como aquela que pode ser observada no Leste e o número de questionários que os incluem na Europa é pequeno ou muito pequeno, apenas exceptuando a inclusão de Marrocos com uma maior percentagem, mas ainda sem significância. Essa inclusão pode dever-se à proximidade da Península Ibérica a Marrocos (estreito de Gibraltar) que pode ser um pouco incluída na delimitação, mas que na verdade não passa de o resultado de uma limitação pouco rigorosa.

Figura 39: Extensão da Europa de acordo com os estudantes portugueses



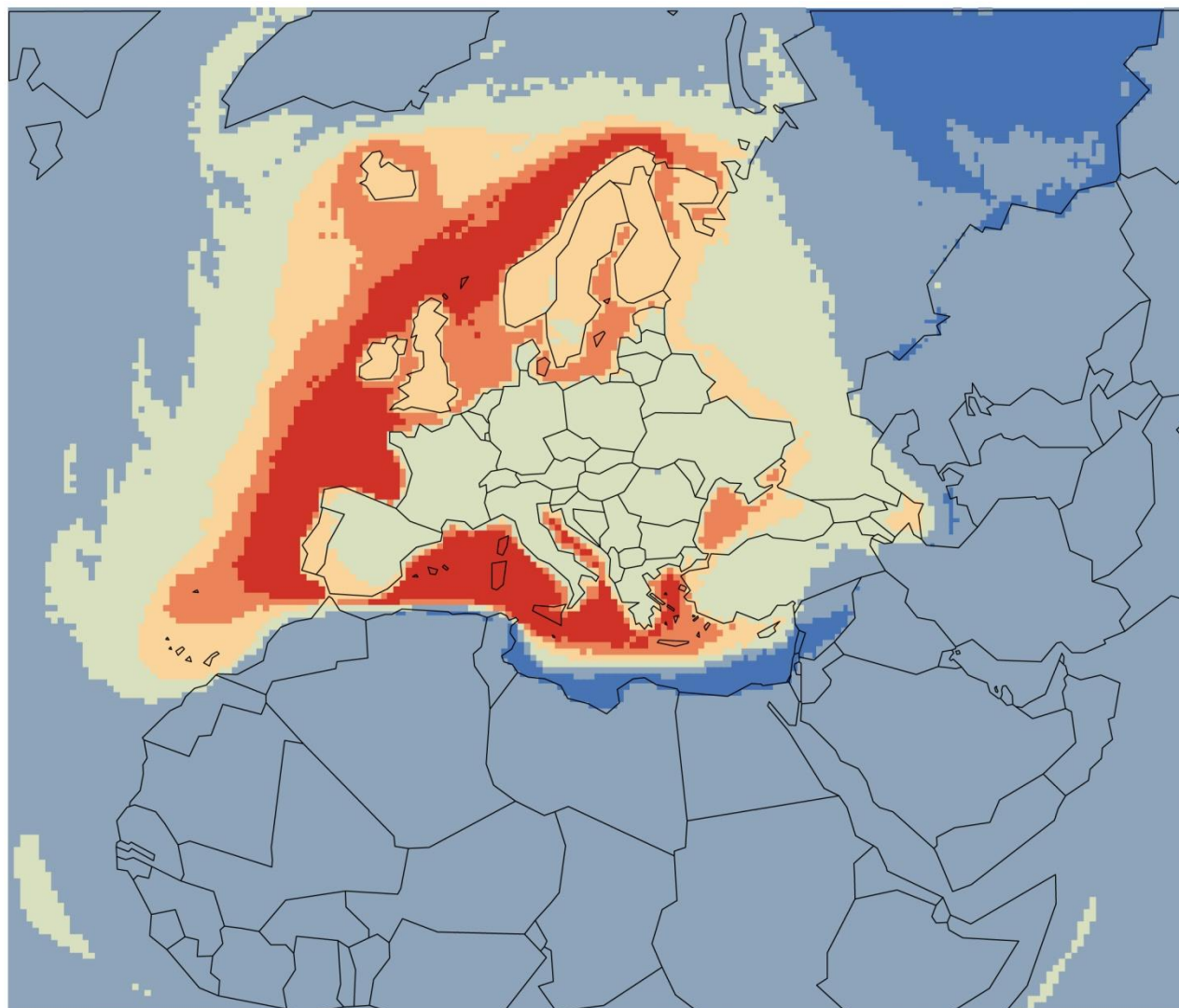
Num segundo mapa (**Figura 40**) verifica-se um conjunto de tendências formadas pelos desvios na delimitação da Europa em relação à média da amostra. A primeira tendência é formada pelas gradações de grupos de países pertencentes à Europa. O primeiro grupo é composto por países que estão mais vezes incluídos na Europa (vermelho e cor de laranja). Um segundo grupo é composto por países que ocasionalmente estão incluídos na Europa com intensidades diferentes (verde e amarelo) e por países da Ásia Central e Norte de África (azuis) que foram poucas vezes incluídos na Europa.

A segunda tendência que pode ser observada é uma regionalização de países. O grupo cor de laranja e vermelho é claramente o desenho da Europa que vai diminuindo a sua gradação em direcção ao Leste. Para Leste os países que têm maior inclusão por parte dos estudantes são os países da Europa do Norte nomeadamente a Noruega, a Suécia, a Finlândia e a Islândia. Os portugueses tendem a fazer uma delimitação também muito inclinada para oeste (maior inclusão da Península Ibérica), isto porque a posição geográfica de Portugal tende a influenciar isso.

As áreas com gradação azul compreendem maioritariamente países ao Sul do Mar Mediterrâneo (exceptuando Marrocos) e do Médio Oriente.

Esta regionalização é também visível na subdivisão da categoria verde com a azul. O Iraque e a Jordânia (verde médio) estão separados da Síria, Israel e Líbano na classificação, sendo a frequência da inclusão na Europa equivalente à do Egipto, Líbia e Argélia. O caso de Marrocos é específico pela sua proximidade à Península Ibérica, que torna difícil a delimitação sem abranger nenhuma parte desse país, mas também permite que as pessoas o coloquem na Europa sem ir muito para sul como é o caso da Argélia (muito frequentemente cortada).

Figura 40: Delimitação da Europa - desvios em relação à média



Desvios em relação à média da amostra (%)



Fonte: Eurobroadmap - WP2 - Clarisse Didelon, Ana Pedro, CEG

Face às diferenças internas já verificadas é importante perceber se essas diferenças entre as cidades em análise influenciam a percepção que os estudantes têm da Europa e do mundo (**Imagem 41**).

Relativamente às variações na inclusão de países entre as cidades portuguesas não são grandes, as três cidades têm delimitações muito similares. No entanto verificaram-se algumas alterações que se passam a demonstrar (**Figura 42**). No geral, as três cidades têm uma gradação para Leste na delimitação, mas em algumas essa gradação é positiva, noutras é negativa. Isto é, se observarmos o caso de Coimbra verificamos que os países que fazem fronteira com a Rússia (Ucrânia Bielorrússia, Turquia, Irão, etc.) tem menor inclusão quando comparados com as outras cidades onde foram aplicados os questionários. Com isto, pode-se deduzir que a noção de Europa nos estudantes de Coimbra é mais restrita e confinada ao chamado “núcleo” Europeu. Relativamente à integração dos países a Sul do Mediterrâneo, os universitários de Coimbra frequentemente incluem a Argélia na Europa, que se deduz ser justificado sobretudo pela proximidade de países (europeus/norte africanos) e à imprecisão da delimitação.

Os estudantes de Évora, por outro lado, registam poucas diferenças com as delimitações feitas pela amostra em geral. Todavia, pode-se verificar que esta cidade destaca determinados países na inclusão da Europa por exemplo para Leste é evidente o caso da Letónia, Lituânia, para sudeste a Síria e o Iraque, e sul verifica-se o caso de Marrocos. Os países que quase nunca são incluídos na delimitação dos estudantes de Évora são a Tunísia, Azerbaijão, Gronelândia e Islândia.

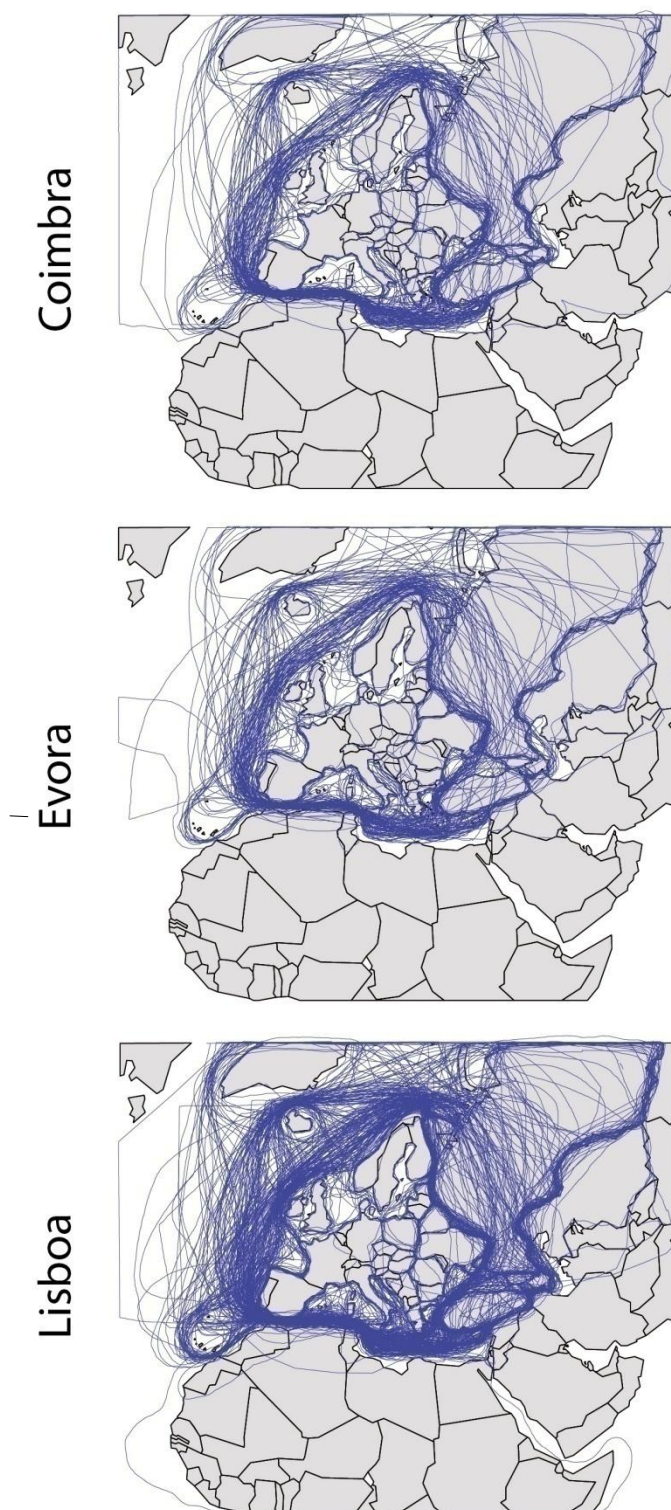
Os mapas de Évora demonstram uma delimitação da Europa mais abrangente que a de Coimbra, que por sua vez demonstra uma imagem de cariz mais conservador por parte dos estudantes desta cidade.

A imagem dos estudantes de Lisboa, como uma cidade cosmopolita, assemelha-se mais à de Évora que à de Coimbra, tal como em Évora, existem poucos destaques e os que se encontram têm o mesmo padrão dos de Évora, ou seja, para sudeste verifica-se a integração da Geórgia e do Azerbaijão, assim como do Cazaquistão. Esta imagem dá a ideia de uma Europa mais alargada para estes estudantes. Também aqui talvez se retrata a hesitação das delimitações das fronteiras ou simplesmente desconhecimento destas por parte dos estudantes.

Lisboa é também das três cidades aquela que inclui mais vezes a Islândia, não deixando que a evidente distância geográfica deste país ao continente europeu influencie a sua inclusão como país nórdico insular europeu.

A área a sul do Mar Mediterrâneo menos citada na capital portuguesa como fazendo parte da Europa é a Argélia, sendo a Tunísia pelo contrário, a mais citada. Este facto pode dever-se à proximidade da Tunísia à fronteira italiana.

Figura 41: Europa desenhada pelos estudantes: perspectiva por cidade

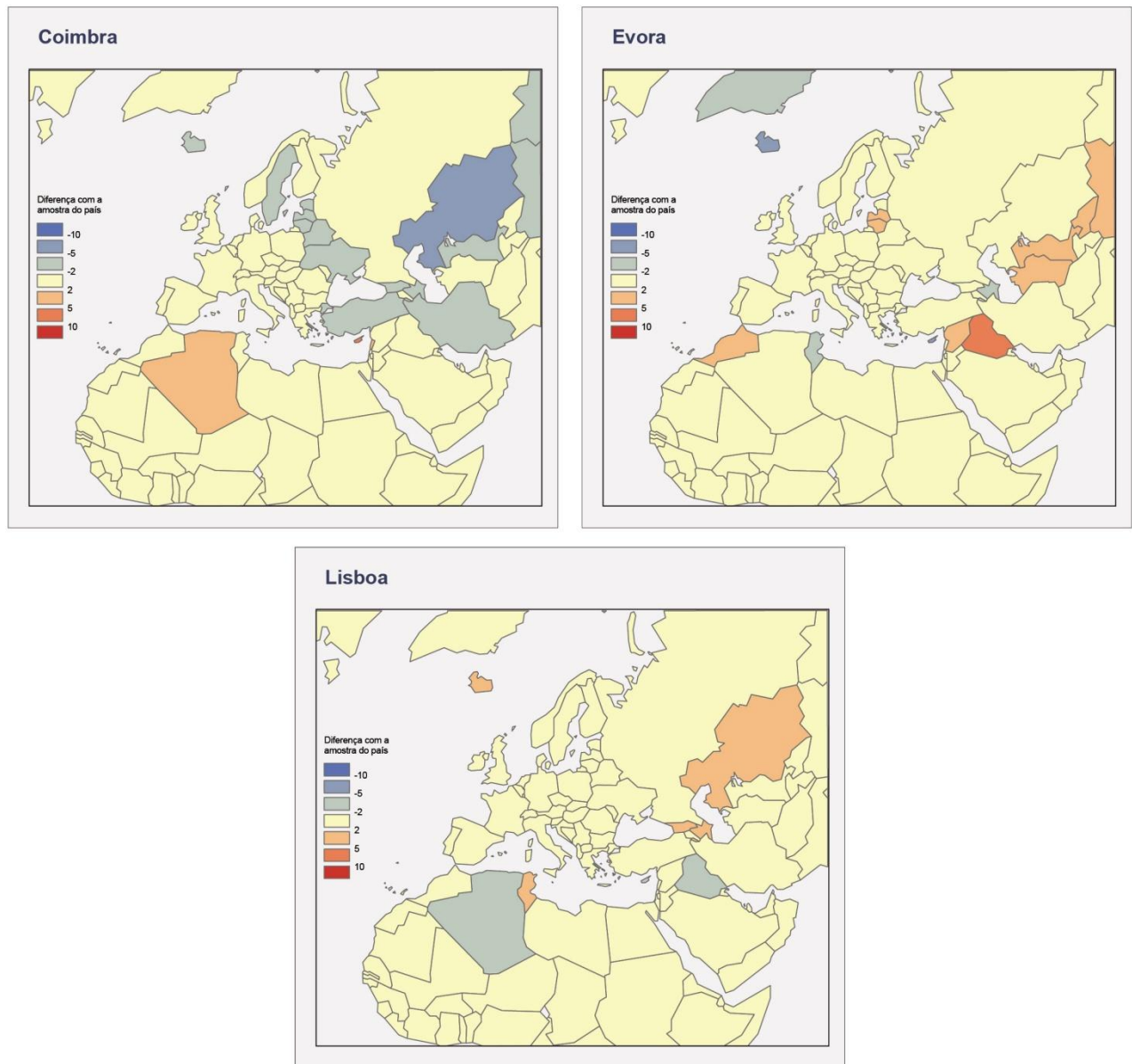


source : EuroBroadMap survey 2009



© C. Didelon - EuroBroadMap

Figura 42: Diferença na inclusão de países na Europa: perspectiva por cidade



Fonte: EuroBroadMap-WP2

© CEG & CNRS (UMR IDEES)



Também a delimitação da Europa pode depender do tipo de instrução superior que o inquirido detém, ou seja dependendo da área académica, a sua imagem do que é a Europa vai variar. Em Portugal, as diferenças por área académica são bastante interessantes e ilustrativas de como, de facto, o domínio de estudo pode influenciar a percepção (**Figura 43**).

Os alunos de Ciências Sociais e Saúde não variam muito da amostra geral do país. Para estes, a Europa é uma “Europa” alargada que evidencia uma ligeira inclusão de países para o Leste Europeu e Médio Oriente. Nas Ciências Sociais, o único facto a demarcar é a inclusão de Marrocos. Nos alunos de Saúde verifica-se uma maior inclusão da Gronelândia e Islândia e de países do Médio Oriente como Irão, Geórgia, Azerbaijão e Arménia, e a clara exclusão da Síria e do Iraque.

Relativamente aos alunos de Artes, estes não fogem à regra, inserem mais frequentemente países de Leste Europeu e Médio Oriente como o Cazaquistão, a Geórgia e Arménia, mas também países localizados no norte da Europa como a Irlanda e a Islândia e no norte de África (Argélia). Em contrapartida, incluem menos vezes Marrocos e a Gronelândia. Isto poderá querer dizer que a ideia de Europa para estes alunos é de uma Europa alargada e que de facto eles não têm uma noção clara das suas fronteiras.

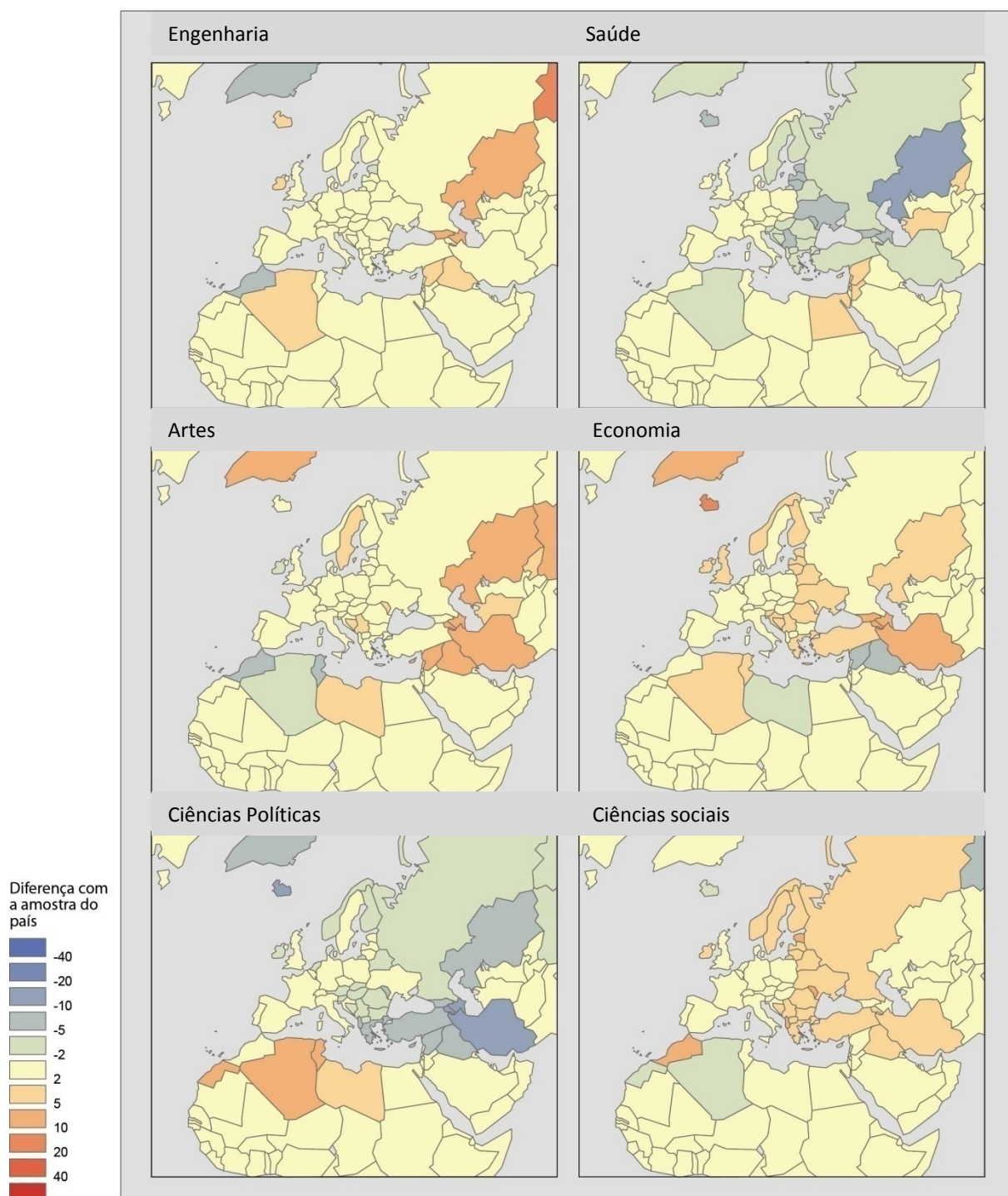
Também os alunos de Engenharia possuem uma visão similar com a excepção que mais frequentemente incluem a Gronelândia e mais vezes excluem os países do Norte de África evidencia-se assim uma delimitação no Mediterrâneo bastante demarcada e a Leste e Norte da Europa mais alargada.

Os alunos das áreas de Economia, por sua vez possuem uma ideia de Europa bastante mais constricta, pois na análise dos mapas destes reconhece-se uma diferença negativa de inclusão de países da Europa para Leste. A Europa para estes alunos parece ser muito similar ao contorno da Europa dos 25. Esta interessante delimitação poderá ter uma relação directa com a sua formação e com o facto destes alunos associarem a Europa como uma unidade monetária com países que têm o mesmo perfil económico ou porque existe uma relação económica forte entre eles.

Os mapas elaborados pelos alunos de Ciências Políticas por sua vez, possuem muitas parecenças com o mapa elaborado pelos alunos da área de Economia. Também para estes a Europa é bastante reduzida, sendo que os países do Leste e do Médio

Oriente não são integrados nesta. No entanto, consideram os países do Norte de África como a Argélia, a Tunísia e a Líbia mais vezes. A visão destes alunos mais uma vez prende-se na sua maioria a uma Europa delimitada às fronteiras da União Europeia dos 25, facto que pode ter uma relação directa com a linha de estudos da sua instrução superior.

Figura 43: Diferença na inclusão de países na Europa: perspectiva por área académica



Fonte: EuroBroadMap - WP2



© CEG & CNRS (UMR IDEES)



6.6. A Europa “por palavras”: A representação da Europa através das palavras

A última questão presente no questionário elaborado em Lisboa, Coimbra e Évora remete para as palavras que os estudantes associam à Europa, para assim fornecer uma ideia clara do significado da Europa no imaginário dos estudantes.

Nesta resposta a variedade de palavras escolhidas pelos inquiridos foi bastante ampla e por isso o ranking das palavras foi analisado segundo as suas frequências para classificar o conteúdo. No geral verifica-se que a Europa é vista pelos estudantes de uma maneira bastante positiva, como uma entidade do mundo demarcada pela união entre países bastantes heterogéneos entre si (**Quadro 59**).

Dentro das palavras que primeiramente caracterizam a Europa para os estudantes portugueses estão o conceito "união", que é o mais importante para os estudantes, seguido pelos conceitos de “desenvolvimento” e “cultura”. De entre as dez primeiras palavras mais frequentes, cinco palavras descrevem valores socioculturais ("liberdade", "cultura", "história", "diversidade" e “civilização”), três palavras valores políticos ("União Europeia", "união", "comunidade") e só duas palavras valores económicos ("desenvolvimento", “euro”).

Palavras	Frequência
União	8.05
Desenvolvimento	6.43
Cultura	6.13
Euro	3.96
História	2.76
União Europeia	2.10
Comunidade	1.56
Diversidade	1.56
Civilização	1.44
Liberdade	1.44
Economia	1.20
Cooperação	1.02
Paz	1.02
Velho continente	0.96
Multicultural	0.96
Conhecimento	0.90
Poder	0.84
Progresso	0.84
Desenvolvido	0.72
Igualdade	0.66
Outros	55.44
Total	100.00
Total de respostas:	1671

Fonte inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 59: O ranking das 20 das palavras associadas à Europa.

Os estudantes portugueses percebem a Europa antes de mais como uma entidade política e económica. A ideia geral vincada é do contexto em que Portugal se insere na Europa (União Europeia). Verificam-se assim palavras associadas à Europa, mas que são também ligadas ao conceito de União Europeia, citada como palavra por 2,10% das respostas. De facto, 8,05% das respostas dos inquiridos refere "União" como uma

palavra característica da Europa, mas também a palavra “Comunidade” é citada em 1,56% das respostas) e “Cooperação” (1,02% das respostas). As palavras relacionadas com critérios políticos são “Liberdade” (1,44% das respostas), “Paz” (1,02%), “Poder” (0,84%) e “Igualdade” (0,66%). Também são citados pelos estudantes critérios económicos associados na sua maioria às palavras “Desenvolvimento” (6,43%), “euro” (3,96%) e “Economia” (1,20%).

Muitos estudantes insistem também na importância da dimensão cultural e na dimensão histórica para a representação da Europa. Sendo assim, as representações sobre a Europa são também baseadas na cultura e no conhecimento histórico desta entidade, a palavra “Cultura” é bastante citada pelos estudantes com 6,13% das respostas, “História” com 2,76%, “Civilização” com 1,44%, “Velho Continente” com 0,96%, “Multicultural” com 0,96% e “Conhecimento” com 0,90%.

Os limites gerais da “Europa” dos inquiridos quando comparados com as palavras que os estudantes usaram para definir a “Europa”, demonstram de certa maneira uma realidade dicotómica. Por um lado, o núcleo de países sempre presentes na Europa dá uma ideia de que os estudantes referem-se à Europa como uma Europa alargada compreendida até à fronteira russa, talvez na tentativa de representar a Europa de uma maneira imparcial e “geograficamente” correcta, segundo eles. No entanto, quando verificadas as palavras que estes associam à Europa, depreende-se uma estreita relação com a União Europeia, pelas palavras escolhidas para a descrição da “Europa”.

Pode-se então deduzir que, de facto, para os inquiridos existe uma fronteira mental da Europa, e que não se restringe à fronteira física. Essa fronteira é associada ao conceito de União Europeia e ao sentimento de identidade na pertença àquela comunidade.

A variação do vocabulário segundo a área académica é bastante interessante (**tabela 60**). Se analisarmos as palavras indicadas pelos estudantes de Artes vemos a expressão que assume a relação com a área académica. Estes estudantes referiram mais frequentemente palavras como “Cultura” e “Artes” do que outros estudantes; palavras compreensíveis de acordo com a sua área académica. Também eles associam, mais que as outras áreas académicas, a Europa a “Estabilidade” e “Mobilidade”. As escolhas de

palavras mostram que os estudantes também têm uma experiência real do mundo, coincidente com o facto de serem igualmente os mais viajados no contexto geral.

Nos estudantes de Economia esta relação não é tão clara, esses associam a Europa mais frequentemente a “União Europeia” e “Oportunidades” que outras áreas, o que pode estar relacionado com a economia. Os estudantes de Engenharia relacionam a Europa a “Progresso” e modernidade compreensíveis segundo o seu domínio de estudo.

Em estudantes de Saúde é verificável a sobrerrepresentação de palavras como o “Turismo” e a “Cultura”, compatível com o facto de estes estudantes viajarem mais vezes, mas a indicação de palavras como “Desenvolvimento” e “Conflitos” demonstram um conhecimento geral do contexto histórico, cultural e político da Europa. É interessante verificar que é a área científica que associa menos vezes a Europa à expressão “União Europeia” e “Poder”.

Em Ciências Políticas é verificável a relação das palavras com o domínio do estudo. Para estes estudantes prevalece uma imagem intelectual da Europa relacionada com história (“Civilização”, “Guerra”, “Ocidente”, “Comunidade”) e baseada em valores positivos como “Multiculturalismo” e “Qualidade de vida”, e valores negativos como “Pobreza”.

Nas Ciências Sociais também podemos associar as palavras ao seu domínio de estudo; estes estudantes disseram mais vezes que as outras áreas académicas, palavras relacionadas com características sociais da Europa como “Diversidade”, “Circulação” e características económicas, como “Desenvolvimento” e “Economia”.

Se analisarmos as palavras pela área académica vemos que os valores socioculturais são mais informados por estudantes de Artes, Saúde e Ciências Políticas talvez porque são as áreas com estudantes mais viajados. Ao analisarem-se as palavras dos estudantes destas áreas verifica-se uma grande quantidade de palavras relacionadas com valores culturais e socioculturais e que demonstram que de facto existe experiência da parte destes estudantes nesses espaços, por exemplo são as únicas áreas que fazem menção à mobilidade e livre circulação presentes na Europa.

Os valores políticos são também muito referidos por todas as áreas mas verifica-se uma pequena sobrerrepresentação nas áreas das Ciências Políticas e Economia. Os valores económicos são mais indicados por estudantes de Economia, Saúde e Engenharia.

Quando analisamos as palavras segundo a cidade podemos observar que Coimbra relaciona a Europa na sua maioria com características naturais e culturais.

Coimbra relaciona mais frequentemente que as outras cidades, a Europa à “Gastronomia”, a um “Velho continente”, a uma entidade “Multicultural” e ao “Futebol”. Estas palavras mais específicas dão a ideia de uma percepção e vivência mais tradicionais, o que reflecte a ligação à resposta anterior, onde se destaca uma elevada percentagem de inquiridos que manifestaram um sentimento de pertença local muito forte (**tabela 61**). Por outro lado, é a cidade portuguesa que refere menos vezes a palavra “Liberdade”.

Évora, por outro lado, embora também associe a Europa a características culturais e naturais como “Turismo” e “Beleza”, é contudo a cidade que cita menos vezes a palavra “História” como palavra associada à Europa. Os estudantes de Évora usam mais vezes que as outras cidades, palavras como “Política”, “Oportunidades” e “Desenvolvimento”.

Em geral, os estudantes de Évora têm maior número de respostas quanto a aspectos culturais e políticos e caracterizam a Europa usando palavras mais abrangentes. Este facto pode estar relacionado com o tipo de estudantes que Évora tem, embora esses estudantes sejam originários de todo o país, o rendimento das famílias é menor e o número de viagens realizadas por estes para fora de Portugal é dos mais baixos, e isso reflecte-se nas palavras que citam e que apresentam um maior nível de indiferenciação.

Por outro lado, Lisboa relaciona a Europa a “Liberdade”, “Mobilidade” e “Poder”, palavras relacionadas com os ideais da União Europeia. Esta é vista como uma centralidade poderosa que concebe um espaço de liberdade e mobilidade. Esta imagem pode estar ligada à mentalidade cosmopolita da capital portuguesa, com o rendimento das famílias e com o maior número de viagens realizadas pelos estudantes desta cidade.

Segundo o género, os resultados são muito interessantes, como se pode verificar na **tabela 62** nos anexos. As mulheres mais frequentemente indicam palavras relacionadas com aspectos culturais como “Beleza”, “Turismo”, “Diversidade” e “Diferença”. Os estudantes femininos, também disseram muitas vezes a palavra “Euro”, o que dá a ideia de uma associação à União Europeia e à sua moeda. Refira-se que aquela palavra é mais frequentemente mencionada pelas mulheres do que pelos homens (6,4 % contra 4%).

Outras palavras são mais mencionadas pelos estudantes do género masculino, palavras relacionada com aspectos económicos, históricos e políticos. As palavras como “Democracia”, “Berço”, “Ocidente”, “Social” e “Progresso” mais vezes são indicadas por homens do que por mulheres. Deve ser recordado que a maioria de estudantes masculinos pertence a áreas académicas como Engenharia, Ciências Políticas e Economia, o que de facto se reflecte as palavras que são mais vezes assumidas por eles.

No geral, as de mulheres dão mais respostas relacionadas com valores políticos (“Comunidade” e “União”) e os homens dizem mais vezes “União Europeia” do que as mulheres. A amostra nos valores económicos é bastante equilibrada entre homens e mulheres e quanto a valores socioculturais, a amostra é mais uma vez reforçada pelas mulheres. É verificável que os homens são “mais dispersos” na sua caracterização da Europa e usam respostas relacionadas com gostos pessoais como o “Futebol”, “UEFA”, etc.

Da análise por cidade, decorre o interesse em verificar a variação do vocabulário segundo o nível de rendimento (**tabela 63**). Por exemplo, podemos verificar que os estudantes com nível de rendimento alto indicam mais vezes palavras relacionadas com aspectos culturais como “Arte” ou “Educação”, acontecimento associado talvez ao facto de aqueles estudantes viajarem mais vezes o que lhes dá esta imagem intelectual da Europa.

Os estudantes com nível do rendimento médio alto indicaram mais vezes palavras também bastante intelectuais relacionadas com aspectos políticos e económicos como, “Cooperação”, “Berço”, “Globalização”, “Mobilidade”, “Igualdade” e “Civilização”. Se compararmos estas com o nível de rendimento médio baixo vemos que as palavras têm também uma perspectiva política, mas são características mais comuns como “Antiga”, “União Europeia”, “Política” e “Turismo”. A “União Europeia” é uma importante expressão assumida em 6,1 % das respostas de nível de rendimento médio baixo o que demonstra o sentimento de pertença desta população.

Os estudantes de nível de rendimento de baixo indicam mais vezes palavras como “Única” e “Futebol”. Após a análise das palavras por estatuto socioeconómico verifica-se que quanto mais altos os níveis de rendimento, mais frequentemente as palavras são mais específicas e tradutoras do maior conhecimento e maior experiência da Europa e do seu território.

Capítulo VII – Principais Conclusões

O foco original da presente dissertação foi colocado na identificação das representações geográficas do Mundo e, mais em particular, da Europa e do seu posicionamento no Mundo. A análise foi centrada nas visões das divisões territoriais do Mundo e da Europa percebidas pelos estudantes universitários no actual contexto de globalização. O presente estudo procura assim identificar o significado de “Europa” e do seu posicionamento, no quadro mundial, através da elaboração de mapas e da resposta a um questionário que retrata diferentes representações mentais do mundo, deixando a porta aberta para outras visões alternativas (por exemplo. “Ocidente/Oriente”, Europa alargada, etc.). A análise realizada a 480 estudantes forneceu essa leitura, permitindo assim analisar como os portugueses vêem o Mundo e a posição da Europa nele, não apenas como uma entidade física, mas também económica e sociocultural.

Face a isso e com base na questão de partida formulada inicialmente “ de que forma o estatuto socioeconómico e o percurso familiar dos estudantes universitários condiciona a sua percepção da Europa no Mundo” e das hipóteses de estudo formuladas, verificou-se que de facto o estatuto socioeconómico e o percurso familiar dos estudantes condicionam as suas visões da Europa no Mundo. Também se confirmou a hipótese respeitante ao facto dos estudantes universitários portugueses terem uma visão eurocêntrica da Europa, reforçada pela maioria desta geração já ter nascido num contexto norteado pela presença de Portugal na União Europeia

A síntese dos resultados demonstrou que a condição socioeconómica e toda a experiência dos estudantes têm repercussões na imagem que possuem do espaço que os rodeia. As várias variáveis utilizadas estão significativamente relacionadas entre si e com a experiência que o inquirido tem do mundo, quer através do número de viagens que realizou, quer pelo seu percurso académico ou pelo meio em que cresceu ou em que habita. São excepção os alunos que não tendo um estatuto socioeconómico muito elevado, acabam tendo uma experiência de vida que lhes permite ter um melhor conhecimento vivido (exemplo: filhos de imigrantes regressados, ou estudantes de Artes, que habitualmente fazem viagens, sem, contudo, terem um estatuto socioeconómico elevado associado)

A introdução da variável “sentimento de pertença” amplamente discutida no seio da rede científica do trabalho, procurava validar em que medida é que o maior ou menor conhecimento do mundo e da realidade “Europa”, se confrontava com o sentimento de identidade face a espaços/geografias de vida mais ou menos restritas. No presente estudo o sentimento de pertença relaciona-se com as variáveis mais determinantes no contexto português, variáveis essas como o género, a cidade onde estudam e a área académica a que pertencem. A pertença a determinado espaço, demonstra resultados relacionados com a própria experiência pessoal mas, também, com o contexto nacional em que se desenvolveram. Por exemplo, verificou-se que em Portugal os homens têm um sentimento que se identifica mais com o quadro “nacional”, o que pode ser influenciado pela ideia de prestação de serviço militar e cumprimento do dever cívico. As mulheres, por sua vez, identificam-se mais com os níveis “local” e “global”, o que por um lado se relaciona com o facto de manterem ligações à região onde possuem raízes e família, por outro, com o crescente espírito de abertura e participação que tem caracterizado a entrada da mulher no mercado de trabalho, a generalização da formação superior, assumpção do novo papel da mulher na família e a crescente independência económica. Actualmente, em Lisboa até são as mulheres que viajam mais que os homens inquiridos, todavia verifica-se que nas restantes cidades, elas viajam significativamente menos vezes que os homens e sentem-se na sua maioria presas a um sentimento de pertença local, o que reporta para uma mentalidade marcada por costumes mais tradicionais, mas também um menor rendimento e maior nível de escolaridade das famílias. Por sua vez, verificou-se uma relação também, entre o local de nascimento dos estudantes e o seu sentimento de pertença, em que os estudantes com pais Portugueses respondem mais frequentemente o nível “nacional” ou “local”, enquanto que os estudantes que têm pais estrangeiros sentem-se cidadãos do mundo, não apegados a nenhum país em particular.

O apuramento dos países mais citados onde os estudantes gostavam/não gostavam de viver revelou algumas tendências interessantes que podem ser usadas para identificar o que poderão ser futuramente as tendências na mobilidade deste segmento populacional, e a sua imagem do Mundo e da Europa. Os resultados da análise demonstraram que os estudantes têm um conhecimento geral do mundo. No entanto, têm uma vivência relativamente limitada deste e uma percepção padronizada dos países e cidades mundiais. Os estudantes portugueses mostraram possuir uma geral percepção

da divisão norte (gostava de viver) - sul (não gostava de viver) dos países e cidades mundiais.

Os lugares de eleição onde os estudantes gostariam de viver são na sua maioria países de vizinhança, e/ou grandes países desenvolvidos (os EUA, o Reino Unido e a Austrália) e países mediterrânicos. Por outro lado, têm uma percepção muito negativa de grandes países com menores níveis desenvolvimento (a Rússia, a China e a Índia) e todos os países pequenos ou médios politicamente instáveis (o Iraque, o Afeganistão, etc.). A América Latina (com a excepção do Brasil), a Ásia Central e o Sudeste Asiático são áreas muito pouco conhecidas, a que se junta uma imagem não muito apelativa, reportando que o maior desconhecimento impossibilita a formação de uma imagem. África é muitas vezes negativamente citada no conjunto, mas em termos de discriminação por país, estes são raramente referidos pelos estudantes por desconhecimento destes.

As cidades dão um quadro semelhante do mundo percebido pelos estudantes: Paris, Londres, Nova York e Barcelona são as cidades mais citadas de um modo positivo. De facto, a capital é muitas vezes a cidade mais citada de um país, à excepção de Barcelona que é a quarta cidade mais citada, isto é explicado pelo factor da proximidade de Portugal relativamente a Espanha que permite um maior conhecimento das suas cidades, e pelo facto de Espanha ser o destino de viagem mais citado pelos estudantes. EUA e Espanha são os países que os estudantes melhor conhecem, como se pode concluir pelo maior número de cidades citadas (19 e 13 respectivamente). Nos casos de imagem negativa, e sendo a cidade mal conhecida, há uma generalização da imagem do país à cidade (Bagdade, Teerão, Pequim ou Moscovo).

A delimitação das regiões mundiais, no geral, vieram reforçar as ideias anteriores e que apontam para uma imagem padronizada Norte-Sul, onde ao Norte podemos encontrar os países desenvolvidos, e ao Sul os países em vias de desenvolvimento e com problemas de pobreza e maior ocorrência de conflitos. No entanto, outro aspecto bastante interessante é que os estudantes fazem na sua maioria uma delimitação do mundo em seis áreas, sendo essas áreas correspondentes aos cinco continentes, mais a divisão do continente americano em América do Norte e Sul, divisória essa claramente influenciada por critérios económicos, culturais e de desenvolvimento que acabam por estar sempre presentes na definição e descrição das

regiões. Face a essa divisão por continentes, na sua maioria geograficamente correcta, verifica-se então claramente que esta divisão é marcada pelo ensino da geografia no ensino básico e no secundário (manuais escolares) tido pelos estudantes.

Quando enfocada a análise nos limites da Europa pelos estudantes, o primeiro resultado interessante foi que os estudantes em geral delimitam muito bem a fronteira com países Norte Africanos e a fronteira com a Rússia. A fronteira dos países Norte Africanos comprova que os estudantes portugueses assimilaram a identificação/delimitação de Portugal e, em geral, da Península Ibérica, e identificam diferenças culturais e económicas entre os países europeus e os países africanos, o que demonstra mais uma vez a percepção padronizada Norte (países desenvolvidos) - Sul (países em desenvolvimento), traduzida no ranking das cidades /países onde gostariam ou não de viver. Na delimitação para Leste, a inclusão da Rússia na Europa é rara (o tamanho do país torna-o reconhecível pelos estudantes), o que constitui um resultado importante. O caso da Turquia é muito singular porque é evidente que existe uma hesitação dos estudantes em decidir se a Turquia pertence à Europa ou não, sendo que acaba por ser rodeada de limites fortes, inclusivos nuns casos, exclusivos noutros.

A delimitação geral da Europa, mostra uma Europa alargada que pode ser extensa à fronteira Russa, mas quando pedimos para enumerar os países que pertencem à Europa, a lista inclui quase sempre só os países que estão presentes como pertencendo ao “núcleo da Europa”, possuindo algumas semelhanças com União Europeia dos 15. Para os estudantes também a Europa é muito extensa ao Ocidente, facto justificado pela posição geográfica de Portugal na Península Ibérica.

Outra conclusão que emerge do trabalho e que valida uma das hipóteses, é que existem diferenças nas representações que se obtêm nas diferentes cidades portuguesas e respectivas universidades. Os estudantes de Coimbra, representam uma Europa mais limitada ao “núcleo da UE” e uma menor inclusão de países localizados no Leste Europeu, do que os estudantes de outras cidades (Lisboa e Évora).

Por área académica, a imagem da Europa também é alterada. Os estudantes de Ciências Sociais e de Saúde demonstram maior tendência para incluir países da Europa de Leste e do Médio Oriente, o que dá indicação para a configuração de uma Europa mais extensa comparando com a amostra no geral. Já no caso dos estudantes de Artes e Engenharia, a amostra não é muito diferente da imagem global. Por outro lado, a imagem dos estudantes de Economia e Ciências Políticas é uma imagem mais limitada geograficamente, onde os países da Europa de Leste e do Médio Oriente não estão

frequentemente incluídos. Este facto é claramente explicado pela consciencialização dos estudantes destas áreas, de que de facto existe uma identificação da UE, e das diferenças relativas a factores históricos e económicos entre os países do Leste Europeu e do Médio Oriente, e os países da União Europeia.

A análise de palavras associadas à Europa complementam a ideia de uma Europa fortemente identificada com a UE. Pelas palavras identificadas, percebemos que os estudantes portugueses percebem a “sua” Europa principalmente como um todo cultural e/ou histórico, político e económico. As vinte palavras mais frequentes são na sua maioria positivas, indicando que os estudantes consideram a “ sua” Europa de grande valor e um bom sítio para se viver.

Para os estudantes portugueses em geral todas as palavras estão relacionadas com União Europeia, o que também significa que estes associam à Europa a União Europeia, isto é, de facto existe uma fronteira não física, mas mental da Europa para estes estudantes, limitada ao conceito da União Europeia e ao sentimento de identidade criado pela pertença a esta comunidade. Sendo assim é verificável que os inquiridos demonstraram ter uma visão eurocêntrica do mundo.

A análise das palavras associadas à Europa revelou ainda que existe uma relação entre estas, com a vivência do mundo e o contexto socioeconómico dos estudantes inquiridos. As variáveis que se mostraram mais significantes foram novamente o género, o nível de rendimento, a área académica e a cidade onde os questionários foram feitos. Para as mulheres a associação à Europa é feita às suas características e dimensões socioculturais, enquanto os homens mais frequentemente associaram a Europa a aspectos políticos e históricos. Segundo o nível do rendimento, pode-se verificar que quanto mais alto é o rendimento, mais específicas e menos generalistas são as palavras usadas para caracterizar a Europa, demonstrando um maior conhecimento sobre o território. Nas áreas académicas também confirmamos uma relação com o tipo de curso que os estudantes têm e a sua vivência do mundo (por exemplo pelo número de viagens). A variação de palavras citadas segundo as cidades estudadas mostra que o tipo e origem geográfica dos estudantes têm relação com as palavras ditas pelos estudantes, na medida em que na base das diferenças por cidade estão também os factores rendimento, escolaridade dos pais e percurso geográfico da família.

Tomando em consideração a experiência limitada do mundo (demonstrada pelo número baixo de países visitados e outros aspectos da análise), verificou-se que de facto o conhecimento de estudantes universitários é adquirido de uma forma indirecta, ou seja, é baseado na informação fornecida pelos meios de comunicação, instituições de ensino, e pelo seu universo sociocultural local e nacional. Esta conclusão foi demonstrada cruzando as várias variáveis em análise e os mapas mentais produzidos pelos estudantes, sendo assim, é uma realidade em que o percurso familiar e o estatuto sócio económico são factores determinantes na visão que os universitários têm da Europa no mundo e do mundo em geral. Como europeus, estes estudantes têm tendência para possuir uma visão do mundo centrada na Europa, mais propriamente no que consideram ser a “União Europeia”.

A interpretação da imagem que os estudantes detêm da posição da Europa tem no mundo mostrou-se um desafio, em que por vezes foi possível identificar visões não Eurocêtricas. Um número de tendências interessantes puderam ser identificadas, oferecendo a base de uma nova pesquisa relacionada com factores de identidade e cidadania europeia. Sugere também que o desenvolvimento de estratégias para a Europa à escala mundial não deve confiar apenas na evidência material suportada sobretudo nos fluxos económicos e comerciais, mas também em outras dimensões que implicam diferentes visões e a participação de diversas ciências sociais (sociologia, história, ciência política) e humanidades (estudos linguístico, culturais, filosofia etc.), que podem ajudar a compreender os factores estruturantes das identidades.

Bibliografia

- Alexandre, J. A. A., (2003) O Planeamento Estratégico como Instrumento de Desenvolvimento de Cidades de Média Dimensão. Universidade de Aveiro. Departamento de Ambiente e Ordenamento. Dissertação apresentada para obtenção do grau de Mestre.
- Amin, S., (1999) O Eurocentrismo: crítica de uma ideologia. Lisboa, Dinossauro.
- Ando K., Sugiura, Y., Terasaka A. (1984) Environmental Perception and Behavior of Farmers Towers the 1980 Cold Weather hazard in Sanbongihara, Aomori prefecture. pp. 217-230. Disponível em: www.repository.lib.tmu.ac.jp/dspace/bitstream/10748/.../20005-19-019.pdf
- Arginsky V., Harris C., Rensink R. and Beusmans J., (1997) Two strategies for learning a route in a driving simulator. Journal of Environmental Psychology 17, pp. 317-331.
- Bailly, A. S., Debarbieux, B. (1995) Géographie et représentations spatiales. In: Bailly, Antoine S. (org.). Les concepts de la géographie humaine. 3ª edição. Paris: Masson. pp.157-164.
- Bailly, A., (1990) Les représentations de la distance et d'espace: Mythes et constructions mentales. Revue d'Economie Régionale et Urbaine nº2 pp 265-270.
- Bairoch P., (1997) Victoires et déboires : histoire économique et sociale du monde du XVIe siècle à nos jours (3 Vols). Gallimard.
- Blades M., (1990) The reliability of data collected from sketch maps. Journal of Environmental Psychology, nº 10, pp. 327-339.
- Boal, F. W., Livingstone, D. N., Kirk W., (1989): The Behavioural environment: essays in reflection, application, and re- evaluation. London. Routledge.
- Boyowa A. Chokor, (2003) Pattern of representations of countries I cognitive maps of the world with special reference to Africa. Journal of Environmental Psychology 23 427-437.
- Braudel, F., (1979) Civilisation matérielle, économie et capitalisme XV- XVIII e siècle. 3 vol. Paris: Armand Colin.
- Brum, A. L., Bedin, G. A, (2003): Globalização e desenvolvimento. Algumas reflexões sobre as transformações do mundo actual e suas implicações no processo

de desenvolvimento. Desenvolvimento em questão, Julho - Dezembro, ano/vol.1, número 002. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Ijuí, Brasil. pp. 9- 35.

- Bunting, T. E., Guelke L., (1979) Behavioral and Perception Geography: A Critical Appraisal. Annals of the Association of American Geographers. Volume 69, Issue 3, pp. 448 – 462, September.
- Cabecinhas, R., (2004) Representações sociais, relações intergrupais e cognição social. Paidéia, Vol. 14, 28, 125-137. Universidade do Minho. Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. Disponível em: http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/1311/1/rcabecinhas_Paideia_2004.pdf
- Câmara municipal de Coimbra (2006) Plano Estratégico de Coimbra Diagnóstico preliminar – volume ½. 22 de Dezembro. Disponível em <http://www.cm-coimbra.pt/dmdocuments/01-Diag.Estrat-VolI.pdf>
- Câmara municipal de Coimbra. Disponível em: http://www.cm-coimbra.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=1424&Itemid=471 (Acedido em Setembro 2010)
- Câmara municipal de Évora, (2007) Plano Director Municipal de Évora. Estudos de caracterização do território. Anexo I/Estudos de caracterização demográfica. Novembro, 2007.
- Câmara municipal de Évora, (2007) Relatório de ponderação da discussão pública no plano. Município de Évora - Plano director municipal. Anexo C6 – proposta de alteração ao anexo I (estudos de caracterização demográfica). Novembro 2007.
- Câmara Municipal de Évora: Caracterização do Concelho. Disponível em: <http://www.cm-evora.pt/pt/conteudos/concelho/Caracterizacao+do+concelho/>. (Acedido em Setembro de 2010)
- Câmara Municipal de Lisboa, (2001) Diagnóstico Sócio-urbanístico da Cidade de Lisboa - Uma perspectiva censitária. Licenciamento Urbanístico e Planeamento Urbano Coleção de Estudos Urbanos – Lisboa XXI.
- Camp, Robert C. (1999), Multinational firms and international relocation. Publication I Advances in Competitiveness Research. Disponível em: <http://www.allbusiness.com/management/benchmarking/398390-1.html>

- Carlos, A. F. A., Lemos, A. I. G. (2005) Dilemas urbanos: novas abordagens sobre a cidade. Editora contexto, 2ª edição. São Paulo. pp. 57-73. Disponível em: http://vsites.unb.br/ciord/informacoes/material/planejamento/dilemas_urbanos_novas_abordagens_sobre_cidade.pdf
- Carvalho, J. P. B. de, (2001) Mapas cognitivos baseados em regras difusas: modelação e simulação da dinâmica de sistemas qualitativos. Tese de doutoramento. Universidade Técnica de Lisboa. Disponível em: <http://comp.ist.utl.pt/uqe/papers/TeseRB-FCM.pdf>
- Castells M. (1996): A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura - Volume I: A Sociedade em Rede. Edição/reimpressão: 2007. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Cattán N., (2004) “Le monde au prisme des réseaux aériens” (The world through the prism of air transport). In Territoire et Communications. FLUX, no 58, p. 32-43
- Cauvin, Colette (1999) Pour une approche de la cognition spatiale intra-urbaine. Cybergeog: European Journal of Geography, Politique, Culture, Représentations, document n°72. Disponível em: <http://cybergeog.revues.org/index5043.html>
- Claval, P. (2007): Epistémologie de la Géographie. 2º édition. Paris. Armand Colin.
- Correia, A. C. S. (2008): mapas cognitivos: uma análise de uso para geração de bases de dados espaciais. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Tecnologia e Geociências.
- Couclelis, H., & Golledge, R. G. (1983) Analytic research, positivism, and behavioral geography. Annals of the Association of American Geographers, 73(3), 331-339. Department of Geography, University of California, Santa Barbara.
- Eurobroadmap, (2008) Visions of Europe in the world - Final version. 14 November. Coordinated by C. Didelon & C. Grasland. Co-financed through the Interreg III ESPON Programme. Disponível em: <http://www.espon.eu>
- European Union, (2005) ESPON 3.4.1: Europe in the World. First Interim Report. Co-financed through the Interreg III ESPON Programme.
- European Union, (2007) ESPON project 3.4.1. Europe in the World. Final Report – Vol.1. Coordinated by C. Didelon & C. Grasland. Co-financed through the Interreg III ESPON Programme. Disponível em <http://www.espon.eu>

- European Union, (2007) ESPON project 3.4.1. Europe in the World. Final Report – Vol.2. Integrated tools & thematic studies. Coordinated by C. Didelon & C. Grasland. Co-financed through the Interreg III ESPON Programme. Disponível em: <http://www.espon.eu>
- European Union, (2007) ESPON project 3.4.1. Europe in the World. Final Report – Vol.3: Case studies. Coordinated by C. Didelon & C. Grasland. Co-financed through the Interreg III ESPON Programme. Disponível em: <http://www.espon.eu>
- European Union, (2007) ESPON project 3.4.1.: Europe in the World (Volume 1). Coordinated by C. Didelon & C. Grasland. Co-financed through the Interreg III ESPON Programme. Disponível em: <http://www.espon.eu>
- Ferrão, J., (1992) Serviços e Inovação: novos caminhos para o Desenvolvimento Regional, colecção “Geografias”, Celta Editora, Oeiras.
- Gärling, T., Böök, A. Lindberg, E. Arce, C. (1991) Evidence of a response-Bias explanation of noneuclidean cognitive maps. *The Professional Geographer*. Volume 43, Issue 2, pages 143–149, May 1991.
- Gaspar J, Maria, A, (1975) A Percepção do Espaço. *Finisterra, Revista Portuguesa de Geografia*, Vol. X, nº20, Lisboa. pp. 317-322.
- Gold, J. R., (1992) Image and Environment: the decline of cognitive-behaviouralism in human geography and grounds for regeneration. *Geoforum*, Vol. 23, nº2, pp. 239- 247.
- Golledge, R. G., (1993) Geography and the disabled: A survey with special reference to vision impaired and blind populations. *Transactions of the Institute of British Geographers*, 18, pp. 63-85.
- Golledge, R. G., Stimson, R. J., (1987) *Analytical Behavioural Geography*. London. Routledge Kegan & Paul.
- Golledge, R. G., Timmermans, (1990) Applications of behavioural research on spatial problems I: cognition. *Progress in Human Geography*, Vol. 14, No. 1, pp. 57-99.
- Golledge, R. G.; Stimson, R. J, (1997) *Spatial Behavior: A Geographic Perspective*, New York: Guilford Press.
- Golledge, R., Dougherty, V., Bell, S., (1995) Acquiring spatial knowledge: survey versus route-based knowledge in unfamiliar environments. *Annals of the Association of American Geographers*. - Washington. - Vol. 85, nº 1 pp. 134-158.

- Gould, P., White, R., (1986) *Mental Maps*. 2ª Edition. London: Penguin Books.
- Huntington S. P., (1996) *O choque das civilizações e a mudança na ordem Mundial*. Gradiva. Lisboa.
- Huntington, S. P., (1993) *The Clash of Civilizations?* Foreign Affairs article Published by the Council on Foreign Relations. Disponível em: <http://www.foreignaffairs.com/articles/48950/samuel-p-huntington/the-clash-of-civilizations>
- Jackson, P., (1981) *Phenomenology and Social Geography. The Royal Geographical Society (with the Institute of British Geographers)* Vol. 13, No. 4 pp. 299-305. Blackwell Publishing.
- Johnston, R. J., (2000) *The Dictionary of Human Geography*. Wiley Blackwell, 4ª Edição.
- Kamper, C., (2010) *Images beyond Representation: Baldessari, Magritte and the Limits of Language*. Disponível em: <http://www.christopherkamper.com/dissertation.pdf>
- Kitchin, R., (1996) *Increasing the integrity of cognitive mapping research: appraising conceptual schemata of environment-behaviour interaction*. Progress in Human Geography, 20(1): pp. 56-84.
- Kitchin, R., Tate, N. J., (2000) *Conducting Research in Human Geography: Theory, Methodology and Practice*. London: Prentice Hall, – XIII.
- Kitchin, R., Valentine, G., (2004) *Key thinkers on space and place / edited by Phil Hubbard*. London: Sage, - X.
- Kolossov, V., (2003) “‘High’ and ‘Low’ Geopolitics: Images of Foreign Countries in the Eyes of Russian Citizens”, *Geopolitics*, Volume 8, Number 1, spring 2003, pp. 121-148(28).
- Kosslyn, S. M. (1980) *Les images mentales. La Recherche. Vol. 11*, nº 108 pp. 156-163. Disponível em: http://www.wjh.harvard.edu/~kwn/Kosslyn_pdfs/1980Kosslyn_LaRecherche11_ImagesMentales.pdf
- Kozel S., Galvão W., (2006) *Representações de Geografia e os “Mistérios escondidos” nos mapas mentais*. Actas do II Colóquio do Núcleo de Estudos em Espaços e Representações. Universidade Federal do Paraná. Disponível em:

http://www.geografia.ufpr.br/neer/NEER-2/Trabalhos_NEER/Ordemalfabetica/Microsoft%20Word%20-%20WilsonGalvao.ED2L.pdf

- LeSage, J. P., Llano C. (2007) A Spatial Interaction Model With Spatially Structured Origin and Destination Effects. Disponível em: https://vpn.ul.pt/http/0/www.uam.es/personal_pdi/economicas/cllano/research/lesage_llano-jrs_oct07.pdf
- Livingstone, D. N., (1993) The Geographical Tradition: Episodes in the history of a contested enterprise. - Oxford: Blackwell – VIII.
- Lowenthal D., (1961) Geography, Experience, and Imagination: Towards a Geographical Epistemology. Annals of the Association of American Geographers. Volume 51, Issue 3, pages 241–260, September.
- Lynch, K., (1960) The Image of the City. Cambridge, MA: Mit Press.
- Memória da Universidade Lisboa. Uma Enciclopédia do Ensino, Ciência e Cultura na História da Universidade de Lisboa. Disponível em: http://memoria.ul.pt/index.php/P%C3%A1gina_principal (acedido a Setembro de 2010).
- Monteiro, I. S., Barrias, J., (2002) Cognição espacial, Tempo e Ambiente. 1º Colóquio Psicologia Espaço e Ambiente. Universidade de Évora 9-10 de Maio de 2002.
- Nogueira, A. R. B., (2005) Uma Interpretação Fenomenológica na Geografia. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – 20 a 26 de Março de 2005. Universidade de São Paulo.
- Nuno, P. S. (2004) Uma população que se urbaniza: Uma avaliação recente. Disponível em: http://www.igeo.pt/atlas/Cap2/Cap2d_2.html
- Pedrosa, P. S., (2008) Cidade Universitária de Lisboa. Vazios cheios Urbanos ou as Géneses Alimentadoras de Equívocos. Universidade Politécnica da Catalunha. Disponível em: http://seu2007.saau.iscte.pt/Actas/Actas_SEU2007_files/Patricia_Pedrosa.pdf 2008
- Perraton, J. (2004) Joseph Stiglitz's, *Globalization and its Discontents*. Review article. Journal of International Development. Volume 16, Issue 6, August 2004, Pages: 897–905.

- Pires, E. L.S., Muller, G., Verdi, A.R., (2006) Instituições, Territórios e Desenvolvimento local: delineamento preliminar dos aspectos teóricos e morfológicos. *Revista Geografia*, Rio Claro, Vol. 31, nº3, pp.437-454, Set./Dez. 2006.
- Pocock, (1981) Sight and knowledge. *Transactions of the Institute of British Geographers*. N.S. v.6, p.385-393.
- Pyslyshin Z., (1981) The imagery debate: analogue media versus tacit knowledge. *Psychological Review*, vol. 88, nº 1, pp. 16-45.
- Reis, A. T. da, Lay, M. C. D., (2006) Avaliação da qualidade de projectos – uma abordagem perceptiva e cognitiva. *Ambiente Construído*, Porto Alegre, v. 6, n. 3, pp. 21-34. Disponível em: <http://www.antac.org.br/ambienteconstruido/pdf/revista/artigos/Doc125160.pdf>.
- Rodrigues, A. M., (2010): Caracterização sócio geográfica versus evolução urbana do município. Anexo II regulação urbanística e forma da nova expansão urbana - Caso de Évora. Estudo Geral - Universidade de Coimbra Tese de mestrado em Arquitectura. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/bitstream/10316/.../ANEXO%20II.pdf>
- Saarinen, T. F., (1987) Centring Mental Maps of the world. Working paper, Department of Geography and Regional Development. Arizona.
- Saarinen, T. F., MacCabe, C. L., (1995) World Patterns of Geographic Literacy Based on Sketch Map Quality. *University of Arizona*, pp. 196-204.
- Saarinen, T. F., Sims, J., (1969) Coping with Environmental Threat: Great Plains Farmers and the Sudden Storm. *Annals of the Association of American Geographers*. Volume 59, Issue 4, pp. 677–686, December
- Santos, L., (2004) Caracterização Socioeconómica do Concelho de Coimbra. Direcção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano, Direcção de Serviços de Estudos e Planeamento Estratégico, Divisão de Estudos e Planeamento. Dezembro de 2004.
- Sassen S., (1991) *The Global City*: New York, London, Tokyo. Princeton, NJ, Princeton University Press.
- Seemann, J., (2003) Mapas e Percepção Ambiental: do Mental ao Material e vice-versa. Vol. 3, nº1, p. 200-223, Setembro. Rio Claro.

- Selby, J. A., (1987) On the Operationalization of Pred's Behavioural Matrix. *Geografiska Annaler. Series B, Human Geography*. Vol. 69, No. 1, pp. 81-90
- Silva, L. de J. M. da, Egler, I. (2003) Centro de Desenvolvimento Sustentável. O Estudo da Percepção em Espaços Urbanos Preservados. Disponível em: http://www.anppas.org.br/encontro_anual/encontro1/gt/sustentabilidade_cidade_s/Luciene%20de%20Jesus%20Maciel%20da%20Silva.pdf
- Simões, C. (2002) Da privação socioeconómica à falência dos conceitos de suporte social e desenvolvimento: Reflexões para uma praxis interventiva. *Revista Análise psicológica* (2003), e (XX): pp. 291-295.
- Soares, N. P., (2004) Uma população que se urbaniza: Uma avaliação recente. Disponível em: http://www.igeo.pt/atlas/Cap2/Cap2d_2.html
- Souza, C. I. de., (1995) Cognição ambiental e as relações: mapas cognitivos, ambiente construído e APO. *Textos do laboratório de psicologia ambiental*, Vol. 4, nº 8, Universidade de Brasília. Disponível em: <http://vsites.unb.br/ip/lpa/pdf/tlp19950408.pdf>
- Taylor P.J., (2000) “World cities and territorial states under conditions of contemporary globalization”, *Political Geography*, Vol. 19, pp. 5–32
- Taylor P.J., (2001) “Being Economical with the Geography », *Environment & Planning A*, 33, 6, 2001, pp. 949-954 (publicado em GWAC, Research Bulletin nº39: <http://www.lboro.ac.uk/gawc/rb/rb39.html>)
- Taylor P.J., 2005, “New political geographies: Global civil society and global governance through world city networks”, *Political Geography*, Vol. 24, pp. 703-730.
- Tolman E.C., (1948): Cognitive maps in Rats and Men. *Psychological Review* 55:189-208. Disponível em <http://psychclassics.yorku.ca/Tolman/Maps/maps.htm>
- Tolman E.C., (1973) Cognitive maps in Rats and Men in: *Image and environment: cognitive mapping and spatial behavior* (Roger M. Downs, David Stea, 2005). pp 27-50. Transaction Publishers. Disponível em Google Books.
- Universidade de Évora. Disponível em: http://www.uevora.pt/a_ue/historia (Acedido em Setembro 2010)
- Vandermotten, Christian (2008) *L’identité de l’Europe: histoire et géographie d’une quête d’unité*. (Paris). Armand Colin, cop. 2008. Pp.333.

- Veltz, P., (1999) «Territoires innovateurs: de quelle innovation parle-t-on? ». Revue d'Economie Régionale et Urbaine 3: pp. 607-616.
- Veltz, P., (1996) Mondialisation villes et territoires : l'économie d'archipel. Paris : Presses Universitaires de France.
- Wallerstein, I., (1990) O sistema mundial moderno - 1º vol: A agricultura capitalista e as origens da economia-mundo europeia no século XVI. Edições Afrontamento. Porto.
- Wolpert, J., (1964) The Decision Process in Spatial Context. Annals of the Association of American Geographers. Volume 54, Issue 4, pages 537–558, December.
- Yard, M. (2007) Le vieux continent dans le regard d'étudiants Latino- Américains: Des représentations a l'épreuve de l'Europe. Section Politique et Société. Séminaire « L'Europe Autrement ». Mémoire rédigé sous la direction de Romain Pasquier. Année 2007-2008 Disponible em: <http://www.sciencespo-rennes.fr/mediastore/fckEditor/file/Yard.pdf>

Anexos

Figura 7: Questões A - Questões de âmbito geral), B - A sua visão do mundo

Country	City	Field	Number
<div style="border: 1px solid black; width: 40px; height: 20px; margin: 0 auto;"></div>	<div style="border: 1px solid black; width: 40px; height: 20px; margin: 0 auto;"></div>	<div style="border: 1px solid black; width: 40px; height: 20px; margin: 0 auto;"></div>	<div style="border: 1px solid black; width: 40px; height: 20px; margin: 0 auto;"></div>

COMO É QUE VÊ O MUNDO?

Obrigado pela sua colaboração neste questionário realizado a nível mundial. Este questionário é anónimo e estritamente confidencial, não pretendendo ser um teste aos seus conhecimentos.

QUESTÕES DE ÂMBITO GERAL	
<p>A.1) Sexo : <input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/> Masculino</p> <p>A.3) O seu país de nascimento: Qual é o país de nascimento do seu pai? Qual é o país de nascimento da sua mãe?</p> <p>A.5) Que língua(s) era(m) falada(s) em sua casa quando tinha cinco anos de idade? </p> <p>A.7) Que <i>outras</i> língua(s) fala? </p> <p>A.9) Indique o nome dos últimos 5 países que visitou: </p> <p>A.11) Como classificaria o nível educacional da sua mãe? Baixo Elevado Marque o nível adequado. </p> <p>A.13) Qual a expressão que o define melhor: “Eu pertença ... <input type="checkbox"/> a uma cidade / vila / aldeia” <input type="checkbox"/> a uma região nacional” <input type="checkbox"/> a um país ou estado” <input type="checkbox"/> a um continente / região do mundo” <input type="checkbox"/> ao Mundo” <input type="checkbox"/> outro”:</p> <p>(Se tiver mais do que uma resposta, estabeleça uma hierarquia: 1, 2, 3 etc. Pode atribuir um peso igual a mais do que uma escolha)</p>	<p>A.2) Ano de nascimento?</p> <p>A.4) Qual é a sua nacionalidade actual? (Se têm dupla nacionalidade escreva ambas) </p> <p>A.6) Actualmente, que língua(s) fala no seu dia-a-dia? </p> <p>A.8) Em que país ou países viveu continuamente por mais de quatro meses (excepto no seu local de residência actual)? </p> <p>A.10) Como classificaria o rendimento económico da sua família? Baixo Elevado Marque o nível adequado. </p> <p>A.12) Como classificaria o nível educacional do seu pai? Baixo Elevado Marque o nível adequado. </p> <p>A.14) Sente que pertence a alguma religião, ou filosofia de vida em particular? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Prefiro não responder. Se “sim”, diga o nome ou descreva a sua escolha: </p>

A SUA VISÃO DO MUNDO	
<p>B.1.a) À excepção das cidades do seu país, ou países da sua nacionalidade, faça uma lista de 5 cidades para cada uma das seguintes questões ...</p> <div style="display: flex; justify-content: space-between;"> <div style="width: 48%;"> <p>....onde gostaria de viver num futuro mais próximo?</p> <p>1 _____</p> <p>2 _____</p> <p>3 _____</p> <p>4 _____</p> <p>5 _____</p> </div> <div style="width: 48%;"> <p>....onde NÃO gostaria de viver num futuro mais próximo?</p> <p>1 _____</p> <p>2 _____</p> <p>3 _____</p> <p>4 _____</p> <p>5 _____</p> </div> </div>	
<p>B.1.b) À excepção do país ou países da sua nacionalidade, faça uma lista de 5 países para cada uma das seguintes questões...</p> <div style="display: flex; justify-content: space-between;"> <div style="width: 48%;"> <p>.... onde gostaria de viver num futuro mais próximo?</p> <p>1 _____</p> <p>2 _____</p> <p>3 _____</p> <p>4 _____</p> <p>5 _____</p> </div> <div style="width: 48%;"> <p>.... onde NÃO gostaria de viver num futuro mais próximo?</p> <p>1 _____</p> <p>2 _____</p> <p>3 _____</p> <p>4 _____</p> <p>5 _____</p> </div> </div>	

Figura 8: Parte C - O seu próprio Mapa-Mundo


O SEU PRÓPRIO MAPA-MUNDO											
C.1) No seguinte mapa, desenha as suas próprias divisões do mundo (15 no máximo), atribuindo uma numeração a cada área delimitada.											
C.2) Que nome atribuiria a cada área desenhada e numerada no seu mapa?											
1											
2											
3											
4											
5											
6											
7											
8											
9											
10											
11											
12											
13											
14											
15											
		<i>Investigator only</i> <table border="1" style="display: inline-table; border-collapse: collapse;"> <thead> <tr> <th style="font-size: 0.8em;">Country</th> <th style="font-size: 0.8em;">City</th> <th style="font-size: 0.8em;">Field</th> <th style="font-size: 0.8em;">Number</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td style="height: 15px;"></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>		Country	City	Field	Number				
Country	City	Field	Number								

Figura 9: Parte D – A sua visão da Europa

A SUA VISÃO DA EUROPA

D.1) No mapa seguinte desenhe, segundo a sua opinião, os limites da Europa.



D.2) Que palavras associa a “Europa”? (5 palavras no máximo)

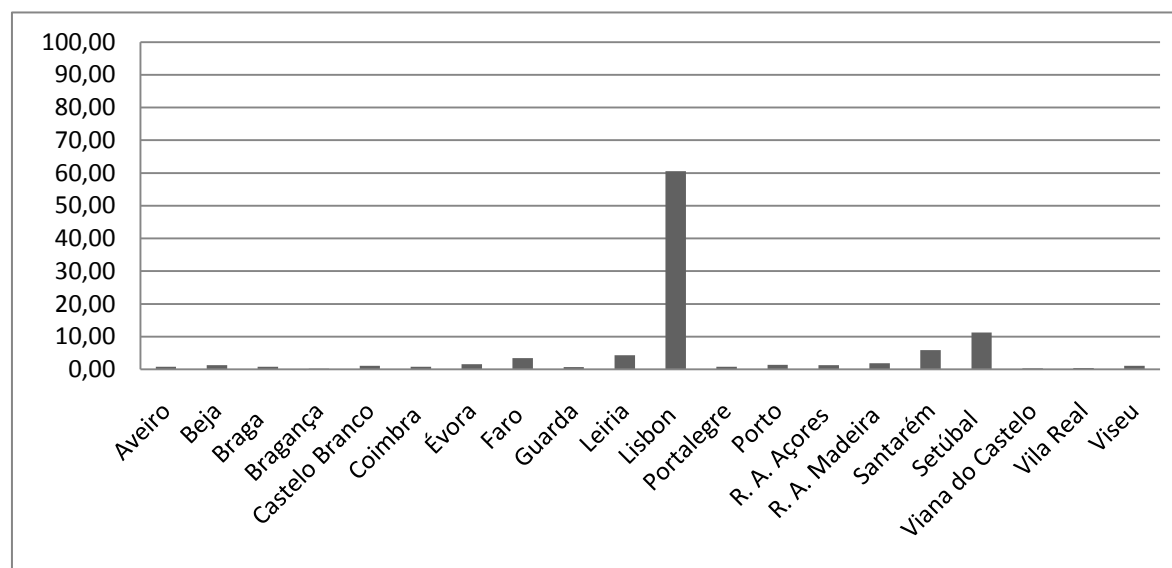
Quadro 1: Origem geográfica dos estudantes de Lisboa por área académica em análise

Lisboa	Ciências sociais			Artes		Economia		Engenharia	Saúde	Ciências políticas		
Distritos	Sociologia	Geografia	Psicologia	Design	Pintura	Economia	Gestão	Engenharia informática	Medicina	Direito	História	Total
Aveiro	0,00	0,00	1,29	0,00	0,00	2,22	0,94	2,22	1,69	1,55	0,00	1,22
Beja	2,19	2,59	0,65	2,00	0,00	0,56	1,42	2,22	2,71	0,89	0,00	1,44
Braga	0,00	0,86	0,65	0,00	0,00	2,22	0,47	0,00	1,69	1,11	0,00	0,94
Bragança	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1,11	1,02	0,44	0,00	0,33
Castelo Branco	0,73	0,00	2,58	0,00	0,00	1,11	0,94	0,00	1,36	0,89	0,00	0,94
Coimbra	1,46	0,00	0,00	0,00	0,00	3,89	0,94	0,00	1,02	1,11	0,00	1,05
Évora	1,46	0,00	2,58	2,00	0,00	1,11	2,36	0,00	1,36	1,11	0,00	1,28
Faro	1,46	2,59	4,52	6,00	6,00	3,33	2,36	0,00	4,07	6,43	9,23	4,22
Guarda	0,73	0,86	0,65	0,00	2,00	1,11	0,47	0,00	0,68	1,77	0,00	0,94
Leiria	2,19	1,72	3,87	2,00	4,00	4,44	3,77	5,56	4,41	5,54	3,08	4,16
Lisboa	67,88	65,52	54,19	56,00	80,00	55,56	73,58	62,22	40,00	48,78	61,54	56,14
Portalegre	0,00	0,86	0,65	4,00	0,00	1,67	0,47	0,00	1,36	0,44	0,00	0,78
Porto	4,38	3,45	0,65	0,00	0,00	1,11	0,94	2,22	6,10	3,77	1,54	2,94
R. A. Açores	1,46	0,86	3,87	6,00	0,00	1,67	0,94	4,44	3,39	3,77	1,54	2,72
R. A. Madeira	2,92	4,31	3,23	4,00	2,00	0,56	0,00	1,11	6,10	3,99	3,08	3,16
Santarém	2,92	0,86	5,81	8,00	0,00	7,78	4,25	7,78	8,81	5,99	0,00	5,61
Setúbal	8,03	12,07	14,84	8,00	6,00	7,22	5,66	7,78	9,49	9,76	20,00	9,55
Viana do Castelo	0,00	0,86	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	2,37	0,89	0,00	0,67
Vila Real	0,00	2,59	0,00	0,00	0,00	1,11	0,00	0,00	1,02	0,00	0,00	0,44
Viseu	2,19	0,00	0,00	2,00	0,00	3,33	0,47	3,33	1,36	1,77	0,00	1,44
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: Mobilidade entre distritos 2008-09. Ministério da Ciência, Tecnologias e Ensino superior. Direcção Geral do Ensino Superior. Tratamento Próprio.

Quadro 2: Total da origem dos estudantes colocados em Lisboa

Distrito	%
Aveiro	0,82
Beja	1,28
Braga	0,78
Bragança	0,23
Castelo Branco	1,11
Coimbra	0,77
Évora	1,61
Faro	3,42
Guarda	0,69
Leiria	4,32
Lisboa	60,51
Portalegre	0,84
Porto	1,43
R. A. Açores	1,31
R. A. Madeira	1,90
Santarém	5,90
Setúbal	11,30
Viana do Castelo	0,28
Vila Real	0,37
Viseu	1,12
Total	100,00



Fonte: Mobilidade entre distritos 2008-09. Ministério da Ciência, Tecnologias e Ensino superior. Direcção Geral do Ensino Superior. Tratamento Próprio.

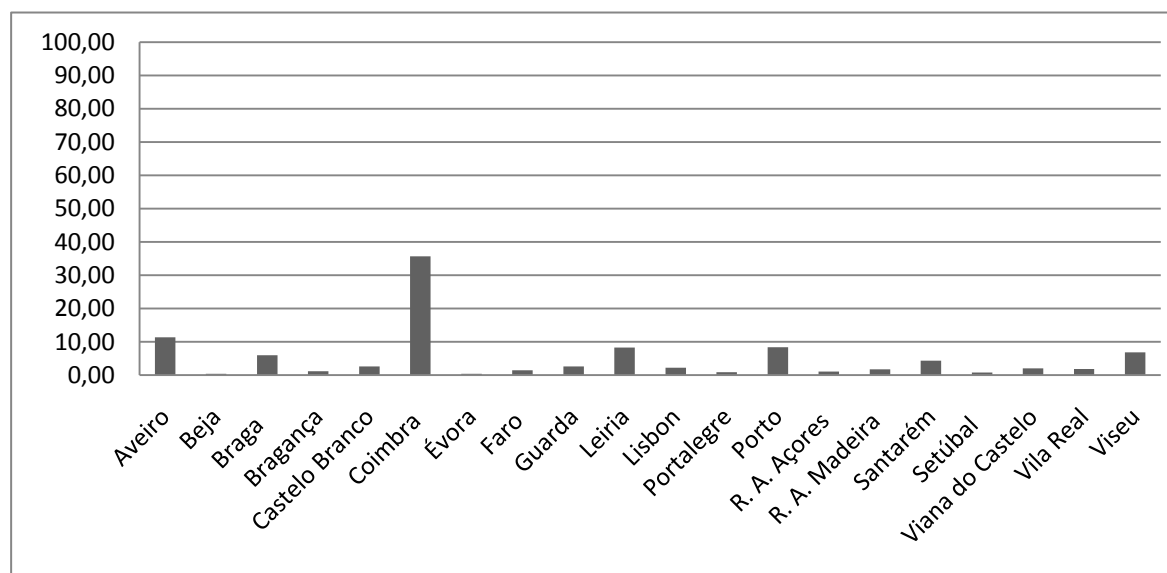
Quadro 3: Origem geográfica dos estudantes de Coimbra por área académica em análise

Coimbra	Ciências sociais				Artes	Economia		Engenharia	Saúde	Ciências políticas	
Distritos	Sociologia	Geografia	Línguas	Estudos europeus	Arquitectura	Economia	Gestão	Engenharia informática	Medicina	Direito	Total
Aveiro	22,22	6,76	6,67	25,00	8,33	14,00	9,88	11,58	7,48	13,94	11,58
Beja	0,00	0,00	1,33	0,00	0,00	0,67	0,00	1,05	0,39	1,21	0,67
Braga	4,44	5,41	4,00	2,78	5,00	7,33	4,94	6,32	11,02	10,91	8,17
Bragança	2,22	0,00	0,00	0,00	1,67	2,00	0,00	1,05	1,57	2,42	1,50
Castelo Branco	2,22	4,05	1,33	2,78	0,00	2,67	2,47	1,05	2,76	3,33	2,58
Coimbra	24,44	33,78	33,33	22,22	46,67	28,00	34,57	44,21	33,07	15,15	28,58
Évora	0,00	2,70	1,33	0,00	0,00	0,67	0,00	1,05	0,79	0,30	0,67
Faro	2,22	0,00	5,33	2,78	1,67	0,67	3,70	2,11	1,57	1,52	1,83
Guarda	4,44	5,41	2,67	2,78	6,67	4,00	2,47	1,05	3,54	2,12	3,17
Leiria	2,22	2,70	10,67	11,11	1,67	8,67	12,35	12,63	1,97	4,85	6,00
Lisboa	0,00	1,35	0,00	0,00	3,33	2,00	2,47	0,00	0,79	0,61	1,00
Portalegre	2,22	4,05	1,33	0,00	0,00	0,00	0,00	1,05	1,18	0,61	0,92
Porto	8,89	6,76	10,67	11,11	5,00	12,67	3,70	1,05	16,93	18,18	12,50
R. A. Açores	0,00	0,00	1,33	5,56	0,00	1,33	2,47	0,00	1,18	2,73	1,58
R. A. Madeira	4,44	1,35	1,33	0,00	3,33	0,67	2,47	0,00	3,54	3,64	2,50
Santarém	2,22	6,76	4,00	2,78	3,33	4,00	4,94	5,26	1,18	2,73	3,25
Setúbal	0,00	0,00	1,33	2,78	3,33	0,00	0,00	0,00	1,18	0,00	0,58
Viana do Castelo	4,44	10,81	1,33	0,00	3,33	2,67	0,00	1,05	1,57	3,94	2,92
Vila Real	6,67	4,05	4,00	2,78	1,67	2,67	0,00	1,05	2,76	2,73	2,67
Viseu	6,67	4,05	8,00	5,56	5,00	5,33	13,58	8,42	5,51	9,09	7,33
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: Mobilidade entre distritos 2008-09. Ministério da Ciência, Tecnologias e Ensino superior. Direcção Geral do Ensino Superior. Tratamento Próprio.

Quadro 4: Total da origem dos estudantes colocados em Coimbra

Distrito	%
Aveiro	11,35
Beja	0,39
Braga	5,94
Bragança	1,11
Castelo Branco	2,58
Coimbra	35,70
Évora	0,37
Faro	1,45
Guarda	2,64
Leiria	8,29
Lisboa	2,23
Portalegre	0,90
Porto	8,36
R. A. Açores	1,07
R. A. Madeira	1,76
Santarém	4,32
Setúbal	0,78
Viana do Castelo	2,01
Vila Real	1,88
Viseu	6,86
Total	100,00



Fonte: Mobilidade entre distritos 2008-09. Ministério da Ciência, Tecnologias e Ensino superior. Direcção Geral do Ensino Superior. Tratamento Próprio.

Quadro 5: Origem geográfica dos estudantes de Évora por área académica em análise

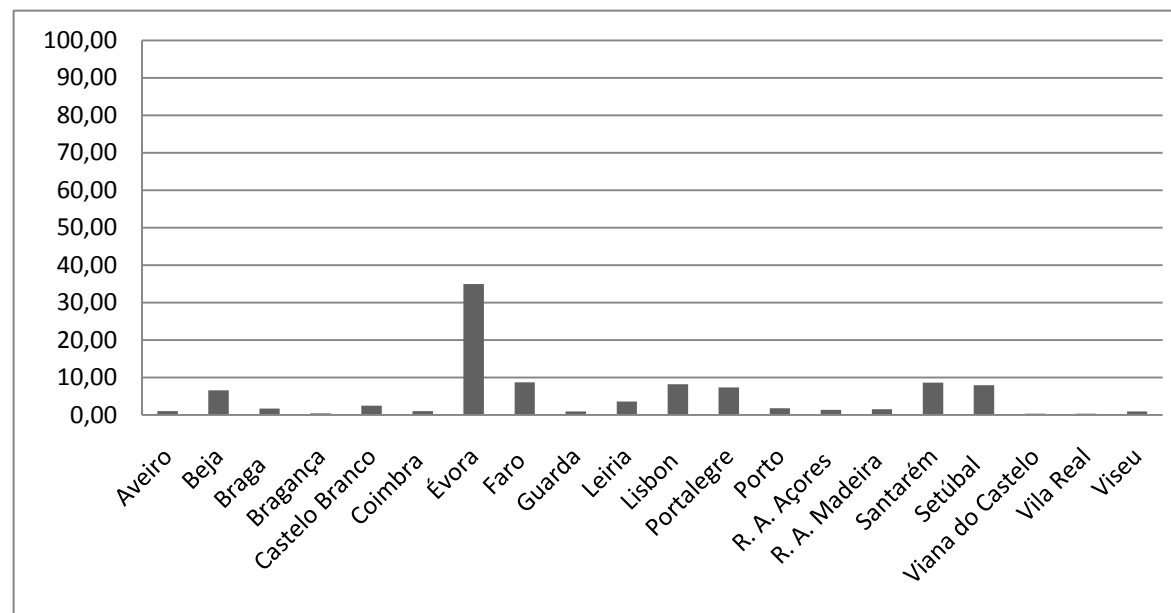
Évora	Ciências sociais				Artes	Economia		Engenharia		Saúde	Ciências políticas	
Distritos	Sociologia	Geografia	Psicologia	Turismo	Arquitectura	Economia	Gestão	Engenharia informática	Engenharia ER*	Enfermagem	História	Totais
Aveiro	0,00	0,00	6,00	3,33	3,33	0,00	0,00	0,00	3,33	0,00	0,00	1,82
Beja	11,43	10,00	8,00	10,00	1,67	12,50	2,50	3,33	16,67	0,00	5,00	7,01
Braga	2,86	0,00	4,00	0,00	1,67	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1,04
Bragança	0,00	0,00	2,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,26
Castelo Branco	5,71	5,00	2,00	6,67	1,67	0,00	2,50	0,00	0,00	0,00	0,00	2,08
Coimbra	0,00	0,00	0,00	0,00	1,67	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,26
Évora	37,14	45,00	22,00	33,33	15,00	37,50	32,50	53,33	16,67	53,33	30,00	31,95
Faro	0,00	5,00	0,00	0,00	20,00	2,50	0,00	10,00	20,00	6,67	10,00	7,01
Guarda	2,86	0,00	0,00	3,33	3,33	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1,04
Leiria	0,00	0,00	0,00	3,33	5,00	5,00	5,00	0,00	6,67	3,33	0,00	2,86
Lisboa	2,86	0,00	12,00	6,67	6,67	10,00	27,50	3,33	3,33	3,33	15,00	8,83
Portalegre	14,29	10,00	8,00	0,00	1,67	2,50	5,00	13,33	3,33	6,67	0,00	5,71
Porto	5,71	0,00	0,00	0,00	10,00	0,00	0,00	0,00	3,33	0,00	0,00	2,34
R. A. Açores	0,00	5,00	2,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	3,33	6,67	5,00	1,56
R. A. Madeira	2,86	0,00	6,00	3,33	1,67	2,50	2,50	0,00	6,67	3,33	0,00	2,86
Santarém	14,29	10,00	10,00	6,67	5,00	17,50	12,50	3,33	10,00	10,00	5,00	9,61
Setúbal	0,00	5,00	16,00	23,33	21,67	7,50	10,00	13,33	3,33	6,67	20,00	12,21
Viana do Castelo	0,00	5,00	2,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,52
Vila Real	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	10,00	0,52
Viseu	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	2,50	0,00	0,00	3,33	0,00	0,00	0,52
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

*Engenharia das energias renováveis

Fonte: Mobilidade entre distritos 2008-09. Ministério da Ciência, Tecnologias e Ensino superior. Direcção Geral do Ensino Superior. Tratamento Próprio.

Quadro 6: Origem dos estudantes colocados em Évora

Distrito	%
Aveiro	1,05
Beja	6,62
Braga	1,68
Bragança	0,42
Castelo Branco	2,52
Coimbra	1,05
Évora	34,91
Faro	8,73
Guarda	0,95
Leiria	3,58
Lisboa	8,20
Portalegre	7,36
Porto	1,79
R. A. Açores	1,37
R. A. Madeira	1,58
Santarém	8,62
Setúbal	7,99
Viana do Castelo	0,32
Vila Real	0,32
Viseu	0,95
Total	100,00



Fonte: Mobilidade entre distritos 2008-09. Ministério da Ciência, Tecnologias e Ensino superior. Direcção Geral do Ensino Superior. Tratamento Próprio.

Quadro 7: Número de inquéritos realizados por cidade e área académica

	Artes	Economia	Engenharia	Saúde	C. Políticas	C. Sociais	Total
Coimbra	20	20	20	20	20	20	120
Évora	20	20	20	20	20	20	120
Lisboa	40	40	40	40	40	40	240
Total	80	80	80	80	80	80	480

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 8: Frequências de género por área académica

	F	M	Total
Artes	66,25	33,75	100,00
Economia	51,25	48,75	100,00
Engenharia	32,50	67,50	100,00
Saúde	65,00	35,00	100,00
C. Políticas	48,75	51,25	100,00
C. Sociais	57,50	42,50	100,00
Total	53,54	46,46	100,00

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 9: Frequências de género por cidade e por área académica

Portugal	F	M	Total
Coimbra	55,00	45,00	100,00
Artes	60,00	40,00	100,00
Economia	65,00	35,00	100,00
Engenharia	35,00	65,00	100,00
Saúde	65,00	35,00	100,00
Ciências políticas	55,00	45,00	100,00
Ciências sociais	50,00	50,00	100,00
Évora	55,83	44,17	100,00
Artes	50,00	50,00	100,00
Economia	40,00	60,00	100,00
Engenharia	70,00	30,00	100,00
Saúde	75,00	25,00	100,00
Ciências políticas	40,00	60,00	100,00
Ciências sociais	60,00	40,00	100,00
Lisboa	51,67	48,33	100,00
Artes	77,50	22,50	100,00
Economia	50,00	50,00	100,00
Engenharia	12,50	87,50	100,00
Saúde	60,00	40,00	100,00
Ciências políticas	50,00	50,00	100,00
Ciências sociais	60,00	40,00	100,00
Total	53,54	46,46	100,00

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 10: Países de nascimento dos estudantes

Países de nascimento dos estudantes		
Angola	2	0,42
Brasil	9	1,88
Canadá	1	0,21
Suíça	5	1,04
China	1	0,21
Cabo Verde	5	1,04
Alemanha	2	0,42
Espanha	2	0,42
França	4	0,83
MDA	1	0,21
MOZ	1	0,21
Portugal	444	92,50
STP	1	0,21
Reino Unido	1	0,21
ZWE	1	0,21
Total Geral	480	100,00

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 11: Diferença entre os estudantes nascidos e não nascidos em Portugal

	Mesmo (PT)	Diferente	Total
Coimbra	91,67	8,33	100,00
Évora	93,33	6,67	100,00
Lisboa	92,92	7,08	100,00
Total	92,71	7,29	100,00

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 12: Percentagem de estudantes que nasceram no mesmo país do pai e da mãe

Estudantes que nasceram no mesmo local de nascimento do pai			
Cidade	Mesmo(PT)	Diferente	Total
Coimbra	89,17	10,83	100,00
Évora	95,83	4,17	100,00
Lisboa	89,17	10,83	100,00
Total	90,83	9,17	100,00

Estudantes que nasceram no mesmo local de nascimento da mãe			
Cidade	Mesmo(PT)	Diferente	Total
Coimbra	90,00	10,00	100,00
Évora	94,17	5,83	100,00
Lisboa	89,58	10,42	100,00
Total	90,83	9,17	100,00

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 13: Países de nascimento dos pais

País de nascimento do pai		País de nascimento da mãe	
AGO	15	AGO	15
BRA	5	BEL	1
CHN	1	BRA	10
CPV	9	CAN	1
DEU	1	CHN	1
ESP	2	COG	2
FRA	1	CPV	7
IND	1	DEU	1
ITA	1	ESP	2
MDA	1	FRA	1
MOZ	7	IND	1
PRT	433	MDA	1
STP	2	MOZ	5
VEN	1	PRT	428
Total	480	STP	3
		ZAF	1
		Total	480

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 14: Nível de rendimento do agregado familiar

Nível de rendimento	
Baixa	6,88
Médio Baixo	41,46
Média Alta	48,33
Alta	2,71
(em branco)	0,63
Total	100,00

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 15: Nível de rendimento por cidade e área académica

Cidade/Área académica	(1) Baixa	(2) Médio Baixo	(3) Média Alta	(4) Alta	(em branco)	Total
Coimbra	9,17	46,67	40,00	4,17	0,00	100,00
Artes	15,00	55,00	20,00	10,00	0,00	100,00
Economia	10,00	55,00	35,00	0,00	0,00	100,00
Engenharia	0,00	50,00	50,00	0,00	0,00	100,00
Saúde	5,00	30,00	60,00	5,00	0,00	100,00
C. Políticas	5,00	40,00	45,00	10,00	0,00	100,00
C. Sociais	20,00	50,00	30,00	0,00	0,00	100,00
Évora	13,33	50,00	35,00	0,83	0,83	100,00
Artes	25,00	50,00	20,00	5,00	0,00	100,00
Economia	5,00	30,00	60,00	0,00	5,00	100,00
Engenharia	5,00	55,00	40,00	0,00	0,00	100,00
Saúde	20,00	65,00	15,00	0,00	0,00	100,00
C. Políticas	15,00	45,00	40,00	0,00	0,00	100,00
C. Sociais	10,00	55,00	35,00	0,00	0,00	100,00
Lisboa	2,50	34,58	59,17	2,92	0,83	100,00
Artes	5,00	30,00	62,50	0,00	2,50	100,00
Economia	2,50	37,50	57,50	2,50	0,00	100,00
Engenharia	2,50	47,50	47,50	0,00	2,50	100,00
Saúde	0,00	25,00	62,50	12,50	0,00	100,00
C. Políticas	5,00	42,50	50,00	2,50	0,00	100,00
C. Sociais	0,00	25,00	75,00	0,00	0,00	100,00
Total	6,88	41,46	48,33	2,71	0,63	100,00

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 16: Relação entre área académica e o nível de rendimento

Área académica	(1) Baixa	(2) Médio Baixo	(3) Média Alta	(4) Alta	(em branco)	Total
Artes	12,50	41,25	41,25	3,75	1,25	100,00
Economia	5,00	40,00	52,50	1,25	1,25	100,00
Engenharia	2,50	50,00	46,25	0,00	1,25	100,00
Saúde	6,25	36,25	50,00	7,50	0,00	100,00
C. Políticas	7,50	42,50	46,25	3,75	0,00	100,00
C. Sociais	7,50	38,75	53,75	0,00	0,00	100,00
Total	6,88	41,46	48,33	2,71	0,63	100,00

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 17: Nível de rendimento por cidade e género

Portugal	(1) Baixa	(2) Médio Baixo	(3) Média Alta	(4) Alta	(em branco)	Total
Coimbra	9,17	46,67	40,00	4,17	0,00	100,00
F	10,61	48,48	36,36	4,55	0,00	100,00
M	7,41	44,44	44,44	3,70	0,00	100,00
Évora	13,33	50,00	35,00	0,83	0,83	100,00
F	13,43	56,72	29,85	0,00	0,00	100,00
M	13,21	41,51	41,51	1,89	1,89	100,00
Lisboa	2,50	34,58	59,17	2,92	0,83	100,00
F	2,42	25,81	66,13	4,03	1,61	100,00
M	2,59	43,97	51,72	1,72	0,00	100,00
Total	6,88	41,46	48,33	2,71	0,63	100,00

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 18: Relação do nível de rendimento com o número de viagens realizadas pelos estudantes

Número de países visitados	(1) Baixa	(2) Médio Baixo	(3) Média Alta	(4) Alta	(em branco)	Total
0	17,86	67,86	14,29	0,00	0,00	100,00
1	13,01	51,22	34,96	0,00	0,81	100,00
2	5,21	46,88	43,75	3,13	1,04	100,00
3	7,35	44,12	45,59	2,94	0,00	100,00
4	2,08	31,25	66,67	0,00	0,00	100,00
5	0,85	23,08	68,38	6,84	0,85	100,00
Total	6,88	41,46	48,33	2,71	0,63	100,00

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 19: Nível de escolaridade dos pais

Nível de escolaridade do pai		Nível de escolaridade da mãe	
	%		%
Baixa	11,25	Baixa	11,88
Médio Baixo	30,00	Médio Baixo	31,46
Média Alta	33,33	Média Alta	31,67
Alta	25,00	Alta	24,17
(em branco)	0,42	(em branco)	0,83
Total	100,00	Total	100,00

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 20: Nível de escolaridade do pai por cidade

Nível de escolaridade do pai						
Cidade	(1) Baixa	(2) Médio Baixo	(3) Média Alta	(4) Alta	(em branco)	Total
Coimbra	14,17	35,00	27,50	22,50	0,83	100,00
Évora	15,00	30,00	33,33	20,83	0,83	100,00
Lisboa	7,92	27,50	36,25	28,33	0,00	100,00
Total	11,25	30,00	33,33	25,00	0,42	100,00

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 21: Nível de escolaridade da mãe por cidade

Nível de escolaridade da mãe						
Cidade	(1) Baixa	(2) Médio Baixo	(3) Média Alta	(4) Alta	(em branco)	Total
Coimbra	15,83	34,17	30,83	19,17	0,00	100,00
Évora	15,83	38,33	27,50	16,67	1,67	100,00
Lisboa	7,92	26,67	34,17	30,42	0,83	100,00
Total	11,88	31,46	31,67	24,17	0,83	100,00

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 22: Nível de escolaridade do pai por nível de rendimento e cidade

Nível de rendimento							
		(1) Baixa	(2) Médio Baixo	(3) Média Alta	(4) Alta	(em branco)	Total
Nível de escolaridade do Pai/ Cidade	Coimbra	9,17	46,67	40,00	4,17	0,00	100,00
	Baixa	29,41	58,82	11,76	0,00	0,00	100,00
	Médio Baixo	14,29	66,67	16,67	2,38	0,00	100,00
	Média Alta	0,00	39,39	60,61	0,00	0,00	100,00
	Alta	0,00	14,81	70,37	14,81	0,00	100,00
	(em branco)	0,00	100,00	0,00	0,00	0,00	100,00
	Évora	13,33	50,00	35,00	0,83	0,83	100,00
	Baixa	38,89	50,00	11,11	0,00	0,00	100,00
	Médio Baixo	13,89	61,11	22,22	0,00	2,78	100,00
	Média Alta	10,00	47,50	42,50	0,00	0,00	100,00
	Alta	0,00	36,00	60,00	4,00	0,00	100,00
	(em branco)	0,00	100,00	0,00	0,00	0,00	100,00
	Lisboa	2,50	34,58	59,17	2,92	0,83	100,00
	Baixa	15,79	68,42	15,79	0,00	0,00	100,00
	Médio Baixo	1,52	57,58	37,88	0,00	3,03	100,00
	Média Alta	2,30	29,89	66,67	1,15	0,00	100,00
	Alta	0,00	8,82	82,35	8,82	0,00	100,00
	Total	6,88	41,46	48,33	2,71	0,63	100,00

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 23: Nível de escolaridade da mãe por nível de rendimento por cidade

		Nível de rendimento					
		(1) Baixa	(2) Médio Baixo	(3) Média Alta	(4) Alta	(em branco)	Total
Nível de escolaridade da mãe/ Cidade	Coimbra	9,17	46,67	40,00	4,17	0,00	100,00
	Baixa	31,58	57,89	10,53	0,00	0,00	100,00
	Médio Baixo	4,88	65,85	29,27	0,00	0,00	100,00
	Média Alta	2,70	37,84	54,05	5,41	0,00	100,00
	Alta	8,70	17,39	60,87	13,04	0,00	100,00
	Évora	13,33	50,00	35,00	0,83	0,83	100,00
	Baixa	47,37	47,37	5,26	0,00	0,00	100,00
	Médio Baixo	13,04	58,70	26,09	0,00	2,17	100,00
	Média Alta	3,03	42,42	54,55	0,00	0,00	100,00
	Alta	0,00	40,00	55,00	5,00	0,00	100,00
	(em branco)	0,00	100,00	0,00	0,00	0,00	100,00
	Lisboa	2,50	34,58	59,17	2,92	0,83	100,00
	Baixa	10,53	52,63	36,84	0,00	0,00	100,00
	Médio Baixo	4,69	54,69	39,06	0,00	1,56	100,00
	Média Alta	1,22	34,15	63,41	0,00	1,22	100,00
	Alta	0,00	10,96	79,45	9,59	0,00	100,00
	(em branco)	0,00	100,00	0,00	0,00	0,00	100,00
	Total Geral	6,88	41,46	48,33	2,71	0,63	100,00

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 24: Percentagem de estudantes que considera pertencer a uma religião

Religião	%
Budista	0,83
Cristão	18,33
Hindu	0,21
Muçulmano	0,21
Nilismo	0,21
Outra	3,33
Espiritismo	0,42
(em branco)	76,46
Total	100,00

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 25: Religiões por área académica e cidade

Cidade/ Área Académica	Budista	Cristão	Hindu	Muçulmano	Niilismo	Outra	Espiritismo	(em branco)	Total
Coimbra	1,67	24,17	0,00	0,00	0,83	0,83	0,00	72,50	100,00
Artes	0,00	20,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	80,00	100,00
Economia	0,00	35,00	0,00	0,00	5,00	0,00	0,00	60,00	100,00
Engenharia	0,00	20,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	80,00	100,00
Saúde	0,00	25,00	0,00	0,00	0,00	5,00	0,00	70,00	100,00
C. Políticas	0,00	25,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	75,00	100,00
C. Sociais	10,00	20,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	70,00	100,00
Évora	0,83	14,17	0,00	0,00	0,00	4,17	1,67	79,17	100,00
Artes	0,00	15,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	85,00	100,00
Economia	0,00	15,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	85,00	100,00
Engenharia	0,00	15,00	0,00	0,00	0,00	10,00	0,00	75,00	100,00
Saúde	5,00	25,00	0,00	0,00	0,00	0,00	5,00	65,00	100,00
C. Políticas	0,00	5,00	0,00	0,00	0,00	5,00	5,00	85,00	100,00
C. Sociais	0,00	10,00	0,00	0,00	0,00	10,00	0,00	80,00	100,00
Lisboa	0,42	17,50	0,42	0,42	0,00	4,17	0,00	77,08	100,00
Artes	0,00	10,00	0,00	0,00	0,00	2,50	0,00	87,50	100,00
Economia	0,00	20,00	0,00	2,50	0,00	0,00	0,00	77,50	100,00
Engenharia	0,00	10,00	0,00	0,00	0,00	7,50	0,00	82,50	100,00
Saúde	0,00	17,50	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	82,50	100,00
C. Políticas	0,00	27,50	2,50	0,00	0,00	2,50	0,00	67,50	100,00
C. Sociais	2,50	20,00	0,00	0,00	0,00	12,50	0,00	65,00	100,00
Total	0,83	18,33	0,21	0,21	0,21	3,33	0,42	76,46	100,00

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 26: Religião por género e cidade

Cidade/ Género	Budista	Cristão	Hindu	Muçulmano	Niilismo	Outra	Espiritismo	(em branco)	Total
Coimbra	1,67	24,17	0,00	0,00	0,83	0,83	0,00	72,50	100,00
F	0,00	28,79	0,00	0,00	0,00	1,52	0,00	69,70	100,00
M	3,70	18,52	0,00	0,00	1,85	0,00	0,00	75,93	100,00
Évora	0,83	14,17	0,00	0,00	0,00	4,17	1,67	79,17	100,00
F	1,49	14,93	0,00	0,00	0,00	1,49	0,00	82,09	100,00
M	0,00	13,21	0,00	0,00	0,00	7,55	3,77	75,47	100,00
Lisboa	0,42	17,50	0,42	0,42	0,00	4,17	0,00	77,08	100,00
F	0,81	20,16	0,81	0,00	0,00	3,23	0,00	75,00	100,00
M	0,00	14,66	0,00	0,86	0,00	5,17	0,00	79,31	100,00
Total	0,83	18,33	0,21	0,21	0,21	3,33	0,42	76,46	100,00

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 27: Percentagem de línguas faladas por área académica

Línguas faladas						
Área académica	1	2	3	4	5	Total
Artes	1,25	42,50	36,25	17,50	2,50	100,00
Economia	5,00	51,25	36,25	7,50	0,00	100,00
Engenharia	8,75	45,00	30,00	12,50	3,75	100,00
Saúde	5,00	52,50	30,00	11,25	1,25	100,00
C. Políticas	1,25	38,75	27,50	28,75	3,75	100,00
C. Sociais	5,00	36,25	35,00	22,50	1,25	100,00
Total	4,375	44,375	32,50	16,66667	2,0833	100,00

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 28: Percentagem de línguas faladas por género

Línguas faladas						
Género	1	2	3	4	5	Total
F	4,28	47,86	31,13	14,79	1,95	100,00
M	4,48	40,36	34,08	18,83	2,24	100,00
Total	4,38	44,38	32,50	16,67	2,08	100,00

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 29: Percentagem de línguas faladas por cidade e género

Línguas faladas						
Cidade/Género	1	2	3	4	5	Total
CBP	5,83	46,67	30,00	12,50	5,00	100,00
F	7,58	50,00	30,30	7,58	4,55	100,00
M	3,70	42,59	29,63	18,52	5,56	100,00
EVR	5,83	43,33	35,83	13,33	1,67	100,00
F	5,97	49,25	28,36	14,93	1,49	100,00
M	5,66	35,85	45,28	11,32	1,89	100,00
LIS	2,92	43,75	32,08	20,42	0,83	100,00
F	1,61	45,97	33,06	18,55	0,81	100,00
M	4,31	41,38	31,03	22,41	0,86	100,00
Total	4,38	44,38	32,50	16,67	2,08	100,00

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 30: Percentagem de línguas faladas por cidade e área académica

Línguas faladas						
Cidade/Área académica	1	2	3	4	5	Total
Coimbra	5,83	46,67	30,00	12,50	5,00	100,00
Artes	5,00	30,00	45,00	15,00	5,00	100,00
Economia	10,00	45,00	45,00	0,00	0,00	100,00
Engenharia	0,00	50,00	25,00	20,00	5,00	100,00
Saúde	0,00	75,00	10,00	10,00	5,00	100,00
C. Políticas	5,00	45,00	30,00	10,00	10,00	100,00
C. Sociais	15,00	35,00	25,00	20,00	5,00	100,00
Évora	5,83	43,33	35,83	13,33	1,67	100,00
Artes	0,00	45,00	40,00	15,00	0,00	100,00
Economia	0,00	55,00	35,00	10,00	0,00	100,00
Engenharia	20,00	35,00	35,00	5,00	5,00	100,00
Saúde	15,00	50,00	30,00	5,00	0,00	100,00
C. Políticas	0,00	35,00	40,00	20,00	5,00	100,00
C. Sociais	0,00	40,00	35,00	25,00	0,00	100,00
Lisboa	2,92	43,75	32,08	20,42	0,83	100,00
Artes	0,00	47,50	30,00	20,00	2,50	100,00
Economia	5,00	52,50	32,50	10,00	0,00	100,00
Engenharia	7,50	47,50	30,00	12,50	2,50	100,00
Saúde	2,50	42,50	40,00	15,00	0,00	100,00
C. Políticas	0,00	37,50	20,00	42,50	0,00	100,00
C. Sociais	2,50	35,00	40,00	22,50	0,00	100,00
Total	4,38	44,38	32,50	16,67	2,08	100,00

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 31: Percentagem de países visitados pelos estudantes

Número de viagens						
0	1	2	3	4	5	Total Geral
5,83	25,63	20,00	14,17	10,00	24,38	100,00

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 32: Percentagem de países visitados por área académica

Número de países visitados							
Área académica	0	1	2	3	4	5	Total
Artes	3,75	21,25	11,25	18,75	13,75	31,25	100,00
Economia	5,00	37,50	11,25	11,25	10,00	25,00	100,00
Engenharia	5,00	28,75	26,25	17,50	3,75	18,75	100,00
Saúde	5,00	17,50	23,75	10,00	10,00	33,75	100,00

C. Políticas	7,50	22,50	21,25	15,00	10,00	23,75	100,00
C. Sociais	8,75	26,25	26,25	12,50	12,50	13,75	100,00
Total	5,83	25,63	20,00	14,17	10,00	24,38	100,00

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 33: Percentagem de países visitados por cidade e área académica

Número de países visitados							
Cidade/Área académica	0	1	2	3	4	5	Total
Coimbra	8,33	27,50	22,50	13,33	14,17	14,17	100,00
Artes	15,00	35,00	15,00	10,00	15,00	10,00	100,00
Economia	0,00	55,00	15,00	5,00	15,00	10,00	100,00
Engenharia	0,00	25,00	30,00	15,00	5,00	25,00	100,00
Saúde	0,00	10,00	25,00	15,00	25,00	25,00	100,00
C. Políticas	15,00	20,00	30,00	25,00	0,00	10,00	100,00
C. Sociais	20,00	20,00	20,00	10,00	25,00	5,00	100,00
Évora	6,67	31,67	26,67	11,67	6,67	16,67	100,00
Artes	0,00	30,00	5,00	20,00	20,00	25,00	100,00
Economia	5,00	40,00	20,00	10,00	5,00	20,00	100,00
Engenharia	10,00	40,00	30,00	10,00	0,00	10,00	100,00
Saúde	15,00	20,00	30,00	10,00	0,00	25,00	100,00
C. Políticas	5,00	25,00	30,00	10,00	10,00	20,00	100,00
C. Sociais	5,00	35,00	45,00	10,00	5,00	0,00	100,00
Lisboa	4,17	21,67	15,42	15,83	9,58	33,33	100,00
Artes	0,00	10,00	12,50	22,50	10,00	45,00	100,00
Economia	7,50	27,50	5,00	15,00	10,00	35,00	100,00
Engenharia	5,00	25,00	22,50	22,50	5,00	20,00	100,00
Saúde	2,50	20,00	20,00	7,50	7,50	42,50	100,00
C. Políticas	5,00	22,50	12,50	12,50	15,00	32,50	100,00
C. Sociais	5,00	25,00	20,00	15,00	10,00	25,00	100,00
Total	5,83	25,63	20,00	14,17	10,00	24,38	100,00

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 34: Percentagem de países visitados por género

Número de países visitados							
Género	0	1	2	3	4	5	Total
Coimbra	8,33	27,50	22,50	13,33	14,17	14,17	100,00
F	12,12	30,30	21,21	12,12	10,61	13,64	100,00
M	3,70	24,07	24,07	14,81	18,52	14,81	100,00
Évora	6,67	31,67	26,67	11,67	6,67	16,67	100,00
F	5,97	38,81	31,34	10,45	4,48	8,96	100,00
M	7,55	22,64	20,75	13,21	9,43	26,42	100,00
Lisboa	4,17	21,67	15,42	15,83	9,58	33,33	100,00
F	4,84	16,94	12,10	17,74	9,68	38,71	100,00

M	3,45	26,72	18,97	13,79	9,48	27,59	100,00
Total	5,83	25,63	20,00	14,17	10,00	24,38	100,00

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 35: Relação do número de viagens com o número de línguas faladas pelos estudantes

	Número de viagens						
Número de línguas	0	1	2	3	4	5	Total
1	14,29	28,57	19,05	9,52	9,52	19,05	100,00
2	6,10	28,64	23,94	15,96	7,51	17,84	100,00
3	4,49	23,08	19,23	10,26	12,82	30,13	100,00
4	5,00	25,00	12,50	15,00	11,25	31,25	100,00
5	10,00	0,00	10,00	40,00	10,00	30,00	100,00
Total	5,83	25,63	20,00	14,17	10,00	24,38	100,00

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 36: Número de países visitados por género e área académica

	Número de viagens						
Género/ Área Académica	0	1	2	3	4	5	Total
F	7,00	26,07	19,46	14,40	8,56	24,51	100,00
Artes	3,77	20,75	15,09	20,75	11,32	28,30	100,00
Economia	4,88	41,46	14,63	9,76	9,76	19,51	100,00
Engenharia	0,00	26,92	30,77	23,08	3,85	15,38	100,00
Saúde	7,69	13,46	23,08	9,62	7,69	38,46	100,00
C. Políticas	10,26	17,95	20,51	20,51	12,82	17,95	100,00
C. Sociais	13,04	39,13	17,39	6,52	4,35	19,57	100,00
M	4,48	25,11	20,63	13,90	11,66	24,22	100,00
Artes	3,70	22,22	3,70	14,81	18,52	37,04	100,00
Economia	5,13	33,33	7,69	12,82	10,26	30,77	100,00
Engenharia	7,41	29,63	24,07	14,81	3,70	20,37	100,00
Saúde	0,00	25,00	25,00	10,71	14,29	25,00	100,00
C. Políticas	4,88	26,83	21,95	9,76	7,32	29,27	100,00
C. Sociais	2,94	8,82	38,24	20,59	23,53	5,88	100,00
Total	5,83	25,63	20,00	14,17	10,00	24,38	100,00

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 37: Principais destinos de viagens realizadas pelos estudantes.

Países mais visitados	Nº de respostas	Número total	Significância (%)
Espanha	399	480	83,13
França	226	480	47,08
Grã-Bretanha	97	480	20,21
Itália	77	480	16,04
Alemanha	44	480	9,17
Suíça	43	480	8,96
Bélgica	39	480	8,13
Holanda	39	480	8,13
Republica Checa	33	480	6,88
Áustria	26	480	5,42
Brasil	22	480	4,58
EUA	22	480	4,58
Outros	257	480	53,54

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 38: Principais países onde os estudantes viveram por mais de 4 meses

Países onde viveram por mais de 4 meses	Nº de respostas	Número total	Significância (%)
Espanha	11	480	2,29
Suíça	10	480	2,08
França	10	480	2,08
Brasil	8	480	1,67
Itália	7	480	1,46
Angola	5	480	1,04
Alemanha	3	480	0,63
Grã-Bretanha	6	480	1,25
Bélgica	2	480	0,42
China	2	480	0,42
Cabo Verde	2	480	0,42
Moçambique	2	480	0,42
EUA	2	480	0,42
Outros	4	480	0,83

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 39: Sentimento de pertença dos estudantes

(1) Local	27,29
(2) Infranacional	5,00
(3) Nacional	23,13
(4) Supranacional	6,88
(5) Global	34,58
(6) Outra	1,88
(7) Mul	1,04
Total	100,00

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 40: Significância das variáveis ao sentimento de pertença (CHI2)

Tabela CHI2		Significância
Diferença entre o país de análise e o país de nascimento	0,062	S
Diferença entre o país de análise e o país de nascimento da mãe	0,903	NS
Diferença entre o país de análise e o país de nascimento do pai	0,175	NS
Cidade	0,009	S
Nº de países onde viveu	0,065	NS
Área académica	0,199	NS
Género	0,015	S
Nº de Línguas faladas	0,149	NS
Nº de países visitados	0,200	NS
Rendimento	0,040	S
Educação do pai	0,694	NS
Educação da mãe	0,617	NS
Religião	0,659	NS
Diferença entre o país de análise e a nacionalidade	0,19	NS

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 41: Sentimento de pertença por área académica

Sentimento de pertença									
Área académica	(em Branco)	(1) Loc	(2) Inf	(3) Nat	(4) Sup	(5) Glo	(6) Oth	(7)Mul	Total
Artes	0,00	23,75	5,00	16,25	8,75	41,25	5,00	0,00	100,00
Economia	0,00	23,75	3,75	21,25	12,50	37,50	0,00	1,25	100,00
Engenharia	0,00	30,00	3,75	23,75	10,00	31,25	0,00	1,25	100,00
Saúde	0,00	27,50	5,00	28,75	3,75	32,50	0,00	2,50	100,00
C. Políticas	0,00	20,00	8,75	26,25	5,00	35,00	5,00	0,00	100,00
C. Sociais	1,25	38,75	3,75	22,50	1,25	30,00	1,25	1,25	100,00
Total	0,21	27,29	5,00	23,13	6,88	34,58	1,88	1,04	100,00

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 42: Sentimento de pertença dos estudantes por cidade e área académica

Sentimento de pertença									
Cidade/Área académica	(em branco)	(1) Loc	(2) Inf	(3) Nat	(4) Sup	(5) Glo	(6) Oth	(7) Mul	Total
Coimbra	0,83	31,67	5,00	14,17	7,50	39,17	1,67	0,00	100,00
Artes	0,00	25,00	5,00	10,00	5,00	55,00	0,00	0,00	100,00
Economia	0,00	30,00	5,00	5,00	25,00	35,00	0,00	0,00	100,00
Engenharia	0,00	30,00	0,00	15,00	15,00	40,00	0,00	0,00	100,00
Saúde	0,00	35,00	0,00	30,00	0,00	35,00	0,00	0,00	100,00
C. Políticas	0,00	30,00	10,00	15,00	0,00	40,00	5,00	0,00	100,00
C. Sociais	5,00	40,00	10,00	10,00	0,00	30,00	5,00	0,00	100,00
Évora	0,00	35,00	5,00	16,67	6,67	34,17	2,50	0,00	100,00
Artes	0,00	40,00	5,00	20,00	5,00	30,00	0,00	0,00	100,00
Economia	0,00	35,00	5,00	5,00	15,00	40,00	0,00	0,00	100,00
Engenharia	0,00	30,00	5,00	10,00	15,00	40,00	0,00	0,00	100,00
Saúde	0,00	25,00	10,00	30,00	0,00	35,00	0,00	0,00	100,00
C. Políticas	0,00	25,00	5,00	15,00	5,00	35,00	15,00	0,00	100,00
C. Sociais	0,00	55,00	0,00	20,00	0,00	25,00	0,00	0,00	100,00
Lisboa	0,00	21,25	5,00	30,83	6,67	32,50	1,67	2,08	100,00
Artes	0,00	15,00	5,00	17,50	12,50	40,00	10,00	0,00	100,00
Economia	0,00	15,00	2,50	37,50	5,00	37,50	0,00	2,50	100,00
Engenharia	0,00	30,00	5,00	35,00	5,00	22,50	0,00	2,50	100,00
Saúde	0,00	25,00	5,00	27,50	7,50	30,00	0,00	5,00	100,00
C. Políticas	0,00	12,50	10,00	37,50	7,50	32,50	0,00	0,00	100,00
C. Sociais	0,00	30,00	2,50	30,00	2,50	32,50	0,00	2,50	100,00
Total	0,21	27,29	5,00	23,13	6,88	34,58	1,88	1,04	100,00

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 43: Sentimento de pertença por género e cidade

Sentimento de pertença									
Género/Cidade	(em branco)	(1) Loc	(2) Inf	(3) Nat	(4) Sup	(5) Glo	(6) Outros	(7) Mul	Total
Coimbra	0,83	31,67	5,00	14,17	7,50	39,17	1,67	0,00	100,00
F	1,52	39,39	3,03	10,61	3,03	39,39	3,03	0,00	100,00
M	0,00	22,22	7,41	18,52	12,96	38,89	0,00	0,00	100,00
Évora	0,00	35,00	5,00	16,67	6,67	34,17	2,50	0,00	100,00
F	0,00	35,82	4,48	14,93	2,99	41,79	0,00	0,00	100,00
M	0,00	33,96	5,66	18,87	11,32	24,53	5,66	0,00	100,00
Lisboa	0,00	21,25	5,00	30,83	6,67	32,50	1,67	2,08	100,00
F	0,00	21,77	4,84	25,81	6,45	36,29	3,23	1,61	100,00
M	0,00	20,69	5,17	36,21	6,90	28,45	0,00	2,59	100,00
Total	0,21	27,29	5,00	23,13	6,88	34,58	1,88	1,04	100,00

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 44: Mobilidade espacial relacionada com o sentimento de pertença

Sentimento de pertença								
Mobilidade espacial	(1) Loc	(2) Inf	(3) Nat	(4) Sup	(5) Glo	(6) Outros	(7)Mul	Total
Portugal	28,09	5,39	23,60	6,52	33,03	2,02	1,12	100,00
Outro país	17,14	0,00	17,14	11,43	54,29	0,00	0,00	100,00
Total	27,29	5,00	23,13	6,88	34,58	1,88	1,04	100,00

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 45: Mobilidade espacial relacionada com o sentimento de pertença, por cidade e área académica

Sentimento de pertença									
Mobilidade espacial/cidade/Área académica	(em branco)	(1) Loc	(2)Inf	(3)Nat	(4)Sup	(5) Glo	(6) Outros	(7)Mul	Total
Coimbra	0,83	31,67	5,00	14,17	7,50	39,17	1,67	0,00	100,00
Mesmo (PT)	0,91	31,82	5,45	13,64	7,27	39,09	1,82	0,00	100,00
Artes	0,00	23,53	5,88	5,88	5,88	58,82	0,00	0,00	100,00
Economia	0,00	31,58	5,26	5,26	21,05	36,84	0,00	0,00	100,00
Engenharia	0,00	27,78	0,00	16,67	16,67	38,89	0,00	0,00	100,00
Saúde	0,00	38,89	0,00	27,78	0,00	33,33	0,00	0,00	100,00
C. Políticas	0,00	31,58	10,53	15,79	0,00	36,84	5,26	0,00	100,00
C. Sociais	5,26	36,84	10,53	10,53	0,00	31,58	5,26	0,00	100,00
Diferente	0,00	30,00	0,00	20,00	10,00	40,00	0,00	0,00	100,00
Artes	0,00	33,33	0,00	33,33	0,00	33,33	0,00	0,00	100,00
Economia	0,00	0,00	0,00	0,00	100,00	0,00	0,00	0,00	100,00
Engenharia	0,00	50,00	0,00	0,00	0,00	50,00	0,00	0,00	100,00
Saúde	0,00	0,00	0,00	50,00	0,00	50,00	0,00	0,00	100,00
C. Políticas	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	100,00	0,00	0,00	100,00
C. Sociais	0,00	100,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	100,00
Évora	0,00	35,00	5,00	16,67	6,67	34,17	2,50	0,00	100,00
Mesmo (PT)	0,00	36,61	5,36	16,07	5,36	33,93	2,68	0,00	100,00
Artes	0,00	38,89	5,56	16,67	5,56	33,33	0,00	0,00	100,00
Economia	0,00	36,84	5,26	5,26	15,79	36,84	0,00	0,00	100,00
Engenharia	0,00	37,50	6,25	6,25	6,25	43,75	0,00	0,00	100,00
Saúde	0,00	25,00	10,00	30,00	0,00	35,00	0,00	0,00	100,00
C. Políticas	0,00	26,32	5,26	15,79	5,26	31,58	15,79	0,00	100,00
C. Sociais	0,00	55,00	0,00	20,00	0,00	25,00	0,00	0,00	100,00
Diferente	0,00	12,50	0,00	25,00	25,00	37,50	0,00	0,00	100,00
Artes	0,00	50,00	0,00	50,00	0,00	0,00	0,00	0,00	100,00
Economia	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	100,00	0,00	0,00	100,00
Engenharia	0,00	0,00	0,00	25,00	50,00	25,00	0,00	0,00	100,00
C. Políticas	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	100,00	0,00	0,00	100,00
Lisboa	0,00	21,25	5,00	30,83	6,67	32,50	1,67	2,08	100,00
Mesmo (PT)	0,00	21,97	5,38	32,29	6,73	29,60	1,79	2,24	100,00
Artes	0,00	16,67	5,56	19,44	11,11	36,11	11,11	0,00	100,00
Economia	0,00	16,22	2,70	40,54	5,41	32,43	0,00	2,70	100,00

Engenharia	0,00	30,77	5,13	33,33	5,13	23,08	0,00	2,56	100,00
Saúde	0,00	25,00	5,00	27,50	7,50	30,00	0,00	5,00	100,00
C. Políticas	0,00	11,43	11,43	40,00	8,57	28,57	0,00	0,00	100,00
C. Sociais	0,00	30,56	2,78	33,33	2,78	27,78	0,00	2,78	100,00
Diferente	0,00	11,76	0,00	11,76	5,88	70,59	0,00	0,00	100,00
Artes	0,00	0,00	0,00	0,00	25,00	75,00	0,00	0,00	100,00
Economia	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	100,00	0,00	0,00	100,00
Engenharia	0,00	0,00	0,00	100,00	0,00	0,00	0,00	0,00	100,00
C. Políticas	0,00	20,00	0,00	20,00	0,00	60,00	0,00	0,00	100,00
C. Sociais	0,00	25,00	0,00	0,00	0,00	75,00	0,00	0,00	100,00
Total	0,21	27,29	5,00	23,13	6,88	34,58	1,88	1,04	100,00

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 46: Relação da mobilidade espacial do pai com o sentimento de pertença

Sentimento de pertença									
Mobilidade espacial do pai	(em branco)	(1) Loc	(2) Inf	(3) Nat	(4) Sup	(5) Glo	(6) Oth	(7)Mul	Total
Mesmo (PT)	0,23	28,67	5,28	22,71	6,65	33,49	1,83	1,15	100,00
Diferente	0,00	13,64	2,27	27,27	9,09	45,45	2,27	0,00	100,00
Total	0,21	27,29	5,00	23,13	6,88	34,58	1,88	1,04	100,00

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 47: Relação da mobilidade espacial da mãe com o sentimento de pertença

Sentimento de pertença									
Mobilidade espacial da mãe	(em branco)	(1) Loc	(2) Inf	(3) Nat	(4) Sup	(5) Glo	(6) Oth	(7)Mul	Total
Mesmo (PT)	0,23	27,52	4,82	23,39	6,88	33,94	2,06	1,15	100,00
Diferente	0,00	25,00	6,82	20,45	6,82	40,91	0,00	0,00	100,00
Total	0,21	27,29	5,00	23,13	6,88	34,58	1,88	1,04	100,00

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 48: Sentimento de pertença por nível de rendimento

Sentimento de pertença									
Nível de rendimento	(em branco)	(1) Loc	(2) Inf	(3) Nat	(4) Sup	(5) Glo	(6) Oth	(7)Mul	Total
Baixa	0,00	48,48	3,03	12,12	6,06	27,27	3,03	0,00	100,00
Médio Baixo	0,00	22,61	5,03	25,63	7,54	37,19	1,51	0,50	100,00
Média Alta	0,43	29,74	4,74	21,98	6,47	33,62	1,72	1,29	100,00
Alta	0,00	0,00	15,38	38,46	0,00	38,46	0,00	7,69	100,00
(em branco)	0,00	33,33	0,00	0,00	33,33	0,00	33,33	0,00	100,00
Total	0,21	27,29	5,00	23,13	6,88	34,58	1,88	1,04	100,00

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento próprio.

Tabela 49: Significância das variáveis ao sentimento de pertença por cidade (CHI2)

	Área académica	Género	País de nascimento do pai diferente	País de nascimento da mãe diferente	Nacionalidade	País de nascimento e residência diferente	Número de línguas faladas	Países onde os estudantes viveram	Número de países visitados	Rendimento familiar	Nível educacional do pai	Nível educacional da mãe	Religião ou não
Lisboa	X	X	15,79	X	X	2,07	X	5,69	X	2,14	X	X	X
Évora e Coimbra	2,68	1,83	X	X	X	X	X	X	X	19,27	X	X	X

4,83	Relação muita significância
9,19	Relação com média significância
12,81	Relação com baixa significância
X	Não há relação significativa

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento Clarisse Didelon. Eurobroadmap.

Tabela 50: Relação entre o sentimento de pertença e o rendimento em Lisboa

Relação do sentimento de pertença pelo rendimento em Lisboa								
	(1) Loc	(2) Inf	(3) Nat	(4) Sup	(5) Glo	(6) Oth	(7) Mul	Total
Baixa	66,67	0,00	0,00	16,67	16,67	0,00	0,00	100,00
Médio Baixo	10,84	4,82	39,76	4,82	37,35	1,20	1,20	100,00
Média Alta	26,76	5,63	26,06	7,04	30,99	1,41	2,11	100,00
Alta	0,00	0,00	57,14	0,00	28,57	0,00	14,29	100,00
(em branco)	0,00	0,00	0,00	50,00	0,00	50,00	0,00	100,00
Total	21,25	5,00	30,83	6,67	32,50	1,67	2,08	100,00

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 55: Número de regiões divididas por cidade

Número de regiões	Cidade	Total %
De 1 a 3	Coimbra	34,1
	Évora	17,1
	Lisboa	48,8
De 1 a 3 Total		100
De 4 a 8	Coimbra	25,6
	Évora	27,1
	Lisboa	47,3
De 4 a 8 Total		100
De 9 a 15	Coimbra	19,4
	Évora	20,4
	Lisboa	60,2
De 9 a 15 Total		100

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 56: Número de regiões divididas por género e área académica

	Número de regiões			
Género/ área académica	De 1 a 3	De 4 a 8	De 9 a 15	Total
F	6,61	77,82	15,56	100,00
Artes	5,66	71,70	22,64	100,00
Economia	7,32	80,49	12,20	100,00
Engenharia	7,69	80,77	11,54	100,00
Saúde	5,77	80,77	13,46	100,00
C. Políticas	10,26	79,49	10,26	100,00
C. Sociais	4,35	76,09	19,57	100,00
M	10,31	65,92	23,77	100,00
Artes	11,11	48,15	40,74	100,00
Economia	15,38	53,85	30,77	100,00
Engenharia	9,26	72,22	18,52	100,00
Saúde	0,00	82,14	17,86	100,00
C. Políticas	14,63	65,85	19,51	100,00
C. Sociais	8,82	70,59	20,59	100,00
Total	8,33	72,29	19,38	100,00

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 57: Número de regiões divididas por área académica

	Número de regiões			
Área académica	(A) 1 to 3	(B) 4 to 8	(C) 9 to 15	Total
Artes	7,50	63,75	28,75	100,00
Economia	11,25	67,50	21,25	100,00
Engenharia	8,75	75,00	16,25	100,00
Saúde	3,75	81,25	15,00	100,00
C. Políticas	12,50	72,50	15,00	100,00
C. Sociais	6,25	73,75	20,00	100,00
Total	8,33	72,29	19,38	100,00

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 58: Número de regiões divididas por número de viagens realizadas

	Viagens			
Número de viagens	De 1 a 3	De 4 a 8	De 9 a 15	Total
0	21,43	75,00	3,57	100,00
1	6,50	75,61	17,89	100,00
2	8,33	77,08	14,58	100,00
3	10,29	72,06	17,65	100,00
4	10,42	68,75	20,83	100,00
5	5,13	65,81	29,06	100,00
Total	8,33	72,29	19,38	100,00

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 60: Significância das palavras associadas á Europa por área académica

Áreas Académicas	Palavra	Percentagem interna	Percentagem global	Frequência interna	Frequência total	Valor p	Representatividade
Artes	Arte	1,91	0,61	4	8	0,02	Sobrerrepresentação
	Estabilidade	1,91	0,61	4	8	0,02	Sobrerrepresentação
	Mobilidade	1,44	0,38	3	5	0,023	Sobrerrepresentação
	Cultura	11,48	8,05	24	105	0,043	Sobrerrepresentação
	Desenvolvimento	1,91	8,51	4	111	0	Subrepresentação
Economia	União	17,03	13,8	39	180	0,02	Sobrerrepresentação
	Oportunidades	1,31	0,46	3	6	0,049	Sobrerrepresentação
Engenharia	Progresso	3,19	1,15	6	15	0,017	Sobrerrepresentação
	Cultura	5,85	8,05	11	105	0,039	Subrepresentação
Saúde	Turismo	1,79	0,54	4	7	0,008	Sobrerrepresentação
	Desenvolvimento	12,05	8,51	27	111	0,01	Sobrerrepresentação
	Cultura	11,16	8,05	25	105	0,019	Sobrerrepresentação
	Conflitos	1,34	0,38	3	5	0,022	Sobrerrepresentação
	Poder	0	1,61	0	21	0,036	Subrepresentação
	União europeia	1,34	4,14	3	54	0,042	Subrepresentação
C. Políticas	Cultural	2,49	0,77	5	10	0,007	Sobrerrepresentação
	Qualidade de vida	1,99	0,54	4	7	0,008	Sobrerrepresentação
	Civilização	4,48	1,99	9	26	0,012	Sobrerrepresentação
	Ocidente	1,99	0,61	4	8	0,019	Sobrerrepresentação
	Comunidade	4,98	2,61	10	34	0,026	Sobrerrepresentação
	Pobreza	1,49	0,46	3	6	0,049	Sobrerrepresentação
	União	11,44	13,8	23	180	0,039	Subrepresentação
C. Sociais	Desenvolvimento	12,65	8,51	32	111	0	Sobrerrepresentação
	Desenvolvido	3,56	1,46	9	19	0	Sobrerrepresentação
	Diversidade	3,95	2,15	10	28	0,006	Sobrerrepresentação
	Circulação	1,58	0,69	4	9	0,035	Sobrerrepresentação
	Economia	2,77	1,38	7	18	0,038	Sobrerrepresentação

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento conjunto: Clarisse Didelon e próprio.

Quadro 61: Significância das palavras associadas á Europa por cidade

Cidade	Palavra	Percentagem interna	Percentagem global	Frequência interna	Frequência total	Valor p	Representatividade
Coimbra	Única	1,76	0,77	6	10	0,014	Sobrerrepresentação
	Gastronomia	1,47	0,61	5	8	0,02	Sobrerrepresentação
	Velho Continente	3,52	2,15	12	28	0,045	Sobrerrepresentação
	Liberdade	0,88	2,38	3	31	0,033	Subrepresentação
Évora	Turismo	2,27	0,54	7	7	0	Sobrerrepresentação
	Política	2,6	1	8	13	0,003	Sobrerrepresentação
	Oportunidades	1,3	0,46	4	6	0,029	Sobrerrepresentação
	Beleza	1,62	0,69	5	9	0,04	Sobrerrepresentação
	Desenvolvimento	11,36	8,51	35	111	0,044	Sobrerrepresentação
	Historia	1,95	3,76	6	49	0,023	Subrepresentação
Lisboa	Liberdade	3,21	2,38	21	31	0,031	Sobrerrepresentação
	Mobilidade	0,76	0,38	5	5	0,036	Sobrerrepresentação
	Poder	2,29	1,61	15	21	0,036	Sobrerrepresentação
	Turismo	0	0,54	0	7	0,011	Subrepresentação
	Política	0,31	1	2	13	0,012	Subrepresentação

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento conjunto: Clarisse Didelon e próprio.

Quadro 62: significância das palavras associadas á Europa por género

	Palavra	Percentagem interna	Percentagem global	Frequência interna	Frequência total	Valor p	Representatividade
Mulheres	Beleza	1,27	0,69	9	9	0,006	Sobrerrepresentação
	Diversidade	2,97	2,15	21	28	0,015	Sobrerrepresentação
	Turismo	0,99	0,54	7	7	0,018	Sobrerrepresentação
	Euro	6,37	5,29	45	69	0,023	Sobrerrepresentação
	Diferença	0,71	0,38	5	5	0,05	Sobrerrepresentação
	Democracia	0,28	0,92	2	12	0,011	Subrepresentação
	Berço	0,14	0,61	1	8	0,024	Subrepresentação
	Ocidente	0,14	0,61	1	8	0,024	Subrepresentação
	Social	0,42	1,07	3	14	0,026	Subrepresentação
	Progresso	0,57	1,15	4	15	0,032	Subrepresentação
Homens	Democracia	1,67	0,92	10	12	0,011	Sobrerrepresentação
	Berço	1,17	0,61	7	8	0,024	Sobrerrepresentação
	Ocidente	1,17	0,61	7	8	0,024	Sobrerrepresentação
	Social	1,84	1,07	11	14	0,026	Sobrerrepresentação
	Progresso	1,84	1,15	11	15	0,032	Sobrerrepresentação
	Beleza	0	0,69	0	9	0,006	Subrepresentação
	Diversidade	1,17	2,15	7	28	0,015	Subrepresentação
	Turismo	0	0,54	0	7	0,018	Subrepresentação
	Euro	4,01	5,29	24	69	0,023	Subrepresentação
	Diferença	0	0,38	0	5	0,05	Subrepresentação

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento conjunto: Clarisse Didelon e próprio.

Quadro 63: significância das palavras associadas á Europa por nível de rendimento

Nível de rendimento	Palavra	Percentagem interna	Percentagem global	Frequência interna	Frequência total	Valor p	Representatividade
Alto	Arte	5	0,61	2	8	0,007	Sobrerrepresentação
	Educação	5	0,84	2	11	0,026	Sobrerrepresentação
Médio Alto	Cooperação	2,17	1,3	14	17	0,005	Sobrerrepresentação
	Berço	1,08	0,61	7	8	0,031	Sobrerrepresentação
	Globalização	0,77	0,38	5	5	0,031	Sobrerrepresentação
	Mobilidade	0,77	0,38	5	5	0,031	Sobrerrepresentação
	Igualdade	1,55	1	10	13	0,036	Sobrerrepresentação
	Civilização	2,63	1,99	17	26	0,041	Sobrerrepresentação
	União Europeia	2,32	4,14	15	54	0,008	Subrepresentação
	Turismo	0	0,54	0	7	0,014	Subrepresentação
Médio Baixo	Política	1,85	1	10	13	0,011	Sobrerrepresentação
	União europeia	6,09	4,14	33	54	0,012	Sobrerrepresentação
	Turismo	1,11	0,54	6	7	0,024	Sobrerrepresentação
	Antigo	1,29	0,69	7	9	0,032	Sobrerrepresentação
	Unidade	0	0,54	0	7	0,03	Subrepresentação
	Cooperação	0,55	1,3	3	17	0,035	Subrepresentação
Baixo	Único	4,23	0,77	3	10	0,016	Sobrerrepresentação
	Futebol	2,82	0,38	2	5	0,027	Sobrerrepresentação
	Cultura	4,23	8,05	3	105	0,035	Subrepresentação

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento conjunto: Clarisse Didelon e próprio.

Quadro 64: Palavras mais referidas por cidade

Coimbra		Évora		Lisboa	
Cultura	7,51	Desenvolvimento	9,25	União	8,92
União	5,81	União	8,50	Desenvolvimento	6,69
Desenvolvimento	6,05	Euro	5,75	Cultura	6,57
Euro	4,36	Cultura	5,25	Euro	3,29
Historia	3,15	União Europeia	2,50	Historia	3,29
União Europeia	2,91	Beleza	2,00	Diversidade	2,11
Comunidade	2,42	Politica	1,75	Liberdade	2,11
Civilização	2,18	Turismo	1,75	Civilização	1,53
Multicultural	2,18	Diversidade	1,50	União Europeia	1,53
Velho continente	1,94	Historia	1,50	Comunidade	1,41
Diversidade	1,21	Conhecimento	1,50	Poder	1,29
Economia	1,21	Paz	1,50	Economia	1,17
Evolução	1,21	Economia	1,25	Progresso	1,17
Gastronomia	1,21	Multicultural	1,25	Cooperação	1,06
Cooperação	0,97	Comunidade	1,00	Modernidade	1,06
Inovação	0,97	Cooperação	1,00	Democracia	0,94
Conhecimento	0,97	Liberdade	1,00	Liberdade de circulação	0,94
Politica	0,97	Línguas	1,00	Paz	0,94
Educação	0,73	Velho continente	1,00	Antigo	0,94
Igualdade	0,73	Riqueza	1,00	Velho continente	0,94
Futebol	0,73	Industrialização	1,00	Educação	0,82
Liberdade	0,73	Civilização	0,75	Igualdade	0,82
Paz	0,73	Democracia	0,75	Tradição	0,82
Solidariedade	0,73	Futuro	0,75	Viagens	0,82
Tradição	0,73	Oportunidades	0,75	Frio	0,70
Outros	47,70	Religião	0,75	Multicultural	0,70
Total	100,00	Sociedade	0,75	Outros	47,42
		Tratados	0,75	Total	100,00
		Outros	42,50		
		Total	100,00		

*em negrito: top 20

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 65: palavras mais referidas por área académica

Artes		Economia		Engenharia		Saúde	
Cultura	8,63	União	9,57	União	9,38	Desenvolvimento	9,06
União	6,12	Desenvolvimento	7,80	Desenvolvimento	7,59	União	9,06
Euro	5,76	Cultural	4,96	Euro	6,25	Cultura	8,05
Historia	3,60	Euro	3,19	Cultura	4,91	Historia	4,36
Arte	2,16	União Europeia	3,19	União Europeia	3,13	Euro	2,68
Comunidade	2,16	Historia	2,84	Velho continente	2,68	Diversidade	1,68
União Europeia	2,16	Diversidade	2,13	Civilização	2,23	Liberdade	1,68
Economia	1,80	Cooperação	1,77	Historia	2,23	Conhecimento	1,68
Poder	1,80	Economia	1,77	Multicultural	2,23	Paz	1,68
Civilização	1,44	Liberdade	1,77	Progresso	2,23	Progresso	1,68
Desenvolvimento	1,44	Multicultural	1,42	Modernidade	1,79	Antigo	1,34
Liberdade	1,44	Poder	1,42	Paz	1,79	Conforto	1,34
Velho continente	1,44	Tradição	1,42	Política	1,79	Evolução	1,34
Centro	1,08	Antigo	1,06	Comunidade	1,34	Industrialização	1,34
Cooperação	1,08	Civilização	1,06	Dinheiro	1,34	Multicultural	1,34
Diversidade	1,08	Igualdade	1,06	Oportunidades	1,34	Velho continente	1,34
Línguas	1,08	Liberdade de circulação	1,06	Outras	47,77	Turismo	1,34
Mobilidade	1,08	Futuro	1,06	Total	100,00	Arte	1,01
Paz	1,08	Desigualdades	1,06				
Estabilidade	1,08	Conhecimento	1,06				
Estrelas	1,08	Oportunidades	1,06				
Unidade	1,08	Progresso	1,06				
Outras	50,36	Tratados	1,06				
Total	100,00	Outras	46,10				
		Total	100,00				
						Beleza	1,01
						Civilização	1,01
						Conflitos	1,01
						Democracia	1,01
						Economia	1,01
						Educação	1,01
						Liberdade de circulação	1,01
						Futuro	1,01
						Gastronomia	1,01
						Ciência	1,01
						Viagens	1,01
						Outras	36,91
						Total	100,00

Ciências Políticas		Ciências Sociais	
Cultura	6,97	Desenvolvimento	12,16
União	5,57	União	8,78
Desenvolvimento	4,53	Cultura	6,08
Civilização	3,14	Euro	4,73
Comunidade	2,79	Diversidade	3,38
Euro	2,79	Historia	2,70
União Europeia	1,74	União Europeia	2,03
Multicultural	1,74	Comunidade	1,69
Diversidade	1,39	Cooperação	1,69
Evolução	1,39	Economia	1,69
Liberdade	1,39	Liberdade	1,69
Ocidente	1,39	Beleza	1,35
Riqueza	1,39	Educação	1,01
Antigo	1,05	Gastronomia	1,01
Beleza	1,05	Modernidade	1,01
Democracia	1,05	Velho continente	1,01
Liberdade de circulação	1,05	Paz	1,01
Historia	1,05	Riqueza	1,01
Modernidade	1,05	Outras	45,95
Pobreza	1,05	Total	100,00
Qualidade de vida	1,05		
Tradição	1,05		
Guerras	1,05		
Outras	53,31		
Total	100,00		

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 66: Lista dos países

Nome		
AFG Afeganistão	GHA Ghana	NIC Nicarágua
AGO Angola	GIN Guine	NLD Holanda
ALB Albânia	GMB Gâmbia	NOR Noruega
ARE Emirados Árabes Unidos	GNB Guine Bissau	NPL Nepal
ARG Argentina	GNQ Guine Equatorial	NZL Nova Zelândia
ARM Arménia	GRC Grécia	OMN Oman
AUS Austrália	GRL Gronelândia	PAK Paquistão
AUT Áustria	GTM Guatemala	PAN Panamá
AZE Azerbaijão	GUY Guiana	PER Peru
BDI Burundi	HND Honduras	PHL Filipinas
BEL Bélgica	HRV Croácia	PNG Papua Nova Guine
BEN Benim	HTI Haiti	POL Polónia
BFA Burkina Faso	HUN Hungria	PRI Porto Rico
BGD Bangladesh	IDN Indonésia	PRK Coreia do Norte
BGR Bulgária	IND Índia	PRT Portugal
BHR Bahrein	IRL Irlanda	PRY Paraguai
BHS Bahamas	IRN Irão	QAT Qatar
BIH Bósnia	IRQ Iraque	ROU Roménia
BLR Bielorrússia	ISL Islândia	RUS Federação Russa
BLZ Belize	ISR Israel	RWA Ruanda
BOL Bolívia	ITA Itália	SAU Arábia Saudita
BRA Brasil	JAM Jamaica	SCG Servia/Montenegro
BTN Butão	JOR Jordânia	SDN Sudão
BWA Botswana	JPN Japão	SEN Senegal
CAF República Centro-Africana	KAZ Cazaquistão	SGP Singapura
CAN Canada	KEN Quénia	SLE Serra Leoa
CHE Suíça	KGZ Quirguistão	SLV El Salvador
CHL Chile	KHM Cambodja	SOM Somália
CHN China	KOR Coreia Sul	SUR Suriname
CIV Costa do Marfim	KWT Kuwait	SVK Eslováquia
CMR Camarões	LAO Laos	SVN Eslovénia
COD Zaire (Congo DRC)	LBN Líbano	SWE Suécia
COG Congo	LBR Libéria	SWZ Suazilândia
COL Colômbia	LBY Líbia	SYR Síria
CRI Costa Rica	LKA Sri Lanka	TCD Chade
CUB Cuba	LSO Lesoto	TGO Togo
CYP Chipre	LTU Lituânia	THA Tailândia
CZE República	LUX Luxemburgo	TJK Tadjiquistão
DEU Alemanha	LVA Letónia	TKM Turquemenistão
DJI Djibuti	MAR Marrocos	TTO Trindade e Tobago
DNK Dinamarca	MDA Moldova	TUN Tunísia

DOM República Dominicana	MDG Madagáscar	TUR Turquia
DZA Argélia	MEX México	TWN Taiwan
ECU Equador	MKD Macedónia	TZA Tanzânia
EGY Egipto	MLI Mali	UGA Uganda
ERI Eritreia	MLT Malta	UKR Ucrânia
ESH Sahara Ocidental	MMR Birmânia (Myanmar)	URY Uruguai
ESP Espanha	MNG Mongólia	USA Estados Unidos
EST Estónia	MOZ Moçambique	UZB Uzbequistão
ETH Etiópia	MRT Mauritânia	VEN Venezuela
FIN Finlândia	MUS Maurícias	VNM Vietname
FJI Fiji	MWI Malawi	WBG West-Bank and Gaza
FRA França	MYS Malásia	YEM Iémen
GAB Gabão	NAM Namíbia	ZAF África do Sul
GBR Reino Unido	NER Níger	ZMB Zâmbia
GEO Geórgia	NGA Nigéria	ZWE Zimbabwe

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento próprio.

Quadro 67: Lista das cidades

AAR	Dinamarca	Aarhus
ADD	Etiópia	Addis Ababa
AGA	Marrocos	Agadir
AGP	Espanha	Málaga
AKL	Nova Zelândia	Auckland
ALG	Algéria	Alger (= El Djazair)
ALV	Andorra	Andorra la Vella
ALY	Egipto	Alexandria
AMS	Holanda	Amesterdão
ANC	EUA	Anchorage
ANK	Turquia	Ancara
ANR	Bélgica	Antuérpia
AST	Cazaquistão	Astana
ATH	Grécia	Atenas
AUH	Emirados Árabes Unidos	Abu Dhabi
AUS	EUA	Austin
BCN	Espanha	Barcelona
BEG	Servia	Belgrado
BEL	Moldávia	Balti
BER1	Alemanha	Berlim
BEY	Líbano	Beirute
BFS	Reino Unido	Belfast
BGW	Iraque	Bagdad
BHX	Reino Unido	Birmingham
BIO	Espanha	Bilbao
BJS	China	Pequim
BKK	Tailândia	Banguecoque
BKO	Mali	Bamaco
BNE	Austrália	Brisbane
BOD	França	Bordéus
BOG	Colômbia	Santa Fé De Bogotá
BOL	Itália	Bolonha
BOM	Índia	Bombaim
BOS	EUA	Boston
BRI2	Reino Unido	Brighton
BRN	Suíça	Berna
BRU1	Bélgica	Bruxelas
BSB	Brasil	Brasília
BSL	Suíça	Bale
BTS	Eslováquia	Bratislava
BUD	Hungria	Budapeste
BUE1	Argentina	Buenos Aires
BUH	Roménia	Bucareste
BUQ	Zimbabwe	Bulawayo
BZV	Congo	Brazzaville
CAI	Egipto	Cairo
CAM	EUA	Cambridge
CAN1	China	Guangzhou
CAS	Marrocos	Casablanca
CBR	Austrália	Camberra
CCS	Venezuela	Caracas
CCU	Índia	Calcutá
CGN	Alemanha	Colonha
CHA4	França	Chamonix
CHI	EUA	Chicago

CKY	Guiné	Conakry
CLO	Colômbia	Cali
CMB	Sri Lanka	Colombo
COR1	Argentina	Córdoba
CPH	Dinamarca	Copenhaga
CPT	África do Sul	Cidade do Cabo
CTU	China	Chengdu
CUN	México	Cancun
CWL	Reino Unido	Cardiff
DAC	Bangladesh	Dhaka
DAL	EUA	Dallas
DAM	Síria	Damasco
DET	EUA	Detroit
DIL	Timor-Leste	Díli
DKR	Senegal	Dakar
DOH	Qatar	Doha
DPS	Indonésia	Bali
DRW	Austrália	Darwin
DUB	Irlanda	Dublin
DUR	África do sul	Durban
DXB	Emirados Árabes unidos	Dubai
EDI	Reino Unido	Edimburgo
ESP	Cape Verde	Espargos
FEZ	Marrocos	Fès (= Fez)
FLO	Brasil	Florianópolis
FLR	Itália	Florença
FNJ	Democratic People's Republic of Korea	Pyongyang
FOR	Brasil	Fortaleza
FRA	Alemanha	Frankfurt
GAZ	Palestina	Gaza
GLA	Reino Unido	Glasgow
GOI	Índia	Goa
GOT	Suécia	Gotemburgo
GRE	Espanha	Grenada
GVA	Suíça	Genebra
HAI	Israel	Haifa
HAM	Alemanha	Hamburgo
HAN	Vietname	Hanoi
HAV	Cuba	Havana
HEL	Finlândia	Helsínquia
HIR	Japão	Hiroshima
HKG	Hong Kong	Hong Kong
HNL	EUA	Honolulu
HOU	EUA	Houston
HRE	Zimbabwe	Harare
IAS	Roménia	Iasi
IBZ	Espanha	Ibiza
ICD	Índia	Nova Deli
IEV	Ucrânia	Kiev
ISB	Paquistão	Islamabad
IST	Turquia	Istambul
JER	Israel	Jerusalém
JKT	Indonésia	Jacarta
JNB	África do Sul	Joanesburgo
KBL	Afeganistão	Cabul
KGL	Ruanda	Kigali
KIN1	Jamaica	Kingston
KRT	Sudão	Khartoum
KTM	Nepal	Kathmandu
KUL	Malásia	Kuala Lumpur

A Europa no Mundo: das Divisões às Visões. Percepção dos estudantes universitários portugueses

KWI	Kuwait	Cidade do Kuwait
KYO	Japão	Quioto
LAD	Angola	Luanda
LAS	EUA	Las Vegas
LAU	Suíça	Lausanne
LAX	EUA	Los Angeles (CA)
LBA	Reino Unido	Leeds
LED	Rússia	St Petersburg
LEJ	Alemanha	Leipzig
LEO	Nicarágua	León
LFW	Togo	Lome
LHA	China	Lhassa
LIL	França	Lille
LIM	Peru	Lima
LIS	Portugal	Lisboa
LJU	Eslovénia	Ljubljana
LOD	Polónia	Lodz
LON	Reino Unido	Londres
LOS	Nigéria	Lagos
LPL	Reino Unido	Liverpool
LUX	Luxemburgo	Luxemburgo
LYS	França	Lyon
MAD	Espanha	Madrid
MAN2	Reino Unido	Manchester
MEL	Austrália	Melbourne
MEX	México	Cidade do México
MFM	Macau	Macau
MGQ	Somália	Mogadíscio
MIA	EUA	Miami **
MIL	Itália	Milão
MLE	Maldivas	Male
MON1	Mónaco	Mónaco
MOW	Rússia	Moscovo
MPM	Moçambique	Maputo
MRS	França	Marselha
MSQ	Bielorrússia	Minsk
MSY	EUA	Nova Orleães
MTR	Canadá	Montreal
MUC	Alemanha	Munique
NAP	Itália	Nápoles
NAS	Bahamas	Nassau
NBO	Quénia	Nairobi
NCE	França	Nice
NDJ	Chade	Jamena
NIC	Chipre	Nicósia
NKC	Mauritânia	Nouakchott
NOV1	Angola	Huambo
NYC	EUA	Nova Iorque (NY)
ODE	Ucrânia	Odessa
ORK	Irlanda	Cork
OSA	Japão	Osaka
OSL	Noruega	Oslo
OTT	Canadá	Ottawa
OUA	Burquina Faso	Ouagadougou
AXB	Guiné -Bissau	Bissau
OXF	Reino Unido	Oxford
PAD	Itália	Pádua
PAP2	Polinésia Francesa	Papeete

PAR	França	Paris
PER	Austrália	Perth
PEW	Paquistão	Peshawar
PHO	EUA	Phoenix
PMO	Itália	Palermo
PNA	Espanha	Pamplona
POA	Brasil	Porto Alegre
POR2	Reino Unido	Portsmouth
PRG	Republica Checa	Praga
PRI	Sérvia	Pristina
PRY	África do Sul	Pretoria
PSA	Itália	Pisa
PSY	Malvinas	Port Stanley
PTN	Benim	Porto-Novo
QUE2	Canada	Cidade do Quebec
RAI	Cape Verde	Praia
RAK	Marrocos	Marraquexe
RBA	Marrocos	Rabat
REC	Brasil	Recife
REN	França	Rennes
REY	Islândia	Reykjavik
RIO	Brasil	Rio de Janeiro
RIX	Letónia	RIGA
ROM	Itália	Roma
RUH	Arábia Saudita	Riyadh
SAL1	El Salvador	San Salvador
SAN2	EUA	San Diego
SAN5	Brasil	Santos
SAO	Brasil	São Paulo
SCL	Chile	Santiago
SCQ	Espanha	Santiago de Compostela
SDQ	Republica Dominicana	Santo Domingo
SEA	EUA	Seattle
SEB	Ucrânia	Sébastopol
SEL	República da Coreia	Seul
SFO	EUA	San Francisco
SHA	China	Xangai
SIE	Itália	Siena
SIN	Singapura	Singapura
SJJ	Bósnia e Herzegovina	Sarajevo
SJU	Porto Rico	San Juan
SKG	Grécia	Salónica
SOF	Bulgária	Sofia
STO	Suécia	Estocolmo
SUV	Fiji	Suva
SVQ	Espanha	Sevilha
SXB	França	Estrasburgo
SYD	Austrália	Sidney
SZG	Áustria	Salzburgo
TAS	Uzbequistão	Tashkent
TBS	Geórgia	Tbilisi
TCH	Ucrânia	Chernobyl
TCI	Espanha	Tenerife
THR	Irão	Teerão
TIA	Albânia	Tirana
TIP	Líbia	Tripoli
TLL	Estónia	Talim
TLS	França	Toulouse
TLV	Israel	Tel Aviv-Yafo
TMS	São Tome e Príncipe	São Tome

A Europa no Mundo: das Divisões às Visões. Percepção dos estudantes universitários portugueses

TNG	Marrocos	Tânger
TOL	Espanha	Toledo
TOR	Canada	Toronto
TPE	Taiwan	Taipei
TRN	Itália	Torino
TUN	Tunísia	Tunis
TYO	Japão	Tóquio
UIO	Equador	Quito
VAT	Vaticano	Cidade do Vaticano
VCE	Itália	Veneza
VDZ	Liechtenstein	Vaduz
VIE	Áustria	Viena
VIG	Espanha	Vigo
VLA	Rússia	Vladivostok
VLC	Espanha	Valência
VNO	Lituânia	Vilnius
VOL	Rússia	Volgograd
WAS	EUA	Washington (DC)
WLG	Nova Zelândia	Wellington
WOW	Polónia	Varsóvia
YOK	Japão	Yokohama
YVR	Canada	Vancouver
ZAG	Croácia	Zagreb
ZRH	Suíça	Zurique

Fonte: Inquérito 2009. Tratamento próprio.